OBRAS COMPLETAS

DO

PADRE ANTONIO VIEIRA

—

SERMÕES

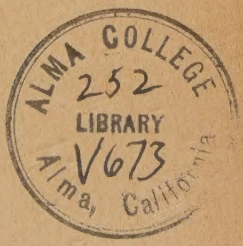
St. Ignatius' Church,
3220-43rd St. S.E.
Portland, Oregon

SERMÕES

VOLUME XIII

Revisto pelo Rev. Padre Gonçalo Alves

Prégador, ou S. Paulo, ou Vieira
D. Luiz de Sousa, Arc. de Braga.



PORTO
LIVRARIA CHARDRON
De Lello & Irmão, editores
R. DAS CARMELITAS, 144
—
1908

IMPRENSA MODERNA, de Manoel Lello
Rua da Rainha D. Amelia, 61 — PORTO

Composto em machina americana
«MERGENTHALER»

Sermão Trigesimo do Rosario

COM O S.S. SACRAMENTO EXPOSTO

Jacob autem genuit Joseph virum Mariæ: de qua natus est Jesus. [1]

I

No principio deste formoso mez, em que a terra ostentando suas galas, nos montes se mostra vestida, e nos valles calçada de flôres, com razão se dedica tambem a Deus a rainha de todas, a rosa. De rosas vemos alcatifados os templos, de rosas adornados os altares, de rosas coroadas as imagens dos Santos, e até entre a fragrancia das rosas subir ao céu o cheiro dos sacrificios. E quem deu tanto logar nos logares sagrados á que só tinha seu imperio e dignidade nos campos? Tudo isto mereceu a rosa natural, por servir á Rosa mystica. A rosa natural, que é a que deu o nome ao Rosario, por servir á Rosa mystica, que é a Virgem Senhora nossa, que do mesmo Rosario tomou o sobrenome. Assim vem a servir uma rainha a outra rainha, e uma rosa a outra rosa: e não só a servir, senão a receber mercês. Vê-se hoje a rosa natural levantada sobre sua propria natureza; porque se a natureza a tinha dotado de muitas virtudes naturaes, a liberalidade e poder soberano da Rosa mystica lh'as communica, não só novas, mas sobrenaturaes e milagrosas. Vêde que bom pagador é o Rosario. Porque se a rosa deu ao Rosario o seu nome, communica o Rosario á rosa os seus poderes. Antes de benta, ou abençoada a rosa natural, era formosa para a vista, cheirosa para o

---

[1] *Math.*, 1.

gosto: mas hoje depois de receber a benção com que a santifica o Rosario, levantando-se sobre a esphera de todos os sentidos, para as enfermidades é a mesma rosa saude, para os venenos antidoto, para as dôres refrigerio, para os corações tristes allivio, e até para os espiritos infernaes terror e assombro. Estas e outras grandes maravilhas, de cujos exemplos estão cheias as historias ecclesiasticas, são as que obra a rosa, depois que neste formoso dia, a que tambem deu o nome, se benze. Mas porque o assumpto deste ultimo sermão (em que é bem declaremos por fim o titulo de todos) pertence principalmente á Rosa mystica, e o mystico se funda no natural: o que só posso prometter nesta breve proposta, é, que de tal maneira fallarei de ambas as rosas, comparando-as entre si, que tudo o que disser da Rosa mystica, será o que nos ditarem as palavras do thema.

Ave Maria, *etc.*

II

Joseph virum Mariæ: de qua natus est Jesus. [1]

Assim como a fórma suppõe a materia, assim como o retrato imita o original, assim como o edificio se levanta sobre os fundamentos: assim tudo aquillo que se chama mystico, suppõe, imita, e se funda sobre o natural, Christo neste mundo foi o David mystico; porque a victoria com que sem armas triumphou do mesmo mundo, foi representada no desafio e victoria, com que David triumphou do Gigante. [2] Christo na cruz é a serpente de Moysés mystica; [3] porque assim como os mordidos das serpentes, olhando para a de Moysés saravam: assim saram do veneno da serpente infernal, os que com fé e contrição, põem os olhos em Christo crucificado. Christo no Sacramento é o Manná mystico; porque assim como com o Manná descido

[1] *Math.*, I, 16.
[2] *1.º Livr. dos Reis*, XVII, 50.
[3] *Joan.*, III, 34.

do céu se sustentáram no deserto os que caminhavam para a Terra de Promissão; assim com o verdadeiro Pão do céu, [1] Christo Sacramentado, se sustentam na peregrinação desta vida, os que caminham para a Gloria, de que o mesmo Sacramento é penhor. D'aqui se segue, que sendo a Virgem Maria, Senhora nossa, a Rosa mystica, como lhe chama a Escriptura [2] e canta a Igreja: pela correspondencia, que tem a Rosa mystica com a rosa natural, se deviam conhecer as excellencias da mesma Senhora, em quanto Senhora do Rosario. Assim o fizeram até agora todos os que trataram esta grande materia, considerando na formosura, na fragrancia, nas virtudes medicinaes e na mesma magestade natural, com que á rosa mereceu o imperio e corôa de todas as flôres, não só a eminencia suprema, com que a Mãe do Creador se levanta inaccessivelmente sobre todas as creaturas; mas os beneficios e graças, em todo o genero singulares, com que por meio do Rosario soccorre, favorece, ampara e livra, assim nos trabalhos e enfermidades do corpo, como principalmente nas espirituaes, e da alma, a todos seus devotos. A este fim se trazem hoje em louvôr da rosa os versos de Anacreonte, as descripções de Plinio, os exemplos de Cleopatra, os aforismos de Galeno, as elegancias gregas e latinas de S. Basilio e Santo Ambrosio; e até as fabulas de Venus e Adonis feridos, que sobre a corôa real lhe deram á rosa a purpura.

Eu, comtudo, debaixo desta superficie geral e commum, examinando mais interiormente qual seja o mystico, ou mysterioso da nossa Rosa mystica; acho, que não consiste tanto na proporção e similhança com que é parecida á rosa natural, quanto na dessimilhança e differença com que se distingue della, e a excede. Naquella serie, juntamente panegyrica e oratoria, com que a Igreja invoca a intercessão da Virgem Maria, allegando diversos titulos de suas excellencias e louvores, e pedindo por cada um delles á mesma Senhora se digne de rogar por nós: é advertencia digna de todo o reparo, que sendo todos aquelles titulos verdadeiramente mysticos; só á rosa unicamente se dê o nome de mystica. Chama-se alli a Senhora, Estrella

---

[1] *Joan.*, VI, 59.
[2] *Eccl.*, XXIV, 18.

da alva: *Stella matutina:* [1] chama-se Arca do Testamento: *Arca fœderis:* chama-se Torre de David: *Turris Davidica:* chama-se Porta do Céu, *Janua Cœli:* chama-se finalmente, e é invocada com tantos outros titulos: e sendo a Virgem mysticamente estrella da alva; porque ella nascendo como precursora do Sol, nos annunciou o nascimento de Christo: sendo mysticamente Arca do Testamento; porque ella só como Arca do Testamento encerrou a Deus em si, e o trouxe em suas entranhas: sendo mysticamente Torre de David; porque nella como de torre de David estão pendentes todos os escudos e armas de nossa defeza: sendo mysticamente Porta do céu; porque por ella entram a gozar a bemaventurança todos os predestinados: e sendo finalmente mysticos todos os outros titulos, que naquella larga ladainha se allegam; porque razão nenhum delles se chama mystico, senão só, e unicamente a rosa, dizendo a Igreja: *Rosa mystica: Ora pro nobis?* A razão sem duvida é porque, nos outros titulos considera-se sómente a similhança que tem o mystico com o natural: na Rosa mystica ha de se considerar, não só a similhança que tem com a rosa natural, senão tambem a differença e vantagens com que a excede. Ha mystico commum, e mystico por excellencia. O mystico commum consiste por modo geral nas propriedades da similhança: o mystico por excellencia sobre as propriedades da similhança accrescenta por modo particular e mais sublime, as vantagens da differença. E como entre todos os outros titulos da Senhora só o da Rosa é mystico por excellencia; por isso só nelle singular, e unicamente se lhe dá o nome de mystica: *Rosa mystica.* Mystica, porque imita a rosa natural, no que é; e mystica, ou sobre-mystica, porque a excede no que não é.

No Divinissimo Sacramento (que só a este fim era bem que honrasse a festa da Rosa com sua presença) no Divinissimo Sacramento, digo, temos maravilhosamente expressa esta distincção, ou excellencia de mystico a mystico. Pouco ha dissemos, que Christo no Sacramento é o Manná mystico: e declarando o mesmo Senhor esta famosa figura do Sacramento, diz assim: *Hic est panis, qui de cœlo descendit. Non sicut man-*

[1] *Eccles. in Litan. B. V.*

ducaverunt Patres vestri manna: et mortui sunt. Qui manducat hunc panem, vivet in æternum. [1] Não sei se reparaes e dividis bem estas palavras. Nas primeiras diz que o Sacramento é como o Manná: nas segundas, sem desdizer o que tinha dito, diz que não é como o Manná. Nas primeiras diz que o Sacramento é como o Manná; porque diz que o Sacramento é o pão que desceu do céu, assim como o Manná descia do céu: *Hic est panis, qui de cœlo descendit.* Nas segundas diz que o mesmo Sacramento não é como o Manná: *Non sicut manducaverunt Patres vestri manna;* porque os que comiam o Manná, morriam *et mortui sunt:* e os que comem o pão do Sacramento, vivem eternamente: *Qui manducat hunc panem, vivet in æternum.* Pois se Christo quer declarar a virtude do Sacramento como Manná mystico, pelo mesmo Manná natural: porque diz o que era o Manná, e o que não era? Porque o Sacramento não é Manná mystico pelo modo commum, senão Manná mystico por excellencia. E o mystico por excellencia, não só consiste na similhança que tem com o natural, senão nas vantagens, com que o excede. A primeira propriedade e ordinaria, é ser como elle; a segunda e excellente, é não ser como elle: *Non sicut.*

No mesmo Sacramento, e neste mesmo logar distinguiu maravilhosamente o mesmo Senhor este como, e não como: o como da similhança, e o não como da differença. E para que um e outro se distinguissem e entendessem melhor divididos em duas comparações, á comparação do Manná accrescentou outra muito mais excellente, e mais alta. E qual é? *Sicut misit me vivens Pater, et ego vivo propter Patrem: et qui manducat me, et ipse vivet propter me.* [2] Assim como eu recebi a vida do Padre, e vivo por elle: assim quem me come no Sacramento, recebe a vida de mim, e vive por mim. Combinemos agora estas duas comparações, e na primeira veremos claramente o como, e na segunda o não como: na primeira o como: *Sicut misit me vivens Pater:* e na segunda o não como: *Non sicut Patres vestri mortui sunt.* De sorte, que toda a similhança e differença do Sacramento com o Man-

[1] *Joan.*, VI, 59.
[2] *Ibid.*, 58.

ná se reduz a um *sicut*, e a um *non sicut:* a um assim como, e a um não assim como. E isto mesmo, que Christo declarou no Sacramento com duas comparações, temos nós em uma só comparando a Rosa mystica com a rosa natural. Porque a Rosa mystica em muitas propriedades é como a rosa natural *sicut:* mas em outras mais altas e sulbimes, excede muito a rosa natural, e não é como ella: *Non sicut.*

III

Supposta pois esta similhança, e esta differença da mesma rosa duas vezes, e por dois modos mystica, não determino tratar hoje do mystico commum, que consiste nas propriedades da similhança; senão do mystico por excellencia, que consiste nas vantagens da differença. O *sicut*, e a similhança que tem a Rosa mystica com a rosa natural, como materia muitas vezes tratada, deixo-a, porque a supponho sabida: o *non sicut*, e a differença com que a mesma rosa natural é excedida da Rosa mystica, esse será o emprego do discurso presente, e a razão mais alta e mais sublime, porque a Virgem Senhora nossa se chama Rosa mystica. Digo pois, que excede muito a Rosa mystica á rosa natural: Em que? Em dois defeitos que tem a rosa natural, e em duas perfeições, que só se acham na Rosa mystica: em dois defeitos da rainha das flôres, e em duas perfeições da Rainha dos Anjos. E quaes são? São tão vistas pelos olhos, que quasi não era necessario que se dissessem. A rosa natural é uma flôr que não dá fructo, e produz espinhas: a Rosa mystica é rosa sem espinhas, e rosa com fructo. Não é o assumpto meu, senão do mesmo thema que propuz.

Jacob autem genuit Joseph virum Mariæ: de qua natus est Jesus. [1] Nesta clausula do Evangelho tantas vezes, e por tantos modos batida e debatida, o que sempre se notou, e sempre se deve notar, é, o que diz o Evangelista, e o que não diz. Diz, que de Maria nasceu Jesus; mas não diz de quem nasceu Maria: diz de

[1] *Math.*, I, 16.

quem é Mãe, mas não diz de quem é filha. E não só o titulo do mesmo Evangelho, mas todas as grandes personagens que nelle se nomeam, com quarenta e duas vozes, estão bradando contra este silencio. O titulo do Evangelho é, *Liber generationis Jesu Christi:* e se é livro da geração de Christo, e tudo quanto neste livro se contém e deve conter, não é mais que uma continuada descendencia de paes a filhos; porque no fim, onde era mais necessaria esta clareza, o que só se refere, é a geração do Filho, e se calla a geração da Mãe? Desde o primeiro ascendente, que é Abrahão, até o ultimo, que é José, todas estas gerações vão encadeadas com aquelle *Genuit: Abraham genuit Isaac: Isaac autem genuit Jacob: Jacob autem genuit Judam:* [1] até que chegando a outro Jacob, diz do mesmo modo o Evangelista: *Jacob autem genuit Joseph virum Mariæ.* Pois se desde Abrahão até José chega o continuado, e repetido *genuit;* porque razão em chegando, e antes de chegar a Maria, se calla totalmente esse *genuit*, e só se diz, *de qua natus est?* Porque no *genuit* estavam as espinhas, e no *natus est* está o fructo: e como a Rosa mystica Maria é rosa com fructo, e rosa sem espinhas; por isso em se nomeando Maria se calla o *genuit*, e só se diz e apregoa, o *natus est.*

A origem das espinhas é quasi tão antiga como o homem, e tem a mesma antiguidade que o peccado original. Assim o pronunciou Deus na sentença que fulminou contra Adão: *Maledicta terra in opere tuo. Spinas, et tribulos germinabit tibi.* [2] Eva colheu o fructo, e Adão as espinhas. E como passaram estas espinhas do peccado original desde o primeiro homem a todos os outros, e se continuaram nelles? Por meio da geração. Este é aquelle *autem*, ou aquelle mas, que em toda a serie das gerações do nosso Evangelho anda sempre como espinha, pegado ao *genuit.* Não ha *genuit* nos filhos de Adão, que não traga comsigo o seu mas, e a sua espinha. *Isaac autem genuit Jacob:* Isaac gerou a Jacob; mas ainda que Isaac foi santo, de seu pae Abrahão trouxe a espinha do peccado original: *Isaac autem: Jacob autem genuit Judam:* Jacob gerou

1 *Math.*, I, 2.
2 *Gen.*, XVII, 18.

a Judas; mas ainda que Jacob foi santo, de seu pae Isaac trouxe a espinha do peccado original: *Jacob autem. Jesse autem genuit David:* Jessé gerou a David; mas ainda que Jessé foi santo, de Obed seu pae trouxe a espinha do peccado original: *Jesse autem. David autem genuit Salomonem:* David gerou a Salomão; mas ainda que David foi santo, de seu pae Jessé trouxe a espinha do peccado original: *David autem.* Assim o confessou em nome de todos o mesmo David: *Ecce enim in iniquitatibus conceptus sum: et in peccatis concepit me mater mea.* [1] E como entre todos os filhos de Adão só a Virgem Maria, por graça e privilegio singular, foi isenta do peccado original; por isso o Evangelista tendo continuado com o mesmo *genuit*, com o mesmo mas, e com a mesma espinha, até Jacob que gerou a José, Esposo da Virgem: *Jacob autem genuit Joseph virum Mariæ:* em chegando, ou antes de chegar a nomear Maria, callou totalmente o *genuit* e o *autem;* porque só Maria, como rosa por excellencia mystica, foi rosa sem espinha.

IV

Esta foi a primeira differença, e singularmente sua, com que a Soberana Rosa mystica excedeu gloriosamente a rosa natural. Fallando da mesma rosa natural S. Basilio, e reconhecendo nella todos os dotes, com que sobre as outras flôres a enriqueceu a natureza; diz, que todas as vezes que a via, lhe causava tristeza e dôr: *Florida quidem est rosa, sed mihi tristitiam infligit: quoties florem hunc video peccati mei admoneor, propter quod terra, ut spinas, ac tribulos proferret, condemnata est.* A rosa (diz Basilio) [2] que com a sua formosura para todos é alegre, para mim é triste. E porque? Porque todas as vezes que vejo esta flôr, me está trazendo á memoria o peccado, pelo qual a terra foi condemnada a produzir espinhas. E como as espinhas foram pena e effeito do primeiro peccado; só aquella Soberana Senhora, que unicamente foi

[1] *Psalm.* L, 7.
[2] D. Basilius in *Exameron.*

isenta delle, é rosa sem espinhas. Nas sentenças da condemnação do mesmo peccado temos a prova. Para o primeiro peccado do mundo, que foi o do Paraiso, concorreram tres cumplices, a serpente, Eva, Adão. Pela mesma ordem os condemnou Deus a todos tres: e nesta ordem tem grande mysterio a primeira sentença, e a ultima. Na primeira sentença foi condemnada a serpente, a que a mulher lhe quebrasse a cabeça: *Inimiticias ponam inter te, et mulierem: ipsa conteret caput tuum.* [1] Na ultima foi condemnado Adão, a que a terra lhe produzisse espinhas: *Maledicta terra in opere tuo. Spinas, et tribulos germinabit tibi.* [2] A mulher que quebrou a cabeça á serpente, todos sabemos que foi a Virgem Maria no instante de sua Conceição, que é o ponto preciso em que a serpente morde a todos os filhos de Adão, concebidos por geração natural. Por isso o Texto, com os termos admiravelmente trocados, primeiro diz, que a mulher quebraria a cabeça á serpente, e depois que ella a quereria morder: *Ipsa conteret caput tuum, et tu insidiaberis calcaneo ejus.* [3] Vindo pois á ordem das sentenças, qual foi a razão e mysterio, porque na primeira quebrou a mulher a cabeça á serpente, e na ultima produziu a terra as espinhas a Adão? O peccado original não foi o da serpente, senão o de Adão: pois porque não foi o primeiro condemnado Adão, senão a serpente? Porque na condemnação, e sentença da serpente venceu a mulher o peccado: na condemnação e sentença de Adão produziu a terra as espinhas: e como a mulher que venceu a serpente foi a Rosa mystica, rosa sem espinhas; por isso as espinhas vieram tanto depois da mulher, que quando a terra produziu as espinhas, já a mulher tinha quebrado a cabeça á serpente. Antes da ultima sentença, ainda na terra não havia espinhas: *Spinas, et tribulos germinabit tibi:* e quando o peccado produziu as espinhas na ultima sentença, já a Rosa mystica na primeira tinha quebrado a cabeça ao mesmo peccado: *Ipsa conteret caput tuum:* e por isso rosa sem espinhas.

Desta anticipada victoria, com que a mulher ven-

---

1 *Gen.*, III, 15.
2 *Ibid.*, 17, 18.
3 *Ibid.*, 15.

ceu o peccado, e a serpente, não depois de mordida, senão antes de a poder morder, se entenderá o altissimo, e occulto mysterio, com que Christo no dia da Redempção se coroou de espinhas. A Virgem Senhora nossa, ainda que isenta de todo o peccado, tambem foi remida por meio da Paixão de seu Filho. Não remida, como curada depois de ferida; nem remida, como levantada depois de cahida; nem remida, como resgatada depois de captiva: mas remida, como preservada da ferida, como preservada da queda,, e como preservada do captiveiro, que é o mais nobre, e o mais excellente modo de remir e livrar. No principio deste Evangelho, que é o livro da geração de Christo, em quanto Redemptor (que isso quer dizer, *Liber generationis Jesu*) chama-se o mesmo Senhor, Filho de David e Filho de Abrahão, os quaes tambem foram redemptores. Porque David livrou a Saül do Gigante, e dos exercitos dos Philisteus: [1] e Abrahão livrou a Loth dos quatro reis babylonios, que fizeram guerra ao da sua cidade, e outros. [2] Mas se Abrahão, e esta sua victoria, foi muito primeiro que a de David, porque se dá neste livro do Redemptor o primeiro logar a David, e o segundo a Abrahão: *Filii David, filii Abraham?* [3] Porque Abrahão livrou a Loth do captiveiro, David livrou a Saül do perigo: Abrahão livrou a Loth depois de estar vencido e captivo dos babylonios. David livrou a Saül de que o vencessem, nem captivassem os Philisteus. Ambos remiram, e ambos foram redemptores; mas só David anticipadamente, e preservando. *Metu Regem liberavit, et antequam servitium contribules experientur, depulit:* diz S. Basilio de Seleucia. [4] E porque este modo de redempção anticipada é muito mais nobre e glorioso, por isso no livro do Redemptor, sendo Abrahão primeiro que David, se dá o primeiro logar a David, e o segundo a Abrahão. Na mesma terra que produziu as espinhas, temos a primeira parte desta differença com allusão á segunda. A terra que produziu as espinhas, foi a terra maldita pelo peccado:

---

[1] *1.º Livr. dos Reis,* XVII, 50.
[2] *Gen.,* XIV, 15 e seg.
[3] *Math.,* I, 1.
[4] Basilius Seleuc. Orat. 16.

Maledicta terra in opere tuo. Spinas, et tribulos germinabit tibi: e a terra que sem espinhas produziu o fructo, foi a terra bemdita e sem peccado, na qual, e da qual, nasceu o mesmo Deus: *Benedixisti, Domine, terram tuam.* [1] Assim o cantou o Real Propheta: e logo accrescenta a differença das duas redempções, ou dos dois modos de remir, um por resgate depois do captiveiro, e outro por preservação antes delle: *Benedixisti, Domine, terram tuam: avertisti captivitatem Jacob. Remisisti iniquitatem plebis tuæ.* [2] Notae a diversidade dos termos. No primeiro diz: Desviastes o captiveiro: *Avertisti captivitatem:* no segundo diz, remitistes e perdoastes o peccado: *Remisisti iniquitatem.* O desviar é por preservação do perigo: o remittir é por remedio e perdão dos peccados. Mas o desviar o perigo, e o remir por preservação, foi privilegio singular concedido a uma só pessoa: *Avertisti captivitatem Jacob.* E o perdão do peccado, depois de incorrido, foi indulgencia universal que se estendeu a todos: *Remisisti iniquitatem plebis tuæ.*

E como o modo de remir por preservação é muito mais nobre e glorioso, e a maior gloria de Christo Redemptor foi preservar a sua Mãe, de que não fosse tocada das espinhas do peccado; por isso no dia da Redempção formou dellas a sua corôa, e se corôou das mesmas espinhas, de que a tinha preservado. Clemente Alexandrino dando a razão, porque Christo no dia da Redempção se corôou de espinhas, diz, que assim como tinha apparecido entre espinhas, quando remiu o povo de Israël do captiveiro do Egypto; [3] assim se quiz tambem corôar de espinhas, quando remiu o genero humano: para mostrar que uma e outra redempção fôra obra do mesmo poder: *Quòd primùm per rubum visum fuerat Verbum, per spinam rursus assumptam ostendit se ejusdem potentiæ.* [4] Não me atrevo a censurar um tão grande e antiquissimo Mestre da Igreja, de que não disse bem: mas digo que disse pouco e menos do que devera, em affirmar que uma e outra Redempção fôra obra do mesmo poder. Por-

---

1 *Psalm.* LXXXIV, 2.
2 *Ibid.*, 3.
3 *Exod.*, III, 2.
4 Clemens. Alex. 2. Pedag. Cap. 8.

que na redempção do Egypto remiu Deus os que estavam captivos e feridos das espinhas, que por isso appareceu na sarça: porém na Redempção do genero humano, não só remiu os feridos das espinhas, que eram todos os filhos de Adão; mas preservou a sua Mãe de que ellas a não ferissem; e esta obra não foi do mesmo poder, senão de muito maior. Curar as feridas, é remedio da arte, e obrar como medico: preservar dellas, é privilegio do poder, e obrar como Senhor. Por isso quando remiu o povo não appareceu corôado das espinhas, e agora que preservou dellas a sua Mãe, sim. Ha quem o diga? Não menos que Salomão, figura do mesmo Christo: *Egredimini, et videte, filiæ Sion, Regem Salomonem in diademate, quo coronavit illum mater sua.* [1] Sahi, sahi, filhas de Jérusalem, e vêde a corôa com que Maria, Mãe de Jesus, corôou seu Filho, assim como Bersabé, mãe de Salomão, corôou o seu. Da corôa de espinhas entendem o passo Santo Athanasio, Santo Izidoro Pelusiota [2] e outros. Pois Maria Mãe de Jesus, Maria Mãe do Redemptor, é que corôou a seu Filho com a corôa de espinhas? Sim. Porque quando elle preservou e livrou a sua Mãe das espinhas, então é que mereceu esta gloriosa corôa. [3] Quando o soldado na guerra preservava da morte, e livrava algum cidadão romano, de que o não matassem, recebia uma corôa, que por isso se chamava civica. Assim Christo, porque livrou e preservou do peccado a sua Mãe, mereceu a corôa, que por isso se deve chamar Materna: *Coronavit illum mater sua.* E não tem menor allusão, nem menor energia o nome do diadema: *In diademate.* Vendo Alexandre Magno ferido a Lysimacho, valente soldado, tirou da cabeça o diadema, que naquelle tempo era uma faxa, para que com ella lhe atassem a ferida. [4] E nunca a corôa de Alexandre esteve mais gloriosa, que nesta famosa acção, tirada da cabeça do rei para atar as feridas do soldado. Se Christo tirára o diadema para atar as feridas de sua Mãe, não obrara como rei, nem como filho; mas

---

[1] *Cant.*, III. 11.

[2] D. Athanas. tract. de Passion. et Cruce Isidor. Pelusiota Lib. I, Epist 35.

[3] Textor in Offic. tom. I. verb. *Coronæ Diversæ.*

[4] Justin. lib. 15 cap. 3 in fin.

porque obrou como Filho, não atando-lhe as feridas, senão preservando-a dellas: por isso com as mesmas espinhas, de que foi preservada, lhe teceu a Mãe o diadema com que o corôou como rei: *In diademate, quo coronavit illum mater sua.*

Finalmente, para que se veja sem replica, que esta corôa de espinhas lhe foi devida a Christo, e Christo se corôou com ella, porque remiu e preservou a sua Mãe das espinhas do peccado de Adão: ponhamo-nos no monte Moria, onde a primeira vez se representou este mesmo acto com as figuras mais vivas, e todas as acções mais proprias. Foi Abrahão por mandado de Deus sacrificar seu filho naquelle monte, e quando levantada já a espada, não faltava mais que a execução do golpe, teve-lhe mão no braço um Anjo: e para que ficasse o sacrificio perfeito, foi substituido em logar de Isaac um grande cordeiro, o qual alli appareceu atado e corôado de espinhas. Digo corôado, porque para o atarem as espinhas, bastava que lhe enlaçassem os pés, e ellas não prenderam senão pela cabeça, rodeando-a como corôa. Assim o diz expressamente Santo Agostinho: accrescentando que o mesmo cordeiro foi figura de Christo corôado de espinhas na sua Paixão: *Illo ariete, qui cornibus ex frutice tenebatur, Jesus Christus significabatur, antequam immolaretur, spinis judaicis coronatus.* [1] Mas vamos ao Texto, e acharemos nelle todas as circumstancias e propriedades do caso: na edade, na corôa, na redempção, e no modo de remir. *Levavit Abraham oculos suos, viditque post tergum arietem inter vepres hærentem cornibus, quem assumens obtulit holocaustum pro filio.* [2] Foi o cordeiro similhante a Christo na edade: *Arietem;* porque Christo padeceu em edade de varão perfeito: foi similhante na corôa: *Inter vepres hærentem cornibus;* porque Christo foi corôado de espinhos: foi similhante na redempção: *Quem assumens obtulit holocaustum pro filio;* porque o cordeiro remiu o filho, como Christo a Mãe: sobre tudo foi similhante no modo de remir; porque Isaac foi remido por preservação. O pae, como diz S. Paulo, imaginou que Deus o havia de resuscitar: *Arbitrans quit et à mortuis suscitare potens est*

[1] August. lib. 16 de Civitat.
[2] *Gen.*, XXII, 13.

Deus. [1] Mas elle não foi resuscitado depois de morto, senão preservado da morte, para que não morresse. Agora pergunto: e a quem remiu Christo por modo de preservação entre todos os nascidos? Não ha duvida, que só e unicamente a sua Mãe; porque só ella foi preservada do peccado de Adão e da maldição das espinhas, a que por elle foi condemnada a terra. Logo na preservação de Isaac foi representada a preservação de Maria. No sacrificio do cordeiro, o de Christo: e nas espinhas da corôa, as espinhas com que o Filho se quiz coroar por ter preservado dellas a sua Mãe. E porque a Virgem, Senhora nossa, por este privilegio singular, e só a ella concedido, foi preservada das espinhas do peccado: por isso só a Rosa mystica é rosa sem espinhas: nem teve logar nella o *genuit* espinhado e espinhoso de todos os filhos de Adão: *Jacob autem genuit Joseph virum Mariæ.*

V

A segunda excellencia, não só egual, mas ainda maior com que a Rosa mystica excede gloriosamente a natural, é ser rosa com fructo. A rosa natural é formosa, mas esteril, como Rachel: a Rosa mystica é formosa como Rachel, e fecunda como Lia. A rosa natural é rainha das flôres, mas sómente flôr: a Rosa mystica, sobre ser a Rainha das rainhas, é flôr com fructo, Mãe com Filho, e Maria com Jesus nos braços: *Mariæ de qua natus est Jesus.*

Nesta differença de dar fructo, ou não dar fructo, vae tanto de flôr a flôr, como de ser a não ser. Quando Deus lançou a benção de fecundidade á terra, dando-lhe virtude de produzir e crear, as palavras da benção foram estas: *Germinet terra herbam virentem, et lignum pomiferum faciens fructum:* [2] Brote a terra as hervas verdes, e as arvores que produzem fructo. De sorte que na benção de Deus entraram nomeadamente as hervas, as arvores e os fructos: e só das flô-

[1] *Hebr.*, XI, 19.
[2] *Gen.*, I, 11.

res, parece que se não fez menção; mas sim fez. As flôres que produzem fructo, foram comprehendidas nos mesmos fructos que produzem: as que não produzem fructo, ficaram contadas entre as hervas. O cravo, o lyrio, o jasmim, a rosa, e todas as outras flôres que não dão fructo, por mais pintadas, por mais formosas, por mais mimosas e afidalgadas que sejam, todas pertencem ao predicamento das hervas. Este é o logar que assignalou David sem outra maior dignidade: *Manè sicut herba transeat, manè floreat, et transeat: vespere decidat, induret, et arescat.* [1] Pelo contrario as flôres que dão fructo, estas são as de que faz todo caso o Soberano Agricultor da natureza. Assim o entendeu a lavradora das eglogas de Salomão, tão entendida como elle. Exhortava não a outrem, senão ao mesmo Agricultor Divino, a que madrugassem: *Manè surgamus:* [2] e que sahissem ao campo: *Egrediamur in agrum.* [3] E para que com tanto cuidado e disvello? Não para vêr se os prados se vestiam de flôres, senão para saber se as flôres produziam fructos: *Videamus, si flores fructus parturiunt.* [4] Os fructos são os partos das flôres, e as flôres que não chegam a este parto, são abortos. São geradas como diz Plinio, *in diem:* porque no mesmo dia em que a via lhes dá a côr, a fragrancia lhes exhala a vida. Pela manhã nascem, ao meio dia adoecem, á tarde morrem: e nem permanecem em si, nem no fructo, porque o não produzem. Logo não bastava só á Rosa mystica para exceder cabalmente a rosa natural a primeira excellencia de ser rosa sem espinhas, se não tivesse tambem a segunda de ser rosa com fructo. Já muito antes de isto ser, estava pintado assim nas idéas do Testamento Velho.

Querendo Moysés nomear a Tribu, e a pessoa a que havia de pertencer o estado ecclesiastico, e a tiára do Summo Sacerdocio; para evitar os ciumes da emulação, tão perigosa entre eguaes, ordenou, que todos os principes e cabeças de cada tribu, trouxessem a sua vara ao Tabernaculo, para que postas no *Sancta Sanctorum*, e na presença da Arca, aquella que mila-

---

[1] *Psalm.* LXXXIX, 6.
[2] *Cant.*, VII, 12.
[3] *Ibid.*, 11.
[4] *Ibid.*, 12.

grosamente florescesse, declarasse qual era a eleição de Deus, e a confirmasse. Fez-se assim: e na manhã seguinte vindo Moysés, e os demais a reconhecer as suas varas, acharam que a de Arão reverdecida, não só tinha produzido flôres, mas flôres e fructos: *Invenit germinasse virgam Aaron: et turgentibus gemmis eruperant flores, qui foliis dilatatis, in amygdalas deformati sunt.* [1] Este milagre teve duas partes, a primeira necessaria, e a segunda parece que não. Que a vara florescesse, era necessario, porque este era o signal da eleição divina, em que todos se tinham compromettido: que além das flôres désse tambem fructos, não era necessario; porque nem Moysés tinha proposto esta condição, nem os demais a esperavam. Pois se Deus não faz, nem multiplica milagres sem necessidade, porque accrescentou o segundo milagre ao primeiro, e não só fez que a vara de Arão florescesse, mas que juntamente com as flôres produzisse tambem fructos? S. Bernardo e Ruperto, seguindo a Santo Agostinho, [2] respondem que aquella vara era uma, e representava outra: era a vara do Arão, e representava a vara de Jessé, a Virgem Maria, Senhora nossa. E para significar Deus, que escolhia a Arão entre todos os homens para o Summo Sacerdocio, bastava que a vara em quanto vara de Arão florescesse: porém para significar que o mesmo Deus havia de escolher a Virgem Maria entre todas as mulheres para Mãe de seu Filho, era necessario que a mesma vara em quanto representava a vara de Jessé não só produzisse flôres, senão flôres e fructos juntamente. E' o que a Igreja canta da mesma Virgem, e da mesma vara: *Virga Jesse floruit: Virgo Deum et hominem genuit:* A vara de Jessé floresceu: e a Virgem gerou a Deus Homem. *Virga Jesse floruit.* Eis ahi a flôr: *Virgo Deum, et hominem genuit:* Eis ahi o fructo.

No mesmo mysterio temos tudo, e não com uma só, senão com dobrada confirmação. O Anjo, que trouxe ao mundo a embaixada, de que Deus se queria fazer homem, não só veiu dirigido á Mãe, senão tambem á patria de que havia de nascer. Veiu dirigido (diz o Texto) á patria, que era Nazareth: *Missus est Angelus*

---

[1] *Num.*, XVII, 8.
[2] August. Serm. I *de Tempore.*

Gabriel à Deo in civitatem Galilææ, cui nomen Nazareth: [1] e veiu dirigido á Mãe, que era Maria: *Ad Virginem desponsatam viro, etc. et nomen Virginis Maria.* [2] E porque razão, ou com que mysterio, não só se encaminhou o embaixador, e a embaixada nomeadamente á Mãe, senão tambem nomeadamente á patria? Porque o Filho que havia de nascer, sendo um, havia de ser fructo de duas flôres: uma flôr, que era a patria, e outra flôr, que era a Mãe. Ora vêde. Nazareth quer dizer flôr: e assim a cidade de Nazareth, como a Virgem de Nazareth, ambas eram flôres sem esperança de fructo. A Virgem de Nazareth era flôr sem esperança de fructo, pelo voto com que se tinha consagrado a Deus de virgindade perpetua, no qual renunciou voluntariamente toda a esperança de haver de ter filho: sacrificio em que a Senhora foi a primeira entre todas as mulheres, e a unica entre todas as daquelle tempo, as quaes anciosamente pelo fructo de sua fecundidade esperavam ter parte na geração do Messias. A cidade de Nazareth tambem era flôr sem esperança de fructo, e com nota bem particular, ou particularidade bem notavel; porque era proverbio antiquissimo em toda a Galiléa, que de Nazareth se não podia esperar coisa boa. Esta é a razão porque dizendo o Apostolo S. Filippe a Nathanaël, que tinha achado o Messias, e que era Jesus de Nazareth; Nathanaël, como lettrado tão douto em todas as tradições hebreas, lhe respondeu: *A Nazareth potest aliquid boni esse?* [3] Por ventura, de Nazareth póde sahir alguma coisa boa? Tal é o estado em que se achavam, a cidade de Nazareth, e a Virgem de Nazareth, cada uma dellas flôr, e ambas sem esperança de fructo: quando á cidade, e á Virgem chegou a embaixada celestial, de que na mesma cidade, e da mesma Virgem havia de nascer o Filho de Deus. E que se seguiu daqui? Que a Virgem como Mãe, deu a Christo o nome de Jesus: *Vocabis nomen ejus Jesum:* [4] e a cidade como patria, deu ao mesmo Christo o sobrenome de

---

[1] *Luc.*, I, 26.
[2] *Ibid.*, 27.
[3] *Joan.*, I, 46.
[4] *Luc.*, I, 31.

Nazareno: *Quoniam Nazaræus vocabitur.* [1] E por este modo, sendo Jesus Nazareno um só fructo, foi fructo juntamente de uma e outra flôr: fructo da flôr Nazareth, em quanto Nazareno; e fructo da flôr Maria em quanto Jesus: *De qua natus est Jesus.*

Mas se bem a Virgem de Nazareth (como a mesma Nazareth) foi flôr com fructo; nesta grande prerogativa teve a Rosa mystica uma tão singular excellencia, que não só excedeu a rosa natural, esteril e infructifera; mas a todas as flôres que dão fructo, fez perder a côr de corridas. As flôres que produzem fructo todas morrem de parto. Custa-lhes o parto a vida, e o chegar a dar fructo o deixar de ser flôr. E' o que disse elegantemente em duas palavras Plinio: *Pereunt, ut pariant.* São as flôres, como Rachel que morreu de parto de Benjamin. Viveu o filho e morreu a mãe: nasceu o fructo, e pereceu a flôr. O principio do fructificar foi o fim de florescer: e esta é a triste pensão com que todos os filhos das flôres nascem posthumos; porque nem o fructo viu a flôr de que nasceu, nem a flôr o fructo que produziu. Na vara florescente de Arão é notavel a palavra com que o Texto sagrado declara que as flôres deram fructo: *Flores in amygdalas deformati sunt.* Não diz que as flôres produziram, ou se transformaram, senão que se deformaram em fructos: *Deformati sunt.* O deformar-se é deformidade, porque é perder a propria fórma. Havemos pois de dizer que é deformidade das flôres o produzir fructos? Sim. Porque quando o fructo recebe a fórma, perde a flôr a sua. Por mais formosas que fossem as flôres, em chegando a produzir fructo, já o que era formosura, fica deformidade, perdida a gala, perdida a côr, perdida a fórma, e cahido e perdido tudo o que lhe dava o nome, e ser de flôr.

Não assim a flôr de Nazareth Maria, como fallando com a mesma Senhora argue discretamente S. Pedro Chrysologo: [2] *In tuo conceptu, in tuo partu crevit pudor, aucta est castitas, integritas roborata est, solidata est virginitas. Virgo, si tibi salva sunt omnia, quid dedisti?* Na vossa conceição, e no vosso parto, Senhora, cresceu a pureza, augmentou-se a castidade, fortificou-

[1] *Math.*, II, 23.
[2] Chrysol. Serm. 142.

se a inteireza e confirmou-se a virgindade. Pois, Virgem, se nada perdestes, que é o que déstes: *Si tibi salva sunt omnia, quid dedisti?* Bem perguntado e bem arguido, se a obra fôra da natureza. A natureza não sabe dar sem tirar: tira, e destroe uma fórma para dar e introduzir outra. Mas não assim na Cheia de Graça, em que as leis da natureza não tiveram parte. Deu a graça e recebeu o Filho a fórma do fructo, sem tirar, nem perder a Mãe a fórma da flôr. Se a rosa natural tivera entendimento e lhe perguntassem porque era flôr sem fructo: responderia sem duvida com magestade de rainha, que antes não queria ter fructo que perder a honestidade e a honra. O mesmo respondeu a Rosa mystica, não em outro, senão no mesmo caso. Quando o Anjo disse á Senhora: *Ecce concipies, et paries Filium:* [1] respondeu a Virgem conforme o voto, e presupposto em que estava firme: *Quomodo fiet istud, quoniam virum non cognosco?* [2] E porque antepoz a honra e a honestidade ao fructo; por isso foi flôr com fructo, sem perder a honra e honestidade de flôr. Assim o diz a mesma Virgem, e pelas mesmas palavras: *Flores mei fructus honoris, et honestatis:* [3] as minhas flôres são fructos de honra e de honestidade. *Etenim in arboribus* (commenta Cornelio) *flores simul cum fructibus existere non possunt, sed erumpente fructu, decidit flos: at verò in sola Deipara super omnem naturæ cursum hæc duo conjuncta reperiuntur.* Diz pois a Virgem que as suas flôres são fructos da honra, e da honestidade; porque se os fructos não fossem da honra e da honestidade, quando nascessem os fructos cahiriam as flôres. E como só o fructo bemdito da bemdita entre todas as mulheres foi fructo da honra e da honestidade: só, e unicamente nella se acha o fructo junto com a flôr, e a flôr junta com o fructo: o fructo Jesus, e a flôr Maria: *Mariæ: de qua natus est Jesus.*

---

[1] *Luc.*, I, 31.
[2] *Ibid.*, 34.
[3] *Eccles.*, XXIV, 23.

VI

Temos visto como a soberana Rosa mystica é rosa sem espinhas, e rosa com fructo. De um fructo parece que se não pódem colher outros fructos; e muito menos das espinhas, das quaes disse Christo: *Nunquid colligunt de spinis uvas, aut de tribulis ficus?* [1] Comtudo assim das espinhas, de que careceu a mesma Rosa mystica, como do fructo que produziu, havemos nós de colher, não só copiosos, mas preciosos fructos. *Veniat dilectus meus in hortum suum, et comedat fructum pomorum suorum.* [2] Venha o meu Amado (diz a Virgem, Senhora nossa) ao seu jardim, e colha os fructos de seus fructos, que são os mesmos de que tinha dito: *Cum pomorum fructibus.* [3] E já temos fructos de fructos, que era a primeira coisa que parecia nova, difficultosa, ou impropria. O Amado todos sabemos que é por antonomasia Christo: o seu jardim tambem temos dito muitas vezes que é o Rosario. E quaes são os fructos de que se hão de colher, ou de que se colhem outros fructos? São os mysterios do mesmo Rosario, nos quaes está repartido o bemdito fructo do ventre sacratissimo; e por isso sendo um só fructo, se chama fructos. Para colher pois agora, ou para recolher estes fructos, e para saber e comprehender quaes, quantos, quão grandes, quão uteis e maravilhosos sejam; basta só a memoria do que temos tão largamente historiado e discorrido nestes trinta sermões, nos quaes reduzidos ao epilogo de uma só palavra, mostramos que no Rosario da Virgem, Senhora nossa, têm seguros seus devotos todos os bens. Todos os bens, ou são da natureza, ou da fortuna, ou da graça, ou da gloria. Os da natureza são a vida e a saude: os da fortuna, a riqueza e a honra: os da graça, o perdão dos peccados e augmento das virtudes: os da gloria, a vista de Deus e bemaventurança eterna. E quantos vimos, que desconfiados de todo o remedio humano por virtude do Rosario recuperaram a saude:

---

[1] *Math.*, VII, 16.
[2] *Cant.*, V, 1.
[3] *Cant.*, IV, 13.

e estando para morrer, ou condemnados á morte, e ainda depois de mortos, tornáram á vida? Quantos, que perdida a fazenda, ou não tendo que perder, da miseria da extrema pobreza surgiram subitamente á opulencia de ricos: e abatida na opinião dos homens a honra se viram mais honrados do que dantes eram? Quantos, que pela continuação e enormidade dos peccados, quasi desesperados do perdão, se restituiram á graça? Ou tibios e imperfeitos nas virtudes, subiram ao grau mais alto da perfeição? E quantos finalmente, que morrendo impenitentes, e segundo a presente justiça, ou dignos de condemnação, ou já condemnados, aos quaes arrancados das unhas do demonio, e das gargantas do inferno, se lhes concedeu nova vida, com que mereceram a eterna? Estes são os fructos que se colhem do fructo da Rosa mystica, em quanto rosa com fructo.

E em quanto rosa sem espinhas, livra-nos tambem dellas? Sim. E pelo mesmo modo e privilegio singular com que seu Filho a livrou, que é o da preservação. Todos os males, trabalhos, desgraças e miserias desta vida, são feridas mais ou menos penetrantes, com que nos picam, ou trespassam as espinhas de Adão. Assim o confessou David: *Conversus sum in ærumna mea, dum configitur spina:* [1] Convertime nos meus trabalhos, quando nelles, e com elles se pregavam em mim as espinhas que nasceram do primeiro peccado. Para evitar estas espinhas, nenhuma prudencia, nenhuma cautella basta; porque os casos subitos, e as desgraças se levantam debaixo dos pés, e não estão na mão do homem. Que lavrador ha de imaginar, que semeando trigo e plantando vides, da seara, e da vinha lhe hão de nascer espinhas? Pois isto é o que succede aos homens, que d'onde tinham razão de esperar a conveniencia, lhes nasce a desgraça, e em vez de colherem fructos, colhem espinhas. Jeremias fallando da sementeira do trigo: *Seminaverunt triticum, et spinas messuerunt:* [2] Semearam trigo, e colheram espinhas: e Isaias fallando da planta das vides: *Expectata est ut faceret uvas, fecit au-*

[1] *Psalm.* XXXI, 4.
[2] *Jerem.*, XII, 13.

tem spinas: [1] Esperava que da minha vinha houvesse de colher uvas, e colhi espinhas. Destas espinhas pois nascidas d'onde menos se podiam esperar, ou temer, e destes casos inopinados que nenhuma providencia pôde prevenir, e de que nenhuma cautella nos pôde livrar, nos livra a Mãe de Deus por meio do seu Rosario, preservando-nos das mesmas desgraças, e dos mesmos trabalhos, sem nós o sabermos, nem advertirmos.

Muitos annos havia que um devoto bem intencionado rezava o Rosario; quando o demonio o tentou com pretexto de maior serviço de Deus, não a que deixasse a devoção, mas a que trocasse esta por outra. Ha tantos annos (dizia comsigo) que rezo o Rosario, sem que por este serviço receba nenhuma mercê ou favor da Virgem Maria; signal certo, que lhe não agrada: e assim parece que será mais conveniente que eu sirva a mesma Senhora, e lhe offereça outro tributo que lhe seja mais agradavel, com que mereça alguma remuneração, que em tanto tempo não tenho merecido. Assim estava este homem, não deliberado, mas inclinado e vacillante; quando ouviu uma voz que o chamou por seu nome. Quem me chama? Disse espantado. Chama-te (continuou a voz) quem quer saber de ti, porque te queixas da Senhora do Rosario. Não me queixo, respondeu, mas descontenta-me esta devoção: porque havendo tantos annos, que a continuo, nenhum favor tenho alcançado por ella. Oh ingrato e desconhecido (replicou então a mesma voz, e com maior aspereza): já que dizes que nenhum favor alcançaste pela tua devoção: responde-me ao que te quero perguntar. Dize-me: onde estão teus irmãos? Não morreram todos, e tu estás vivo, e são? Tal e tal casa de teus visinhos, não arderam, e a tua está em pé? Tantos outros não padeceram tantas desgraças e infortunios, na fazenda, na honra, na vida, na mulher, nos filhos? Pois se a Virgem Maria, como Senhora do Rosario, pelo que tu lhe rezavas, te preservou de tantos trabalhos, desastres e perigos: como dizes que te não tem aproveitado esta devoção, nem a Senhora por ella te tem feito mercês, sendo estas tão grandes? Ouvindo isto, ficou corrido e confuso o bem intencio-

[1] *Isai.*, v, 2, secundum LXX.

nado, mas mal entendido devoto do Rosario. Conheceu que querer trocar esta devoção por outra, era tentação do demonio: e viu claramente, que as mercês que sem reparar, nem advertir, tinha recebido, eram mais e maiores, e muito mais singulares, que quantas elle podia desejar, nem pedir. De sorte que os bens que nos faz, e os males de que nos livra a Virgem Santissima do Rosario, respondem ás duas propriedades da Rosa mystica, rosa sem espinhas, e rosa com fructo. Rosa sem espinhas, de que foi preservada, preservando-nos dos males: e rosa com fructo, de que foi fecundissima, communicando-nos os bens: e em uma e outra excellencia como Mãe do Auctor de todos os bens, e Redemptor de todos os males, que é Jesus: *Mariæ: de qua natus est Jesus.*

VII

Tenho provado o que prometti, e mostrado em uma e outra rosa, não tanto a similhança da natural, quanto a differença, e vantagens da mystica. E pois este ultimo sermão é o fim dos demais, justo será que tambem nelle, e com elle demos o fim a todos. Mas que direi eu aos devotos do Rosario, por conclusão e remate de quanto lhes tenho dito? Sejam por despedida dois desenganos: um, com que nos admoesta a rosa natural, a brevidade desta vida, e outro, com que nos lembra a Rosa mystica, os riscos e eternidade da outra.

Estava callado o mais eloquente de todos os Prophetas, Isaias, quando ouviu uma voz do céu, a qual lhe mandava que bradasse: *Vox dicentis, clama.* [1] E como o Propheta perguntasse o que havia de bradar: *Et dixi, quid clamabo?* Respondeu a voz: *Omnis caro fœnum, et omnis gloria ejus quasi flos agri. Exsiccatum est fœnum, et cecidit flos.* O que has de bradar com taes vozes que todos te oiçam, é que a vida do homem é como o feno verde, e toda a sua gloria como a flôr do campo: seccou-se a verdura, cahiu a flôr. Tal é a brevidade da nossa vida: e não ha flôr que não esteja bradando: homens, aprendei de mim. Por isso

[1] *Isai.*, XL, 6.

dizia o mais desenganado de todos: *Homo natus de muliere, brevi vivens tempore; etc. Qui quasi flos egreditur, et conteritur.* [1] E se qualquer flôr é espelho para a vida humana, e desengano para a brevidade della, quanto mais a que mais floresce, e menos dura que todas, e a que é a flôr das flôres, a rosa?

Quàm longa una dies, ætas tam longa rosarum:
Una dies aperit, conficit una dies. [2]

Toda a edade, ou edades da rosa, não tem mais duração que de um só dia, em que nasce, vive e morre. O mesmo sol que a viu de manhã fresca e formosa, de tarde a deixou murcha e secca. Com tão apressado vôo passa a rosa a carreira da vida, sendo nova prégadora cada dia da brevidade da nossa. Tal é o documento e desengano que nella consideram, poetas, oradores e santos: moralidade que algum dia me pareceu demaziadamente encarecida e estreita; mas hoje vejo que ainda é larga. Neste mesmo mez de mil seiscentos e oitenta e seis, em que escrevo esta regra, e não sei se chegarei a acabal-a, mais larga vida é a da rosa na Europa, que a dos homens na America. Lá toda a rosa tem de vida um dia inteiro, cá muitos homens (que tal é a força do mal presente) não chegam a ter metade do dia, nem duas horas, nem uma, arrebatados da saude á morte, sem passar pela enfermidade. Este é o clima mais benigno, estes os ares mais puros, esta a terra mais sadia, esta é hoje a Bahia. Mas que importa que a terra, o ar, e as influencias dos astros se mudem, ou não mudem, se todos trazemos dentro em nós o veneno da propria mortalidade? As treguas da vida, sempre duvidosa e incerta, poderão durar mais, ou menos; mas finalmente se ha de morrer. Finalmente (torno a dizer) se ha de morrer. E se a disposição mais robusta, e a edade mais florente, não tem um dia, nem uma hora, nem um momento seguro: que deve fazer cada um neste universal desengano da vida, senão tratar da eterna?

Este é o fructo, e de summa importancia, que da

[1] *Job.*, XIV, 1 e 2.
[2] Ausonius.

rosa natural, que não dá fructo, devem colher os que têm fé e juizo. E porque dos riscos da eternidade só nos póde livrar a Rosa mystica, seja a segunda conclusão, e ultimo desengano, que só debaixo do patrocinio da Virgem Maria, Senhora nossa, se póde esperar, e conseguir a vida eterna com firme e segura confiança. Nella, e por ella se salvam todos os que se salvam: e sem ella, e porque sem ella, por isso se perdem, quantos se perdem. Ouvi concordes na mesma e admiravel sentença, a dois insignes Interpretes dos arcanos divinos, Santo Anselmo, e S. Boaventura: *Sicut, ò beatissima, omnis à te aversus, et à te despectus, necesse est ut intereat: ita omnis ad te conversus, et ad te respectus, impossibile est ut pereat.* [1] Assim como, oh Virgem beatissima, todo aquelle que se aparta de vós, e vós apartaes delle vossos misericordiosos olhos, necessariamente se perde: assim aquelle que se converte a vós, e vós pondes nelle os olhos de vossa misericordia e piedade, impossivel é que se não salve. As palavras, *necesse est*, e *impossibile est*, são as mais apertadas que se pódem dizer, nem imaginar. E estes são os termos porque fallam com approvação geral dos Theologos, aquelles grandes Doutores, e tão allumiados do céu. Quanto á primeira parte, é notavel a consequencia da terceira e quarta palavra de Christo na cruz: a terceira foi: *Mulier, ecce Filius tuus:* [2] na qual Christo deixou a S. João sua Mãe: a quarta foi: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?* [3] na qual se queixou de se vêr deixado de Deus. Pois quando Christo deixa sua Mãe, então se vê deixado de Deus? Sim. Porque Christo na cruz, como tinha tomado sobre si nossos peccados, fazia figura de peccador: e segundo a propriedade desta figura, que representava (nesta representação digo, e segundo a propriedade desta figura que representava) foi consequencia natural, que se visse deixado de Deus, quando acabava de deixar a sua Mãe: porque todo o peccador que deixar a Mãe de Deus, necessariamente se verá tambem deixado de Deus: *Ne-*

---

[1] D. Anselm. de laudib. Virg. D. Bonavent. in Pharetr. cap. 5.

[2] *Joan.*, XIX, 26.

[3] *Math.*, XXVII, 46.

cesse est ut pereat. Pelo contrario (quanto á segunda parte) S. João no mesmo theatro do Calvario fazia figura dos predestinados, que por isso nomeadamente se chama alli o Amado: *Discipulum, quem diligebat:* [1] e aquelle, a quem Deus dá a Virgem Maria por Mãe: *Ecce Mater tua:* [2] e elle a acceita, e serve como tal: *Et ex illa hora accepit eam discipulus in sua:* assim como os predestinados não pódem deixar de se salvar; assim é impossivel que elle se perca: *Impossibile est ut pereat.*

Suppostos estes dois desenganos, um do fim desta vida, que não póde tardar muito: e outro da vida sem fim, que só se póde assegurar, ou perder no patrocinio da Mãe de Deus, ou falta delle: o que resta, é, que todos servindo com verdadeira devoção á mesma Senhora, procuremos merecer e alcançar o patrocinio e amparo de sua poderosissima graça. Oh quem me dera nesta ultima despedida poder persuadir, e metter na alma de todos esta resolução! Mas porque não fio tanto da fraqueza do meu espirito: ouvi ao devotissimo, e espiritualissimo Thomaz de Kempis, exhortando a seus ouvintes em similhante caso: *Eligite hanc benignissimam Matrem Jesu in Matrem specialem, et advocatam ante mortem: et salutate eam Angelica salutatione frequenter, quia hanc vocem audit valdè libenter.* [3] Elegei a benignissima Mãe de Jesus por especial Mãe vossa, e advogada antes da morte, e saudae-a frequentemente com a oração da Ave Maria, e saudação do Anjo, cuja voz sempre ouve com grande vontade, e lhe agrada muito, por mais que se repita muitas vezes, como fazemos no Rosario. *Mariam salutate:* saudae a Maria: *Mariam invocate:* invocae a Maria: *Mariam cogitate:* meditae em Maria: *Mariam nominate:* nomeae a Maria: *Mariam honorate:* honrae a Maria: *Mariam semper glorificate:* glorificae sempre a Maria. E porque não bastam só as vozes e louvores da bocca; acompanhae a Maria em todos os passos de sua vida e de seu Filho: *Cum Maria ambulate:* que é a segunda e mais interior parte do mesmo Rosario. *Cum Maria Jesum quærite:* com Maria buscae a Jesus: *Cum Ma-*

---

[1] *Joan.*, XIX, 26.
[2] *Ibid.*, 27.
[3] Thomas á Kempis 3. p. Serm. 2.

ria Jesum in ulnis portate: com Maria trazei a Jesus nos braços: *Cum Maria, et Jesu in Nazareth habitate:* e com Maria e Jesus morae em Nazareth; que são os mysterios Gozosos. *Cum Maria in Jerusalem ite:* com Maria ide a Jérusalem: *Cum Maria juxta crucem Jesu state:* com Maria estae junto da cruz de Jesus: *Cum Maria Jesum plorate:* com Maria lamentae a morte de Jesus: *Cum Maria Jesum sepelite:* e com Maria o sepultae: que são os mysterios Dolorosos. *Cum Maria, et Jesu resurgite:* com Maria e Jesus resuscitae: *Cum Maria, et Jesu coelos ascendite:* com Maria e Jesus subi ao céu: *Cum Maria, et Jesus vivere, et mori desiderate:* E com Maria e Jesus desejae viver e morrer nesta vida, para os gozar na outra: que são os mysterios Gloriosos.

Assim deu fim á sua exhortação o espirito extatico de Thomaz, sem nomear o Rosario, nem cuidar nelle; porque o espirito e alma desta devoção, não consiste no nome que lhe deu a rosa natural, senão no mystico dos mysterios, de que é composto. E esta foi, e é a razão porque no principio offereci, e agora torno a offerecer á Soberana sempre Virgem, minha Libertadora e Senhora, estes dois pequenos e mudos tributos da já cançada penna, debaixo do nome sem voz de Rosa mystica.

VIII

Tres defeitos grandes reconheço e confesso nelles, os quaes, posto que tarde, como contrição na hora da morte, me ha de ensinar a emendar a mesma Senhora, e mestra do Rosario. O primeiro defeito é a largueza dos sermões: o segundo a eleição dos assumptos: o terceiro a indignidade do prégador. A largueza dos sermões, que sendo no numero trinta, na extensão são mais de sessenta: e por isso molestos a quem os lêr. A eleição dos assumptos, que para os doutos poderiam ser mais levantados, para o vulgo mais claros, e para todos mais uteis. A indignidade do prégador, que tanto diminue o credito na doutrina, como a fé em quem a ouve. Mas todos estes defeitos supprirá um só sermão summamente util, e de summa auctoridade, e dignidade. Assim como Deus tendo fallado pri-

meiro pelos Prophetas, depois como notou S. Paulo, fallou pelo seu proprio Filho: *Olim Deus loquens in prophetis: novissimè locutus est nobis in Filio:* [1] assim tambem tendo muitas vezes prégado o Rosario por S. Domingos, e seus filhos, ultimamente o prégou e ensinou a prégar por sua propria Mãe: *Novissimè locutus est nobis in Matre.* Quando S. Domingos na festa de S. João Evangelista, tendo estudado um doutissimo sermão para prégar na cathedral de Notre Dame a toda a côrte, e universidade de Paris, lhe mandou a Soberana Virgem, que prégasse do Rosario, como já referi: metteu-lhe na mão a Senhora um livro, dizendo, que alli estava escripto um sermão do Rosario, e que assim lhe mandava que o prégasse, e se devia prégar. Este sermão pois brevissimo, utilissimo, e dignissimo, reservei e poupei para este ultimo logar, não como corôa, mas como retractação e emenda dos meus, desejando quando menos, acabar bem.

O modo de prégar de Christo, sabedoria infinita, todo era por parabolas, e este sermão da Mãe da mesma sabedoria todo é por supposições e perguntas, para que nós tiremos as consequencias. Fortissimo modo de persuadir, e evidentissimo. Diz pois, ou pergunta assim a soberana prégadora do Rosario. Dizei-me: se um reino estivesse falto de successão, por ser a rainha esteril, e lhe offerecessem uma pedra preciosa, por virtude da qual ficasse fecunda, não a acceitaria com muito gosto? Nesta pergunta alludia a Senhora á rainha Dona Branca de França que por virtude do Rosario, não tendo successor o reino, alcançou um filho, e tal filho, como S. Luiz. Agora falla em geral com todos, fazendo pelo mesmo modo differentes perguntas.

Dizei-me: quem ha de passar por terra de inimigos, não procura levar um salvo conducto, com que lhe dêem a passagem livre? E se o caminho é escuro, e de noite, não estima muito uma luz, que vá diante, e o guie? E se é deserto e despovoado, não deve prevenir e levar comsigo o Viatico? E se cançado de caminhar acha uma arvore sombria, e uma fonte fresca, não tem este por um grande allivio e regalo?

Mais: se na terra em que viveis, fossem todos tão pobres, ou tão avarentos, que pedindo vós esmola de

[1] *Hebr.*, I, 1 e 2.

porta em porta, ninguem vol-a desse, e tivesseis noticia de um principe muito rico, e muito misericordioso, não vos chegarieis a elle? E se a mesma terra se abrazasse em peste, e vos inculcassem um antidoto, contra o qual não tivesse forças o contagio, não o comprarieis logo, e trarieis junto ao coração? E se as sentinellas dessem rebate e chegassem a bater a cidade exercitos inimigos, não vos acolherieis ao castello mais forte?

Finalmente: Se estivesseis mettido e aferrolhado em um carcere sem esperança de liberdade, e vos offerecessem uma chave, com que abrir as portas e sahir delle, não beijarieis a mão de quem vol-a désse, e vos porieis em salvo? Ou se tivesseis offendido o rei com graves crimes de lesa magestade, estando já para ouvir a sentença de morte com confiscação de todos os bens, e perpetua infamia: não sollicitarieis por todas as vias, e a todo o preço, a graça e patrocinio da rainha, para que vos valesse naquelle perigo, e vos alcançasse perdão?

Isto é o que prégа, e estas são as perguntas que faz a Virgem do Rosario, suppondo que o mesmo Rosario é o salvo conducto para os inimigos, a luz para as trevas, o viatico para o deserto, a arvore sombria para o calôr, a fonte fresca para a sêde, o rico misericordioso para a esmola, o antidoto para a peste, o castello forte para a guerra, a chave para o carcere: e sobre tudo a mesma Senhora, a rainha só poderosa, para applacar e alcançar perdão do rei offendido e irado. O que agora resta, é, que cada um responda a estas perguntas, e sobre estas supposições tire as consequencias. Haverá algum tão mal entendido, e tão inimigo de si mesmo, e da sua salvação, que não infira d'aqui, e se persuada e resolva a procurar o patrocinio e amparo da Senhora do Rosario, e por meio do mesmo Rosario a se introduzir na sua graça? Oiçam todos, e considerem e meditem de vagar, as forças deste fortissimo sermão, e as evidencias deste invencivel discurso. E os que responderem como devem ás perguntas, bem pódem ajuntar ás supposições, que sem duvida são do numero dos predestinados para a gloria: *Quam mihi, et vobis: etc.*

FIM DOS SERMÕES DO ROSARIO

XAVIER DORMINDO

PROPOSTA.

Beati sunt servi illi, quos, cum venerit Dominus, invenerit vigilantes. [1]

Com os olhos primeiro fechados, e depois abertos, promette o tosco desenho desta pintura mostrar em differentes estampas ao mundo dois retratos ao natural do grande Xavier.

De Alexandre, tambem o Grande, se disse que ninguem o pôde vencer vivo, e depois de retratado por Apelles, nem vencer pintado. Que Francisco Xavier vencesse a Alexandre vivo, o Ganges o viu, e todo o mundo o sabe: e tambem para que o vença pintado, o temos pintado hoje por outro pintor melhor que Apelles, S. Lucas. Mas não param aqui as victorias com que Xavier venceu ao vencedor do mundo. Não in-

[1] *Luc.*, XII.

* Seguem-se agora os quinze Sermões que o immortal orador consagrou á glorificação de S. Francisco Xavier.

N'elles se revela ainda brilhantemente o espirito apostolico e o subtilissimo engenho do Crysosthomo portuguez. A doutrina d'estes Sermões é solida, agudos os conceitos e o estylo é ainda tão selecto e sentencioso como nos Sermões mais celebres prégados pelo eminente jesuita. As excellencias de Xavier dormindo e de Xavier acordado, se são admiraveis e maravilhosissimas, por serem do segundo Apostolo do Oriente, não o são menos por serem apregoados por tão assignalado orador; podendo dizer-se no caso o que de S. Paulino, que escreveu as proezas e grandezas de Theodosio, disse o Doutor Maximo S. Jeronymo, repetindo uma phrase e censura de Seneca: *Felix qui á tali Oratore laudatur.*

vejou Alexandre, nem o valor, nem as façanhas de Achilles, senão a penna de Homero, com que foram escriptas: e tambem no motivo de uma tão honrada ou soberba inveja, o temos nesta occasião vencido; porque o mesmo S. Lucas, que nos retratou a Xavier em quanto pintor, com melhor pincel que o de Apelles, nol-o descreveu, em quanto Evangelista, com melhor penna que a de Homero.

As côres do retrato, e as lettras da escriptura egualmente se empregam em formar no meio das sombras da noite uma perfeita imagem da vigilancia armada contra o somno: *Beati sunt servi illi, quos, cum venerit Dominus, invenerit vigilantes.* Sendo a vida humana, como Job a definiu, milicia, não ha coisa nella mais arriscada que o dormir. Dormindo perdeu a vida Holophernes, dormindo Sizara, dormindo Isbozeth; e se buscarmos a primeira origem de todas as desgraças do genero humano, acharemos que todas tiveram principio em um homem dormindo. As armas com que a vigilancia fiel e constante, tendo sempre os olhos abertos, se defende contra os combates declarados, ou assaltos encobertos do somno, são tres: cintos apertados: *Sint lumbi vestri præcincti:* tochas accezas: *Lucernæ ardentes in manibus vestris:* expectação cuidadosa: *Expectantibus dominum suum, quando revertatur à nuptiis.* Cintos apertados; porque mal se deixam atar os sentidos, se não está desatado o corpo. Assim dormia S. Pedro naquella noite fatal, quando o Anjo o espertou dizendo: *Circunda tibi vestimentum tuum.* [1] Tochas accezas; porque quem ha, que possa dormir com a luz visinha aos olhos? Por isso o Auctor da natureza, o tempo que destinou para o descanço dos animaes, ordenou que se ausentasse o sol; e os antigos puzeram a casa do somno nas covas Cymerias: *Quò nunquam radiis oriens, medius ve, cadens ve Phœbus adire potest.* [2] Finalmente expectação cuidadosa; porque bastando qualquer cuidado para inquietar o socego do somno: *Somnos abrumpit cura quietos,* [3] o mais importuno de todos é aquelle, que por

---

[1] *Act.*, XII, 8.
[2] Ovid. *Metam.* 11.
[3] Virg. *Georg.*

horas, ou momentos espera um quando: *Quando revertatur.*

Esta é a imagem da perfeita vigilancia, com que S. Lucas, como pintor nos retrata, e como Evangelista nos descreve a do grande Xavier, com os olhos sempre abertos. E como para premio dos olhos abertos, nenhum tem Deus mais proporcionado, que pagar vista com vista; a sua, em que consiste a bemaventurança, promette a todos os que assim vigiarem: *Beati sunt servi illi, quos, cùm venerit Dominus, invenerit vigilantes.*

A primeira diligencia dos prégadores, depois de acharem no Evangelho o sujeito ou heróe de que hão de fallar, é tornal-o a buscar na sua vida. Ao menos eu assim o fiz sempre, e alguma vez com ventura. Mas que seria, se hoje, depois de achar a Xavier no Evangelho vigiando na sua vida o achasse dormindo? A vida deste grande Apostolo escreveram muitos e insignes auctores. E tomando eu nas mãos o livro do mais diligente, abri, e o primeiro passo com que encontrei, foi este: Antes de partir o Santo para a India, sonhou por muitas vezes que andava luctando com um indio agigantado e robustissimo, o qual o apertava entre os braços e opprimia com tanta violencia, que tomadas as vias da respiração, quasi o trazia a termos de espirar: outras vezes se lhe passava dos braços aos hombros, e parecia-lhe a Xavier que trazia ás costas o mesmo indio estranhamente pezadissimo, gemendo e anhelando debaixo da carga tão fatigada e anciosamente, que muitos dias, depois de accordar, sentia os ossos moidos e quebrantados. A lucta e o pezo era sonhado, mas os effeitos verdadeiros. Grandemente me contentou este passo, por campear nelle o fervoroso, o animoso, o forte, o grande, o desvelado, e o perfeito do espirito de Xavier; porque não ha duvida que tudo isto foram prophecias do muito que o Santo havia de cançar e trabalhar na conversão daquelle grande gigante da Asia, e vastissimo imperio do Oriente, com quem tanto luctou em vida para o converter, e a quem ainda hoje traz ás costas para o conservar. Por isto, como digo, me contentava grandemente o passo; mas voltando os olhos para o Evangelho, como nelle tudo são vigilancias e o Santo neste logar estava dormindo, não me serviu; passei a outra folha.

Li alli, e dizia a historia, que dormindo o Santo em um hospital de Roma, onde tinha por cama uma taboa aos pés do enfermo mais perigoso, foi ouvido uma noite exclamar subitamente e repetir a altas vozes: mais, mais, mais. Não se soube então, nem se pôde entender a causa daquellas vozes; mas qual vos parece que seria? Tres mais ha neste mundo, pelos quaes suspiram, pelos quaes anhelam, pelos quaes morrem, e pelos quaes se matam os homens: mais fazenda, mais honra, mais vida. Seria alguma coisa destas, ou todas tres, as que Xavier desejava com tantas ancias, as que pedia com tantas vozes? Vêde que differentes eram, e confundamo-nos todos. Representou-lhe Deus aquella noite em uma visão as fomes, as sêdes, os perigos, os caminhos, os naufragios, os odios, as perseguições, os falsos testemunhos, e todos os outros trabalhos e affrontas, que havia de padecer por seu amôr: e com serem tão grandes, tão excessivos, tão innumeraveis, era tão generoso o animo de Xavier, e a sêde de padecer por Christo tão fervorosa, tão ardente, tão insaciavel, que nada o intimidava, nada o satisfazia, nada o fartava, tudo lhe parecia pouco; e assim pedia mais. A vossa cubiça pede mais fazenda; e a sua mortificação pedia mais pobreza, mais necessidades, mais desamparo. A vossa ambição pede mais honras; e a sua humildade pedia mais desprezos, mais injurias, mais abatimentos. O vosso amôr proprio pede mais vida; e o seu amôr de Deus, e o seu zelo, pedia mais perigos, mais naufragios, mais dôres, mais martyrios, mais mortes. Oh se o dia do Juizo tivera oitavas, como eu havia agora de tirar aqui a balança de Balthasar! *Appensus est in statera, et inventus es minus habens.* [1] Ponde em uma parte da balança o vosso *menos*, e eu porei da outra estes tres *mais*, e vereis que conta vos ha de pedir Deus, e que conta lhe haveis de dar. Por este ponto de doutrina, e muito mais pela singularidade do caso, me agradou muito este; mas estava o Santo tambem dormindo, quando lhe aconteceu, ainda que o espirito não dormia: e bem vêdes que não diz com as vigilancias do Evangelho.

Aqui comecei a reparar, torno ao livro com mais

[1] *Dan.*, v, 27.

cuidado, passei muitas folhas, e muitos capitulos, leio, e dizia desta maneira: Estando o Santo em Lisboa para partir para a India, offereceu-se-lhe em sonhos uma representação menos decente, do que sua virginal pureza permittia: e foi tanto o horror, tanta a aversão, e tão extraordinaria a força do espirito, com que o valoroso soldado de Christo rebateu e lançou de si aquelle pensamento, que se lhe abriram as veias violentamente de puro resistir, e acordou com o rosto todo banhado em sangue! Raro caso! Estranha e inaudita maravilha! Mas tambem aqui sonhava Xavier, tambem aqui terceira vez estava dormindo. Que vos parece, senhores, que faria neste passo tão repetidamente apurada, senão a paciencia, a diligencia? Por uma parte o Evangelho a pedir vigilancias em cada regra, por outra o Santo a mostrar-se dormindo em cada pagina: que é o que havia de fazer? Resolvime emfim em seguir a aventura, fosse caso, ou fosse mysterio, e a fazer da difficuldade resolução, respondendo a um acinte com outro acinte. Já que o Evangelho manda vigiar, e Xavier se nos representa sempre dormindo, o somno, e os sonhos de Xavier sejam a prova da sua vigilancia. Querendo pois reduzir toda esta grande materia a uma proposição, como costumo, a empreza, ou o assumpto, que se me offereceu, era este: que S. Francisco Xavier foi tão grande santo dormindo, como os maiores Santos acordados. Tão grande, disse, e ainda me vinha ao pensamento dizer maior. Os outros Santos, para serem santos, é-lhes necessario que vigiem; S. Francisco Xavier, para ser maior que os maiores, basta-lhe que durma. Esta é a proposta, que se me offerecia á phantasia, como se eu tambem sonhasse: mas nem a minha devoção se atreve a tanto, nem se contenta com menos. Direi o que puder provar, e então saberei eu, e julgarão os que me ouvirem, o que hei de dizer.

*

* *

Prefação aos tres sonhos.

Temos a S. Francisco Xavier dormindo, e não só dormindo, mas sonhando. E se o somno é imagem da

morte, os sonhos de que serão imagem? Agora e ámanhã o veremos, e tambem ao outro dia, e no mesmo Santo, de que havemos de fallar. O somno é imagem da morte, e os sonhos são imagem da vida. Cada um sonha como vive: *Ea maximè somniamus, quæ agimus, aut acturi sumus, aut volumus*, disse Aristoteles. Os sonhos são uma pintura muda, em que a imaginação a portas fechadas, e ás escuras retrata a vida e a alma de cada um, com as côres das suas acções, dos seus propositos, e dos seus desejos. Pharaó, como providente principe, sonhava com a fome, e com a fartura do povo: o seu copeiro-mór, e o outro ministro da meza real (que não tem nome, nem officio nas nossas côrtes) um sonhava com a taça, outro com as iguarias: o soldado madianita sonhava com a espada de Gedeão: Nabucodonosor sonhava com imperios e monarchias, cada um em fim sonhava de noite com o que exercitava de dia. Galeno, para conhecer os humores do enfermo, manda observar os sonhos: e tambem se podem observar para conhecer os affectos, que são humores da alma. O melancholico sonha coisas tristes e tragicas, o sanguinho sonha felicidades e festas, o colerico sonha guerras e batalhas, o fleugmatico creio que não sonha, porque não vive. Até no estado da innocencia reconheceu Santo Agostinho que havia sonhos; mas logo advertiu que eram similhantes á vida: *Tam felicia erant somnia dormientium, quàm vigilantium:* Eram tão felizes os sonhos, quando dormiam, como era feliz a vida, quando vigiavam. Porque o dormir é consequencia do viver, e o sonhar, do modo com que se vive. O vicioso sonha como vicioso, o santo como santo. Bem seguro vae logo o nosso discurso sobre o Evangelho, e as vigias que elle pede sobre os sonhos de Xavier; pois veremos que, *Tam felicia erant somnia dormientis, quàm vita vigilantis.*

A razão desta philosophia é, porque os sonhos são filhos dos cuidados, como muitos cuidados filhos dos sonhos: *De his enim* (conclue o Stagirita) *maximè cogitationes, imaginationesque obveniunt. Et qui instructi virtutibus sunt, meliora somnia vident, quod etiam vigilantes meliora animadvertunt.* Quando Nabucodonosor sonhou toda a historia famosa e successos daquella prodigiosa estatua, antes de Daniel declarar o mysterio, começou a contar o sonho desta maneira: *Tu, rex,*

cogitare cœpisti in strato tuo: [1] Vós, rei, começastes a cuidar no vosso leito. Tende mão, Daniel: El-rei não vos pergunta o que fazia, quando estava acordado, pergunta-vos o que sonhou, quando dormia. Assim é, diz Daniel; mas eu quero, e devo contar o caso desde sua primeira origem; e a origem do sonho de Nabuco foram os seus cuidados: *Tu, rex, cogitare cœpisti.* Cuidava no que seria, e por isso sonhou o que havia de ser. Cuidou desperto e sonhou dormindo; e não sonhou outra coisa, senão aquella mesma que tinha cuidado; porque aquillo em que cada um cuida, e lhe dá maior cuidado, quando vigia, isso é o em que sonha, quando dorme. Se Nabuco se lembrára do que cuidava, elle se lembraria tambem do que sonhou; mas o esquecimento que lhe roubou a memoria do cuidado, esse lhe levou tambem a lembrança do sonho, pela grande connexão que teem os sonhos e os cuidados. Em fim, sonhou em reinos e monarchias futuras porque os reinos, as monarchias, e os futuros, era a materia (digna verdadeiramente de um rei) em que elle estava cuidando: *Tu, rex, cogitare cœpisti quid futurum esset post hæc.* [2]

E' verdade que o sonho de Nabuco teve muito de prophecia; mas os cuidados são como as cordas da cithara, que mandou tocar Samuel, quando quiz prophetisar. Ainda para os sonhos divinos são disposição natural os cuidados. Sonhou o rei com os seus cuidados, porque adormeceu ao som de seus pensamentos. Sonho divino foi aquelle em que o Anjo revelou a S. José o segredo da Encarnação do Verbo nas entranhas de sua Esposa. E quando teve esse sonho José? Quando estava cuidando na mesma materia: *Hæc autem eo cogitante, ecce angelus Domini apparuit in somnis ei.* [3] Mas se José estava dormindo, *in somnis*, como estava juntamente cuidando, *hæc autem eo cogitante?* Porque dormia José, mas não dormia o seu cuidado. Entre o cuidado e o sonho de José só havia esta differença: que o cuidado era cuidado de José desperto; o sonho era cuidado de José dormindo. Por isso José e Nabuco sonharam e tiveram a revelação do que lhes

[1] *Dan.*, II, 29.
[2] *Ibid.*
[3] *Math.*, I, 20.

dava cuidado: não antes, nem depois, senão quando cuidavam: *Tu, rex, cogitare cœpisti: hæc autem eo cogitante.*

Taes foram os sonhos de Xavier: sonhos divinos, sonhos e revelações juntamente. E não é pouco que me atreva a discorrer em tres dias o que Xavier sonhou em tres noites; nem é empreza menos grande, e menos digna de tamanha solemnidade, antes mais propria e mais natural deste triduo; porque aquelles tres sonhos de Xavier, convertendo as noites em dias, fizeram tres dias de festa a Deus. Não sou eu o que o digo: *Cogitatio hominis confitebitur tibi: et reliquiæ cogitationis diem festum agent tibi:* [1] os cuidados do homem, diz David, louvam a Deus, e as reliquias dos cuidados fazem-lhe dias de festa. Este é um logar dos mais difficultosos, que se leem nos Psalmos. Que os cuidados e os pensamentos dos homens louvem a Deus, é coisa bem clara; porque Deus satisfaz-se muito dos nossos cuidados, e todos os quer para si. Nas obras e nas palavras tem parte o corpo: nos cuidados e nos pensamentos tudo é alma. São os cuidados os espiritos do espirito: que muito é logo que louvem a Deus os cuidados dos homens, e que estes louvores sejam a Deus muito agradaveis? O difficultoso de entender é, quaes sejam as reliquias dos cuidados: *Et reliquiæ cogitationis diem festum agent tibi.* As exposições que dão os Interpretes, são muitas e diversas, e isso mesmo é signal que ainda se não tem achado a verdadeira. Eu digo que as reliquias dos cuidados são os sonhos. Não tenho menos auctor que o Principe dos philosophos. Aristoteles, explicando como se formam os sonhos, diz assim: *Horum autem unumquodque est reliquia ejus, quod est in actu sensibile.* Os sonhos são reliquias daquelles actos que pelas especies recebidas dos sentidos se formaram na imaginação. Estes actos deixam impressas na imaginação umas reliquias muito subtis, representadoras dos seus objectos; e quando estas reliquias se movem e apparecem, ellas são as que representam, compoem e fabricam os sonhos. De maneira que os sonhos não são outra coisa, senão as reliquias dos cuidados: *Reliquiæ cogitationis:* e estas reliquias dos cuidados diz David que fazem

[1] *Psalm.* LXXV, 11.

dias de festa a Deus; porque assim como os cuidados racionaes e santos louvam e honram a Deus: *Cogitatio hominis confitebitur tibi;* assim as reliquias destes mesmos cuidados o honram e louvam, e lhe fazem de noite dias de festa: *Reliquiæ cogitationis diem festum agent tibi.* E porque fazem mais os dias de festa as reliquias dos cuidados, que os mesmos cuidados? Porque os cuidados são exercicio de homens acordados, os sonhos são attenções de homens dormindo: os cuidados são os disvelos da attenção; os sonhos são as desattenções do descuido. E quando um homem dormindo está como fóra e apartado de si mesmo, que esteja tão em si, e tão unido a Deus, que assim dormindo o ame, assim dormindo o sirva, não ha duvida que é uma representação tão nobre e tão gloriosa, que merece ser festejada no céu; e que ou a côrte do céu desça de noite á terra a logral-a, ou que ella seja levada ao céu, para lá fazer a Deus um dia de festa: *Diem festum aget tibi.* Estas serão as festas destes tres dias, tomando cada sonho de Xavier por sua conta o seu dia, para o festejar. Em todos veneraremos e collocaremos sobre aquelle altar outra nova e melhor imagem, e outras novas e maiores reliquias de S. Francisco Xavier. As que alli vemos, são a imagem do seu corpo, e as reliquias dos seus ossos: as que eu vos hei de mostrar, são a imagem da sua vida, e as reliquias dos seus cuidados: *Reliquiæ cogitationis diem festum agent tibi.*

SONHO PRIMEIRO

Si venerit in secunda vigilia. [1]

I

O mesmo Evangelho, que tão encontradas nos mostrou as suas vigilancias com os sonhos de S. Francisco Xavier, agora que entramos nelles nos descobre, que dentro em si continha distinctamente o numero dos sonhos, a ordem dos sonhos e o auctor, ou auctores dos sonhos. O numero: *Si venerit in secunda vigilia*, um: *si in tertia vigilia venerit*, dois: *qua hora fur venerit*, tres. A ordem: *Si venerit in secunda vigilia*, o primeiro: *si in tertia vigilia venerit*, o segundo: *qua hora fur veniret*, tres. O auctor, ou auctores: porque no primeiro e no segundo, o auctor foi o Senhor: *expectantibus dominum suum;* e no terceiro foi o auctor o ladrão: *qua hora fur veniret*. No primeiro, e no segundo o Senhor, o qual duas vezes fallou em sonhos a Xavier, revelando-lhe no primeiro a lucta, e no segundo os trabalhos. No terceiro o ladrão, que é o demonio, o qual tambem o tentou em sonhos, presumindo de o achar descuidado, ou menos vigilante.

Começando, como pede a mesma ordem, pelo primeiro: grandes eram os cuidados de Xavier, e grandes e vastissimos os seus pensamentos, pois de uma só reliquia delles se levantou aquelle tão avultado e poderoso gigante negro e medonho, de cuja lucta entre

---

[1] *Luc.*, XII.

os braços, e de cujo immenso peso sobre os hombros, foram tão duros os effeitos, que depois sentia acordado, quanto tinham sido fortes os combates que experimentara dormindo. Discretamente disse Seneca, que tambem em Roma havia antipodas. Chamava assim aos que dormiam de dia, porque tinham vigiado em seus passatempos a noite: *Qualis illorum conditio dicitur, quos natura sedibus nostris subditos è contrario posuit; talis horum contraria omnibus non regio, sed vita est: sunt quidem in eadem urbe antipodes.* Era Xavier um novo sol, que no mesmo tempo e logar tinha dois hemispherios, e quando acordado, e de dia, allumiava os de cima; de noite, e dormindo, vigiava e rondava os antipodas, ensaiando, a furto dos olhos e dos outros sentidos, as luctas e as batalhas que havia de ter com elles. Estes antipodas eram todos aquelles que unidos em um só corpo, por isso agigantado, tão fortemente o apertavam luctando.

Mas antes que vejamos a lucta, em que veremos o que não viu Roma, nem Grecia, nos seus mais celebrados athletas, será bem que descubramos o campo, e tomemos as medidas ao theatro. Como Deus escolheu a Xavier para apostolo do oriente, tudo o que comprehende o mesmo oriente de mar e de terra, foi a praça, ou terreiro immenso desta sonhada lucta. Quando á India chegaram os nossos primeiros argonautas, para que a magestade do rei de Portugal, representada na pessoa do seu capitão, em nenhuma coisa cedesse á dos naturaes da terra, fabricava-se um theatro em tal forma, que parte delle ficasse na terra, e parte no mar, onde assentados ambos de egual a egual, um ouvisse, outro dissesse as causas de sua vinda. Tal era (se as coisas pequenas se podem comparar com as grandes) o theatro da lucta de Xavier, fundado nos dois elementos do mar e da terra. A balisa de uma parte era o mar Eritreu, onde acaba a terra da Africa: a balisa, ou termo da opposta, era o mar Eôo, além do qual ainda se não conhece terra; e dentro deste meio circulo do mundo, se comprehende aquella grande parte delle, que foi a campanha, depois vista, desta agora sonhada batalha.

Em summa, que o theatro do primeiro sonho de Xavier, em uma palavra, foi toda a Asia. Mas quem poderá descrever a grandeza e grandezas, que o Auctor da Natureza e da graça, encerrou desde seu principio

no que a nossa cosmographia significa com tão pequeno nome? Asia, diz Plinio, é aquella região composta de muitas, da qual nunca sahiram seus habitadores, nem deram entrada a outros, porque para a vida e para o regalo, têm dentro em si tudo o que póde desejar, sem o receber de fóra (excepta porém a fé do verdadeiro Deus, que é a que pelas suas portas tão cerradas lhe havia de introduzir Xavier). Asia é aquella primeira fonte, ou mãe de todas as sciencias, onde não só as professaram e ensinaram os Chaldeus, mas contra as injurias de ambos os diluvios, que conheceram, as deixaram escriptas e immortaes em duas columnas, uma invencivel á agua, outra ao fogo. Asia são aquelles vastissimos e poderosissimos imperios, onde reinaram os Ninos, as Semiramis, os Xerxes, os Senaccheribs, os Arfaxades, os Assueros, os Darios, os Balthasares, os Nabucodonosores, e os mais altos e ricos membros da sua famosa estatua. Asia são aquellas terras populosissimas, nas quaes com fabricas monstruosas e inimitaveis se edificaram as Ninives e Babylonias, e depois dellas as Suza, e as Echbatanes, que se na grandeza as não egualaram, na riqueza, na opulencia, e na architectura as venceram com excesso ostentoso quasi incrivel. Asia é a patria que o foi, do primeiro pae do genero humano, onde o mesmo Auctor do universo foi o agricultor que plantou o Paraiso, de que são testemunhas maiores que toda a excepção os dois rios Tigre e Euphrates, que da mesma fonte nasceram, que longamente cortam e regam seus campos, e que aos seus, e não a outros mares, vão pagar o tributo. E para que á vista da grandeza, que agora direi, sejam pequenas todas as outras, Asia é aquella terra, que para nascer, viver e morrer, escolheu o Filho de Deus feito homem, com ordem e preceito de seu Pae, que só a ella santificasse com seus passos, e não puzesse os pés em outra. Finalmente, é a mesma Asia, como bem notou e ponderou Ortelio, o mappa particular e commum, dentro do qual se contem quanto nas Sagradas Escripturas lemos, assim no Velho, como no Novo Testamento: *Omnem ferè utriusque Testamenti historiam in ea scriptam, et completam legimus.* De sorte que de tudo o que Deus obrou no passado e prometteu para o futuro, não partiu o mesmo Deus com Xavier o theatro, que tomou para si, mas deu-lh'o todo inteiro.

II

Uma das coisas mais notaveis, que os Japões arguiram e perguntaram a S. Francisco Xavier, foi: se o Deus que elle prégava, era tão bom como dizia, porque não lhes mandou a noticia de si muitos annos e seculos antes, senão naquelle tempo? A resposta que o Santo deu aos Japões direi logo; a que eu lhes dou a elles, e a todos é, porque tinha Deus reservado toda a Asia, até o ultimo fim della, que é o Japão, para o apostolado de Xavier, e para theatro de suas maravilhas. A primeira prova desta verdade temos nas nossas mesmas historias, se bem as considerarmos. Todos os historiadores, nossos e estranhos, notam que nasceu S. Francisco Xavier em Navarra no mesmo anno em que Vasco da Gama partiu de Lisboa ao descobrimento da India. Mas debaixo desta observação geral está ainda em silencio, e não observada uma circumstancia digna de todo o reparo. E qual é? Que o portentoso Cabo da Boa Esperança, que era o terror daquella navegação, e o nó gordiano daquelle descobrimento, havia já onze annos, que estava reconhecido e descoberto. Porque esperou logo a Providencia Divina pelo nascimento de Xavier, para o descobrimento da Asia? Sem duvida, porque a tinha guardado para elle. Naquelle descobrimento tinha Deus determinado duas conquistas, ou duas missões, ambas por seu modo apostolicas: a primeira das almas, e a segunda das armas: a das almas, como fim, e a das armas, como meio que lhe abrisse o caminho. E como á primeira havia de servir a segunda, por isso os passos, ou compassos, da Providencia Divina, pararam e dilataram onze annos a viagem do conquistador das armas, para que estivesse já nascido o que havia de conquistar as almas. Este foi o horoscopo do seu nascimento, ou do seu oriente debaixo dos aspectos de todas as estrellas que allumiam o do mundo.

Vamos agora á Escriptura Sagrada, e acharemos a conformação desta providencia, com a propriedade não só de missão a missão, senão de Asia a Asia. Andando S. Paulo, como proprio Apostolo da gentilidade, allumiando com a luz do Evangelho outras partes

da Europa, determinou com seu companheiro, o Apostolo S. Barnabé, ir prégar á Asia menor. Mas diz o Evangelista S. Lucas, que o Espirito Santo lhe prohibiu esta missão, mandando-lhe que não fossem: *Vitati sunt à Spiritu Sancto loqui verbum Dei in Asia.* E qual seria a razão divina desta prohibição tão notavel? Quer o Apostolo das Gentes ir prégar áquellas gentes, e Deus não quer? Sim, e diz S. Gregorio Papa; porque os Asianos naquelle tempo, não tinham as disposições necessarias para receber a fé; e se o Apostolo lh'a prégasse, e elles a não recebessem, seria para sua maior condemnação: *Ne gravius de contempta prædicatione mali auditores judicari mererentur.* Em conclusão, que não querer Deus que S. Pedro prégasse então na Asia, não foi desattenção de sua providencia, senão mercê, indulgencia, e misericordia de sua bondade. E isto mesmo é o que respondeu Xavier aos Japões. Arguis ao Deus, que eu vos prégo, de que sendo tão bom, vos não désse em tantos annos o conhecimento de si mesmo, que agora vos dá? Antes havieis de arguir o contrario: e que então, e mais agora se mostrou comvosco duas vezes bom. Bom, quando vos não deu o conhecimento de si, no tempo em que não estaveis dispostos para o receber, porque seria para maior condemnação vossa: e bom, agora que estaes dispostos, porque é para vossa salvação.

Mas esta razão, que no caso dos Japões foi tão cabal e adequada, no caso dos Asianos, diz S. João Chrysostomo, que não tem logar, e se prova claramente; porque no mesmo tempo foi outro Apostolo prégar á Asia menor: logo dispostos estavam os Asianos para receber a fé, como a receberam. Qual foi pois o motivo da diversão, ou motivo, porque negou Deus a S. Paulo a missão da Asia? O mesmo S. João Chrysostomo o diz: *Quia Asia servabatur Joanni:* Porque a Asia a tinha Deus reservado para S. João. Assim o mostrou o effeito; porque S. João foi o que nella prégou, e a converteu. E isto é o que eu digo de Xavier no Japão. Elle foi o seu proprio Apostolo, e o primeiro que lá prégou a fé; e sendo o mesmo Japão de mar a mar o ultimo termo de toda a Asia maior, toda a mesma Asia maior foi a campanha do seu sonho, e o theatro do seu apostolado, bem assim como a Asia menor o de S. João, o Discipulo amado de Christo.

III

E' quasi tremenda a consequencia, que d'aqui se tira, mas tal, que se não deve callar. De maneira que nega Deus a S. Paulo a missão da Asia menor, porque a tem reservado para S. João: e quando reservou a Asia menor para S. João, reserva a Asia maior para Xavier. Que comparação tem a Asia menor com a maior? A menor é uma pequena parte da Europa, e a maior é maior que toda a Europa e toda a Africa. Apertemos agora a consequencia. E' regra certa no amôr de Deus, medir-se o que ama pelo que dá. Elle mesmo o disse: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum Unigenitum daret.* [1] Logo se o amôr de Christo se houver de medir em João e em Xavier pelo que deu a um e outro; bem póde pôr demanda Xavier a S. João sobre o titulo de Amado. Deus me ajude neste caso, e nesta consequencia, que por isso lhe chamei tremenda. A demanda, ou a causa não póde ser mais grave nem mais bem fundada. Mais grave não, porque abaixo de Deus a maior coisa é ser mais amado delle: mais bem fundada não; porque o direito de uma, e outra parte se funda em Texto expresso, e auctoridade divina. Onde iremos logo buscar o juiz e a decisão? Sigamos o que dispõem em similhante duvida as nossas leis; e vamos ao reino mais visinho.

O reino mais visinho a uma e outra Asia, é o Egypto: e o oraculo do Egypto, José. Estando, pois, José á meza com seus irmãos no Egypto, diz a Historia Sagrada que elle por sua propria pessoa lhe fazia e repartia os pratos; mas com tanta differença, que sendo as porções de todos os outros irmãos eguaes, a de Benjamin era avantajada, e maior não menos que em cinco partes: *Et mirabantur nimis, sumptis partibus, quas ab eo acceperant: maiorque pars venit Benjamin, ita ut quinque partibus excederet.* [2] Muito é que os irmãos de José se admirassem desta differença, a qual é mais admiravel para o nosso caso, que para o seu.

---

[1] *Joan.*, III, 16.
[2] *Genes.*, XLIII, 33 e 34.

Elles muito bem sabiam que José amava mais a Benjamin que aos outros irmãos: e tambem sabiam que a causa deste maior amôr era serem José e Benjamim irmãos de pae e de mãe. O mesmo Texto o nota alli: *Vidit Benjamin fratrem suum uterinum.* [1] Todos eram irmãos por parte do pae, porque todos eram filhos de Jacob; mas só José e Benjamim eram irmãos de pae e de mãe; porque só José e Benjamim eram filhos de Jacob e de Rachel: e como o maior amôr, fundado no maior parentesco, era o que trinchava e fazia os pratos, que muito é que a porção de Benjamim fosse maior que a dos outros? E que essa mesma porção maior fosse a prova de ser elle o amado?

Uma coisa é ser amado, outra ser o amado. Para os outros irmãos conhecerem que eram amados de José, bastava que, depois de tão offendido, os puzesse á sua meza; mas para prova de Benjamim ser o amado, foi necessario que a sua porção fosse maior: *Maior pars venit Benjamim;* e com tal vantagem maior, que excedesse ás outras em tantas partes: *Ita ut quinque partibus excederet.* Daqui se segue a decisão do nosso pleito, e que a sentença de José está por parte de Xavier. Porque? Porque se para Benjamim ser o amado sem contradição, bastou por prova que a porção do seu prato excedesse ás outras em cinco partes: *Quinque partibus excederet:* quanto mais a de Xavier, que não só excedia á de S. João em cinco partes, senão em mais de cincoenta? A porção de Xavier era uma Asia, e a de S. João outra Asia, e ambas por seu proprio nome confessam e provam esta maioria: a de João com o nome de menor, e a de Xavier com o de maior: *Maior pars venit Benjamim.*

Comtudo, porque S. João póde ter embargos a esta sentença, ou ao entendimento della; oiçamol-o de sua justiça, para que demos a cada um o seu. Dissemos que a causa do amôr de José a Benjamim era por ser elle seu irmão de pae e de mãe: *Fratrem suum uterinum:* e esta prerogativa, ou excepção para o titulo de amado pertence a S. João, e de nenhum modo a Xavier. Nem é necessario appellar para outra meza, senão para a do mesmo José. A meza de José com os doze irmãos representava a de Christo com os doze

[1] *Genes.*, XLIII, 29.

Apostolos; e entre os doze Apostolos só S. João era o irmão de Christo de pae e de mãe. Todos eram irmãos de Christo, como o mesmo Senhor lhes chamou dizendo-lhes: *Ite, nuntiate fratribus meis*, [1] e só João era irmão de pae e mãe; porque só a João disse: *Ecce Mater tua.* [2] Logo a João, e não a outrem pertence o titulo de amado. Distingo: em comparação dos Apostolos de Christo, concedo: em comparação do Apostolo do Oriente, nego. S. João foi o Apostolo a quem Christo amava: *Quem diligebat:* [3] Xavier foi o que o mesmo Christo havia de amar. E o amôr que era, pelo que era, não se podia comparar, nem preferir ao que havia de ser, porque não constava qual fosse, ou qual seria. Em Benjamim concorreram juntas duas prerogativas, as quaes se repartiram entre os dois Apostolos: a da maioria do parentesco pertencia a João, e a da maioria do prato havia de pertencer a Xavier: na primeira se continha a causa de amar, na segunda a prova do amôr: e esta é a que deve preferir sem controversia.

Quanto á causa de amar, já S. Bernardo definiu que o amôr se não governa por ella: *Amor non quærit causam.* Isaac amava a Esaü com causa, porque comia do que elle caçava: *Isaac amabat Esau, eo quòd de venationibus illius vesceretur;* [4] Rebecca, que era a mãe, amava a Jacob sem causa: *Rebecca diligebat Jacob;* [5] e o amôr sem causa foi o que prevaleceu, porque a benção não a alcançou Esaü, senão Jacob. Que importa que Esaü tivesse por si a causa, se Jacob teve o effeito, que é a prova do amôr? Os mesmos irmãos de Benjamim o entenderam tanto assim, que de nenhum outro favor dos muitos, em que José lhes mostrou o seu particular amôr, se admiraram, ou fizeram reparo, senão da vantagem, e excesso do seu prato em tantas partes: *Et mirabantur nimis sumptis partibus.* E sendo o prato de Xavier, isto é, a sua Asia, com tão excessivas vantagens maior que a de S. João, bem provado parece que fica, ou quando menos bem provavel, estar por parte de Xavier a decisão da meza de

[1] *Math.*, XXVIII, 10.
[2] *Joan.*, XIX, 27.
[3] *Joan.*, XIII, 23.
[4] *Genes*, XXV, 28.
[5] *Ibid.*

José, a qual não só era a meza do paço do Egypto, senão tambem a da consciencia.

IV

Só resta satisfazer ao escrupulo de algum juizo ou gosto critico, o qual póde ser que não achasse sabor no prato de Benjamim para o nosso caso. A grande região da Asia foi o campo, que Deus repartiu a Xavier, para a cultura, e lavoura do seu apostolado. O officio, a obrigação, e o fim do mesmo apostolado, era semear o Evangelho, prégar a fé e converter as gentilidades daquellas nações. Que similhança tem logo a seara com a meza, o campo com o prato, o converter gentios com o comer? Agora se verá se é propria. O primeiro gentio que se fez christão neste mundo, foi Cornelio Romano, capitão da infanteria do terço, ou cohorte italica, o qual estando em Cesarea mandou pedir a S. Pedro, que estava em Joppe, o quizesse instruir na fé de Christo. Não tinha o Santo noticia desta embaixada, subiu ao mais alto da casa, onde vivia, para orar mais livremente, e no meio da oração lhe sobreveiu tal fome, que pediu de comer: *Cum esuriret, voluit gustare.* [1] Mas em quanto se lhe punha a meza: *Parantibus autem illis,* [2] adiantou-se o céu com a toalha e o prato: *Et vidit cœlum apertum, et descendens vas quoddam, velut linteum magnum.* [3] Em logar de, *vas quoddam*, lê Santo Agostinho e outros Interpretes, *discum.* De maneira que *vas quoddam*, era o prato; e *linteum magnum*, a toalha: e qual seria a iguaria, sendo o prato um só, e descido do céu?

Primeiramente era composta a iguaria de todo o genero de animaes, feras, aves, serpentes: *In quo erant omnia quadrupedia, et serpentia terra, et volucres cœli;* [4] e estes animaes não mortos, senão vivos, porque S. Pedro os havia de matar e comer. Assim lh'o mandou logo a voz do céu: *Et jacta est voz ad eum: Surge Petre, occide, et manduca:* Ela Pedro,

---

[1] *Act.*, x, 10.
[2] *Ibid.*, 12.
[3] *Ibid.*, 12.
[4] *Ibid.*, 13.

matae e comei. Admirado o Apostolo do que via e ouvia, e muito mais de que Deus lhe mandasse comer os animaes prohibidos na Lei, e que se chamavam immundos, não acabava de entender o mysterio da visão, senão quando lhe batem á porta os enviados, que eram tres, com a petição de Cornelio e então conheceu que a vontade de Deus era que admittisse ao gremio da Igreja todo o genero de gentios, e tratasse da sua conversão. Os animaes terrestres significavam os gentios mais barbaros, as aves os mais entendidos, as serpentes os mais inimigos. Mas porque lh'os põe Deus na meza e o convida com elles em um prato e lhe manda que os coma, quando quer que os converta? Por isso mesmo; e agora se verá a sabedoria do sabor, e a propriedade da similhança. Pergunto: como póde um animal naturalmente converter-se em homem? Não ha duvida, que comendo-o o mesmo homem. E porque? Porque sendo comido do homem, a substancia do animal, por bruta e feia que seja, se converte na substancia humana, e em tal substancia humana, qual fôr o homem que o comer. Por isso a voz do céu disse a S. Pedro, não só que comesse aquelles animaes, senão que os matasse primeiro: *Occide, et manduca:* porque mortos perdiam uma vida, e comidos adquiriam outra: mortos deixavam de ser o que eram, e comidos começavam a ser o que não eram; mortos acabavam de ser o que tinham sido em si, isto é gentios; e comidos, e encorporados em Pedro, começavam a ser o que era Pedro, isto é, christãos. Admiravelmente S. Gregorio Papa: *Macta et manduca: quod mactatur quippe á vita occiditur; id vero, quod comeditur, in comedentis corpore commutatur. Macta ergo, et manduca dicitur, id est, à peccato eos, in quo vivunt, interfice, et à se ipsis illos in tua membra converte.*

Nem é necessario buscar outros exemplos deste modo de converter e comer, pois no mesmo Christo o temos. Assentado o Senhor sobre a fonte de Sicar, cançado do caminho, porque era a hora do meio dia, mandou aos Discipulos que fossem á cidade buscar de comer. Tornaram, e pedindo-lhe que comesse, não o acceitou o Divino Mestre, antes lhes deu a entender que tinha comido, e de outros manjares que elles não conheciam: *Ego habeo cibum manducare, quem vos nes-*

citis. [1] Ouvida com admiração a resposta, começaram os Discipulos a duvidar entre si: *Numquid aliquis attulit ei manducare?* [2] Porventura, em quanto nós estivemos ausentes, viria alguem que trouxesse de comer a nosso Mestre? Elles o duvidavam, e verdadeiramente assim era; porque no mesmo tempo veiu a Samaritana, a quem o Senhor tinha convertido, e encorporado em si, fazendo-a de gentia christã, e aquella grande alma naquella hora propria de comer, era a que tinha comido. Logo chamados por ella vieram muitos da cidade, os quaes bebendo da fonte que tira a sêde para sempre, se converteram tambem; e todos naquelle dia fizeram ao Senhor um esplendidissimo banquete.

O que agora se segue no Texto é uma clausula não menos que milagrosa de todo este discurso. Por occasião de ter dito o Divino Mestre que o seu comer era de outro genero, que elles não sabiam, continuou assim: *Ecce dico vobis: levate oculos vestros, et videte regiones, quia albæ sunt jam ad messem.* [3] O que vos digo agora, Discipulos meus, é que levanteis os olhos, e os estendaes por estas regiões do mundo, cujas searas estão já maduras esperando por vós, para que as recolhaes. De maneira que até agora era meza, prato, e comer, agora são regiões, searas, e colheita; porque uma metaphora é declaração da outra, e ambas significam a conversão dos gentios. A região de Xavier não a podiam vèr os Discipulos, porque estava muito longe, e ainda não descoberta. Mas o que elle havia de comer era conforme á grandeza do prato, tamanho como toda a Asia. Os Discipulos comeram o que trouxeram da cidade, o Mestre comeu toda a cidade, porque converteu todos os que vieram della: aqui se descobriu então o grande mysterio do prato de Benjamim. Se a sua porção excedia em tantas partes ás outras, como era possivel que elle a comesse? E se a não havia de comer, porque lhe coube na repartição? Porque representava, como já dissemos, ao segundo Benjamim de Christo, S. Francisco Xavier; o qual era tão faminto, tão insaciavel e tão grande comedor de

---

[1] *Joan.*, IV, 32.
[2] *Ibid.*, 33.
[3] *Ibid.*, 35.

almas, como se viu depois que Deus o pôz á meza. Em dez annos que Xavier cultivou a Asia, converteu um milhão, e duzentas mil almas. Reparti esta somma pelos annos e pelos dias: pelos annos são cento e vinte mil almas cada anno; e pelos dias, são tresentas e vinte e nove almas cada dia. Já me não espanto que Xavier passasse tantos dias sem outro mantimento, pois o seu pão de cada dia era tanto e tão substancial, como são as almas. Isto foi o que achou, e o aguardava na sua immensa região da Asia, tão abundante prato para a mesa, como vasta no campo para a lucta.

V

Até agora não fizemos mais que medir a grandeza da campanha, em cuja medição nos detiveram os embargos do Discipulo amado com forçado, mas não ocioso encontro, pela comparação e excesso de uma e outra Asia. Entrando pois Xavier na sua, o recebeu todo o Oriente entre os braços, mas não com a benevolencia de hospede, senão com o aperto que vimos, e violencia de inimigo. Era sonhando, e a mesma representação, posto que sonhada, segundo o que Deus costuma, parece que não devia ser bellicosa, senão pacifica, antes muito comedida e cortez, e de nenhum modo violenta. Quiz Deus que fosse S. Paulo prégar á Macedonia, e appareceu-lhe em sonhos um varão auctorisado, que no trajo e linguagem mostrava ser macedonico. E diz o Texto sagrado que com muito comedimento rogava ao Apostolo quizesse tomar o trabalho de passar á sua patria, para promover e ajudar sua conversão: *Et visio per noctem Paulo ostensa est: vir Macedo quidam erat stans, et deprecans eum, et dicens: transiens in Macedoniam adjuva nos.* [1] Ao mesmo modo se pudéra representar a Xavier naquelle sonho a Asia, e sem perder nada de sua magestade e grandeza, assim no trajo como no requerimento. Appareça-lhe assentada sobre um elephante real de Ceylão ricamente acobertado. Appareça-lhe vestida de uma cabaya ligeira, faxada de prata sobre verde: o ver-

[1] *Act.*, XVI, 9.

de pelo fertil da terra, e a prata pelos rios que a cortam e regam. Appareça-lhe com o peito descoberto ao uso oriental, mas cruzado de colares de diamantes: e os braços apertados a espaços com manilhas de rubis. Appareça com a garganta não afogada, como cá se diz, mas torneada com um grosso fio de perolas, na grandeza e egualdade escolhidas entre milhares; e de uma e outra orelha pendentes sómente duas maiores, e de maior preço que as de Cleopatra. Appareça, finalmente, com furbante entretecido de branco, encarnado e oiro, que são as côres de que se arrea a Aurora; e por remate entre garçotas de aljofar, corôa imperial de safiras. Representada ou sonhada assim a Asia, que então se ajoelhasse o elephante, para que ella se podesse apear; e chegando-se mais de perto á presença de Xavier, em signal de já vir disposta a receber a fé e culto do Deus verdadeiro: que depois de lhe fazer a zumbaia, ou profunda reverencia, com as mãos cruzadas sobre a terra, como a prégador e sacerdote do mesmo Deus, lhe offerecesse dos seus aromas, não ambar, nem almiscar ou bejoim de boninas, mas em uma naveta de oiro o incenso da Arabia tambem sua.

Nem deve parecer demasiada a alguem a fabrica deste sonho, porque todo elle não é mais que a metade do que viu Nabucodonosor no da sua estatua, em que o oiro da cabeça e a prata do peito e dos braços não significava outra coisa, senão a mesma Asia nos seus dois maiores e mais antigos imperios, o Assyrio, ou Chaldeu e o Persico. Mas quando a Asia no nosso caso se não houvesse de offerecer por si mesma ao seu Apostolo, senão por meio de um embaixador, como a Macedonia a S. Paulo; esse embaixador, porque não seria um indio pacifico, benevolo, comedido, e cortez, senão aquelle monstro medonho e fero, tão agigantado nas forças, como na estatura, e tão impaciente, arrebatado e furioso, que de subito se achou Xavier luctando com elle, e primeiro apertado de seus braços, que accommettido? Não sonhou assim Jacob em Bethel; não sonhou assim José em Canaam; não sonhou assim Mardocheu em Suza, logares todos dentro da mesma Asia. E se Deus foi o auctor de uns e outros sonhos, porque trata a Xavier tão diversa e tão violentamente, e com tão descobertas hostilidades? A resposta deste grande reparo pertence ao segundo sonho, que foi declaração do primeiro. E porque é ma-

teria, que ámanhã havemos de ouvir com assombro, agora só devemos examinar, porque havendo de ser o sonho guerreiro e bellicoso, não foi o mesmo Xavier o aggressor, senão o acommettido? Nem elle o que rompeu a guerra, e deu a batalha ao Oriente, senão o Oriente a elle, com todo o poder, e forças de ambos os braços?

Os dois braços mais poderosos do Oriente são os dois imperios do Mogor e China, e tão presumidos ambos de suas forças, que teem por desprezo e affronta fazer guerra, ou admittir a batalha qualquer outra potencia, posto que grande. Rebellando-se contra o Mogor um rei visinho com condições de sugeito, mas com cem mil cavallos em campo: posto em conselho o modo com que se devia proceder no tal caso: a primeira resolução foi, que era contra a auctoridade e credito do imperio fazer-lhe guerra: a segunda, que fosse o imperador á caça, e com parte dos seus monteiros e caçadores mandasse castigar aquelle rebelde. Assim se fez: e para que o effeito não pareça admiravel, conta o auctor fidedigno, como testemunha de vista, que só dos vivandeiros, que seguiam o trem do imperador para provimento dos que o serviam na caça, foram quinhentos mil carros. Tanto é o poder do braço esquerdo do Oriente. O do direito, que é a China, sendo muito mais numeroso na multidão da gente, é tão egual na presumpção e soberba (pois não póde ser maior), que havendo de tomar satisfação de certo menos respeito com que os Japões o tinham desgostado; o que se resolveu tambem em conselho, foi, que sendo sessenta e seis os reinos do Japão, não era competente inimigo para se lhe fazer guerra pelo modo ordinario mandando lá armadas: mas que se tomasse outro novo genero de os dominar, em que aquelle imperio lhes mostrasse a elles, e ao mundo a superioridade sem egual da sua potencia. Assentaram pois os engenheiros o novo modo, com pensamento maior que toda a imaginação, e era, que sobre as trinta leguas de mar (que é o menos que dista o Japão da China) se lançasse uma ponte, por onde marchassem a pé, e como por terra continente, os que fossem vingar aquelle aggravo. Havia-se de fundar a ponte sobre navios unidos de costado a costado com grossas cadêas de ferro, e outros instrumentos de bronze, e diz o mesmo Auctor, que por causa da furia dos tufões, que não admitte

resistencia humana, se deixou de effectuar a obra, e não pelo numero dos navios; porque, sem se fabricarem outros de novo, havia muitos mais do que eram necessarios para encher unidos aquella distancia. Eu mais me admiro da arrogancia, que da temeridade do pensamento, pois sabemos que em nossos dias um só corsario levantado da mesma China se poz no mar com quatro mil baixeis.

VI

E sendo tal a soberba, arrogancia e potencia do Oriente, que elle não a olhos fechados (porque não era o que sonhava) senão movido por impulsos divinos, fosse o que rompeu a guerra, e sem presentar a batalha acommettesse a Xavier de improviso, e com todo o poder e força de ambos os braços? E' certo que já começa a ser vencido neste mesmo respeito, e Xavier sem batalha vencedor antes da victoria. A soberba não se governa por razão, mas vejamos as muitas que encerra em si o pundonor, e altiveza deste pensamento: e para que seja em dois grandes exemplos tambem gentios, oiçamos o de Alexandre Magno em Macedonia e o de Ajax Telamonio em Troya. Demandando Ajax, por morte de Achilles, ser elle o herdeiro de suas armas, oppoz-se-lhe Ulysses, em quem era maior a força da lingua que a facundia das mãos. E que diria Ajax? Como soldado bizarro e affrontado de tal competidor, declamou assim:

Præmia magna peti fateor, sed demit honorem
Æmulus Ayaci. Non est tenuisse superbum
(Sit licèt hoc ingens) quidquid speravit Ulysses.
Ipse tulit prætium jam nunc certaminis hujus,
Qui cùm victus erit, mecum certasse feretur. [1]

O premio desta demanda confesso (diz Ajax) que é grande, pois são as armas de Achilles, mas a desegualdade do competidor já antes da sentença me tirou

[1] Ovid. lib. 13. *Met.*

a honra: *Sed demit honorem Æmulus Ayaci.* Quem compete, espera vencer; e posto que eu de tal competidor não possa temer a sua victoria, já me tem affrontado a sua esperança. Que honra póde ser a minha alcançar Ajax o que esperou Ulysses: *Quidquid speravit Ulysses?* Elle nunca póde ser vencedor; mas que maior victoria, e gloria para elle que poder-se dizer no mundo que competiu commigo: *Mecum certasse feretur?* Até aqui Ajax tão forte, como honradamente. Oiçamos agora a Alexandre. Entre as outras habilidades, com que o tinha feito grande a natureza e a fortuna, era singular a velocidade no correr. A mesma reconhecia em si David, e por ella dava graças a Deus, quando dizia: *Qui perfecit pedes meos tamquam cervorum.* [1] Por esta vantagem, sendo Alexandre de doze annos, e já naquella edade com ardentissimos desejos de fama, lhe disseram os palacianos da sua creação, porque não ia aos jogos olympicos, onde sem duvida alcançaria aquella corôa tão estimada e celebrada em todo o mundo. E que diria o grande, que já era maior na generosidade que nos annos? *Libens equidem, inquit, si decertaturos mecum reges sim habiturus:* [2] De mui boa vontade iria correr nos jogos olympicos, se os que houvesse de ter por competidores fossem reis. Vencer é avantajar-se; competir é medir-se; e que gloria será a minha vencer correndo, quando eu me deva correr dos mesmos que venci por competirem commigo. Ainda que seja a victoria dos pés, não devem ser os vencidos por mim outros, senão pés de cabeças coroadas: *Si decertaturos mecum Reges sim habiturus.*

Ah! Xavier sempre e de todos os modos glorioso! Dormi, dormi descançado, que por mais forte e mais gigante que seja o vosso competidor, já tendes a primeira victoria na mesma competencia. Aquella sua soberba e arrogancia que se affronta de competir com tão poderosos contrarios, essa mesma se honra de contender comvosco. E quando a nenhuma outra potencia concede batalha, nem só com o braço direito, nem só com o esquerdo, a vós provoca, desafia e acommette com ambos! Mas diga-nos o mesmo Auctor do vosso sonho quanto vos quiz honrar

---

[1] *Psalm.* XVII, 34.
[2] Quintus Curcius.

com este. Aquelle athleta mais que gigante, que luctou com Jacob, posto que não dormindo toda a noite, pediu-lhe no fim della que o soltasse dos braços, e a razão que deu para isso foi notavel: *Dimitte me, jam enim ascendit Aurora:* [1] Apartemo-nos, e baste que já vem sahindo a Aurora. E que importava que sahisse a Aurora? Muito, diz por parte do Anjo o Doutor Angelico: *Loquitur more alicujus gravis viri, qui erubescit videri ab aliis agere, quæ parum condigna sunt.* O Anjo que luctou com Jacob vinha incognito, e com disfarce de homem: *Ecce vir luctabatur cum eo:* [2] E fallou conforme os brios humanos, envergonhando-se de que visse nelle a luz do dia uma acção menos digna de sua pessoa. Em quanto encobriu a lucta a escuridade da noite, luctou, mas tanto que assomou a aurora, affrontou-se da competencia. E quando um homem que por dentro era Anjo e não tinha nada de soberbo, se affronta de que a aurora o veja luctar com Jacob, a mesma aurora, que é o Oriente, não se affronta, antes se preza e honra de luctar com Xavier.

Mas supposto que o sonho de Xavier chamado para a conversão da Asia, não foi pacifico e benevolo, como o de S. Paulo para a de Macedonia, senão violento e guerreiro, não deve passar sem ponderação e reparo o genero da guerra. Os modos de guerrear são tantos, quantos tem inventado o amôr para a defeza propria, e o odio para a ruina do inimigo. E comtudo Deus, que dispoz o sonho, ou a batalha para este conflicto de Xavier, entre todos os modos de pelejar escolheu a lucta. E porque? Não póde ser sem mysterio, sendo disposição divina. E foi sem duvida para que melhor conhecessemos o valor do capitão, que desarmado, sem guardas nem sentinella, dormia. A lucta é o mais forte meio de pelejar e o mais glorioso de vencer. Nos outros generos de guerra ou peleja o soldado de longe, ou de perto, ou a pé, ou a cavallo, ou com a lança, ou com a espada. Se de longe, parte da victoria pertence á balla, ou á setta; se de perto, parte á espada, ou á lança; se a cavallo, parte ao cavallo, e talvez maior que ao cavalleiro; porém na lucta, que é combate sem armas, e de corpo a corpo, toda

[1] *Genes.*, XXXII, 26.
[2] *Ibid.*, 24.

a victoria inteiramente é do homem, porque peleja com os braços, peleja com as mãos, peleja com os pés, e quando derruba e mette debaixo delles o inimigo, então acaba de vencer. Assim nem mais nem menos descreveu a lucta David. Os braços: *Posuisti arcum æreum brachia mea:* [1] as mãos: *Qui docet manus meas ad prælium:* [2] os pés: *Dilatasti gressus meos subtus me: et non sunt infirmata vestigia mea.* [3] e finalmente o inimigo derrubado a elles: *Et supplantasti insurgentes in me subtus me.* [4] Mas nesta mesma descripção com todas as clausulas della se deve muito notar, que falla David sempre de si: *Brachia mea, manus meas, gressus meos, et subtus me.* Constando pelo contrario da Historia Sagrada que nenhuma das suas victorias alcançou David luctando. Pois se as suas batalhas não foram lucta, porque lhes chama lucta David? Por ventura, porque as quiz escrever mais gloriosamente, do que as venceu? Não: que David era santo, e não queria a gloria para si, senão para Deus, cuja fortaleza pertendia engrandecer e agradecer, como se vê no exordio do mesmo Psalmo: *Diligam te Domine, fortitudo mea;* [5] e porque o mais forte modo de pelejar e o mais glorioso de vencer, é o da lucta, por ser victoria sem armas; por isso ás victorias, que David canta e attribue á fortaleza de Deus, e não á sua, dá o nome de lucta. De lucta outra vez, e não de outro genero de batalha, como louvor e soberania propria da fortaleza divina pelejar e vencer desarmado. Assim concedeu Deus parte desta mesma gloria a Xavier, querendo que luctasse e vencesse dormindo, o que nem por sonhos fez nunca David, ainda quando mais acordado.

A maior e mais celebrada victoria de David foi a do Gigante. Mas como? Por ventura luctou com elle a braço partido? Assaz faria se lhe chegasse aos joelhos. Por ventura atreveu-se a medir o seu cajado com a lança do philisteu? Bem advertiu elle, que não era feito o cajado para lobo de tamanhos dentes. Pois que fez? Poz-se de longe, fez-lhe tiro com a funda, e der-

---

[1] *Psalm.* XVII, 35.
[2] *Ibid.*
[3] *Ibid.*, 37.
[4] *Ibid.*, 40.
[5] *Ibid.*, 1.

rubou-o com a pedra. Grande victoria! Mas que diremos della sem lisonja? E' certo que teve mais de destreza que de valor. De valor digo, e não sem mistura de fraqueza, a qual o mesmo David reconheceu, e não negou. Matar ou vencer de longe não é valentia. E senão pergunto: Quando David dedicou a Deus o tropheu da sua victoria, porque pendurou no Templo a espada e não a funda? Porque com a funda derrubou o Gigante de longe, e com a espada cortou-lhe a cabeça de perto. Mas os pertos da espada (ainda que seja de espada a espada, o que aqui não foi) não são como os da lucta. Nos da espada têm muita parte o ferro e a ventura; nos da lucta toda a victoria inteiramente é da força: *Virtus enim suis lacertis magis, quàm alienis integumentis nititur*, disse judiciosamente Santo Ambrosio.

VII

Reconhecido, pois, e sentenciado á lucta o primeiro e mais glorioso logar entre as batalhas, tempo é já que entremos nos combates. O primeiro combate de Xavier (agora sonhado e depois verdadeiro) foi em Gôa, onde o seu robusto e agigantado antagonista o recebeu com multiplicadas forças de gigante. Se buscarmos a verdadeira e não fabulosa origem dos Gigantes, acharemos que casando os filhos de Deus com as filhas dos homens antes do diluvio, da convenção ou união deste matrimonio nasceram aquelles homens portentosamente maiores que os outros, os quaes pela grandeza da sua estatura, e pela força e violencia com que opprimiam os demais, se chamaram gigantes, que essa é a etymologia do nome: *Gigantes autem erant super terram in diebus illis:* (diz a Escriptura Sagrada) *postquam enim ingressi sunt filii Dei ad filias hominum, illæque genuerunt, isti sunt potentes à sæculo, viri famosi.* [1] Os que aqui se chamam filhos de Deus, eram os descendentes de Seth, bons, virtuosos e varonis, que por isso se significam com o nome masculino. As que se chamam filhas dos homens eram os

[1] *Genes.*, VI, 4.

descendentes de Caïn, máus, viciosos, efeminados, que por isso se significam com o nome feminino. E é coisa muito digna de se notar, que aquelles monstros da natureza nem nasceram dos bons antes de se ajuntarem com os máus, nem os produziram os máus, antes de se ajuntarem com os bons, mas depois que uns e outros casaram e se uniram entre si, então gerou a natureza e sahiram ao mundo tão monstruosos partos.

E porque não antes, senão depois desta união? A razão é: porque assim como do concurso e congresso de duas especies differentes nasce outra terceira especie que segue a peor parte, assim no concurso de diversos costumes dentro na mesma especie (cuja differença é ainda maior) se produzem não os mesmos effeitos, que cada uma destas coisas podera por si só, senão outros sempre peores. A philosophia moral no nosso caso é manifesta: porque aos filhos de Deus, isto é, aos bons, sem a união dos maus, faltavam-lhes os impulsos para a maldade: e aos filhos dos homens, isto é, aos maus, sem a união dos bons, faltava-lhes a auctoridade para o atrevimento. E como os máus se viam auctorisados com a união e exemplos dos bons, e sem a resistencia dos mesmos exemplos, que lhes serviam de freio; chegado o mundo ao estado de corrupção, que declara o Texto: *Quippe omnis caro corruperat viam suam;* [1] do racional corrupto nasceu o brutal monstruoso, e da corrupção dos homens a geração dos gigantes.

Tal era a corrupção de Gôa, e taes os monstros que da mesma corrupção tinham nascido, e com ella crescido enormemente quando lá chegou o novo Hercules, que os havia de domar e vencer. Compunha-se aquelle grande imperio do Oriente, como de quatro humores, de quatro differentes seitas: Judeus, Mouros, Gentios e Christãos. Os Judeus seguiam obstinadamente a lei de Moysés, os Mouros o Alcorão de Mafamede, os Gentios o culto e ritos dos pagodes e Idolos; e posto que os Christãos professavam a fé e verdade do Evangelho, a fé estava nelles tão morta, e a verdade tão casada com o appetite e tão sugeita a elle, que pelo tracto, communicação e costume, o judeu, o mouro

[1] *Genes.*, VI, 12.

o gentio e o christão, tirada a differença dos nomes, nenhuma se lhe via nos costumes. Todos seguiam uma lei, que era a da natureza corrupta; todos adoravam dois idolos, que eram o da cubiça e da torpeza; e todos lhe sacrificavam as miseraveis almas e vidas, ardendo nas abominações e maldades que furiosamente rebentam daquellas mesmas raizes, servindo-lhes de branda materia ao fogo as riquezas e delicias naturaes da terra, tanto mais inimiga do céu, quanto mais deliciosa e rica. Tão forte por todos os quatro lados se apresentou a Xavier em Gôa o seu gigante, não só barbaro, mas impio. Porém elle bem advertido, que todas as forças destes monstros eram partos daquelle matrimonio, em que os filhos de Deus se casaram com as filhas dos homens, o seu primeiro cuidado foi introduzir o divorcio deste casamento, procurando separar os filhos de Deus, que eram os christãos, da communicação e trato das filhas dos homens, que eram as outras tres seitas.

Usou Xavier do meio que Deus tinha ensinado ao propheta Jeremias em similhante difficuldade. Para que te oiçam os que te não quizerem ouvir, e se convertam os que se não querem converter, o que has de fazer, ó Jeremias, primeiro que tudo, diz Deus, é separar o precioso do vil: *Si separaveris pretiosum à vili, quasi os meum eris, ipsi convertentur ad te.* [1] Se separares o precioso do vil, as palavras da tua bocca serão, como se sahissem da minha: *Quasi os meum eris:* e os que podem cuidar que te hão de converter a ti, como têm convertido a outros, os teem feito similhantes a si, tu os converterás a elles: *Ipsi convertentur ad te, et tu non converteris ad eos.* Admiravel e tremendo modo de dizer é o desta ultima clausula, a qual não poucas vezes se tem experimentado na India pelas influencias, e intemperanças do clima e suas delicias. Quantos passaram lá com animo de converter e emendar os abusos da terra; e a terra e os abusos os converteram a elles, ficando em vez de converterem pervertidos? Taes eram geralmente os christãos que lá achou Xavier, sem mais fé que a do nome, e no demais como os outros, com quem estavam misturados e verdadeiramente casados. Os que casou Deus

[1] *Jerem.*, xv, 19.

não os póde separar o homem: *Quod Deus conjunxit, homo non separet;* [1] porém os que casou o demonio bem os póde o homem separar; mas tão ordenadamente, que comece a separação pelo mais precioso: *Si separaveris pretiosum à vili.* O precioso aqui eram os que ao menos tinham fé, posto que a não concordassem com a vida, e o vil eram todos os outros na vida, e na crença, totalmente infieis e por tão differentes erros. Começando, pois, o novo prégador pelos christãos separadamente, exhortava-os a que se lembrassem do que eram e tornassem em si; e que puzessem os olhos no fim, para que de tão longe, e por meio de tantos perigos tinham passado áquellas terras; que não desdissessem da eleição tão particular com que Deus os tinha escolhido entre todas as nações catholicas, para propagadores do seu nome nas estranhas, que reparassem em si e fóra de si; que eram ramos daquelle tronco e parte daquella gente, á qual a mesma voz divina tinha honrado com o nome não só de *fide puram*, senão egualmente de *pietate dilectam*. Em summa, que considerassem o abysmo da sua miseria e cegueira, tão esquecidos da salvação propria os que tinham obrigação de procurar a alheia. Finalmente foram tão poderosas e efficazes as razões, e palavras de Xavier, como se a bocca de que sahiram fôra a bocca do mesmo Deus: *Qausi os meus eris.*

E tanto que as tres seitas vis com os novos exemplos da subita mudança dos christãos se viram desauctorisadas e enfraquecidas, que lhes havia de succeder? O que succede aos brutos que faltando-lhes um dos quatro pés em que se sustentam, com os tres que lhes ficam não podem dar passo e cahem. Cahiu o judeu, cahiu o mouro, cahiu o gentio, e foi tão universal o triumpho da fé naquella pouco antes Babylonia (por lhe não dar outro peor nome) a que os historiadores a comparam, que os que de fóra vinham a Gôa, não a conheciam, nem ella se conhecia a si mesma. E como dizem as fabulas, que na guerra que os Gigantes fizeram ao céu foi sepultado Encelado debaixo da ilha de Sicilia, assim ficou o nosso não fabuloso, posto que sonhado, debaixo da ilha de Gôa neste primeiro conflicto.

---

[1] *Matth.*, XIX, 6.

VIII

O segundo combate (no qual, como no primeiro, posto que em sonhos, porque eram sonhos prophetico, se lhe representava a Xavier tão vivamente o que havia de ser, como se já fôra) foi no Japão, e mui similhante ao do gigante Golias com David. Estavam á vista em dois montes oppostos, o exercito dos Philisteus, e o de Israël; e confiados os Philisteus na grandeza do seu Gigante, com pretexto de evitar sangue no desafio singular de um só combatente, todos commetteram nas forças de Golias as suas e de todo o exercito, e nação Philistea, com condição que se o philisteu vencesse ao israelita, ficariam os Israelitas sugeitos aos Philisteus; e se o israelita vencesse ao philisteu, ficariam sugeitos os Philisteus aos Israelitas. Assim o propoz, e repetiu por espaço de quarenta dias o mesmo Golias, quando no meio de um, e outro exercito, se offereceu ao duello por estas palavras: *Eligite ex vobis virum, et descendat ad singulare certamen; si quiverit pugnare mecum, et percusserit me, erimus vobis servi: si autem ego prævaluero, et percussero eum, vos servi eritis, et servietis nobis.* [1] O mesmo passou no Japão. Affrontados os bonzos, que são os seus Religiosos e Sacerdotes de que um estrangeiro pobre, só, e mal vestido, prégasse no Japão uma nova lei contra as estabelecidas nelle por tantos annos, e uma nova divindade contra as adoradas em tantos reinos e cridas pelos reis seus antepassados; para atalhar a opinião com que era ouvido o prégador, e por silencio á doutrina que ensinava, assim como os Philisteus escolheram um Golias entre os seus soldados, assim elles entre os seus sabios: de todas suas universidades fizeram eleição do letrado mais eminente de todos, o qual em publica disputa defendesse a religião, e leis antigas, e convencesse a falsidade da nova.

Chamava-se este gigante das lettras Fucarandono (nome, que pelo estrondoso, e arrogante em qualquer livro de Cavallarias podéra fazer bem a figura). A dis-

[1] *1.º Livr. dos Reis*, XVII, 8 e 9.

puta havia de ser em presença do rei, no mesmo paço, onde o prégador da fé christã já se achava só, e para onde o grande doutor e defensor da sua caminhava ou marchava, não com menor acompanhamento que de tres mil bonzos. Não consentiu o rei que entrassem mais que quatro para testemunhas do acto; e para maior clareza e segurança do que se propuzesse e respondesse, pediu Xavier que tudo se tomasse por escripto, e se nomeassem tambem juizes, que sobre cada um dos pontos sentenceassem logo por qual das partes prevalecia a razão. Fez-se assim; e como a verdade é muito confiada, não recusou o Padre, antes foi contente, que os juizes, como não fossem bonzos, fossem embora gentios. Sobre estas supposições (que da parte contraria se houve de consentir por força) sahiu ao campo Fucarandono, mais armado e apercebido, que o Gigante de David; porque este coberto todo de ferro, só a testa trazia descoberta e desarmada e por isso sem resistencia foi penetrado da pedra. Mas como o presente conflicto era de entendimento a entendimento, de saber a saber, de razão a razão, e finalmente de testa a testa, elle a trazia fortalecida com uma vizeira forjada na officina de Vulcano, e temperada na lagoa Estygia, composta de todos os erros, que o inferno introduziu na especulação cega e sem fé, de todos os antigos philosophos.

Defendia a eternidade do mundo, a multidão dos deuses, e transmigração das almas. Negava a immortalidade dellas, a liberdade do alvedrio, a salvação dos pobres e das mulheres, e attribuia ao sol e á lua os poderes da primeira causa. Em todos estes erros (excepto o dos pobres e mulheres, invenção particular da cubiça dos bonzos) reconhecia Xavier a Aristoteles, a Platão, a Pithagoras, a Zeno, a Epicuro, e aos outros auctores delles. E posto que para os confundir, e convencer, como tão insigne philosopho e theologo, lhe sobejava o cabedal da propria sciencia, eram taes os raios da luz mais que natural que acompanhavam as palavras que sahiam da sua bocca, que allumiados extraordinariamente o rei, os juizes e todos os circumstantes, não podiam deixar de acclamar a uma voz e em altas vozes a verdade da nova lei, e a victoria do mestre que a ensinava. Este foi o successo daquelle dia e tambem dos cinco seguintes, em que duraram as disputas publicas, no fim das quaes o mesmo rei, to-

mando pela mão ao victorioso capitão da christandade, o levou em pessoa pelas ruas até sua casa (ou até á casa não sua), sendo este acompanhamento real maior pompa por uma só pessoa, que a dos tres mil que acompanhavam o bonzo.

Só faltou neste triumpho o côro das filhas de Jérusalem, que cantaram o de David. Mas nem ellas souberam contar o numero dos vencidos, nem medir a grandeza do vencedor. Não souberam contar o numero dos vencidos, porque disseram que David vencera dez mil: *David autem decem millia;* sendo assim que os vencidos foram mais de cem mil, que de tantos constava o exercito dos philisteus, os quaes vendo a cahir Golias se puzeram todos em vergonhosa fugida. E tambem não souberam medir a grandeza do vencedor, porque não haviam de fazer a comparação entre David e Saül, o qual nenhuma parte teve na victoria, senão a que o mesmo Saül tinha feito entre David e o philisteu, quando a David chamou menino e ao philisteu gigante. E alludindo a esta comparação ou differença, então devia a cantiga trocar os termos, e dizer que o gigante fôra o menino que cahira de uma pedrada, e David o gigante que com a sua propria espada lhe cortou a cabeça.

IX

Mas se o elogio e gloria deste nome faltou a David na sua victoria, não faltou a Xavier nas suas. Navegava Xavier, e tendo restituido vivo a um mouro, com promessa de se fazer christão, um filho, seis dias antes afogado e sepultado no mar, chegou a fama do milagre a terra primeiro que o Santo desembarcasse, vieram sessenta mahometanos ao navio certificar-se do caso. Sobre a evidencia deste motivo o tomou Xavier para lhes mostrar a falsidade de sua lei e a verdade da de Christo, com tal efficacia, que todos a conheceram e não quizeram sahir do navio sem que o Santo os baptisasse. Fel-o assim depois de bem instruidos, e na solemnidade daquelle acto se provou, como eu dizia, que o titulo de gigante, que as filhas de Jérusalem não souberam dar a David na sua victoria, o alcançou Xavier nas suas. Porque a estatura ordina-

ria do Santo se viu no mesmo acto tão crescida, que não só parecia, mas verdadeiramente era de gigante. Assim o viram de longe os que estavam em terra, e tambem de perto os que vieram a bordo, e acharam que se não enganavam os olhos, e era certo o que viam. Agora pergunto: E porque razão, quando Xavier converteu tantos mahometanos e os baptisou, então appareceu com estatura de gigante? Outros darão outra melhor; mas eu digo que a razão foi, porque a sua estatura crescia e se augmentava á medida das suas victorias. Tenho em prova não só a Escriptura, senão o mais proprio commento della; porque este mesmo caso de Xavier a commentou com maior propriedade que nenhum outro Expositor até agora.

Medindo Salomão, ou ensinando a medir a estatura do homem interior que sempre cresce, e buscando-lhe a similhança entre as arvores, não diz que é similhante aos cyprestes do Monte Sion, nem aos cedros do Libano, senão á palmeira: *Statura tua assimilata est Palmæ.* [1] E porque não similhante a alguma das outras arvores grandes e altas, senão á palmeira? Porque só ella cresce á medida das suas palmas: por isso as outras arvores tomam o nome do fructo, e a palmeira não o toma do fructo senão dos ramos. O tronco da palmeira com singularidade unica entre todas vae subindo e crescendo como uma escada de degrau em degrau; e cada degrau destes o vae adquirindo de palma em palma pelo nascimento de cada uma. Vão-lhe nascendo successivamente as palmas e surgindo de dentro pelo cume, primeiro direitas e fechadas, depois abertas, dobradas e estendidas, lhe formam a copa, até que apartando-se do tronco, o deixam tão augmentado de altura, quanto era o espaço de que recebiam o nutrimento. E esta é a razão e propriedade admiravel, pela qual a estatura de Xavier é comparada á palmeira: *Statura tua assimilata est Palmæ.* Crescia Xavier e subia como a palmeira, porque tanto se levantavam os graus ou degraus da sua estatura, quantas eram as suas palmas, isto é, as suas victorias. E como as victorias de Xavier contra Mafamede naquella occasião foram sessenta, por isso subitamente foi visto com estatura de gigante. Donde se infere que se naquelle

[1] *Cant.*, VII, 7.

dia, ou naquella hora cresceu sessenta degraus, qual seria o seu augmento em todos os annos que trabalhou na Asia, em que tantas foram as suas victorias, quanto o numero sem numero das almas adultas e não adultas, que baptisando ou prégando tirou do captiveiro do demonio?

Mas antes que pelas mesmas victorias tomemos a verdadeira medida á sua agigantada estatura, vejamos primeiro qual foi, ou se fingiu neste mundo a do maior gigante. No Capitulo terceiro do Deuteronomio conta Moysés, que na cidade de Rabath, que depois se chamou Philadelphia, se via em seu tempo um leito de ferro, que havia sido do rei Og, o ultimo de todos os gigantes, o qual tinha nove covados de comprido e quatro de largo: *Et monstratur lectus ejus ferreus, qui est in Rabbath filiorum Ammon, novem cubitos habens longitudinis, et quatuor latitudinis.* [1] E accrescenta a tradição dos Hebreus, referida por Lyrano e Abulense, que este leito era do mesmo gigante Og, em quanto creança; porque depois cresceu a tanta grandeza, que tinha uma legua de alto, e os braços de tantas forças que arrancou e levantou nelles um monte de duas leguas, e o poz sobre a cabeça, com intenção de que assentando seus arraiaes os filhos de Israël, que então marchavam para a Terra de Promissão, lançasse sobre elles o monte e os sepultasse de um golpe a todos. Isto diz a tradição; mas assim o Gigante de uma legua, como o monte de duas, são fabulas dos Hebreus. A cuja vista, porém, tomadas as medidas do nosso Gigante da India, lhe podemos bem cantar com o poeta tambem indiatico:

As verdadeiras vossas são tamanhas,
Que excedem as sonhadas fabulosas.

Porque se o Gigante sonhado e fabuloso tinha uma legua de altura, fique á curiosidade dos arithmeticos medir e sommar a do nosso, e acharão que o excede em muitas leguas. A Escriptura Sagrada mediu a altura do gigante de David a covados e palmos: *Sex cubitorum et palmi:* [2] e para tirar á nossa conta toda a

[1] *Deut.*, III, 11.
[2] *1.º Livr. dos Reis*, XVII, 4.

sombra de encarecimento, não quero que os degraus que accrescentam as palmas á estatura do nosso se meçam a covados nem a palmos, senão pela supposição mais estreita, que é a largura de um só dedo por palma. E sendo as palmas de Xavier um milhão (como dissemos) e duzentas mil, bem se segue, que sahirá a somma tão multiplicada em alturas, que quando o nosso Gigante não chegue a topar com a cabeça nas estrellas, ao menos as nuvens mais remontadas lhe ficarão muito abaixo dos hombros.

Tão largos, tão fornidos e tão robustos lhe eram necessarios para não ficar vencido, ou opprimido das forças e arte do seu antagonista. O qual vendo-se tão fortemente, não só resistido, mas derrubado, e prostrado em todos os combates da lucta, se desenvolveu destramente dos braços de Xavier, e de um salto, como diz a historia, se lhe pôz sobre os hombros, para opprimir com o pezo o que não podia vencer com a força. Qual fosse o pezo immenso de uma corpulencia composta de todos os membros da Asia, não ha juizo tão vasto que o possa comprehender. Manifestou-o, porém, o effeito, porque Xavier em muitos dias depois se não pôde descarregar, nem alliviar das dôres e quebrantamento daquella oppressão; mas aos primeiros impulsos della, quasi suffocadas as vias da respiração, espertou, e com o fim arrebatado do somno parou o sonho. Amanhã se segue o segundo muito mais admiravel; em quanto o Santo respira de tamanho trabalho, respiremos nós tambem para o vêr entrar e sahir de outros maiores.

SONHO SEGUNDO

Et si in tertia vigilia venerit. [1]

I

Um dos maiores mysterios e mais delicados segredos da natureza na architectura humana é a fabrica dos sonhos. Sendo o somno uma prizão universal dos sentidos, com que os olhos não veem nem os ouvidos ouvem e assim dos demais: como póde ser que sonhando vêmos sem vèr, e ouvimos sem ouvir, e exercitamos os actos dos outros sentidos como se estiveram espertos? A razão ou philosophia deste artificio natural é, porque na memoria (não espiritual, que é potencia da alma, senão a corporal e sensitiva) estão depositadas as especies de todos os objectos, ou as imagens de todas as coisas que entram pelos sentidos. Estas imagens, em quanto os sentidos dormem, estão encobertas e escondidas debaixo dos vapores grossos e espessos que sobem ao cerebro; e ao passo que os mesmos vapores se vão adelgaçando e desfazendo, as imagens alliviadas delles se vão tambem descobrindo e representando á phantasia, que por outro nome se chama imaginativa e é a potencia com que imaginamos.

O modo deste artificio occulto declara o Principe dos Philosophos com uma similhança digna do seu engenho. Fazei, ou lavrae de cortiça (diz Aristoteles) uma quantidade de rãs maiores e menores, e com esta

---

[1] *Luc.*, XII.

fórma, ou sem ella (que só é necessaria para maior primor da comparação) ponde-as todas sem ordem, nem concerto no fundo de um grande vaso. Assim postas, lançae sobre ellas uma cama de sal, de modo que fiquem cobertas todas e não appareçam; e logo enchendo de agua até cima o mesmo vaso, esperae um pouco e vêde o que vêdes. [1] Coisa verdadeiramente curiosa e ao nosso intento admiravel! Assim como se vae desfazendo o sal com a agua, assim vão surgindo e se vão aboiando as cortiças pouco a pouco, aqui uma, acolá outra, umas antes, outras depois, até que apparecem todas. Isto mesmo é o que acontece nos sonhos. Porque as imagens escondidas das coisas que entraram pelos sentidos, desafogadas dos vapores que as opprimiam, se vão descobrindo e apparecendo á phantasia, ou sem nenhuma ordem, se os sonhos são naturaes, ou se são sobrenaturaes e divinos, com aquella ordem, e disposição que é necessaria para mostrarem e darem a entender o que significam.

Desta sorte se descobriu e representou distinctamente a Xavier no sonho de hoje o que no de hontem só suppoz, ou pizou confusamente, porque o mesmo terreiro da sua lucta foi o anphitheatro dos seus trabalhos, cuja immensa campanha agora viu repartida em terras e mares: e para que nem essa propriedade faltasse á similhança, tambem foi em agua salgada. Passado pois o Cabo de Boa Esperança, e penetrado já o nosso Apostolo do Oriente aquelle primeiro lago em que o mar ethiopico e o indico confundem as aguas, como se do meio dellas fossem surgindo de mergulho as terras em que havia de semear o céu, assim se lhe iam descobrindo e apparecendo umas depois das outras. A primeira, como a melhor ilha do mundo, se deixou vêr ao longe, a grande Gadamascar: logo á mão esquerda a dourada Sofala, e a foz das correntes que a fazem rica; e d'ahi a poucas sangraduras o commum cemiterio de Portugal com o nome de Moçambique. D'aqui fugindo, e nos mares já da menos negra Mombaça se mostraram ao principio como uma, e depois duas, e divididas Zanzibar e Pemba, com outras de menor nome. E deixada atraz Quiloa e adiante Melinde com a infausta Pate, depois de

[1] Arist. de somno et vigil. apud Conimb.

um largo intervallo se viu levantar a montuosa cabeça o grosso Cabo de Guardafú, abrindo a grande bocca da estreita garganta do mar Roxo, da qual, como temendo ser comida, appareceu retirada a juntamente christã e moura, ou nem moura, nem christã, Socotorá. Este é o ponto donde Xavier começou a cortar as ondas já propriamente da Asia; mas tanto ao largo, que alagada a Arabia, só se divisaram no fim della as torres da famosa Ormuz, presumida de que se o globo do mundo se reduzira ao circulo de um annel, ella seria a pedra. Daqui mais por fé, que de vista, veneraram as bandeiras portuguezas a sempre inexpugnavel Diu. E voltada a pròa para a terra pyramidal (a quem os naturaes chamaram Indostão, e os nossos, pela figura, Lisonja) depois de muitos dias e leguas de mar se avistou a desejada India, e dentro do circulo de uma não grande ilha (habitada porém de trinta povos) appareceu com a cabeça coroada como metropole de todo o Oriente, e foi festejada com salvas a real e imperial Gòa. Não se detem neste grande emporio o nosso discurso, porque com o vento nas velas vae correndo em demanda do Cabo de Comorim. Neste caminho pareceu que tambem subiam do fundo do mar as innumeraveis Maldivas (mais similhantes a formigas que a rãs) e ao dobrar do cabo, quasi sentida primeiro pelo cheiro que pela vista, se descobria a odorifera Taprobana, hoje chamada Ceylão. D'aqui se continua longamente a celebrada costa da Pescaria pelas perolas que se pescam nas suas praias, as quaes reconheceu mais lentamente Xavier até chegar á foz do famosissimo Ganges, que trazendo seu nascimento desde o monte Imáo, e tão cançado do caminho, como de ser rio, para se graduar de mar no Oceano, descarrega suas correntes no golfo de Bengala.

II

Até aqui tendes chegado felizmente, glorioso Xavier, e parece que segundo as obrigações do officio e as leis do Evangelho não deveis passar daqui. Se sois um dos Apostolos, aos maiores disse o seu e vosso divino Mestre, que seriam pescadores de homens: e vós tendes chegado á costa da Pescaria, onde as vos-

sas redes podem pescar mais homens, que as de Pedro peixes no mar de Tiberiades. Tambem sois aquelle mercador evangelico, que buscava perolas, e por uma deu quanto tinha, e as que podeis grangear nestas praias, mais preciosas que as que lhe deram o nome, são mais que as mesmas areias. Parae, pois, nem passeis daqui. E para que a grandeza do vosso sonho não pareça que espera mais de vossas peregrinações, quero-vos allegar um exemplo tambem sonhado, e não natural, senão divino. Quando Alexandre Magno, cujas victorias descreveu o Propheta Daniel, foi ao Templo de Jérusalem, admirados os que o acompanhavam da grande reverencia com que tratou ao Summo Sacerdote Jaddo, coisa tão alheia da sua soberania e arrogancia; respondeu, que naquelle mesmo trajo lhe apparecera Deus em sonhos, quando lhe mandou que fosse conquistar o Oriente. Foi, pois, Alexandre com poderoso exercito, atravessou o mar Erytreu, entrou na India, alcançou muitas victorias, conquistou muitas terras, dominou muitas nações, e entre ellas ao grande rei Poro, mais gigante que homem, mas chegando ás margens do Ganges com pensamento de passar adiante, nem lh'o consentiram seus soldados, nem elle insistiu no intento que todos julgaram temerario. Mandou voltar as bandeiras, sem se affrontar de dar as costas ao sol, e contente com os tropheus, de que deixou semeados os caminhos, e de que colheu os fructos da fama e memoria immortal, entrou triumphante em Macedonia. E se esta resolução em Alexandre com um exercito de quarenta mil combatentes tão costumados a vencer, foi de prudente capitão, e a contraria seria temeridade; porque não seguiria o mesmo conselho Xavier só e desarmado, e porque se não contentará de pôr o *non plus ultra* das suas columnas, não nas ribeiras por onde corria, senão na foz onde morre o mesmo Ganges? Pois ainda que o seu espirito seja maior que os grandes espiritos de Alexandre, donde elle tornou atraz, antes é credito que valor, não querer passar adiante.

Nem tem que recear Xavier, que a Roma, que o mandou ao Oriente, não approuve esta resolução, pois em um congresso de todos os oradores romanos, como escreveu Seneca, [1] se pôz em controversia no seu

[1] Seneca, Suasoriarum liv. 1. Suasor.

tempo se devia Alexandre intentar a passagem do Ganges; e todos com diversas razões panegyricas concordaram que obrara como devia a quem era. Dos que fallaram com maior applauso, uns disseram que se não devia emprehender a tal conquista, pois nella se não podia ganhar tanto quanto na pessoa do mesmo Alexandre se arriscava; e outros, que a grandeza do seu animo se devia contentar do que tinha obrado na empreza da India; pois Baccho, havendo feito muito menos, tinha alcançado por ella as honras de divino, e estava adorado entre os Deuses.

Todas estas razões tinham maior e mais verdadeiro logar em Xavier, que em Alexandre. Mas a generosidade do seu immenso coração tão fóra estava de se medir e aquietar com ellas, que torna, ou continua a se engolfar com maior ousadia em novos mares. Com a prôa primeiro no austral, e depois no Eóo, se começaram a vêr pelo continente ao longe os cumes dos montes mais altos, e as pontas dos cabos mais bojantes; e ao perto no mesmo pego que cortava (como se do fundo fosse subindo e surgindo sobre a agua todo o cardume das rãs) assim ia apparecendo já confusa, já distinctamente, o numero sem numero das ilhas, de que está lageado sem ordem nem egualdade aquelle intricadissimo Archipelago. A aurea Chersoneso, hoje chamada Sumatra, as Jávas maior e menor, Celébes, Gilolo, Mindanáu, Tandaya, Timor, Paloon, Carman, Cuba, Molucas, Lequios, e as que já tinham baptizado os Portuguezes, Santa Maria, S. João, Santa Clara, S. Miguel, os Reis Magos, e finalmente com largo e perigosissimo intervallo, a grandissima do Japão, povoada, ou coroada de sessenta e seis reinos, cujos horizontes, segundo a etymologia do nome, são os berços onde nasce o dia.

Aqui se deve muito notar que assim como Xavier nasceu no anno em que se descobriu a India; assim no anno em que elle chegou á India, se descobriu o Japão aos Portuguezes, levados lá de uma tempestade fóra da sua derrota. E assim como aquellas eram as ultimas raias que a natureza pôz ao Oriente nos seus horizontes, assim eram tambem as ultimas e remotissimas a que a Divina Providencia tinha estendido e mostrado a Xavier a campanha das suas victorias; mas não com nome de victorias, senão de trabalhos; porque não devia Deus variar o nome de tão heroicas façanhas ao

Hercules das suas conquistas. Que Daniel, porém, haverá de tão aguda vista, de tão sabia e copiosa eloquencia, que possa declarar, ou como a Balthasar o escuro das lettras, ou como a Nabucodonosor o terrivel das estatuas, que naquelle immenso painel de horrores pintou mudamente a phantasia a Xavier dormindo? Onde o menos que elle estava vendo com os olhos fechados, eram dois mundos; um o proprio e natural que deixava, outro o novo e estranho que havia de conquistar.

III

Os que tendes lido os trabalhos deste grande Hercules da Igreja, desencadernado o livro da sua vida, e fazendo de cada folha uma scena, podereis conceber alguma parte desta temerosa representação; e digo parte, e não tudo, porque o menos é o que se escreveu; do demais foram só testemunhas Deus e os Anjos. Alli se viam os mares pouco d'antes descobertos e ainda mal conhecidos e nunca domados; as tempestades furiosas e tremendas, os ventos implacaveis, as ondas em montes, os mareantes sem côr, sem força, sem tino; as gaveas no mar, a quilha fóra delle, as vidas morrendo e resuscitando a cada balanço, os dias medonhos, sem sol, as noites horrendas, sem estrella, os relampagos, os trovões, os raios, a derrota e o leme perdido, os baxios roncando ao perto, soando temerosamente ao longe por toda a parte. Oh! que horror! E isto não um dia, senão muitos continuados, nem em uma senão muitas vezes em tantas costas, em tantos cabos, em tantos estreitos, em tantos golfos. Muitos dos que me ouvis, como tão experimentados, entendeis o que digo, que eu sobre tantas repetidas experiencias, ainda não sei exprimir o que só quando se sente, se conhece. Viam-se alli os climas, e os céus tão diversos, os ares pestilentes, as enfermidades terriveis, sem medico, sem remedio, sem allivio; no mar o convez, na terra a mesma terra por cama; os calores, os frios, as fomes, as sêdes: o navegar tão difficultoso, o chegar incerto, o desembarcar e apparecer cheio de perigos; as gentes barbaras, feras, e de Christo todas inimigas, as seitas infinitas, a pertinacia maior

que a cegueira, a idolatria estabelecida na antiguidade, na crença, na natureza, defendida da soberba e cubiça dos sacerdotes e da licença dos costumes; armados todos, e tudo contra o prégador da nova fé, só, pobre, aborrecido, perseguido, accusado, condemnado. Sobretudo, o demonio e todo o inferno posto em campo contra um só homem, invisivelmente com machinas, e visivelmente com figuras horrendas, não matando porque não tinham licença para matar, mas dando-lhe taes combates e tormentos que muitas vezes o deixaram moido e pizado a duros golpes, ferido e quasi morto. Tudo isto se via alli em varios tempos, e em muitos modos repetido, representando-se vivamente em suas proprias e feiissimas figuras as crueldades, os odios, as iras, as invejas, as perseguições, os desprezos, as injurias, as affrontas, os venenos, as settas, as catanas, os assaltos, as guerras, e infinitos outros generos e fórmas horriveis de trabalhos, de perigos, ou da natureza ou da malicia, que havia de padecer quem os estava vendo, com a morte sempre presente, e não escapando de uma sem novo risco de outras.

Finalmente o que fazia mais admiravel e quasi incrivel esta representação, era uma perspectiva que se abria no meio della, com uns longes tão seguidos e remontados a perder de vista, que o fio e comprimento delles podia quatro vezes dar volta a toda a redondeza da terra. E taes eram as peregrinações e caminhos de trinta e cinco mil leguas, que por mar e terra havia da fazer Xavier. No mar bastava dizer que se via no mar para dizer muito, mas via-se sem gasalhado, sem mantimento, sem provisão alguma humana, sustentando-se de esmola, servindo de dia e de noite aos enfermos, e dormindo aos pés e velando á cabeceira do mais afflicto. Na terra, via-se caminhando a pé, muitas vezes descalço e vertendo sangue por serranias, por bosques, por espinhos, por pedras agudas, por neves, por areaes ardentes, com a trouxa dos ornamentos sagrados ás costas, disfarçado em marinheiro, em escravo, em lacaio, podendo mal andar e correndo atropellado diante dos cavallos, suando, anhelando, espirando; ao sol, á chuva, a todos os rigores do tempo: sem descanço, sem casa, sem abrigo, sem segurança: conservando a vida só no disfarce, e não havendo entre a vida e a morte mais distancia, que o ser, ou não ser conhecido. Assim estava vendo Xavier re-

presentado dentro em si mesmo o espectaculo formidavel de seus trabalhos, bastantes a causar lastima e horror, quando fossem alheios, ou fingidos, e não fôra o que os havia de padecer o mesmo que os via. Emfim, no fim do ultimo acto se descobriu tambem a ultima apparencia. E que viu nella Xavier? Viu Xavier a Xavier despedindo-se do mundo, e de si mesmo, não já luctando, mas rendido, enfermo, prostrado, desfallecido, morrendo, morto: em uma ilha deserta, sobre a terra nua, só, e no extremo desamparo: Religioso sem companhia: christão sem os auxilios da Igreja: homem sem nenhum soccorro humano, porque ainda que os Anjos, e todo o céu, o assistia e esperava com palmas e corôas, tudo isto se lhe encobriu naquella representação pavorosa, para maior horror da tragedia.

IV

Mas quaes vos parece que seriam os affectos que excitou toda esta vista no coração de um homem que assim velava, ou assim dormia? Não acordou ao estrondo de tamanha bateria. Porém antes que oiçamos o que fez, ou o que disse, quero-me admirar, e ponderar primeiro a novidade, e estranheza desta representação. Tanto me admiro do que Deus mostrou a Xavier neste sonho, como do que lhe encobriu. Antes de José ir ao Egypto, sonhou propheticamente, não uma, senão duas vezes, o successo desta sua peregrinação. E que foi o que Deus lhe manifestou? Os signaes foram diversos, um no céu, outro na terra, um nas espigas, outro nas estrellas, mas em ambos nenhuma outra coisa lhe mostrou Deus, senão a grandeza, o throno, a magestade a que havia de ser sublimado, e em que não só os estranhos, mas seus proprios paes e irmãos o haviam de adorar. Caso notavel, e mais notavel á vista do nosso! José, antes de chegar a estas felicidades, padeceu as invejas, os odiôs, as ferezas, e as tyrannias de seus irmãos, que o despiram, que o ataram, que o metteram no fundo da cisterna, que lhe quizeram tirar a vida, que o venderam. Perdeu a patria, perdeu a casa de seu pae, perdeu o mesmo pae que tão singularmente o amava.

Foi levado escravo, e como escravo, ao Egypto, e lá outra vez vendido: depois perseguido, e accusado innocentemente: preso, carregado de ferros, e mais carregado de um falso testemunho tão feio, e tão enorme, affrontado, deshonrado, e chegado emfim a um tal extremo de miseria e desamparo, que se Deus milagrosamente lhe não accudira, sem duvida acabava a vida em um supplicio infame. Pois se José havia de padecer tantos e tão desusados trabalhos; porque lhe esconde Deus os trabalhos, e lhe revela sómente as glorias? Os trabalhos foram primeiro, as glorias depois: siga Deus a mesma ordem, e senão, mostre-lhe as glorias, e os trabalhos juntamente: mas as glorias sim, e os trabalhos não? Ah, Xavier meu, que singular homem sois! Vêde quanto vae de sonho a sonho, e de homem a homem. A José mostra-lhe Deus as glorias, e esconde-lhe os trabalhos: a Xavier mostra-lhe os trabalhos, e esconde-lhe as glorias.

Por certo que depois de Deus mostrar a Xavier aquelle grande theatro de trabalhos, de perigos, de assombros, pudéra facilmente correr outra cortina, e mostrar-lhe um monte Thabôr de glorias muito maiores que as de José, não adorado de onze lavradores nas espigas, nem de uma só familia nas estrellas, nem de um só reino no Egypto; mas de principes, de reis, de imperadores, de pontifices, e de todo o mundo. Pudéra contrapôr á dureza dos climas e das gentes, o rendimento e obediencia dellas; ás perseguições, os obsequios; ao odio, o amôr; ás injurias, os applausos; ás enfermidades, as saudes milagrosas; ás mortes, as vidas e resurreições de tantos mortos; aos soes, o sol parado a seu imperio: aos caminhos e peregrinações, as peregrinações sem caminhos, quando no mesmo tempo sem dar passo, se achava presente em tão distantes logares; ás pestes, as mesmas pestes exterminadas de cidades, de reinos, só com a invocação sempre efficaz de seu patrocinio; ás tempestades e furores do mar, o mesmo mar humilhado, manso, reverente, e o Oceano doce só com metter nelle um pé; aos perigos da natureza e da malicia, a sujeição da mesma natureza nos elementos, e da mesma malicia nos homens; ás guerras e batalhas do inferno, o mesmo inferno vencido, sopeado, despojado, triumphado; em fim, os templos, os altares, as estatuas, os mausoleus, os incensos, os votos, os sacrificios, e a immortalida-

de gloriosa do nome de Xavier, com a memoria sempre viva, com a devoção sempre crescendo, com as maravilhas sempre novas, reconhecido no Oriente por luz da Asia, no Occidente por escudo firmissimo da Europa, e em toda a parte por Propiciatorio universal da Igreja; como se Deus derrubára e desfizera por elle tantos idolos, para levantar no mundo um só oraculo.

Mas todas estas glorias (não fallando nas do céu) encobriu Deus a Xavier naquelle sonho; porque ainda que estava dormindo, era Xavier o que dormia. A José mostra-lhe glorias, para depois o animar aos trabalhos: a Xavier mostra-lhe trabalhos, porque essas eram as suas glorias. A um e outro cortou Deus a visão pelas medidas do seu espirito, mostrando a cada um o que o podia obrigar, e encobrindo-lhe o que o podia offender. A José só glorias, para que a mistura dos trabalhos lhe não desazonasse o gosto: a Xavier, só trabalhos, para que a companhia das glorias lhe não diminuisse a fineza. O desejo e espirito de Xavier, não era padecer para gosar, senão padecer por padecer: porque era amar por amar: e mereciam os quilates desta fineza que o convidasse Deus com os trabalhos puros e seccos, sem liga nem mistura de interesse. Desconfiaria Xavier, e duvidaria da verdade do que via, se Deus lhe mostrasse outra coisa, que não fossem trabalhos. José quando viu tantas glorias, creu que o sonho era revelação: Xavier se não vira trabalhos, cuidaria que a revelação era sonho. Em fim, a José tratou-o Deus como homem: a Xavier, como excepção dos homens.

A missão para que Deus prevenia a Xavier naquelle sonho, era a maior que nunca houve no mundo; porque tambem o mundo então era o maior que nunca havia sido. E quando vejo os termos com que Deus o convida para tamanha empreza, não posso deixar de conhecer a grande differença que Deus fez deste grande homem a todos os homens. A Abrahão mandou Deus sahir, e deixar a patria e os parentes: *Egredere de terra tua, et de cognatione tua;* [1] e promette-lhe que pela pouca terra que deixa, lhe dará muitas e melhores terras; e pelos poucos parentes de que se apar-

[1] *Gen.*, XII, 1 e 2.

ta, o fará pae e cabeça de uma nação innumeravel, nova, e nobilissima: *Ei faciam te in gentem magnam.* A Jonas manda-o prégar aos Ninivitas; e como a maior lisonja de um prégador é a magnificencia do theatro, condescende Deus com este affecto humano, e representa-lhe a grandeza da immensa cidade, e côrte, aonde o manda, a maior que então havia e nunca houve no mundo, e por antonomasia a Grande: *Vade in Niniven civitatem grandem, et prædica in ea.* [1] A Moysés manda-o ao Egypto a libertar da servidão o povo hebreu captivo; e sobre lhe dar na vara uma amplissima delegação de sua omnipotencia, honra-o não menos que com o titulo de Deus de Pharaö: *Constitui te Deum Pharaonis.* [2] Finalmente, elege a Jeremias propheta das gentes; e posto que não gentes barbaras, nem remotas, promette-lhe Deus a immunidade de todos os perigos no seguro de sua propria assistencia: *Tecum sum, ut eruam te:* [3] e dá-lhe jurisdição e poder absoluto de fazer e desfazer reis e reinos: *Ecce constitui te hodie super gentes, et regna, ut evellas, et dispердas, ædifices, et plantes.* Esta é a fórma com que Deus despachou e preveniu sempre aos maiores homens para as maiores emprezas. E sendo a de Xavier egual a todas estas juntas, e maior que todas, vêde a differença inaudita com que Deus o trata. Quer que se desterre da patria, como Abrahão, e muito melhor patria: quer que vá prégar a terras estranhas, como Jonas e muito mais estranhas: quer que vá libertar não um povo, como Moysés, senão infinitos povos: quer que se metta nos perigos, como Jeremias, e muito mais presentes, e formidaveis perigos: e com que premios o convida, com que esperanças o anima, com que promessas o alenta, com que assistencias o assegura? Para que se desterre, convida-o com os desterros; para que se embarque, anima-o com as tempestades; para que prosiga, assegura-lhe os trabalhos; para que não desista, amontoa-lhe as difficuldades; para que não tema, afeia-lhe os perigos; em fim, para que padeça e mais padeça, o que lhe promette, o que lhe assegura, o que lhe mostra, é tudo o que ha de

---

[1] *Jon.*, I, 2.
[2] *Exod.*, VII, 1.
[3] *Jer.*, I, 1 e 10.

padecer e nada mais. Houve hòmem algum no mundo a quem Deus tratasse com esta singularidade?

V

Dir-me-heis que só S. Paulo, ao qual, ou do qual disse Christo: *Ego ostendam illi quanta oporteat eum pro nomine meo pati:* [1] Eu lhe mostrarei quanto ha de padecer por mim. Primeiramente quando assim fôra, não era pequéna gloria que fiasse Deus tanto de Xavier dormindo, como de S. Paulo acordado. Mas não é assim, nem foi assim, nem querem dizer isso aquellas palavras. Não quiz dizer Christo que havia de mostrar antecedentemente a S. Paulo quantos trabalhos havia de padecer por seu nome, senão que lhe daria muitas occasiões de padecer, e que padeceria muito. Assim explicam o Texto todos os Commentadores; e essa é a força e significação da palavra, *ostendam illi*, como consta de muitos logares da Escriptura. No Psalmo 59: *Ostendisti populo tuo dura, potasti nos vino compunctionis:* [2] no Psalmo 70: *Quantas ostendisti mihi tribulationes multas, et malas, et conversus vivificasti me:* [3] e o mesmo Christo no Cap. 10 de S. João: *Multa opera bona ostendi vobis, id est, feci, exhibui.* [4] E que de facto não mostrasse Christo antecedentemente a S. Paulo, como a Xavier, todos os trabalhos que por seu nome havia de padecer, prova-se claramente no Cap. 20 e 21 dos Actos dos Apostolos, onde revelando o Espirito Santo a Agabo, e outros Prophetas daquelle tempo, as perseguições que em Jérusalem estavam apparelhadas a S. Paulo, o mesmo Apostolo confessou aos christãos de Mileto, que ignorava o que alli lhe havia de succeder: *Et nunc ecce ego alligatus spiritu vado in Jerusalem, quæ in ea ventura sint mihi, ignorans.* De maneira que o exemplo de S. Paulo de nenhum modo diminue esta gloriosa singularidade, verdadeiramente unica, de S. Francisco Xavier. Antes accrescento, que as mesmas reve-

---

[1] *Act.*, IX, 16.
[2] *Psalm*, LIX, 5.
[3] *Ibid.*, LXX, 20.
[4] *Joan.*, X, 22.

lações de S. Paulo a qualificam muito mais. E senão, pergunto: que é o que Christo mostrou a S. Paulo antes de o mandar á sua missão e lhe encarregar o Apostolado das Gentes? O que Christo lhe mostrou, não foram os trabalhos, não, senão as glorias e a corôa que no céu lhe tinha apparelhado, e para isso o levou arrebatado ao Céu empyreo. Santo Thomaz, a quem muitos seguem, tem para si, que essa revelação succedeu logo no principio da conversão de S. Paulo, naquelles tres dias em que teve os olhos fechados. Porém o mesmo S. Paulo na segunda Epistola aos Corinthios, que foi escripta no segundo anno do imperador Nero, expressamente affirma, que teve este rapto *ante annos quatuordecim*, quatorze annos antes. [1] E conforme a verdadeira chronologia dos tempos, vem a cahir no anno segundo de Claudio, e quarenta e quatro de Christo, que foi o anno em que S. Paulo foi ordenado Apostolo das Gentes, pouco antes de partir e tomar posse da missão, como diligentissimamente notou Cornelio: *Raptus ergo fuit Paulus anno Claudii imperatoris secundo, quo anno jubente Spiritu Sancto ordinatus est cum Barnaba Apostolus, et Doctor Gentium, paulo videlicet antequam hunc apostolatum ordiretur.* Vêde agora a differença com que Deus tratou os dois Apostolos das Gentes: a Paulo, que tirou a Xavier o ser o primeiro: e a Xavier, que tirou a Paulo o ser unico, sendo porém Xavier o primeiro e o unico nesta singularidade. A Paulo antes de entrar na carreira, arrebata-o Christo ao céu, e mostra-lhe as corôas que havia de merecer: a Xavier, antes de entrar na batalha, leva-o á campanha e mostra-lhe os exercitos com que havia de pelejar. A Paulo diz, estas são as glorias que has de gozar: e a Xavier, estes são os trabalhos que has de padecer. Assim enche Christo estes dois vasos de eleição com tão differentes licores: assim anima estes dois valentes soldados: para que do differente modo com que os anima, se veja a differença do animo de cada um. A differença, digo, naquelle tempo. Eu não nego a S. Paulo que trabalhou mais que todos os Apostolos: *Plus omnibus laborari;* [2] nem tambem posso negar, ou affirmar de Xavier, que trabalhou mais que

[1] *2.º ad Cor.*, XII, 2.
[2] *1.º ad Cor.*, XV, 10.

S. Paulo. O que sei de certo é, que no catalogo que S. Paulo escreveu de seus trabalhos e perigos, apenas se lê algum que não padecesse Xavier outros similhantes, padecendo muitos outros que alli se não acham: *In labore, et ærumna, in vigiliis multis, in fame et siti, in jejuniis multis, in frigore, et nuditate, in plagis supra modum, in mortibus frequenter, in itineribus sæpe, periculis fluminum, periculis latronum, periculis ex genere, periculis ex gentibus, periculis in civitate, periculis in solitudine, periculis in mari, periculis in falsis fratribus.* [1] Tudo isto padeceu Paulo, tudo isto padeceu Xavier: mas antes de o padecerem com grande differença. A Xavier mostrou-lhe Deus só os perigos e os trabalhos, a Paulo mostrou-lhe as glorias e os premios. A ambos quiz satisfazer Christo, mas com differente satisfação: a Paulo mostrou-lhe os premios, com que lhe havia de satisfazer os trabalhos: a Xavier mostrou-lhe os trabalhos, com que lhe havia de satisfazer os desejos.

Dizia o mesmo S. Paulo, que para um homem servir a Deus, era necessario crêr primeiro duas coisas: uma, que é Deus, outra, que é remunerador: *Accedentem ad Deum, oportet credere, quia est, et remunerator sit.* [2] E este estylo guardou Christo com S. Paulo: primeiro lhe mostrou que era, *quia est*, quando o derrubou, e lhe disse: *Ego sum Jesus, quem tu persequeris:* [3] depois lhe mostrou que era remunerador, *quia remunerator est*, quando o arrebatou ao céu, e lhe mostrou a gloria. A Xavier não assim. Quando quer que o sirva tanto, mostra-lhe os trabalhos, e não lhe mostra os premios. A Paulo trata-o como remunerador: a Xavier como Deus. Ainda que Deus não fôra remunerador, nem tivera premios, basta que possa dar trabalhos, para que Xavier o sirva. Esta é aquella altissima philosophia, e aquella subtilissima lição que David pedia a Deus lhe ensinasse: *Doce me facere voluntatem tuam, quia Deus meus es tu.* [4] Este verso não anda commummente bem entendido, nem bem construido. Aquelle *quia Deus meus es tu*, não se ha

---

[1] *2.ª ad Cor.*, XI, 27.
[2] *Hebr.*, XI, 6.
[3] *Act.*, IX, 5.
[4] *Psalm.* CXLII, 10.

de construir com o *doce me*, senão com o *facere voluntatem tuam:* não quer dizer, ensinae-me, porque sois meu Deus, a fazer vossa vontade; senão, ensinae-me a fazer a vossa vontade, porque sois meu Deus. E esta é a lição que David, sendo tão douto e tão santo, pedia a Deus lhe ensinasse: fazer a vontade de Deus sem outro motivo, sem outro interesse, sem outro premio, sem outro porquê, senão porque Deus é Deus; não porque é remunerador, senão porque é, *quia est.* E porque este era o modo puro, desinteressado, e finissimo, com que Xavier servia e queria servir a Deus; por isso Deus lhe não mostra as glorias como a Paulo, senão os trabalhos. Trabalhe Paulo, padeça Paulo, sirva a Deus Paulo; mas a Deus, como remunerador: trabalhe tambem Xavier, padeça Xavier, sirva a Deus Xavier: mas a Deus, como Deus, *quia est: quia Deus meus es tu.*

VI

E como se houve cada um dos dois Apostolos á vista de duas representações tão diversas? S. Paulo á vista das glorias, estando acordado, não soube se estava em si, ou fóra de si: *Sive in corpore, sive extra corpus, nescio:* [1] Xavier á vista dos trabalhos, estando dormindo, esteve tanto em si, que começou a bradar: Mais, mais, mais. Eu cuidava que as vozes de Xavier neste caso haviam de ser ais, e não foram ais, senão, mais. Parece que haviam de ser ais, porque estas são as vozes proprias dos trabalhos, das penas, dos tormentos. Mas não foram ais, senão, mais. Porque? Porque a dôr e o desejo fazem muito differentes echos no coração humano, e teem muito diversos gemidos: os gemidos da dôr são ais, os ais do desejo são mais. E como os desejos em que Xavier ardia de padecer por Christo, eram excessivamente muito maiores que os trabalhos que lhe representava, apertavam-lhe o coração os desejos, e não os tormentos; e por isso os gemidos que se lhe ouviam, não eram os ais da dôr, senão os ais do desejo: mais, mais, mais. Christo na

[1] *2.º ad Cor.*, XII, 2.

cruz quando já se lhe acabavam os tormentos, bradou, dizendo: *Sitio.* [1] Tenho sêde. E como assim Senhor? Repara agudamente Gualberto: *De cruce taces, et de siti clamas?* A cruz soffreil-a com silencio, e a sêde faz-vos dar vozes? Sim. Porque a sêde era sêde de mais padecer por amôr dos homens. E ainda que o atormentava muito a cruz que padecia, muito mais o atormentava o desejo que tinha de padecer mais. Por isso os brados e os gemidos não eram da cruz, senão da sêde: *Sitio, sitio.* Taes foram as vozes de Xavier naquelle temeroso espectaculo de si mesmo. Via-se estender e cravar naquella grande cruz, e em tantas cruzes quantas Deus lhe representava; mas ainda que as penas e os tormentos eram tão multiplicados, e tão immensos, como o desejo e a sêde de padecer por Christo era muito maior, *de cruce tacet, et de siti clamat;* não se lhe ouvem vozes de dôr, e só se ouviam os brados do desejo: mais, mais. Estes eram os ais daquelle coração verdadeiramente angustiado, não angustiado pela grandeza das penas, senão angustiado pela estreiteza dellas: porque eram muito estreitos os trabalhos, sendo tão largo o coração; eram agua pouca para tanta sêde, e pouco padecer para tanto desejar. Os trabalhos são grandes, ou pequenos, pela medida e proporção do desejo, ou do temor. Se aquelles trabalhos fossem eguaes ao desejo de Xavier, recebel-os-hia com silencio, com resignação, com egualdade de animo; se os trabalhos fossem maiores que o desejo, ouvir-se-lhe-hiam as vozes da dôr, e diria sossobrado, e afflicto, ai, ai, ai: mas como os desejos eram tanto maiores que os trabalhos, e a sêde tanto mais ardente, rebentava o coração naquella estreiteza, e bradava anciado e pedia mais, mais, mais.

Oh quem pudéra declarar dignamente a harmonia destas tres vozes, e o echo que fizeram no céu quando lá foram ouvidas! No Cap. 4.º do Apocalypse viu S. João aquelles quatro Cherubins de quatro rostos, e seis azas, que continuamente sem cessar estavam entoando diante do throno de Deus: *Sanctus, Sanctus, Sanctus.* [2] Porém no Cap. 8.º diz que cessavam subitamente estas vozes, e que por espaço de meia hora

[1] *Joan.*, XIX, 28.
[2] *Apoc.*, IV, 8.

se fez no céu um grande silencio: *Factum est silentium in cœlo quasi media hora;* [1] e que um Anjo neste tempo tomou um incensario para offerecer nelle das orações de todos os Santos: *Ut daret de orationibus Sanctorum omnium.* O que neste passo se deve muito notar, é, que naquelle silencio não offereceu o Anjo todas as orações de todos os Santos, senão que de todas ellas tirou e escolheu o que poz no incensario para apresentar a Deus, como se de todos os memoriaes apartasse um, *ut daret de orationibus.* Agora pergunto: e que memorial, ou que oração particular foi esta, por uma parte de tanto preço e estimação, que foi escolhida entre todas as orações de todos os Santos, e por outra parte de tanta harmonia, e de tanto applauso no céu, que se poz silencio ás vozes dos Cherubins, para que só ella fosse ouvida? Cessam no céu aquellas tres vozes, *Sanctus, Sanctus, Sanctus,* para que se oiçam vozes da terra? Que vozes seriam estas? Cuide cada um o que lhe parecer, que eu, entre todas as orações de todos os Santos, não acho tres vozes que podessem pôr silencio ás vozes dos Cherubins, senão aquelles tres *mais* de Xavier. No tempo em que Xavier na terra se lhe estava representando aquella Iliade de trabalhos, aquelle labyrintho de perigos, aquelle cahos de horrores, que ouvistes, estavam os Cherubins no céu, como sempre, continuando com a sua musica, e cantando a Deus, *Sanctus, Sanctus, Sanctus;* mas quando no meio desta harmonia, com outra nunca jámais ouvida soaram no céu as vozes de Xavier, mandou Deus que parassem as vozes do céu: *Factum est silentium in cœlo;* porque queria ouvir aquellas vozes da terra. Os Cherubins á vista da gloria diziam a Deus, *Sanctus, Sanctus, Sanctus:* Xavier á vista dos trabalhos dizia a Deus, mais, mais, mais. E estas vozes tão acordadas (e mais ditas por um homem dormindo) quem duvida que eram muito mais amiraveis aos ouvidos de toda a côrte do céu?

E senão, comparae visão com visão, pessoas com pessoa, e vozes com vozes. Na visão beatifica, em uma visão de gloria, espiritos celestiaes e impassiveis, que digam a Deus, *Sanctus, Sanctus, Sanctus;* é affecto natural, não é maravilha: mas na visão de Xavier, em

[1] *Ibid.*, VIII, 1 e 3.

uma visão tão medonha, e tão terrivel, em que se representava, não o summo bem, senão o summo dos males da natureza: que um homem de carne diga, mais, mais, mais, estas são as vozes admiraveis, e que fazem mais admiravel a Deus, e mais glorioso, e por isso mais merecedoras de serem ouvidas no céu. Digam-no as mesmas vozes no céu, e do mesmo Senhor do céu, nas suas maiores glorias. No dia da Transfiguração transladou-se a gloria do céu á terra, e appareceu visivel no Thabôr: e que vozes se ouviram alli? *Loquebantur de excessu, quem completurus erat in Jerusalem:* [1] Christo, Moysés, e Elias, o que fallavam e celebravam, eram os excessos que o Redemptor do mundo havia de padecer em Jérusalem. Pois estas eram as vozes, esta era a musica celestial que em tal dia e tal acto se ouvia naquelle monte da gloria? Sim, estas eram. Tres vozes, uma de Christo, outra de Moysés, outra de Elias, que publicavam os excessos que o mesmo Senhor havia de padecer, porque não ha vozes mais dignas de se ouvirem na gloria, que vozes de padecer, e padecer com excesso. Vêde se se pareciam estas tres vozes com as tres de Xavier. Mas que oiço? Ouviu-se alli no mesmo tempo uma voz do céu: *Et ecce vox de nube dicens:* [2] e que dizia essa voz? *Ipsum audite:* Ouvi-o. Notae duas coisas. Não disse, vêde-o, senão, ouvi-o; porque estando Christo para vêr, estava muito mais para ouvir. E não disse a mesma voz: ouvi-me, senão, ouvi-o: porque no mesmo logar da gloria, qual então era o Thabôr, não são tanto para ouvir as vozes do céu, como as vozes do padecer, e padecer com excesso: *Loquebantur de excessu.* E que excessos de padecer, como os daquella oração de Xavier? Que excessos de padecer, como os que Xavier pedia? Mais padecer, mais padecer, mais, mais, mais. Que muito logo que para se ouvir este trisagio de Xavier, calle o trisagio dos Anjos, e que para se ouvirem estas vozes da terra, se ponha silencio ás do céu: *Factum est silentium in cœlo?*

---

[1] *Luc.*, IX, 31.
[2] *Math.*, XVII, 5.

VII

O afinado destas vozes é o que eu sobretudo quizera saber ponderar. Mas antes de o fazer, quero-vos aquietar o pensamento. Vejo que estaes dizendo comvosco, que pedir mais em trabalhos sonhados, não parece grande coisa; mas que se Xavier dissera isto mesmo no tempo em que depois os padeceu, então seria uma grande façanha de seu espirito, e de seus espiritos. Primeiramente, o que S. Francisco Xavier disse esta vez dormindo, repetiu e ratificou depois muitas acordado, e mais nos maiores trabalhos, e perigos. Mas digo que muito maior excesso de valor foi pedir mais trabalhos quando se lhe representavam em sonhos, que quando os padecia vigiando: por duas razões: primeira, porque os trabalhos em sonhos causam muito maior horror. Em materia de trabalhos não póde haver mais qualificada testemunha, nem mais experimentada, que Job. Vêde o que dizia: *Si dormiero, dicam, quando consurgam?* [1] Se durmo, desejo não dormir, e estou dizendo dentro em mim: quando ha de chegar a hora em que hei de despertar? Notavel dizer, e mais notavel desejar, de um homem que estava coberto de chagas, e todo o dia martyrisado de dôres, como elle confessa no mesmo verso: *Et replebor doloribus usque ad tenebras!* Pois se Job se queixa das suas dôres, e só a noite, e o somno podia pôr treguas a esta dura batalha; porque deseja não dormir? E se o demonio o queria tentar, e vencer a pura bateria de tormentos, porque não lhe tira, ou lhe impede o somno? Porque o queria atormentar mais com os trabalhos sonhados, que com os trabalhos padecidos: e por isso Job escolhia antes padecer velando, que penar dormindo. A resposta é de Origenes, de S. Chrysostomo, e de S. Gregorio: mas eu não quero outro Interprete, senão o mesmo Job, que logo declarou o porquê deste seu desejo: *Si dixero, consolabitur me lectulus meus: terrebis me per somnia, et per visiones horrore concutiet: quamobrem elegit suspendium ani-*

[1] *Job.*, VII, 4.

ma mea, et mortem ossa mea: [1] Tenho medo ao somno (diz Job) porque os sonhos, e as visões que nelle se me representam, me causam maior tormento, e me fazem maior horror que as penas, que, velando, padeço: tanto assim, que para se livrar a minha alma de tal genero de penar, me desejo tirar a vida com minhas proprias mãos: *Quamobrem elegit suspendium anima mea.* Assim temia e tremia Job dos seus sonhos; e tal é a afflicção e horror com que combatem, penetram, e assombram uma alma os trabalhos e perigos sonhados.

A razão natural desta differença é, porque os perigos, os temores e quaesquer trabalhos e tormentos, mais se padecem na apprehensão, que nos sentidos: e a apprehensão no homem é muito mais viva, muito mais intensa, e muito mais penetrante quando dorme, que quando vigia. Quando o corpo vigia, está a alma divertida, e como espalhada pelos sentidos e potencias exteriores: quando dorme, está toda unida e recolhida dentro em si: e por isso padece toda, e totalmente, e quanto mais attenta á sua dôr, tanto a mesma dôr é mais intensa. E' o somno uma morte breve; por onde Seneca sabiamente chamou á morte, morte longa, para a distinguir do somno. E assim como na morte fica a alma separada do corpo, e por ficar separada, conhece melhor, e padece mais (como se vê na ausencia de Deus, que então é o maior tormento da alma, sendo que na vida, quasi a não sente) assim no somno, pelo que tem de morte, posto que a alma esteja unida ao corpo, fica por aquelle breve espaço com propriedades de alma separada; e assim conhece e apprehende mais vivamente, e, ou gosa, ou padece com maior efficacia. Por isso Job temia tanto os seus sonhos, e padecia mais insoffrivelmente quando dormia, que quando velava. E por isso os trabalhos, os perigos, as afflicções, e todo aquelle tropel de penas e calamidades que Deus mostrou a Xavier em sonhos, naturalmente causavam maior horror, e eram mais temerosas e formidaveis quando se lhe representavam dormindo, que quando depois as padeceu vigiando.

Accrescenta-se (e é a segunda razão) que os trabalhos e perigos de Xavier, quando depois os padeceu,

[1] *Job.*, VII, 13, 14 e 15.

foram padecidos successivamente, e por partes, agora uns, e depois outros; mas naquelle sonho representaram-se-lhe todos juntos: e aquelle exercito de calamidades todo unido de um assalto, e de uma bateria, não ha duvida que causava muito maior terror; e assim foi muito maior excesso de valor, e constancia de animo, atrever-se então contra todos, e parecerem-lhe poucos, que quando depois os venceu e padeceu um por um. Christo no Horto, deixando obrar os affectos da natureza, temeu tanto os tormentos em que havia de entrar, que chegou a suar sangue, e pedir ao Padre o alliviasse do calix; e parece que foi necessario que viesse um Anjo a confortal-o. Tudo isto antes da batalha: mas depois de entrar nella, nem temeu, nem suou, nem pediu que parassem, ou se diminuissem os tormentos; antes lembrou a seus atormentadores o fel de que se esqueciam, e nem antes da cruz, nem na mesma cruz houve Anjo que o viesse confortar. Pois se Christo soffreu todas as penas e dôres de sua Paixão com tanto silencio, com tanta fortaleza, com tanta constancia; como no Horto quando ainda as não padecia, lhe causaram tanto temor e afflicção, que o obrigaram a taes extremos? Os tormentos que temeu no Horto, e os que padeceu no discurso da Paixão não eram os mesmos? Sim, eram. Mas no discurso da Paixão padece-os nos sentidos; no Horto padece-os na apprehensão: no discurso da Paixão padece-os por partes, e uns depois dos outros; no Horto representaram-se-lhe todos juntos. E aquella multidão e tumulto de trabalhos unidos, postos juntamente á vista, e como assentados em uma bateria ao mesmo tempo, claro está que naturalmente haviam de fazer maior golpe no coração, e produzir maiores e mais terriveis effeitos de horror e assombro, do que depois divididos por partes e padecidos cada um por si em diversos tempos. Tanta é a differença que vae de se padecerem os tormentos por partes, e se beberem gotta a gotta, ou se representarem todos com toda a sua amargura dentro em um só calix.

Tal foi a representação e a apprenhensão de Christo no Horto, e tal a de Xavier no seu sonho. E sendo os trabalhos e perigos que Deus alli mostrou a Xavier, tantos, tão feios, tão temerosos e tão vivamente representados; que vendo-os decretados, e armados todos contra si, e cahir e descarregar todos sobre um corpo

de carne, e não de bronze, como dizia Job; não temesse, não desmaiasse, não assombrasse, antes lhe parecessem poucos, e bradasse, mais, mais, mais? Não ha duvida que foi uma voz nunca ouvida no mundo, e um extremo de fortaleza e valor sem exemplo entre os homens.

VIII

O gigante Golias era um homem que valia por dez mil: *David autem decem millia:* [1] e aquelle exercito de homens em um homem, aquelle monstro vastissimo da natureza, aquella torre armada de ferro, como lhe chama Chrysostomo, plantada e soberba diante dos exercitos de Israël, que é o que fez, ou o que disse com toda a sua arrogancia? *Stans, clamabat adversum phalangas Israel: elegite ex vobis virum, et descendat ad singulare certamen.* [2] Escolhei (dizia) um de vós, e sáia commigo a desafio. Um de vós? E que valentia é essa para um philisteu, para um gigante, para um Goliat tamanho como a sua soberba? Isso é desafiar um monte a um torrão, um cedro a um junco, um elephante a uma formiga. Comtudo não desafiou Goliat, nem a todos, nem a muitos, nem a dois, senão a um só, corpo a corpo: *Ad singulare certamen.* Podia-se escusar com Hercules famoso pelas victorias de seus trabalhos, o qual ainda que matou dragões, venceu antheos, prendeu cerberos e descabeçou hydras: deixou comtudo em proverbio ao mundo, que, *Nec Hercules contra duos.* Porém Xavier, do mundo maior gigante que o Gigante, e maior Hercules que Hercules, com o exercito immenso de seus trabalhos, e com os monstros ferissimos de seus perigos á vista, não só desafia a todos, mas diz que são poucos, e que venham mais: e se vierem mais, que cresçam mais ainda, e se mais, mais.

Eu não quero desfazer no valor dos maiores athletas da fortaleza humana e sagrada. Mas não posso deixar de conhecer uma notavel differença entre aquelles

---

[1] *1.º Livr. dos Reis*, XVIII, 7.
[2] *Ibid.*, XVII, 8.

grandes heroes, e este mais que grande. Elias, cuja espada ardente não teve egual, cançado de fugir ás perseguições de Jezabel, pede a morte por partido: *Petivit animæ suæ, ut moreretur:* [1] e Xavier pede mais perseguições. Moysés, armado da omnipotencia, teme a Pharaõ, e resiste uma e outra vez a entrar no Egypto: *Mitte, quem missurus es:* [2] e Xavier pede mais Pharaös e mais Egyptos. Joseph, com um peito feito á prova de odios, de invejas, de calumnias, de captiveiros, afflicto de Putifar, busca terceiros para sahir do carcere: *Memento mei, ut suggeras Pharaoni:* [3] e Xavier pede mais calumnias, e mais cadèas. Jeremias, santificado antes de nascido, fortalecido com a graça, e ainda confirmado nella, geme, chora, lamenta-se dos rigores com que o trata Fassur e chega a amaldiçoar o dia em que nasceu: *Maledicta dies, in qui natus sum: quare de vulva egressus sum, ut viderem laborem et dolorem?* [4] e Xavier pede mais dôres, e mais trabalhos. David, forte no nome, e entre os tres fortes de Israël o fortissimo, perseguido de Saül, desterrado e fugitivo, não fazia fim de pedir a Deus o livrasse: *Eripe me de inimicis meis, Deus meus, et ab insurgentibus in me libera me:* [5] e Xavier pede mais inimigos e mais perseguidores. Finalmente, Job, o valente do céu, o terror do inferno, a columna da constancia, não lhe bastando a largueza de animo para os trabalhos, nem a paciencia para as dôres, rogava lastimado a Deus, que parasse nos tormentos, e affrouxasse um pouco os cordeis com que o apertava: *Recede paululum ab eo, ut quiescat: usquequò non parcis mihi, nec dimittis me ut glutiam salivam meam?* [6] Porém Xavier jazendo no seu leito como posto a tormento em um eculeo, que vozes eram as suas? O' valor, ó constancia incomparavel! Dava Deus uma volta ao torcedor com os trabalhos, pobrezas, miserias, fomes, sêdes, enfermidades, penas, dôres, afflicções, angustias; e Xavier respondia: mais. Dava outra volta com per-

---

[1] 3° *Ibid.*, XIX, 3.
[2] *Exod.*, IV, 13.
[3] *Gen.*, XL, 14.
[4] *Jer.*, XX, 14 e 18.
[5] *Psalm.* XLVIII, 2.
[6] *Job*, XIV, 6. e VII, 19.

seguições, odios, invejas, iras, traições, affrontas, injurias, desprezos, calumnias, com tantas accusações falsas, publicas, horrendas, contra a innocencia, contra a virtude, contra o zelo da honra de Deus, e salvação das almas; e Xavier, mais e mais. Dava outra volta com os perigos, tempestades, naufragios, com todos os elementos, e a mesma natureza, conjurados contra uma vida, com a fereza dos barbaros, com a crueldade dos tyrannos, com a pertinacia dos demonios, com venenos, serpentes, feras, armas, cruzes, mortes, e mil generos de mortes; e Xavier, mais, mais, mais. *O virum ineffabilem, nec labore victum, nec morte vincendum!* Com este excesso de admiração canta e apregoa a Igreja o valor daquelle grande homem, que com ametade da capa cubriu a todo Christo. Mas que vozes foram as de Martinho, que mereceram e deram no mundo tal echo? *Si populo tuo sum necessarius, non recuso laborem:* Se sou necessario, Senhor, a vosso povo, não recuso o trabalho. Vède, medi, e comparae esta voz com aquellas vozes, este trabalho com aquelles trabalhos. Martinho, não recuso; Xavier, mais mais, mais: Martinho ao trabalho de uma Igreja, e povo de Turon, catholico e sujeito: Xavier, aos trabalhos de uma Diocese immensa de novos mundos, incognitos, inimigos, bellicosos, barbaros, feros, e que se haviam de conquistar á pura força de padecer.

Mas dê-me licença Xavier, que tão animoso, tão intrepido, e tão bravo se mostra, dê-me licença, que neste leito, ou eculeo, onde está posto a tormentos, seja eu o que lhe faça a questão. Quem diz, mais, mais, mais, nenhuma coisa exceptua. E' assim Xavier? Assim é. E se os executores desse mais e mais, que pedis, forem Neros, e Dioclecianos, e os instrumentos das penas, a que vos offereceis, forem os de todos os Martyres; que direis a cada um? Mais a cada um, e mais a todos; ás pedras de Estevão, mais pedras: ás settas de Sebastião, mais settas; ás grelhas de Lourenço, mais grelhas; ás rodas e navalhas de Catharina, mais rodas e mais navalhas: aos carceres, ás cadeas, aos leões, aos tigres, ao chumbo derretido, ás sertãs, e laminas ardentes, ás unhas e garfos de ferro, ás cruzes, ás catastas, ás garruchas, ás fogueiras, mais, mais, mais. Tudo isto significa, e tudo isto abraçava aquella animosa resolução de Xavier. Mas vamos adiante. Todos esses tormentos, Xavier,

que vos representei, são os dos Martyres já passados: porém no mundo ainda ha de haver outros martyres; aquelles martyrios horrendissimos que estão reservados para Enoch e Elias; aquelles que hão de ser executados nos que então defenderem as partes de Christo; aquelles que se hão de inventar na ultima tribulação e perseguição da Igreja, que será (como disse Christo) a mais cruel, e a mais terrivel que nunca se viu, nem ouviu: *Qualis non fuit ab initio.* [1] E se vos visseis presentado diante do Anti-Christo, armado de todo o poder, de toda a tyrannia, de todo o terror do inferno, que dirieis no meio de todos estes horrores? Que dirieis condemnado a todos estes tormentos? Que dirieis mettido nelles? Mais, mais, mais. Mais? Já não ha mais, porque se acabou o mundo. Acabou-se o mundo, mas não se acabou o poder de Deus. Ainda restam todos os trabalhos, e todas as penas e todos os tormentos possiveis. E aos possiveis que diria Xavier? Diria e diz o que tem dito, porque tudo abraça, tudo comprehende, a tudo se estende aquelle mais, sem limite, nem fim: mais, mais, mais: um mais para o presente, outro mais para o futuro, outro mais para o possivel. Seja fiador de Xavier dormindo Paulo accordado.

O maior desafio que nunca se fez no mundo, foi aquelle em que S. Paulo, por um cartel firmado da sua mão, retou a todas as creaturas: *Qui nos separabit á charitate Christi? Tribulatio, an angustia, an fames, an nuditas, an periculum, an persecutio, an gladius?* [2] Quem haverá que nos aparte do amôr de Christo? Por ventura a tribulação, a angustia, a fome, a desnudez, o perigo, a perseguição, a espada? Parece que tinha dito assaz o Apostolo, mas ainda passa adiante: *Certus sum, quia neque mors, neque vita, neque Anges, neque Potestates, neque Virtutes, neque instantia, neque futura, neque fortitudo, neque altitudo, neque profundum, neque creatura alia poterit nos separare à charitate Dei:* Estou certo que nem a morte, nem a vida, nem os Anjos, nem os Principados, e Potestades, nem o presente, nem o futuro, nem tudo o que é forte no mundo, nem o mais alto, nem o mais

[1] *Math.*, XXIV, 21.
[2] *Rom.*, VIII, 35 38.

profundo, nem alguma outra creatura nos poderá separar da caridade de Deus. Até aqui o famosissimo desafio de S. Paulo, animoso, forte, grande, e não facil de comprehender. Só reparo naquella ultima clausula, *neque creatura alia;* ou como lê com maior expressão o Texto original: *neque alia aliqua creatura:* nem alguma creatura outra. É que creatura é esta que Paulo não assigna, nem nomeia, havendo nomeado, e desafiado a todas? Se desafiou as tribulações, as angustias, as fomes, as sêdes, os perigos, as perseguições, as espadas: se desafiou o céu, a terra, e o inferno; os Anjos, os homens, e os demonios: a vida e a morte, o alto e o profundo, o temporal e o eterno, o presente e o futuro, tudo o que é, e tudo o que ha de ser; que creatura, ou creaturas outras são estas sem nome, que depois de todas, e sobre todas, ainda provoca? São os possiveis. O possivel, como tal, nem é, nem ha de ser, mas póde ser: e este possivel, isto é, todo o possivel, é aquella creatura outra que Paulo retou no ultimo logar: *Neque aliqua alia creatura.* Theodoreto: *Cum videret adhuc aliquid deesse, quærit quidem aliquid aliud adjicere: cum autem non inveniret tantam, et tam multiplicem creaturam, oratione affingit, et hæc nec sit quidem videt omnino exæquari charitati in Deum.* Quiz Paulo, como se tocára arma a todas as creaturas, formar, e unir em um corpo uma tal multidão, e como exercito de trabalhos, perigos, adversidades e tormentos, que fosse egual á grandeza da sua caridade e ao animo e resolução em que estava firme de padecer por Christo: e depois de convocar, e provocar contra si a todas as creaturas que foram, são, e serão, desde a terra até ao céu, e desde o céu até o inferno, como se achasse que todas juntas ainda não egualavam a sua caridade, accrescentou no fim aquella universal, *neque alia aliqua creatura;* para comprehender tudo o que Deus póde crear, todos os possiveis. Dividiu Paulo tudo o que é, e ha de ser, e póde ser, em tres partes: *Tot, ac tanta, bis, et ter,* diz o mesmo Theodoreto. Na primeira parte, ou no primeiro esquadrão deste formidavel exercito de adversidades poz em campo contra si todo o presente: *Tribulatio, an angustia:* no segundo, todo o futuro: *neque instantia, neque futura:* no terceiro, todo o possivel: *neque aliqua alia creatura.* Assim Paulo para não se apartar de Christo: *Quis nos separabit á charitate Chris-*

ti? E assim tambem, e mais finamente, Xavier, não para não se apartar, senão para mais servir, e mais servir, e mais padecer por Christo: *Tot, ac tanta, bis, et ter:* mais (diz) mais e mais: uma, duas, e tres vezes: um mais para os trabalhos presentes, outro mais para os futuros, outro mais para os possiveis. Porque toda esta immensidade, ou infinidade de padecer abraçava aquelle mais, sem excepção, sem limite, sem fim.

IX

Parece que competiu neste passo a resolução, o valor, e a paciencia de Xavier com a omnipotencia divina. De uma parte a omnipotencia de Deus, e de outra a omnipotencia de Xavier. Não estranheis o vocabulo, que isso quer dizer, *Charitas omnia suffert.* [1] E' questão ainda não decidida, se Deus póde crear o infinito? O em que concordam philosophos e theologos, é, que póde crear o infinito, a que elles chamam sincathegorematico, que vem a ser, produzir em qualquer genero de creaturas sempre mais, mais, e mais. Assim definiu Aristoteles o infinito: *Cujus semper est aliquid aliud extra accipere.* Vède se concorda com o termo de S. Paulo: *Neque aliqua alia creatura:* e monta tanto (dizem os Interpretes do mesmo philosopho) *Quod ulterius, et ulterius semper extenditur:* não póde Deus crear alguma coisa, que em especie, numero, intensão, ou extensão seja actualmente infinita; mas nessa mesma especie, nesse numero, nessa extensão, e intensão póde sempre produzir mais, e mais, e mais: *ulterius, et ulterius.* E isto é o que Xavier desejou, pediu, e instou, em genero de trabalhos e tormentos. Como se dissera aquelle animo invicto: Vós, Senhor, quereis que eu padeça por vós estes trabalhos que me representaes; mas vós podeis fazer que sejam mais, e mais, e mais: pois venham mais, e mais, e mais: querei tudo o que podeis; que eu estou prompto não só a padecer tudo o que quereis, senão o que podeis tambem.

Assim o dissestes, meu Santo; mas a mim pare-

[1] *1.º Cor.*, XIII, 7.

ce-me demasiado dizer: e a alguem parecerá que é muito presumir. Job dizia que era menos credito da omnipotencia empregar as suas lanças em combater e affligir um homem, que em respeito daquelle braço é uma palha secca: *Contra folium quod vento rapitur ostendis potentiam tuam, et stipulam siccam persequeris:* [1] e vós que não sois de melhor, nem de mais duro metal, dizeis que para cada mais da Omnipotencia, tendes um mais de constancia: logo parece que imaginaes que sereis tão omnipotente em padecer trabalhos, como Deus em os fabricar. Sim, (diz Xavier) sim: e não é temeridade; porque elle póde tudo em si, e eu posso tudo nelle: *Omnia possum in eo qui me confortat,* [2] para o homem competir com Deus, um em fazer, e outro em soffrer trabalhos, é necessario que seja tão omnipotente o homem no padecer, como Deus no obrar: e este correr parelhas com Deus, não cabe na desegualdade do poder, ou da fraqueza humana, nua, desacompanhada e só comsigo: mas se a mesma omnipotencia se puzer tambem da parte do homem, confortando-o, *in eo qui me confortat;* então será tão omnipotente o homem no mais e mais do padecer as penas, como Deus no mais e mais de as multiplicar: porque se Deus póde tudo, o homem tambem póde tudo: *Omnia possum.* Ouvi a S. Bernardo: *Quantæ fiduciæ vox omnia possum in eo qui me confortat? nihil Omnipotentiam verbi clariorem reddit, quám quod omnipotentes facit.* Parece demasiada confiança um tudo posso na bocca de um homem; mas esta é a maior gloria do Omnipotente, fazer omnipotentes. *Verbo inniximum et indutum virtute ex alto, nulla vis potest nec stantem dejicere, nec subjicere dominantem.* O homem que está em Deus, e Deus nelle, nenhuma força ainda que seja do mesmo Deus, o póde derrubar, nem vencer; porque combate uma omnipotencia com outra, ou, para melhor dizer, a mesma omnipotencia comsigo. Esta era a confiança omnipotente ou a omnipotencia confiada com que Xavier dizia, mais, mais, mais, mettendo em campo um infinito contra outro infinito; porque estava certo que os mesmos braços omnipotentes que Deus empenhasse em o combater, se empenhariam

---

[1] *Job.*, XIII, 25.
[2] *Phillip.*, IV, 13.

tambem em o confortar: *Omnia possum*, sim; mas, *in eo, qui me confortat.*

Grande caso foi que luctasse Deus com Jacob, e que Jacob se atrevesse a luctar com Deus arca por arca. Mas o que excede toda a maravilha, e toda a admiração, é, que estivesse sempre tão forte Jacob, que nunca Deus o podesse derrubar nem vencer: *Contra Deum fortis, fuisti.* [1] Pois se os competidores eram tão deseguaes, um Deus, outro homem: se as forças de uma parte eram omnipotentes e immensas, e da outra limitadas e fracas, como póde resistir e prevalecer Jacob? Porque a batalha era lucta, e os braços de Deus que apertavam a Jacob, esses mesmos o sustentavam e fortaleciam. Quanto Deus mais apertava Jacob, tanto mais o unia comsigo: quanto Jacob ficava mais unido a Deus, tanto ficava mais forte; e assim era impossivel que Deus o vencesse, por mais e mais que o apertasse; porque quanto mais forças applicava o combatente, tanto mais forças recebia o combatido. Hercules não podia derrubar nem vencer a Antheu, porque quando o ia botando em terra, a mesma terra pelo contacto lhe dava novas forças: suspendeu-o no ar, e como o teve apartado da terra, então prevaleceu contra elle. Isto diz e fingiu a fabula. Mas se Antheu recebera a força do peito e dos braços do mesmo Hercules, fôra invencivel contra elle; porque quanto mais o apertasse, tanto lhe infundiria mais força. E este foi o caso de Jacob, que recebia a força e a fortaleza dos mesmos braços de Deus que o apertavam.

Tal Xavier naquella sua noite similhante á da lucta de Jacob. Ruperto e Santo Thomaz tiveram para si, que esta lucta foi toda imaginaria, e em representação, como a de Xavier; mas o contrario é mais certo. Jacob acordado, Xavier dormindo, e por isso maior Jacob Xavier. Jacob prevaleceu uma vez contra Deus, e Xavier tres vezes: porque cada mais foi uma victoria. Os braços com que Xavier luctava, eram aquelles com que abraçava os trabalhos que Deus lhe dava, e com que pedia os que lhe não dava, e com que desejava todos os que lhe podia dar. Mas a força destes braços de Xavier, infinita no desejo de padecer, e

[1] *Gen.*, XXXII, 26.

na constancia que suppunha, tambem infinita, toda se fundava nos mesmos braços de Deus: *In eo, qui me confortat.* Sabia que quanto Deus mais o apertasse com trabalhos, tanto mais o unia comsigo: quanto mais o unia comsigo, tanto mais o esforçava: quanto mais forte, tanto mais apto ficava para mais padecer: e crescendo com os trabalhos a união, com a união as forças, e com as forças a resistencia, neste circulo se formava o infinito da constancia contra o infinito do poder. No desejo passava o mesmo. O amôr é como a hydropisia, os trabalhos como a agua, o desejo como a sêde: quem mais ama, mais deseja padecer: e quem mais padece, mais ama: e deste mais amar, e mais padecer, crescendo sempre o padecer sobre o amar, e o amar sobre o padecer, se formava outro circulo, tambem infinito, do desejo contra o infinito dos trabalhos. Da parte de Deus, mais e mais poder, da parte de Xavier, mais e mais constancia: da parte de Deus, mais e mais trabalhos, da parte de Xavier, mais e mais desejos, competindo sempre um infinito contra outro infinito, e o divino sem poder prevalecer contra o humano, porque o humano se fundava no divino: *In eo, qui me confortat.*

Um dos maiores prodigios da vida de S. Francisco Xavier, sendo tantos os seus, e tão raros, foi, que um crucifixo proprio da sua casa, venerado no castello de Xavier, se via suar por muitas vezes, e em grande copia: e observando-se os tempos, achou-se depois que os dias em que suava, eram aquelles em que o Santo no Oriente padecia algum notavel trabalho. De maneira que Christo sua com os trabalhos de Xavier, e Xavier nesses mesmos trabalhos, pede mais e mais? Sim. E por isso suava Christo. Christo e Xavier, ambos se apertavam no mesmo tempo: Christo apertava a Xavier com os trabalhos, Xavier apertava a Christo com os desejos: Christo com lhe dar que padecer, e Xavier com lhe pedir mais que padecer: e porque Xavier o apertava mais e mais, por isso Christo era o que suava. Não ha coisa que mais aperte a Deus, que as instancias com que lhe pedimos. A Jacob disse: *Dimitte me:* [1] Deixa-me; porque o apertava luctando: e a Moysés tambem disse: *Dimitte me;* [2] porque o aper-

[1] *Gen.*, XXXII, 26.
[2] *Exod.*, XXXII, 10.

tava pedindo. E estes eram os braços com que Xavier apertava tanto a Christo, quando Christo o apertava, que o fazia suar. Assim o considero eu. Mas se quizermos com a interpretação mais commum desta maravilha que os mesmos trabalhos de Xavier fossem os que faziam suar a Christo; temos por esta parte a sentença de Santo Ambrosio, e S. Paschasio, os quaes dizem que a desconsideração dos futuros trabalhos da sua Igreja, e dos seus servos, foi a que fez suar a Christo no Horto. E sendo tão fortes os trabalhos de Xavier, que faziam suar a Deus, quando Deus quiz apertar a Xavier com estes mesmos trabalhos, tão fóra esteve de o poder render, que Xavier foi na lucta o vencedor, Deus o vencido: *Contra Deum fortis fuisti.* Grande milagre suar Christo; mas muito maior milagre vencer Xavier. Na batalha do Horto (que tambem foi lucta: *Et factus in agonia*, ou *in agone*, como tem o Grego) [1] a parte superior da alma de Christo luctava com a parte inferior; mas a parte superior foi a que venceu, e a inferior a que suou, e ficou vencida. Porém na lucta de Xavier, sendo a parte superior Deus, e a inferior um homem; a superior foi a que suou, e ficou vencida, e a inferior a que venceu. Segundo Jacob, mas com grandes vantagens ao primeiro. Jacob capitulou que desistiria, se Deus lhe désse a benção. Xavier capitulou nunca desistir, e a benção que pediu foi a mesma batalha, e que fossem sempre mais os trabalhos, mais e mais.

X

Em fim, Senhor (que já é mais que tempo de chegar ao fim: mas em tanto mais e mais, quem póde acabar?) emfim, Senhor, que haveis de ficar hoje vencido. Mas nunca mais admiravel, nunca mais glorioso, que quando mostraes ao mundo que tendes um servo tão fiel, tão forte, tão constante, que o não podeis vencer em padecer por vós. Se vos quereis despicar desta victoria sua, não vos vejo outro remedio senão trocar as armas. Trocae os trabalhos em gos-

[1] *Luc.*, XXII, 43.

tos, as afflicções em delicias, as penas em consolações, e logo tereis a Xavier rendido: elle vos pedirá treguas, e vós ficareis vencedor. Assim foi. Começa Deus a desfazer o céu em consolações, e em delicias da alma: e que fez Xavier, ou que disse? Desmaiou o coração, trocaram-se as vozes: já não diz, mais, mais, mais; senão, basta, basta, basta. Pois aos gostos, basta, e aos trabalhos, mais? Este é Xavier, tão desejoso de padecer por Christo, e com tanto gosto, que padecia os gostos, e gosava os trabalhos. Como era possivel logo, que os trabalhos o vencessem? Quem para os gostos não tinha paciencia, como lhe podia faltar paciencia para os trabalhos? *Quæ hunc adversitas superet, quem pœnæ fovent?* disse profundamente S. Gregorio Papa. Um homem a quem alentam e alimentam as penas, como o podem vencer as penas? E se os trabalhos são allivio dos mesmos trabalhos, como o podem cançar os trabalhos? *Ad propellendam laboris latitudinem pœna refovetur.* Só uma pena padecia Xavier nas suas penas, que era a pena de não padecer mais e mais. Pacientissimo nos trabalhos que padecia: nos desejos de padecer, impacientissimo. Por isso venceu os trabalhos, e mais a Deus: os trabalhos com a paciencia; a Deus com a impaciencia, mais, Senhor, mais, mais.

Mas se Deus póde vencer os desejos de Xavier, póde só Xavier satisfazer os desejos a Deus. Dos homens a quem encommenda almas, deseja Deus ser amado com tres mais. Quando Christo encommendou as suas ovelhas a S. Pedro, tres vezes lhe perguntou se o amava mais: *Diligis me plus his?* [1] A primeira expressamente no *plus his*, a segunda e a terceira em uma e outra repetição do mesmo *diligis me*. E que respondeu S. Pedro? Não se atreveu a responder que amava mais, nem tres vezes, nem duas, nem uma: *Tu scis Domine, quia amo te:* Vós, Senhor, sabeis que vos amo. Respondeu tres vezes ao amòr, mas ao mais, não respondeu. E porque? Não respondeu aos tres mais, (diz Santo Agostinho) porque negára tres vezes. E negou tres vezes (diz Santo Thomaz) porque tres vezes dormiu no Horto: *Trinæ dormitioni respondet trina negatio.* Oh grande Xavier! Oh grande apostolo! Oh

[1] *Joan.*, XXI, 15.

grande vigario do Vigario de Christo! Encommenda o successor de S. Pedro a Xavier as ovelhas do Oriente, e não só acha Christo em Xavier os tres mais, que desejou em S. Pedro, mas acha-os nelle não acordado, senão dormindo: para que o seu somno accudisse áquelle somno, e a sua resposta áquella pergunta. Se não responde Pedro, porque dormia; responda Xavier dormindo: e se Pedro cala, e não diz, *plus, plus, plus;* brade Xavier, e diga a vozes: mais, mais, mais. A pergunta de Christo foi sobre o amôr: a resposta de Xavier foi sobre os trabalhos; e assim havia de ser, quando a pergunta não só era de amar, senão de amar mais. O amar definido pelo mesmo Santo Thomaz, e por Aristoteles, *Est velle bonum:* Amar, é querer bem. E amar mais, que é? Amar, é querer bem: amar mais, é querer males. O padecer é o comparativo do amar: *Maiorem charitatem nemo habet, ut animam suam ponat quis pro amicis suis.* Definiu Christo o maior amôr, não pelo maior bem que se quer, senão pelo maior mal que se padece. O amôr pesa-se na balança da paciencia: padecer menos, é amar menos: padecer mais, é amar mais. Bem satisfez logo Xavier á pergunta, e aos desejos de Christo, respondendo aos tres mais do amar, com os tres mais de padecer: Christo no amôr, *plus, plus, plus;* Xavier nos trabalhos, mais, mais, mais.

XI

Este é, fieis, o Santo de que sois tão devotos, e esta é a melhor, e maior devoção em que podeis mostrar que o sois, em tempos que tanta materia nos dão a mais, e mais padecer. Imitemos a sua paciencia, imitemos o seu valor, imitemos a sua constancia, imitemos a nossa necessidade á sua virtude. Porque não será alguma vez a nossa virtude, como são os nossos vicios? Que vicio ha que não deseje insaciavelmente sempre mais, e mais? Havia de vir S. Francisco Xavier ao mundo para desaffrontar a virtude. Salomão que tanto conhecia o bem, e mal do mundo, diz que lançando os olhos por todo elle, achou quatro coisas que nunca se fartam, e sempre estão dizendo, *affer, affer:* mais, mais, mais: *Tria sunt insaturabilia et quartum nun-*

quam dicit, sufficit. [1] Que quatro coisas sejam estas, explica o mesmo Salomão por metaphoras, e vem a ser, segundo a commum interpretação dos Padres, e Expositores, a ira, a sensualidade, a cubiça, e a ambição: a ira, que se não farta de sangue e de vinganças: a sensualidade, que se não farta de deleites e prazeres: a cubiça, que se não farta de dinheiro e riquezas: a ambição, que se não farta de honras e dignidades. Isto disse de seu tempo o mais sabio homem de todos os tempos, e ainda mal, porque tanto se verifica, e se experimenta nos nossos. Mas o que eu muito admiro, e reparo é, que todos estes insaciaveis sejam vicios. Não haverá tambem uma virtude insaciavel? Insaciavel queria Christo que fosse a nossa virtude, quando disse: *Beati qui esuriunt et sitiunt justitiam.* [2] Mas somos nesta passagem da vida como os filhos de Israël no deserto: que nos enfastia o Manná e todo o nosso appetite, e a nossa fome é pelas grosserias do Egypto. O Manná, era do céu, nós somos terra: os vicios nunca nos fartam, a virtude logo nos enfastia. Por isso digo que veiu S. Francisco Xavier ao mundo, para desaffrontar a virtude. Se Salomão viera no seu tempo, elle dissera que os insaciaveis do mundo eram mais de quatro. Xavier foi o quinto insaciavel. Mas de tal maneira o quinto, que venceu e affrontou a todos os quatro insaciaveis. A ira insaciavel das vinganças; a paciencia de Xavier, mais insaciavel nos aggravos, nas semrazões, nas injurias: a sensualidade insaciavel nos deleites; a mortificação de Xavier mais insaciavel nas penas, nos trabalhos, nos tormentos: a cubiça insaciavel das riquezas; a pobreza de Xavier mais insaciavel nas necessidades, nas miserias, nos desamparos: a ambição insaciavel nas honras; a humildade de Xavier mais insaciavel nos desprezos, nas ignominias, nas affrontas. Oh confundam-se os nossos vicios, e afoguem-se neste mar, e abysmo immenso de virtudes, onde a nenhuma se póde achar fundo. *Erubesce Sidon, ait mare:* [3] Confunda-se a ira, confunda-se a sensualidade, confunda-se a cubiça, confundam-se todos os vicios, e confunda-se a natureza

[1] *Prov.*, XXX, 15.
[2] *Math.*, V, 6.
[3] *Isai.*, XXIII, 4.

humana corrupta e depravada, á vista do espirito ardentissimo deste homem insaciavel, não de outra, senão da mesma natureza. Não vos peço, ainda que digaes mais e mais, e mais á virtude, que não se começa por aqui: ao menos, aos vicios dizei, basta, basta, basta. Bastem já as vinganças, bastem já as cubiças, bastem já as ambições, bastem já as torpezas e sensualidades. Ha de ter isto fim alguma hora? Porque não será neste dia? Pelos tres mais de Xavier offereçamos a Deus nesta hora um nunca mais. Nunca mais, Senhor, offender-vos, nunca mais desobedecer-vos, nunca mais apartar de vós, nunca mais peccar, por serdes vós quem sois. Com este nunca mais no coração, com este nunca mais na bocca, com este nunca mais em toda a vida, nos achará vigilantes o somno da morte, e alcançaremos aquella bemaventurança que nunca mais se ha de acabar: *Beati sunt servi illi, quos, cum venerit Dominus, invenerit vigilantes.*

SONHO TERCEIRO

Qua hora fur veniret. [1]

I

Somos chegados ao ultimo sonho de Xavier. E é elle de tal qualidade, que parece desfaz, ou desmente quanto temos dito. Dissemos no exordio do primeiro, ou na prefação de todos tres, que os sonhos são as reliquias dos cuidados. E a este ultimo, nem do cuidado se póde chamar reliquia. Quando aquillo que se sonhou de noite, é o mesmo em que se cuida de dia, o cuidado é a causa, ou o que deu occasião ao sonho: e taes foram os dois primeiros sonhos de Xavier: porém este terceiro por uma parte foi tão alheio da pureza da sua virtude, e por outra tão proprio da fineza della, que não póde ser todo seu. A primeira parte foi do demonio, que pintou a tentação na phantasia do Santo, e a segunda foi do Santo, que na mesma phantasia venceu a tentação e o demonio. Tambem aqui houve cuidado e reliquias, mas as reliquias não foram effeitos do cuidado, senão o cuidado effeito das reliquias. Ora vêde.

Quando aquella grande alma deixou neste mundo o corpo morto, mas atravessado nas portas da China para que se não podessem fechar aos que o seguiram, achou-se-lhe sobre o peito um relicario de cobre, que foram todas as riquezas que em dez annos e meio da nunciação adquiriu no Oriente o Nuncio Apostolico de todo elle. E que continha o relicario? Tres

[1] *Luc.*, XII.

reliquias muito notaveis: um osso de S. Thomé, uma firma de Santo Ignacio, e a formula da profissão do mesmo Francisco Xavier escripta de sua propria mão, a qual repetia e renovava todos os dias, ratificando os tres votos essenciaes da Religião — pobreza, castidade, e obediencia ao Summo Pontifice, como professo da Companhia. E como na repetição dos actos se fortalecem e crescem os habitos das virtudes, e as potencias muito habituadas, ainda sem deliberação nem imperio da vontade, naturalmente obram e exercitam os mesmos actos de que nasceram os habitos, estes foram, não as reliquias dos cuidados, senão os cuidados das reliquias, que no meio do somno, que é descuido, e tão acordadamente, sem acordar, rebateram e venceram a tentação atraiçoada do demonio na mesma phantasia do sonho. O sonho e a tentação era contra a pureza da castidade; mas como a mesma castidade estava habituada e actuada todos os dias na repetida e renovada profissão, que era a terceira reliquia do relicario de Xavier; não a reliquia deste cuidado, senão o cuidado desta reliquia foi o que na mesma phantasia tentada, dormindo resistiu á tentação, e dormindo zombou do tentador vergonhosamente vencido.

Assim o deixou escripto quinhentos annos antes S. Bernardo, fallando da memoria da propria profissão, como se estivera vendo o caso de Xavier: *Ne à memoria repellat Deum irruens turba cogitationum in atrium, ad ejus portam ponatur janitor, cuius nomen est recordatio propriæ professionis.* O atrio ou portico da alma é a phantasia, onde as especies corporaes se espiritualisam, e d'alli sobem ao entendimento que as representa á vontade; e para que não cheguem, nem entrem lá os maus pensamentos, ponha-se á porta do mesmo atrio um porteiro, o qual se chama, *recordatio propriæ professionis*, lembrança da propria profissão. E que se seguirá d'aqui, diz Bernardo? Com a mesma propriedade do caso outra vez: *Ut cum turpibus se cogitationibus senserit animus prægravari, increpet se, et dicat: Tu ne hæc debes cogitare, qui sacerdos es, qui monachus es?* Seguir-se-ha que sentindo-se o tentado acommettido de pensamentos torpes, se reprehenda a si mesmo, e diga: E bem, pensamentos são estes que deve admittir um sacerdote, que deve admittir um Religioso? E dizendo

isto, conclue o Santo, logo ficam rebatidos e excluidos os illicitos pensamentos, em virtude da lembrança da propria profissão: *Hæc dicendo excludit fluxum illicitæ cogitationis per recordationem propriæ professionis.* E porque Xavier andava sempre armado com esta reliquia da propria profissão, e ainda dormindo a tinha como sentinella nas portas da phantasia, não é muito que o porteiro désse com a porta na cara ao tentador, e que posto elle em vergonhosa fugida, a tentação com que pertendia derrubar, cahisse e désse este novo genero de victoria á profissão renovada.

Digo com particular reparo, renovada, porque esta renovação com que o nosso Santo repetia todos os dias, e offerecia de novo a Deus os votos da sua profissão, foi invento singular e proprio do seu constante e fervoroso espirito. Os outros Religiosos commummente fazem uma vez a profissão para toda a vida; Santo Ignacio mandou aos seus que a renovassem duas vezes cada anno: porém Xavier, como não tinha mais que dar a Deus, assim como o mesmo Deus depois que se nos deu a si mesmo, renova a mesma dadiva todos os dias, assim elle todos os dias renovava a sua. Oiçamos todo o caso pintado pela penna de Salomão, sem lhe faltar circumstancia. *Lectulus noster floridus: tigna domorum nostrarum cedrina; laquearia cypressina.* [1] Nestas palavras offerece a Deus a Alma Santa a sua casa e o seu leito, notando que o leito era composto de flôres, e a casa coberta de cedros e de cypreste. E verdadeiramente que os cedros e os cyprestes pareciam materia mais acommodada tambem para o leito. Pois se aquella Alma como pastora do monte Libano podia fabricar o seu leito destes lenhos, ou de outros preciosos e odoriferos; porque o não fez, senão de flôres, *Lectulus noster floridus?* Porque o leito de materia solida faz-se uma vez para sempre; porém o leito de flôres ha-se de renovar todos os dias. O reparo e o pensamento é tambem em muito differente logar do mesmo S. Bernardo: *Propter ea necesse est sanc præparare frequenter et recentiores semper reponere flores.* O leito fabricado de materia solida feito uma vez, serve para toda a vida; porém se é formado e composto de flôres, é necessario que ellas se reno-

[1] *Cant.*, I, 15 e 16.

vem todos os dias. Por isso Xavier renovava todos os dias as flôres e as virtudes da sua profissão. E este foi o cuidado e a industria, porque aquella virtude em que foi tentado, sendo a flôr mais delicada e mimosa de todas, no mesmo dia, ou noite da tentação se achou tão fresca e tão forte, que nem dormindo perdeu nada do seu vigor. Nem dormindo, torno a dizer, porque esse foi o mysterio da Alma Santa, offerecer ou convidar a Deus com as flôres, não no campo ou no jardim, senão no leito: *Lectulus noster floridus*. No leito, porque dormindo foi o assalto: no leito, porque dormindo se deu a batalha: no leito, porque dormindo se alcançou a victoria: e no leito, finalmente, porque nem o somno póde adormecer o valor, nem o sonho divertir o cuidado.

E para que se visse que tudo foram effeitos maravilhosos da mesma reliquia, e da mesma profissão renovada todos os dias, estava o mesmo leito coberto, ou coroado de cyprestes e cedros: *tigna cedrina, laquearia cypressina*. O cypreste significa o mortal, o cedro significa o incorruptivel; e ajuntar o incorruptivel com o mortal, foi não só o primor, senão a propriedade da pureza que professava Xavier. Declarando Santo Ignacio qual deve ser a castidade dos que professam o seu Instituto, diz que hão de procurar imitar a pureza dos Anjos na limpeza do corpo e alma. A alma separada do corpo facilmente póde imitar os Anjos, porque é espirito; mas unida e atada ao corpo, que é carne, nesta união consiste toda a difficuldade de tão pura imitação. Na mesma difficuldade, porém, assim como se esforça a contrariedade da resistencia, assim se exalta e levanta no homem até o céu a que nos Anjos é natureza, mas não victoria, porque não tem contrario. Por isso no tecto que cobria o leito florido se formava a corôa de ramos de cedro, tecidos e enlaçados com os de cypreste, porque no cypreste se unia o mortal com o cedro, e no cedro o incorruptivel com o mortal. Os Anjos são incorruptiveis, mas não são mortaes, porque não teem corpo; e como a profissão de Xavier o obrigava a imitar a pureza dos Anjos na limpeza do corpo e alma, esta foi a maravilha, ou o milagre da reliquia da sua profissão. Assim que este terceiro sonho, se pela parte do tentador foi diverso, pela parte da resistencia não só foi egual aos dois primeiros, mas na mesma differença com grande

vantagem; porque se nelles foram os sonhos reliquias do cuidado, neste foi o cuidado milagre e victoria da reliquia.

II

Assentado desta sorte o fundamento do terceiro sonho de Xavier em quanto victorioso, antes de ponderar a victoria, consideremol-o primeiro em quanto tentado. Tentou-o o demonio menos reverentemente do que devêra; e como mestre tão velho, e tão astuto, parece que não andou coherente, nem tomou bem as medidas á tentação, a qual para não errar o tiro, poz a mira no estado e condição da pessoa. Era Xavier nuncio apostolico, tentára-o o demonio com pensamentos da purpura, pois o degrau para subir á eminencia do Cardinalato, são as precedentes nunciaturas, e nenhuma maior que a sua. Tinha o poder ecclesiastico supremo em todo o Oriente onde no mar se pescam perolas, e na terra nascem diamantes, rubis, e saphiras. Tentara-o com uma lustrosa cubiça de voltar para Europa com os thesouros de Cresso, os quaes na mesma Roma, como peregrinos não haviam de ser mal agasalhados. E se o demonio como sugeito religioso, e mortificado, quizesse tambem espiritualisar a tentação, supposto que Xavier não se fazia levar ao uso da terra em hombros de homens, mas caminhava a pé, e até pelas serranias do Japão, cobertas de neve, descalço, puzera-lhe á vista dos pés descalços as alpargatas do idolo de Retorá, avaliadas em duzentos mil cruzados, podendo esperar que assim comparada a sua mesma pobreza, e tão altamente avaliada ou no proprio, ou no alheio juizo, facilmente se converteria em vangloria: ou tambem, porque o mesmo corpo de Xavier não era menos mortificado por dentro, que por fóra, e passava muitos dias sem comer boccado, não digo que o tentasse de gula, na terra onde as delicias do gosto são as mais exquisitas; mas porque o não apertaria no cerco em que elle mesmo se punha, tentando a sua fome ao menos com pão secco e duro, como tentou a de Christo?

Sobre tudo é circumstancia digna de grande reparo, que sendo a tentação daquella casta, esperasse o mesmo inimigo para o assalto a hora em que o

acommettido estivesse dormindo, e com os olhos fechados. E' certo que os olhos abertos são os instrumentos mais provados, e mais seguros que o caçador do inferno arma ás almas para as fazer cahir em similhantes laços. A olhos abertos tentou a Holofernes com Judith, a olhos abertos a Abimelech com Sára, a olhos abertos a Sichem com Dina, e nem só a gentios, e sem fé, como estes eram, mas aos mais fieis, e mais santos, como David e Samsão. Pois se aos valentes de Deus tenta o demonio com os seus mesmos olhos abertos; a Xavier, porque o não tenta assim? Grandes triumphos tinha alcançado a sua virtude nesta guerra, quando no maior ardor da edade defendeu gloriosamente a pureza virginal em Paris, e depois a conservou sem mancha toda a vida, por onde mereceu a palma branca das açucenas que traz na mão; mas não eram bastantes estes triumphos para que o demonio desmaiasse e se descesse dos seus intentos. E' Texto notavel a este proposito o que agora ponderarei, e para cuja nova e litteral exposição convido aos doutos.

Diz a Escriptura Sagrada no Capitulo terceiro dos Canticos, que fabricou Salomão uma carroça triumphal composta dos mais preciosos lenhos do Libano, em que as columnas eram de prata, o throno e cadeira de oiro, os degraus de purpura, e o estrado soalhado de amôr: isso quer dizer, *media charitate constravit:* onde o hebraico, o syriaco, os Setenta, Vatablo, e os outros hebraizantes tresladam mais expressamente em logar de *charitate*, *amore*. E accrescenta o Texto que isto fez Salomão em respeito das filhas de Jérusalem: *Media charitate constravit propter filias Jerusalem.* [1] Vamos agora á exposição. Primeiramente estar o estrado assoalhado de amôr, significa que no estrado do throno onde Salomão punha os pés, se via esculpida a imagem, ou estatua do amôr, cego e com arco e aljava, assim como os poetas pintam o que elles chamam Cupido. E atéqui disseram os Expositores; mas desta mesma exposição, que é a mais conforme á letra, se seguem duas duvidas, a que elles não respondem, nem ainda excitam no sentido historial: a primeira, porque poz Salomão no estrado do seu throno esta figura do amôr profano; a segunda, porque o fez,

[1] *Cant.*, III, 16.

como elle diz, em respeito das filhas de Jérusalem, *propter filias Jerusalem*. Quanto á primeira, quando ainda Salomão era santo, no estrado do seu throno aonde elle punha os pés, poz a estatua do amôr profano, para significar neste carro do seu triumpho, que elle o tinha triumphado e vencido de maneira, que o trazia debaixo dos pés. E isto (quanto á segunda) em respeito das filhas de Jérusalem, para desenganar a cada uma, e a todas, que nenhuma presumisse, ou esperasse de ter entrada, ou parte no seu amôr. Como se dissera: Se presumem as filhas de Jérusalem que succederá a alguma dellas commigo o que a Bersabé minha mãe com meu pae David, engana-se, porque nenhuma haverá tão favorecida da natureza em todos aquelles dotes que estima, appetece, e de que se deixa captivar o amôr, que a mim me haja de entrar no pensamento, ou dar cuidado, porque a todos esses affectos é superior o meu coração, e no mesmo amôr que levo debaixo dos pés neste meu triumpho, tenho já triumphado de todo.

Isto é o que presumiu de si Salomão quando era santo. Mas sem embargo de o ser, que é o que lhe succedeu? Acautele-se todo o coração humano, e nenhum se fie de si. Assim como Salomão tinha triumphado do amôr profano, assim o mesmo amôr depois triumphou delle. E para ser mais affrontosamente vencido e pizado, não foi por meio das filhas de Jérusalem que criam no verdadeiro Deus, mas por meio das gentias e idolatras, a quem amou tão cega e perdidamente, que sendo o escolhido de Deus, para lhe edificar o unico Templo, elle edificava templos aos seus idolos. E se esta foi a catastrophe da santidade de Salomão, porque não poderia o demonio presumir senão tanto, ao menos algum caso similhante na santidade de Xavier? Grande fundamento parece que tinha por certo, e mais ajudado das occasiões em que o Santo se mettia, não presumindo de si, como mais sabio que Salomão, mas confiado na graça divina. Havia na India muitas familias, em que as livres e as escravas eram senhoras dos senhores, e nestas casas se introdizia benevolamente Xavier para livrar a ellas e a elles do captiveiro em que o demonio os tinha, e os poz, como sempre conseguia, em estado de salvação.

Mas nem estes segundos triumphos eram bastante segurança para o demonio não esperar o que preten-

dia. Como aquelles logares eram tão contagiosos, porque não esperaria o demonio que succedesse alguma vez a quem entrava nelles, o que succede commummente nas outras pestes, em que os mesmos que entram medicos, sahem feridos? Entrava porém Xavier com os olhos abertos, mas eram taes os resplandores de pureza que sahiam dos mesmos olhos, que bastava que os peccadores vissem que o Santo os via, para que nos seus mesmos olhos, como em espelhos, reconhecessem a fealdade das suas vidas, e as aborrecessem, e emendassem. Aos olhos abertos não lhes faz mal o que vêem, senão quando vêem o para que olham. E para que olhava Xavier, ou dentro ou fóra de casa, ou no particular, ou no publico? Olhava só para a salvação das almas, o que o demonio espreitava e via, e por isso se temia tanto dos seus olhos abertos. Abertos sempre edificavam, abertos sempre admiravam, e abertos sempre compungiam. Ia o padre mestre Francisco por uma rua, e os seus olhos como iam? Ou pregados na terra, ou levantados e arrebatados ao céu. E bem conhecia o demonio que quem na terra levava diante dos olhos a sepultura, e no céu a eternidade, mal podia dar entrada no coração á phantasia de um accidente enganoso e vil, que para matar, basta que passe, e para não enganar, passa em um momento.

Com estas experiencias o inimigo da castidade, que pela vista tentou a Eva, e pela vista tenta a seus filhos, como se Xavier fosse a excepção de todos elles, se desenganou, e resolveu a o não tentar com os olhos abertos. Mas nesta mesma resolução me parece a mim que tambem elle os tinha fechados. Vem cá, demonio: se assim como confessas que te não atreves a acommetter este homem acordado, não vês que será dobrada affronta tua, se tambem te vencer dormindo? Olha bem para onde dorme, e verás que em cama tão dura não podem ter logar sonhos tão brandos. Todos os escriptores da vida de Xavier sem figura de encarecimento, mas por narração de simples verdade, dizem que a cama de Xavier quando negava, eram as amarras da nau, e a cabeceira as ancoras. Compara agora o somno com este modo ou invenção de dormir. O somno é o remanso da vida, e, como lhe chamou Plinio, é aquelle porto quieto que a natureza próvida concedeu ao homem de noite para descanço

dos trabalhos do dia. Grande erro é logo a do teu roteiro presumir que póde naufragar no porto quem dorme sobre ancoras e amarras. Mas da cama do mar passemos á da terra. Dormia na terra Xavier, dizem os mesmos historiadores, em um aposento ou choupana, em que as paredes eram de esteira; e como por entre os juncos espreitasse a devota ou incredula curiosidade o que o servo de Deus fazia, commummente o viu de joelhos arrebatado em oração, e alguma vez que obrigado do pezo do somno pagava um breve tributo á fragilidade da natureza, a cama em que se encostava, era um catre percintado de cordas de cairo, que são os entrecostos do coco, e uma pedra por cabeceira. Lembre-se agora o demonio de Jacob dormindo, e considere quaes podiam ser os sonhos de uma cabeça recostada sobre uma pedra, e tão mimosamente agasalhada. Sonharia com escadas da terra ao céu: sonharia com Anjos que subiam e desciam por ella: sonharia com o portal da fabrica da casa de Deus (quaes eram as Igrejas que desenhava no pensamento, e edificava em toda a parte), sonharia em fim, com o mesmo Deus, que das ameias do empireo, como vigilante e amorosa sentinella, lhe fazia guarda ao somno. Ainda temos outra cama de quem não tinha cama. Era de taboa ou tabûa no desamparo de Moçambique, onde de dia e de noite, enfermo, servia Xavier aos enfermos. E estando para morrer frenetico, com a febre maligna, um soldado moço, cuja edade e liberdade fazia muito suspeitosa sua salvação, toma-o o santo Padre nos braços, deita-o naquella sua cama, e o mesmo foi tocal-a, que tornar o frenetico a seu perfeito e inteiro juizo, com que recebidos em grande quietação e socego todos os Sacramentos, acabou naquella escala christãmente a carreira da vida. Para que se veja se era mais frenetico e louco o demonio em esperar que o frenesi do seu machinado sonho fizesse delirar ou tresvariar o juizo de quem dormia em uma cama, que milagrosamente o restaurava aos que o tinham perdido.

III

Assim zombava eu dos atrevimentos do tentador nocturno: mas porque não só prégo do Santo que o

póde vencer, senão para todos; não posso deixar de declarar para nossa cautela, que ninguem deve desprezar estas traições do demonio, mas temel-as, e fazer dellas muito caso, posto que sonhadas. Os Philosophos e Theologos dividem os sonhos em naturaes, divinos e diabolicos. Os divinos devem-se estimar muito, dos naturaes não se deve fazer caso; mas os diabolicos são tanto para temer, como nos ensina a Igreja universal na oração que faz a Deus no fim de todos os dias antes das horas do somno: *Procul recedant somnia, et noctium phantasmata, hostemque nostrum comprime.* Pede a Deus que reprima a força e astucia do inimigo commum, e que lance muito longe de nós os phantasmas dos sonhos, com que elle como principe das trevas nos faz guerra de noite. E para a cautela e vigilancia da nossa parte, nos exhorta a mesma Igreja, como mãe cuidadosa, com as palavras de S. Pedro, a quem tanto custou o dormir, quando tinha obrigação de velar: *Fratres, sobrii estote, et vigilate, quia adversarius vester diabolus, tanquam leo rugiens, circuit quærens quem devoret.* [1] Onde é ponto muito digno de notar, que se o demonio se deve temer quando dá bramidos como leão, *tanquam leo rugiens*, e quando com os mesmos bramidos nos póde despertar do somno, quanto mais quando no maior silencio da noite, e no maior descuido dos sentidos, entrando a portas fechadas, como espirito que é, e penetrando ao mais interior da phantasia, lhe faz aquella guerra, que S. Cypriano elegantemente chama clandestina, a qual, quanto mais occulta e escura, tanto mais certa e fortemente fere aos que dormem? *Quoniam elatius latenter obrepunt, occulta, et clandestina ejaculatio, quo minus perspicitur, eo et gravius et crebrius in vulnera nostra grassatur.*

Sendo pois tão perigoso e desegual genero de batalha aquella, em que peleja com um homem de carne dormindo, um espirito que não tem corpo, nem dorme, por isso o não devemos desprezar como covarde, mas temer como astuto e atraiçoado inimigo. E só nos poderiamos admirar de que a Providencia Divina désse licença e poder ao demonio para em tal materia, e de tal modo tentar a seu fidelissimo servo Fran-

[1] *1.ª Petr*, v, 2.

cisco. Mas esse mesmo é o mais encarecido exemplo, e a mais refinada prova da mesma fidelidade e invencivel fortaleza sua, essa segurissima confiança que Deus fazia do seu valor depois da experiencia de tantas victorias, e não comparando a Xavier comsigo neste combate, senão a elle com os maiores Santos.

Quando Christo Redemptor nosso entrou no Horto a orar a seu Padre, apartou comsigo os tres mais favorecidos Discipulos, os tres de seu conselho secreto, S. Pedro, S. João, S. Thiago, e avisou-os assim: *Vigilate, ne intretis in tentationem:* [1] Discipulos meus, vigiae, não vos deixeis render ao somno, porque não entreis, ou não sejaes entrados da tentação. Mandou-os que vigiassem, para não serem vencidos, porque entre os descuidos de dormir, entre as desattenções e negligencias do somno não ha virtude bastantemente segura: até a firmeza de Pedro póde cahir, até a resolução de Jacobo póde enfraquecer, até o amôr de João póde vacillar. Pois se assim é, Senhor, que desegualdades são estas de vossa providencia? Como tratae com tanta excepção de pessoas aos vossos Apostolos e ao nosso? Aos tres Discipulos mandaes-lhe que estejam despertos, porque hão de ser tentados, e a Xavier mandaes-lhe a tentação estando dormindo? Sim. E não foi falta de providencia, senão excesso de confiança. Fiava Deus mais de Xavier, que dos tres maiores Apostolos naquelle tempo. E' theologia certa que quando Deus permitte que o demonio nos tente, sempre tempera e mede as tentações conforme as forças do que é tentado. Assim o diz o Apostolo S. Paulo na primeira aos Corinthios, e assim o declarou o Concilio Tridentino: *Fidelis autem Deus est, qui non patietur vos tentari supra id, quod potestis.* [2] E como Deus tem em sua mão as redeas do tentador, e aperta ou alarga a tentação pela medida da força de cada um, bem se vê que fiava Deus mais da virtude de Xavier agora, que da dos tres maiores Apostolos então; pois a elles os manda vigiar, porque hão de ser tentados, e a Xavier manda-lhe a tentação estando dormindo. Dormir um homem, e ter accordo para se não deixar vencer do demonio, estar com os sentidos ligados nas pri-

[1] *Math.*, XXVI, 41.
[2] *1.ª ad Cor.*, X, 13.

sões do somno, e ter sentido para se não deixar entrar da tentação, é uma empreza tão arriscada e uma victoria tão duvidosa, que só de Xavier a fia Deus, e de nenhum outro, ainda que seja S. Thiago, ainda que seja S. João, ainda que seja S. Pedro. S. Pedro, S. João, S. Thiago, estejam em véla, se hão de ser tentados; mas Francisco Xavier venha-lhe embora a tentação dormindo, que dormindo e acordado, sempre está seguro.

E se esta tentação fôra tentação de outro genero, menos me espantára eu que Deus a fiára de Xavier entre as desattenções do somno; mas tentação contra a pureza, batalha contra a castidade? Este mundo é o amphitheatro de Deus: e assim como os imperadores romanos mandavam lançar os Martyres ás feras, assim Deus manda sahir os Confessores aos vicios. E que sendo o vicio contrario á pureza, uma fera tão fera lhe lançasse Deus a Xavier não acordado, senão dormindo! Grande extremo de confiança em Deus, grande credito de valor em Francisco! O homem mais insigne na castidade, e mais famoso em sonhos, foi José. Dormia José sendo menino, e sonhava, uma vez que andava na sega, como filho de lavrador que era, e que as paveas, ou feixes de trigo que iam atando seus irmãos, inclinados, ou debruçados sobre a terra, reverenciavam e adoravam o seu. Tornou a sonhar o mesmo José, e das espigas passou ás estrellas. Sonhava que o sol, a lua, e outros astros do céu desencaixados das suas espheras desciam tambem á terra a adoral-o. Não são estas as primeiras estrellas que para servir a uma ambição venturosa se abatem do firmamento. Mas deixadas estas e outras grandes considerações para outro dia, que não é bem nos gastem o tempo hoje, todos estes sonhos de José eram prophecias, porque assim um como o outro significavam que havia de ser supremo governador do imperio do Egypto, e que todos os subditos do mesmo imperio o haviam de adorar e obedecer, assim os grandes, como os pequenos, assim os da côrte, como os do campo; que por isso as figuras que os representavam, em um sonho foram espigas, e n'outro estrellas; as estrellas para significar os illustres, e as espigas os lavradores. Significavam mais os mesmos sonhos que toda a casa de seu pae e seus irmãos, tambem illustres por descendencia, e lavradores por officio, cahidos a seus pés o ha-

viam de reconhecer, e adorar por Senhor, como o mesmo pae lhes declarou e ainda reprehendeu muito antes.

D'aqui se segue que nestes dois sonhos, e nestas duas significações delles, ou foi, ou podia ser tentado José nas duas maiores e capitaes virtudes, humildade e caridade, a humildade que é o fundamento, a caridade que é o cume de toda a perfeição. Contra a humildade tentado de ambição e soberba, vendo-se Senhor absoluto de toda a monarchia de Pharaõ: contra a caridade tentado de ira e de vingança, vendo prostrados a seus pés os irmãos ou os inimigos que tanto o aborreciam e perseguiam, que o quizeram matar, e chegaram a o vender: Mas a esta venda e captiveiro, que foi a occasião de todas as suas fortunas, falta a historia da mulher de Putifar sua senhora, tão amado, como não devêra, e tão cegamente pertendido como sabemos. Pois se Deus revela em sonhos a José que ha de dominar o imperio do Egypto, se lhe revela em todos que ha de ter aos pés os seus maiores inimigos; porque lhe não revela tambem a olhos fechados aquelle amôr tão cego? Porque na primeira revelação corria risco a humildade, na segunda a caridade; mas na terceira, se Deus lh'a revelára, perigava, e arriscava-se a castidade: e riscos e perigos da castidade, nem de José os fia Deus em sonhos. E' verdade que elle se portou na tentação fiel e galhardamente; mas vae muito de velar a dormir, e o tino que teve acordado, póde ser que o não tivesse dormindo. Por isso Deus lhe encobriu a historia da egypcia, quando lhe revelou as outras sonhando. Sonhe embora o que ha de ser senhor do Egypto, e fiem-se-lhe as tentações da ambição e soberba: sonhe embora que ha de ter debaixo dos pés seus inimigos, e fiem-se-lhe as tentações da ira e da vingança; mas sonhar que ha de ser pretendido de quem lhe podia enfeitiçar os pensamentos, e fiar-se-lhe em sonhos, nem por sonhos, tentação contra a pureza? Isso não. Só de Francisco Xavier dormindo fia Deus uma batalha tão arriscada, só delle confia uma victoria tão duvidosa; porque sabe que é tão fina, e afinadamente observante de suas obrigações, que ainda que não esteja acordado, não ha de fazer dissonancia.

IV

Assim o presumia Deus altamente de Xavier, e elle o provou não menos que com o galhardo testemunho de seu proprio sangue. Tão longe esteve o valente soldado de Christo de dar ao combate da tentação, nem ainda um inadvertido consentimento, que antes aos primeiros acenos della a rebateu com tanta violencia de espirito, que lhe saltou das vêas o sangue puro. Somos entrados em uma circumstancia grande e gloriosa desta acção; mas de tal maneira grande, que parece diminue sua grandeza; de tal maneira gloriosa, que parece contradiz sua gloria. Venceu Xavier a tentação, mas custou-lhe sangue: e a victoria tanto menos vale, quanto mais custa. Sahiu Xavier vencedor, mas juntamente ferido; e o vencedor ferido é meio vencedor, porque em parte fica o victorioso, em parte o vencido. Assim poderá parecer a animos pouco generosos, mas não é assim; e tomo por testemunha a flôr das armas portuguezas que está presente. Qual de vós não teve por realce da victoria o sahir ferido da batalha? Qual de vós se não préza mais do sangue derramado na guerra, que do que traz vivo nas vêas? Até no amolgado da espada, no acutilado da rodela, e no passado da malha se estimam as feridas, ainda que seccas. A maior gala do vencedor são as feridas e o sangue: nem ha modo mais airoso de sahir da batalha, que victorioso e ferido. Como os successos felizes da guerra muitas vezes são liberalidades da fortuna, e não merecimentos do valor, as victorias acreditam de venturoso, as feridas de valente. Quem venceu, podia não pelejar, e é a victoria alheia: quem sahiu ferido, pelejou, e fez com o sangue a victoria sua. Mas vejamos esta controversia decidida no juizo do mesmo Deus. Muitos vencedores houve no mundo; mas vencedor que escolhesse a victoria, e o modo de vencer á sua vontade, um só houve, que foi Christo. E que victoria, ou que modo de vencer escolheu Christo, senão o de ferido, e com tanto sangue? Para remir e vencer o mundo, não era necessario a Christo padecer, nem derramar sangue; mas escolheu este modo de vencer, posto que tão custoso, não pela necessidade

do remedio, senão pelo credito da victoria. Para ser vencedor do mundo, bastava vencel-o, mas para ser vencedor glorioso, havia de ser com sangue, e com feridas. E senão vède-o no seu triumpho.

Quando Christo, vencedor do mundo, da morte, e do inferno, entrou pelo céu triumphante, pergunto, que insignias levava de vencedor? E' coisa que se sabe, e digna de se saber. Sabe-se, porque dois Prophetas, Isaias e Zacharias, viram toda a pompa deste triumpho. Pois que insignias de vencedor levava Christo? Por ventura, palmas, corôas? Nada disso. O seu sangue e as suas feridas foram todas as insignias da victoria, e todas as galas do triumpho. O sangue levava-o derramado pelo vestido: *Quare rubrum est indumentum tuum?* [1] As feridas levava-as abertas nas mesmas mãos: *Quid sunt plagæ istæ in medio manuum tuarum?* [2] E este sangue, e estas feridas era o que applaudia o céu, era o que acclamava o triumpho, era o que admiravam os Anjos, era emfim o que mais prezava o Pae, e o que mais honrava ao Filho; porque as feridas são os sellos do valor, e o sangue os esmaltes da victoria: e na sua victoria do mundo estimava e gloriava-se Christo não só de o vencer, senão de o vencer com sangue: não só de sahir victorioso da batalha, senão victorioso e ferido.

Mas reparando no sangue de que levava matisados os vestidos Christo no seu triumpho, duvidará com razão alguma curiosidade douta, que sangue de Christo era, ou podia ser este? Christo entrou triumphante no céu depois de resuscitado: na Resurreição, como dizem os Theologos, recolheu-se todo o sangue ás veias do corpo sagrado. Pois se o sangue ia recolhido dentro nas veias de Christo, como ia derramado pelo vestido? Agora entendereis a razão porque Christo consagrou e sacramentou seu sangue de sorte que o podesse ter juntamente recolhido, e derramado juntamente nas veias, e fóra dellas: e assim foi aqui. O sangue que Christo levava recolhido nas veias, era o da cruz: o sangue que levava espalhado pelo vestido, era o do calix. O mesmo Texto o diz, e tanto sobre o Texto, que agora é necessaria tanta prova: *Quare ru-*

---

[1] *Isai.*, LXIII, 2.
[2] *Zachar.*, XIII, 2.

brum est indumentum tuum sicut calcantium in torculari? diz o Texto de Isaias: [1] Porque está tão vermelho o vosso vestido, Senhor, como se o metteram em um lagar? De sorte que o vestido triumphador ia vermelho de sangue, mas de sangue como vinho, porque era sangue que tendo de sangue a substancia, tinha de vinho os accidentes. S. Cypriano: *Vini utique mentio est, et ideo ponitur, ut Domini sanguis vino intelligatur: prædicatur enim verbis propheticis, et præsignificatur quod postea manifestatum est in calice dominico.* Teve Christo por tão grande honra e gloria sua o sangue que derramou na victoria do mundo, que para o poder eternisar entre os homens na mesma fórma de derramado, duplicou a materia do sacramento, e o consagrou separadamente no calix. Para o effeito do sacramento, que é a communicação da graça, bastava só a consagração do corpo de Christo na hostia, que é o que só commungam todos. Pois porque quiz o Senhor consagrar o mesmo sangue tambem no calix? Porque no corpo está o sangue dentro nas veias, e no calix representa-se derramado dellas. E ainda que o sangue assim recolhido bastava para nosso remedio, não bastava para a gloria de Christo; porque a gloria de que Christo mais se préza, é de o ter derramado. Vêde-o na mesma instituição: *Hic sanguis meus, qui pro vobis effundetur:* [2] Este é o sangue que por vós será derramado. Quando Christo consagrou o calix, ainda o seu sangue estava todo nas veias, mas o Senhor não o consagrou como sangue das veias, senão como sangue derramado dellas: *Sanguis, qui effundetur:* porque isso é o de que mais se prezava, isso é o que queria eternisar na fama, e na memoria dos homens.

E se fez tantos extremos Christo por conservar o sangue derramado, não são menores os que fez por conservar as feridas abertas. Não havia coisa mais repugnante a um corpo vivo, glorioso e impassivel, que as cinco chagas abertas: repugnantes as dos pés, repugnantes as das mãos, e a do lado mais repugnante. E comtudo resuscita Christo á vida, entra na gloria, e está e estará eternamente nella com as chagas aber-

[1] *Isai.*, LXIII, 2.
[2] *Math.*, XXVI, 28.

tas. Porque? Porque foram as feridas que recebeu na batalha do mundo, e são as testemunhas mais abonadas de seu valor, e os despojos mais gloriosos de sua victoria. Em summa, que se presou Christo tanto do sangue que derramou, e das feridas que recebeu na batalha, que para conservar eternamente estes dois memoriaes da sua victoria, resuscitou as feridas, e sacramentou o sangue, ficando por estes dois milagres continuos, um no céu, outro na terra, as feridas perpetuamente abertas, e o sangue perpetuamente derramado. Assim se presou Christo de sahir vencedor da sua batalha: e assim sahiu Xavier victorioso e ferido, victorioso e com sangue. E tão fóra esteve esta bizarra acção de se poder chamar por isso meia victoria, que antes foi por isso victoria dobrada: uma vencedor Xavier pela batalha que venceu, e outra vez vencedor pelo sangue que derramou.

V

Ora consideremos agora a Xavier assim ferido, assim banhado em seu sangue, e assim dormindo, tragamos á sua presença os mais valentes athletas da Igreja, os mais valorosos defensores da castidade, e vel-os-hemos a todos á vista de tão heroica acção, heroica e gloriosamente vencidos. Fiou Deus em fim de José acordado a tentação que não fiára delle dormindo. E que fez José estando muito em si? Largou a capa das mãos da egypcia, e fugiu: *Relicto in manu ejus pallio, fugit.* [1] Galharda acção, e ainda comparada com a de Xavier tão galharda, que um dia ou uma noite, em que a Alma Santa se quiz mostrar a seu Esposo mais fina, mais animosa, e mais valente, se revestiu destas duas acções. Sáe a Esposa uma noite de casa a buscar pelas ruas, e pelas praças a seu Esposo divino, e contando-lhe, depois que o achou, o que lhe tinha succedido, e o que tinha feito, diz que se encontrára com os soldados da guarda, que brigára e se defendera delles, e que na pendencia largára a capa, e sahira ferida: *Percusserunt, et vulneraverunt*

[1] *Genes.*, XXXIX, 12.

me, et tulerunt pallium meum mihi custodes murorum. [1] Não sei se reparaes na capa, e nas feridas. De maneira que quando a Alma Santa quiz alardear finezas e valentias em materia da defeza de sua pessoa, e de sua honestidade, as duas acções que escolheu entre todos os presentes, passados e futuros, foi a de José e de Xavier: a de José em largar a capa, a de Xavier em sahir ferida. Mas supposto que estas duas acções foram as mais estimadas da Esposa, e as mais illustres da Igreja, qual das duas é digna de maior estimação, a de José em largar a capa, ou a de Xavier em derramar o sangue?

A mesma Esposa que fez a eleição, deu o primeiro logar ao sangue e ás feridas, e o segundo á capa: *Vulneraverunt me, et tulerunt pallium meum:* e com muita razão; porque nas batalhas da castidade, ainda que o modo mais seguro de resistir é fugindo, o modo mais glorioso de vencer, é pelejando. José venceu, mas venceu fugindo: Xavier venceu, e venceu pelejando: a victoria de José, sem enfeite, foi uma retirada; a resistencia de Xavier foi verdadeira victoria: em fim, a victoria de José consistiu em não pelejar, nem ser vencido; a de Xavier em pelejar e vencer. Falla destes dois modos de vencer David, e referindo um e outro a Deus, e a sua graça, diz assim: *Deus noster refugium et virtus.* [2] O nosso Deus é refugio, e é fortaleza. E porque, ou para quem é refugio, ou para quem é fortaleza? S. Basilio: *Rectè refugium, et virtutem dixit, ut ostenderet, quod aliquando fugiendo, aliquando standO, et pugnando vincimus.* E' nosso refugio e nossa fortaleza Deus, diz Basilio, porque umas vezes vencemos fugindo, e outras vezes vencemos pelejando. Mas as victorias dos que fogem, e as dos que pelejam, todas são de Deus: as dos que fogem, são de Deus, como refugio; as dos que pelejam, são de Deus, como fortaleza: *Refugium et virtus.* Taes foram as victorias de José e de Xavier: José venceu, Xavier venceu: a victoria de José foi de Deus, e a de Xavier tambem de Deus: mas a de José foi de Deus em quanto refugio, porque venceu fugindo; e a de Xavier foi de Deus em quanto fortaleza, porque venceu pelejando: a acção de

[1] *Cant.*, v, 7.
[2] *Psalm.* XLV, 2.

José foi temor com castidade; a de Xavier foi castidade com valor: a de José foi conhecer-se e temer-se; a de Xavier foi conhecer-se e triumphar-se: a de José foi dar ao golpe da tentação a capa; a de Xavier foi afogar a tentação no proprio sangue. José e Xavier ambos se acharam no curro contra aquelle toiro feroz, o mais bravo de todos os vicios: estavam vendo desde os palanques Deus, os Anjos, os homens, o mundo: remetteu cego e furioso o toiro cuidando que os levava nas pontas: e como se portaram ambos? José largou-lhe a capa com accordo, e fugiu: Xavier esperou a pé quedo, feriu-o, jarretou-o, matou-o. Ambas as sortes mereceram vivas e applausos; mas a de José chamou-se destreza, a de Xavier valentia: *Aliquando fugiendo, aliquando stando, et pugnando vincimus* E consiste tanto a fortaleza na virtude deste segundo modo de vencer pelejando, que comparado um com outro, só este se chama virtude: *Deus noster refugium et virtus.* O vencer fugindo, como José, é refugio: o vencer pelejando, como Xavier, é virtude.

Entre agora outro contendor: quem será? Seja S. Paulo, montante da Igreja, o valente da Lei da graça. Mas antes que vejamos suas resistencias, á vista deste vosso sangue, divino Xavier, não posso deixar de formar uma grande queixa: não quero dizer contra a vossa modestia, senão contra a vossa verdade. Naquella occasião em que descestes do céu a dar a vida ao vosso Marcello em Napoles, para que elle a fosse dar por Deus no Japão, ensinastes-lhe alli a dizer em presença de todos que pedisse a Deus a graça do martyrio que vós tinheis desejado, e não alcançastes. E' possivel que ha de dizer Xavier que desejou ser martyr, e que o não alcançou? Retratae-vos, Santo, do que dissestes, que sim alcançastes ser martyr e illustrissimo entre todos os Martyres. Que é esse sangue prodigioso que derramastes, senão um testemunho ardentissimo de vossa fé, e uma quinta essencia de martyrio novo, singular, inaudito? De S. João Evangelista disse S. Jeronymo: *Martyrium animo defuisse:* que não lhe faltou o animo para o martyrio, senão o martyrio para o animo; e isto bastou para ficar S. João canonisado por martyr. Pelo affecto que tenho e devo ao Evangelista amado, me peza de o haver mettido nos empenhos desta comparação; porque nenhum grande do céu, ainda que seja tão grande como João, póde sahir deste caso senão ven-

cido. A S. João não lhe faltou o animo para o martyrio, mas faltou-lhe o martyrio para o animo. Elle não faltou ao tyranno, mas o tyranno lhe faltou a elle. E ao animo de Xavier que lhe aconteceu? Faltando-lhe o martyrio, não lhe faltou o martyrio: e faltando-lhe o tyranno, não lhe faltou o tyranno; porque elle foi o martyr, e elle o tyranno de si mesmo: elle foi o que padeceu o martyrio, e elle o que martyrisou: elle foi o que derramou o sangue, e elle o que o fez derramar.

Lucrecia (para que nem na gentilidade nos fiquem os maiores exemplos) Lucrecia foi tão honrada matrona, e tão romana, que por uma violencia que padeceu em sua honestidade, se atravessou com um punhal a si mesma! Valente acção, mas vagarosa. Tardaste, Lucrecia, diz Agostinho: Esse sangue que derramaste havia de ser antes da mancha, e não depois. Assim foi o sangue de Xavier, não derramado em vingança da honestidade rendida e affrontada, mas em defeza da castidade inteira e vencedora. E por isso verdadeiro defensor da fé, que devia a Deus, e verdadeiro martyr da castidade. O maior louvor que se disse da castidade foi aquelle de Santo Ambrosio: *Nec ideo laudabilis virginitas, quia in martyribus reperitur, sed quia ipsa martyres facit.* Não merece o maior louvor a castidade, porque se acha nos Martyres, senão porque ella os faz. Assim como a fé tem os seus Martyres, assim a castidade tem tambem os seus: mas com uma differença, que no martyrio da fé, a fé é a defendida; no martyrio da castidade, a castidade é a tyranna, ella é a que martyrisa a carne, e ella é a que faz os martyres: *Ipsa martyres facit.* Mas entre os martyres que faz a castidade, o martyrio de Xavier foi perfeitissimo, porque foi martyr com sangue. Os outros martyrios desta virtude, posto que sempre bellicosa, são commummente metaphoricos e incruentos; porém o de Xavier foi martyrio verdadeiramente cruento, e por isso perfeitissimo com todos os esmaltes de martyr. Não diga logo Xavier que não foi martyr, nem nós creiamos ao depoimento de sua modestia, senão ao testemunho de seu sangue. Sem este sangue entrou na batalha virgem, e com a victoria delle sahiu virgem e martyr. Entrou com uma corôa, e com uma palma, e sahiu com duas palmas, e com duas corôas: uma corôa de açucenas, e outra corôa de rubis: uma palma de virgem, e outra palma de martyr: *Quia ipsa martyres facit.*

Mas entre já S. Paulo, que ha muito espera, mas não a vencer, como os demais, senão a acrescentar corôas. Uma batalha similhante á de Xavier teve o Apostolo S. Paulo, que descreveu desta maneira: *Ne magnitudo revelationum extollat me, datus est mihi stimulus carnis meæ, angelus Satanæ, qui me colaphizet.* [1] Para que a grandeza das revelações me não desvanecesse, deu-me Deus um espirito de Satanaz, que estimulando minha propria carne, se rebella contra mim, e me dá de bofetadas. O modo com que resistiu a esta tentação o Santo Apostolo, foi pegar das armas da oração, prostrar-se diante de Deus, pedir-lhe muitas vezes sua graça: *Propter quod ter Dominum rogavi;* e com ella sahiu vencedor. Mas ainda que segundo as leis de Deus fez o Apostolo o que devia, segundo as leis do mundo, póde dizer o mesmo mundo que não ficou gentil-homem S. Paulo. Todos sabeis, melhor que eu, que um homem a quem deram uma bofetada, ainda que tirasse pela espada contra seu inimigo, senão chegou a lhe tirar sangue, não ficou desaffrontado; haveis de ferir necessariamente a quem vos affrontou, porque a mancha de uma bofetada no rosto só com o sangue de quem a deu, se lava. Affrontado ficou logo S. Paulo nas leis do mundo; porque elle confessa que seu corpo estimulado pelo demonio lhe deu de bofetadas: *Stimulus carnis meæ, qui me colaphizet.* E ainda que tirou tres vezes pela espada da oração, não chegou a lhe tirar sangue. Assim se sahiu S. Paulo desta pendencia: porém o nosso D. Francisco de Xavier (dae-me licença que o nomeie assim neste passo, que a gentileza de uma acção tão galharda mais me parecia nascida dos brios de cavalleiro, que das obrigações de Religioso). S. Paulo como Religioso resistiu com orações: Xavier como cavalleiro brioso e alentado, com o sangue de seu inimigo tomou a vingança de seu aggravo: que onde as tentações são bofetadas, feridas hão de ser a resistencia. O mesmo S. Paulo, ainda que seja contra si, nos ha de illustrar o passo.

Escreve o Santo Apostolo aos christãos da primitiva Igreja em Jérusalem, diz-lhes assim no Capitulo doze: *Nondum usque ad sanguinem restitistis adver-*

[1] *2.ª ad Cor.*, XII, 7.

sus peccatum repugnantes: [1] Não cuideis que fazeis muito em servir a Christo, e guardar e sustentar sua lei pontualmente, que ainda não resististes contra o peccado até derramar sangue. Até derramar sangue? E quem viu nunca, nem leu este genero de resistencia contra o peccado? Nas materias da fé sim, como diz S. Pedro: *Cui resist te fortes in fide.* [2] Mas na da castidade, qual esta era? Mais parece que alludiu aqui S. Paulo a alguma das revelações em que fallava, que á obrigação do preceito. Digamos pois que tinha diante dos olhos o Santo Apostolo a seu grande imitador Francisco, Apostolo tambem das gentes, e admirado de tal modo de resistir, alludiu a esta futura maravilha, e deu em rosto com ella aos primeiros athletas da christandade, como se dissera: Não cuideis, christãos primitivos, que fazeis demasiado em perseverar constantes e resistir, como resistis, que virá tempo, em que haja um homem no mundo, que resistirá ás tentações do demonio com o sangue das proprias veias, o que vós ainda não fizestes: *Nondum usque ad sanguinem restitistis.* Isto disse S. Paulo áquelles primeiros christãos, e o mesmo digo eu a S. Paulo, Sagrado Apostolo, *Nondum usque aed sanguinem restitisti:* se dizeis que vos deu as tentações Deus, para que as revelações do terceiro ceu vos não desvanecessem: *Ne magnitudo revelationum extollat me, datus est mihi stimulus carnis:* Sabei e perdoae-me: sabei que não só tendes occasião de humildade nas tentações, senão ainda nas resistencias: podem-vos humilhar as tentações, porque nellas vêdes que sois homem como os outros homens; e podem-vos humilhar tambem as resistencias, porque nellas vereis que com serdes tão gigante, não chegaes a egualar os hombros, nem podeis medir a espada com um homem, que sendo como vós de carne, resistiu contra o peccado até derramar sangue; façanha que nunca fizestes: *Nondum usque ad sanguinem restitisti.* Comparado com outros Santos, bem se póde gloriar de seu valente resistir quem era tão santo, que se gloriava nas suas fraquezas: *Libenter gloriabor in infirmitatibus meis.* [3] Mas comparado com Xavier, sem aggra-

[1] *Hebr.*, XII, 4.
[2] *1. Petr.*, V, 9.
[3] *2.ª ad Cor.*, XII, 9.

vo podemos contar ao mesmo S. Paulo, e aos outros, no numero dos que elle com a cota de um ainda não, *nondum*, excluiu da ultima palma da resistencia.

E senão, diga-o por todos Job, e logo ouviremos a Deus a razão, porque Job o póde dizer por todos. Prudencia é não só politica, senão evangelica, antes de chegar a combate com o inimigo, medir as forças proprias com as suas, e conforme a proporção de umas e outras, ou aguardar a batalha de perto, ou pedir partido de longe. Que rei ha, diz Christo, que havendo de pelejar de poder a poder com outro rei, não considere primeiro, se é bastante o seu para lhe resistir; e quando conhece que as suas forças são deseguaes: *Adhuc isto longe agente, legationem mittens, rogat ea, quæ pacis sunt:* [1] não espera o combate, nem deixa chegar o inimigo, mas estando elle ainda longe, manda seus embaixadores a pedir-lhe paz, e rogar-lhe com partidos. Assim o fez aquelle grande rei Job, maior por sua constancia e fortaleza, que por seu imperio. Considerou a guerra que faz a carne contra o espirito, e as resistencias que deve fazer o espirito á carne: *Caro concupiscit adversus spiritum, spiritus autem adversus carnem.* [2] Considerou as forças deste poderoso inimigo, e mediu-as com as suas; e que resolução tomou? O mesmo Job o diz, que eu não lh'o levanto: *Pepigi fœdus cum oculis meis, ut ne cogitarem quidem de Virgine:* [3] Fiei tão pouco de minhas forças, diz Job, para esperar, e resistir os assaltos de tão bravo, tão insolente, e tão victorioso inimigo, que vim a tomar o conselho que tomam os que se vêem totalmente faltos de resistencia. E para que ficasse afastado muito longe de mim, e nem por pensamento chegasse a me dar batalha, *ne cogitarem*, abati as armas, pedi quartel, rendi-me a partido, *pepigi fœdus.* Pois a partido se rende Job, aquelle com quem Deus desafiava o inferno? *Nunquid considerasti servum meum Job?* O valentão de Deus, a ronca do Paraiso pede quartel? Sim, senhores, diz S. Gregorio Papa. Póde tanto a força brandamente violenta de um pensamento molesto e importuno, que humilha as resistencias do maior capitão nesta milicia.

---

[1] *Luc.*, XIV, 32.
[2] *Galat.*, V, 17.
[3] *Job.*, XXXI, 1.

Ainda Job não estava tentado, nem combatido, ainda a tentação lhe não tinha tirado pela capa, como a José, nem lhe tinha posto as mãos affrontosas no rosto, como a Paulo, e sem mais que a imaginação, ou apprehensão de um pensamento ao longe, estava tão assombrado aquelle coração invencivel, que rendido só da opinião do perigo, desconfia da victoria, recusa a batalha, capitula sujeições, e salva a vida a partido. Ah divino Xavier, que grande sois, e quanto campeiam vossas grandezas á vista das dos outros Santos? Perdoe-me a côrte do céu, perdoem-me os bemaventurados da Gloria, que suas façanhas, por grandes que sejam, parecem sonhos de vossas verdades, e as verdades de vossos sonhos são assombro de suas façanhas. José acordado foge, Paulo acordado pede paz, Job acordado rende-se a partido: e Xavier dormindo peleja, dormindo vence, dormindo triumpha. Vindo o demonio de correr todo o mundo: *Circuivi terram et perambulavi eam:* [1] perguntou-lhe Deus se vira lá a seu grande servo Job, e se reparára bem que não havia no mundo homem similhante a elle: *Nunquid considerasti servum meum Job, quod non sit ei similis in terra?* Olhae quanto vae de tempos a tempos, de homens a homens, e de Santos a Santos. O mesmo Job comparado com os outros homens, não tem similhante, comparado com Xavier não tem similhança. Esse Job, o maior que todos os homens, rende-se a um pensamento, pede quartel, commette partidos, *ne cogitarem;* mas a fortaleza, a constancia, o animo, o brio, o valor de Xavier não se humana a treguas, não se humilha a concertos; a ferro e a sangue peleja; a ferro e a sangue vence; ou, por melhor dizer, não vence a ferro e a sangue, senão a sangue sem ferro, que é muito mais.

VI

Atégora consideramos este grande caso por fóra: o somno, a tentação, a resistencia, o sangue: agora é necessario que penetremos o interior de tudo isto, e

[1] *Job.*, XVII, 18.

veremos o que teve de fino, de alto, de heroico, de sublime, o espirito incomparavel de Xavier. Agora quizera pedir outra vez a graça, mas por vos não descompôr a attentação, contento-me com vol-a tornar a pedir. Resistiu Xavier á tentação, derramando sangue, sim: mas que instrumento foi o que lhe arrancou das veias esse sangue? Não podemos negar que outros muitos Santos venceram similhantes tentações com o sangue das proprias veias. Demos o seu a seu dono. Um Patriarcha S Bento, que entre as silvas e espinhos buscou a rosa da castidade; um S. Jeronymo, que com uma pedra feria os peitos, até os deixar em carne viva, para mortificar a carne: um S. Domingos, que se disciplinava com cadêas de ferro para domar a rebeldia do corpo: um Santo Aniano que chegou a arrancar os olhos, porque foram cumplices de um pensamento. O outro Santo que cortou uma mão: o outro que cuspiu fóra a lingua. Todas estas façanhas deixaram os Santos vivas nos annaes da santidade para perpetua admiração dos seculos: mas todas estas resistencias comparadas com as de Xavier reconhecem nelle muitas vantagens; porque os outros pelejaram a ferro e sangue, Xavier a sangue sem ferro, que é, como dizia, muito mais. Não sei se imagino bem.

Seis vezes derramou Christo seu preciosissimo sangue (já não acho comparações nos Santos do céu, nem da terra, é força buscal-as no Santo dos Santos, e na fonte da mesma santidade): derramou Christo seu preciosissimo sangue na Circumcisão, no Horto, nos açoites, na coroação, na cruz, e na lançada. Saibamos: e de todo este sangue, tantas vezes, e por tantos modos derramado, houve algum que tivesse alguma excellencia, alguma vantagem, alguma prerogativa, ou quando menos, alguma differença, pela qual mereça ser estimado, honrado, e venerado com mais particular amôr, com mais particular devoção, com mais particular affecto? Toda a Theologia Mystica, que é a que mais alcança de Deus, responde que sim; e dá esta excellencia e prerogativa ao sangue que Christo derramou no Horto. Mas porque? Que mais teve o sangue do Horto, que o da cruz, que o da columna, que o da corôa de espinhos, e mais tormentos? Um e outro estava unido hypostaticamente ao Verbo, um e outro era preciosissimo, e de valor infinito, um e outro foi derramado livre e espontaneamente, e se a algum se

: ttribue mais particularmente o mysterio de nossa Redempção, é ao sangue da cruz. Pois logo que mais teve o sangue do Horto para ser tão admirado, tão encarecido, e com tanto extremo estimado? A razão deu-a estremadamente o doutissimo Salmeirão: *Quamquam omnis Christi sangu's sit immensi valoris, iste tamen, quia non incisa ejus carne per flagella, per spinas, per clavos, nec lanceam, sed sponte effluxit, in magno honore est à nobis habendus.* E' verdade que todo o sangue de Christo era egual sem vantagem na infinidade do preço; mas o sangue do Horto teve uma circumstancia superior, pela qual merece particular veneração, honra e affecto, que é o haver sido mais generosa, mais liberal, e mais fidalgamente derramado: porque o sangue da Paixão teve necessidade de cravos, de lança, de açoites, de espinhos, para o derramarem; porém o sangue do Horto, elle por si rebentou das veias sem mais violencias que as do proprio coração, do proprio amôr. Foi o sangue do Horto como o precioso licôr da myrrha a que chamam primeira, o qual por si mesmo brota, e se destilla, e sua da arvore, sendo o da Paixão como o da myrrha segunda, que não sáe senão espremido por arte, e como por força, depois de picado e rasgado o tronco com ferro. E tal é a differença do sangue de Xavier nesta occasião comparado com o dos outros Santos. O sangue dos outros Santos, não digo que fosse mais tardo, ou menos fervoroso, mas foram necessarios instrumentos exteriores e violentos para o derramar: porém o sangue de Xavier com impetos de mais accelerado e ardente, e como mais fino e mais adelgaçado no fogo do amôr, elle por si se desfechou das veias. O sangue de S. Bento foi como o sangue da coroação de Christo, que o tiraram os espinhos: o sangue de S. Domingos foi como o da columna, que o tiraram os açoites: o sangue dos outros Santos foi como o sangue do lado das mãos e dos pés, que o tiraram os cravos, a lança, e outros instrumentos de ferro: mas o sangue de Xavier foi como o sangue do Horto, que o tirou a força do amôr divino, sem outro exterior instrumento: e por isso mais qualificado na mesma egualdade, mais admiravel e amavel nella.

Ora já que aqui chegámos, consideremos que violencias interiores fizeram suar sangue a Christo, porque visto a tão grandes luzes, teremos muito que ad-

mirar no sangue de Xavier. As causas do suor de sangue de Christo, dizem ordinariamente os Santos e Doutores que foram duas. A primeira, conforme S. Justino e Theophilato, foi a viva consideração da morte propinqua, e dos tormentos que havia de padecer. Apprehendeu o Senhor em seu entendimento as dôres, as penas, as injurias, as affrontas, e o rigor da morte que naquelle dia o esperavam: e foi tão aguda e penetrante esta imaginação, que começou a Humanidade sagrada a agonisar mortalmente, e a suar sangue: *Factus est sudor ejus tamquam guttæ sanguinis decurrentis in terram.* [1] Ah glorioso Xavier, que a grandeza de vossas acções me vae quasi tirando do assumpto que prometti! Mas exceder os limites da prova, antes é aperfeiçoar a promessa. Veiu-me ao pensamento dizer que fostes maior santo dormindo, que os outros Santos acordados. Mas não me atrevendo a tanto, só prometti que diria o que pudesse provar. E neste passo, se bem se consideram as circumstancias delle, parece que excedem vossas obras e maravilhas, não só ás dos outros Santos, senão ainda ás do mesmo Christo. Não cuide algum escrupuloso que me atrevo demasiadamente, que a grandeza verdadeira é muito confiada, e o mesmo Christo nos deu licença para fallarmos assim: *Qui credit in me, opera, quæ ego facio, faciet, et maiora horum faciet.* [2] Os que crerem em mim, e me servirem, farão as obras que eu faço, e ainda maiores. Não quer dizer que serão maiores na substancia, nem no valor, que o das obras de Christo sempre é infinito, e o das puras creaturas limitado: mas nas circumstancias e no modo, diz o mesmo Senhor e Redemptor dos homens, que podem os homens fazer acções tão heroicas e levantadas, que comparadas com as suas, as egualem, e ainda as excedam. Neste sentido falla, e neste me parece que a acção e maravilha do sangue de Xavier derramado em tal occasião, excede a do mesmo sangue de Christo suado no Horto. Christo suou sangue no Horto, porque se lhe representaram os tormentos da morte: Xavier suou sangue na tentação, porque se lhe repre-

[1] *Luc.*, XXII, 44.
[2] *Joan.*, XIV, 12.

sentaram as delicias da vida. Uma e outra apprehensão foi vehemente: uma e outra imaginação fez causa, mas os effeitos foram muito mais admiraveis em Xavier: porque a Christo fel-o derramar sangue a imaginação dos tormentos; mas a Xavier a imaginação das delicias. Que a imaginação dos tormentos tirasse sangue a Christo, não é maravilha que exceda os limites da razão: os tormentos, ainda que imaginados, sempre são repugnantes á natureza: porém que a imaginação dos deleites, e das delicias, que tão conformes são á humanidade, lhe façam rebentar o sangue das veias, como se foram verdadeiros tormentos, esta é a maravilha das maravilhas, este é o pasmo dos pasmos.

O mesmo Senhor, que tanto quiz honrar a seu servo, nos ha de subir de ponto este pensamento. Quando a Magdalena ungiu a Christo com aquelle precioso unguento, murmuraram os Discipulos de que acceitasse similhante regalo, quem lhe fazia tantas exhortações da mortificação: acudiu porém o Senhor com aquellas tão sabidas palavras: *Mittens hæc unguentum hoc in corpus meum, ad sepelientum me fecit:* [1] Que não estranhasem admittir em seu corpo aquelles unguentos, porque o ungia a Magdalena para a sepultura. Para a sepultura? Se Christo estava vivo, como diz e se póde verificar que o ungia a Magdalena para a sepultura? O Cardeal Caetano o disse, e com bem aguda advertencia: *Constat quod cadaveri non adhibetur unguentum ad delicias. Itaque utebatur Dominus ista unctione sine omni sensualitate, sicut cadaver, quod ungitur, ut sepeliatur.* Dizer Christo que a Magdalena o ungia para a sepultura, foi significar, diz Caetano, que estava seu corpo tão mortificado e insensivel na vida, como se já tivera passado por elle a morte: como se dissera o divino Senhor: Ainda que acceito, ou não resisto estes unguentos da Magdalena, não me tenhaes, Discipulos meus, por regalado e delicioso; porque haveis de saber que está tão mortificado, e tão morto este corpo que vêdes, que as delicias em mim não são delicias, e estes unguentos da Magdalena mais os recebo como cerimonias de morto, que como regalos de vivo. Assim como os defun-

[1] *Math.*, XXVI, 12.

tos que vão a enterrar, nenhuma deleitação recebem nos unguentos com que os ungem, porque a morte os fez insensiveis; assim está tão morta, e tão mortificada minha humanidade, que não sente mais deleitação nestes unguentos preciosos, que se a Magdalena me ungira para a sepultura: *Ad sepeliendum me fecit.* Até qui encareceu Christo a mortificação de seu corpo sagrado: mas a de Xavier, se bem advertirdes, ainda a temos mais encarecida nesta acção: *maiora faciet.* No corpo de Christo chegaram as delicias a não ser delicias: no corpo de Xavier passaram as delicias a ser tormentos. Em Christo chegaram as delicias a não ser delicias, porque não obravam como delicias, nem causavam deleite: em Xavier passaram as delicias a ser tormentos, porque obravam como tormentos, e chegavam a tirar sangue. Ha mais grandeza? Ha mais excellencia? Ha mais maravilha? Ainda ha mais.

A segunda causa que fez suar sangue a Christo no Horto, dizem os Santos mais conformemente, que foi a apprehensão de todos os peccados do mundo. Considerou o Redemptor o numero sem numero de peccados presentes, passados e futuros, com que os homens offenderam e haviam de offender a seu Eterno Padre, e foi tão grande a dôr que concebeu em seu coração, que entrou naquellas ancias e agonias mortaes, que se desafogaram em suores de sangue. Tal o nosso Francisco Xavier. Foi-lhe tão penoso tormento aquella imaginação ou representação, uma material e informe, só porque costuma ser materia de peccado, e offensa de Deus, que de pura afflicção e ancia lhe rebentou o sangue das veias. Mas nisto mesmo teve circumstancias tantas e taes, que á vista da imaginação do mesmo Christo no Horto, subiram grandemente de ponto esta heroica acção. Christo sueu lagrimas de sangue pela apprehensão de todos os peccados do mundo; Xavier pela de um só peccado. Christo por peccados de pensamentos, palavras e obras: Xavier por um peccado de pensamento. Christo por peccados reaes e verdadeiros: Xavier por um peccado imaginado. Christo por peccados que eram, foram, e haviam de ser: Xavier por um peccado que nem era, nem fôra, nem havia de ser, senão só porque podia ser peccado. Tanto amava Xavier a Deus, que obravam nelle as possibilidades de uma offensa sua, o que em Christo as existencias de todas.

VII

Mas se neste caso não havia peccado, apertemos bem o ponto. No somno não ha livre alvedrio, sem livre alvedrio não ha peccado; logo supposto que Xavier estava dormindo, não só não era peccado aquelle pensamento, mas nem o podia ser. Pois se não podia ser peccado, porque lhe resiste Xavier tanto á sua custa? Porque era Xavier. Não lhe acho outra razão. E senão, vêde as razões porque os outros Santos resistiram. Resistiu José tão resolutamente como vimos: e porque? Por temor do peccado. Elle mesmo o disse: *Quomodo possum hoc malum facere, et peccare in Deum meum?* [1] Resistiu Suzana ainda com maior victoria, sendo mulher, porque resistiu contra a morte, e contra a honra: e porque? Por temor do peccado. Ella o disse tambem: *Melius est mihi incidere in manus vestras, quam peccare in conspectu Domini.* [2] E porque nos não faltem, ou porque não pareça que fugimos dos exemplos dos que derramaram sangue, entrem de uma vez todos os Martyres. Resistiram os Martyres valorosamente, padeceram os tormentos, deram a vida, derramaram o sangue: e porque? Ainda que foi por amôr da fé, em todos concorreu o temor do peccado, como gravemente pondera Santo Ambrosio: porque a todos põe o tyranno entre a corôa e o supplicio: a todos se põe o céu e o inferno á vista: a todos se manda escolher neste terrivel dilemma, ou ser martyr perdendo a vida, ou ser apostata perdendo a fé. Nada disto havia no caso de Xavier; porque não havia peccado, nem temor de peccado, nem possibilidade de peccado. Se aquelle pensamento fôra, ou pudéra ser peccado, não é muito que lhe resistira qualquer Santo, e ainda qualquer christão, até derramar sangue, que essa é a obrigação da Lei de Deus, não consentir no peccado, ainda que custe a vida: mas não ser aquella imaginação, nem poder ser, peccado, e comtudo resistir-lhe com tanta

[1] *Gen.*, XXXIX, 9.
[2] *Dan.*, XIII, 23.

violencia, só porque tinha parentesco com outras imaginações que costumam ser peccados, isto sim, que é a verdadeira santidade, não resistir pelo perigo da consciencia, senão pelo amôr da virtude.

Uma das mais louvadas façanhas de toda a Escriptura, é a generosidade de David com que tendo a seu inimigo debaixo da lança, lhe não quiz tirar a vida. Esta é a circumstancia que todos louvam; mas quanto a mim não esteve nisto a fineza. Pois em que esteve? Esteve em que podendo ter a satisfação de vingado sem a culpa de homicida, perdoou, não por temor do peccado, senão por amôr da virtude. Deus tinha dado licença a David para que podesse matar a Saül, se quizesse: e assim lh'o lembraram naquella occasião os companheiros: *Ecce dies, de qua locutus est Dominus, tradam tibi inimicum tuum, ut facias ei sicut placuerit in oculis tuis:* [1] Chegado é, Senhor, o dia que Deus vos tinha promettido; matae a vosso inimigo, pois Deus volo entregou nas mãos. De maneira que tinha David licença de Deus para tirar a vida a Saül, e o podia matar, como ministro do mesmo Deus, sem peccar, assim como os ministros de justiça matam homens sem peccado. Pois aqui esteve o fino desta famosa acção de David: se matar a Saül fôra peccado, nunca o fizera David, porque era santo: porém que podendo David ter a satisfação de vingado sem a culpa de homicida, que quizesse comtudo perdoar a seu inimigo, e tal inimigo; isto sim, que é verdadeira acção de grande santidade, não obrar a virtude por temor do peccado, senão a virtude por amôr da virtude. Tal Xavier. Estava livre de offender a Deus pela impeccabilidade do somno; e podendo lisongear a imaginação sem manchar a consciencia, repugnou e resistiu até derramar sangue, defendendo fiel e generosamente, não a castidade por temor da impureza, senão a castidade por amôr da castidade.

Mas cuidará alguem que ficou egualmente gentilhomem David, e que correu parelhas com Xavier neste caso. Ora vêde no mesmo caso quanto ficou David atraz. Diz o Texto: *Post hæc percussit cor suum David:* [2] que depois desta acção lhe bateu o coração no

---

[1] *1.º Livr. dos Reis*, XXIV. 5.
[2] *Ibid.*, 6.

peito a David, e que lhe remordeu a consciencia. Pois a consciencia de que ? se David tinha feito um acto tão singular e heroico, e se tinha portado em tal occasião de vingança, tão pio, tão modesto, tão religioso, e ainda tão reverente a seu inimigo ? Isto é o que foi no fim da tentação, mas não o que tinha sido no principio. O mesmo David o disse logo a Saül: *Cogitavi ut occiderem te, sed pepercit tibi oculus meus.* A primeira resolução de David quando viu a Saül só, e sem defeza, foi cozel-o alli a punhaladas, e matal-o, como lhe diziam os companheiros; mas depois que considerou, depois que discorreu, depois que abriu os olhos para vêr o muito que havia que vêr, e ainda que chorar, naquelle caso, absteve-se David na execução, perdoaram seus olhos a Saül, como elle diz: *Pepercit tibi oculus meus.* De sorte que toda esta grande façanha de David foi victoria com quéda; primeiro a tentação o derrubou a elle, e depois elle derrubou a tentação; primeiro se quiz vingar, e depois perdoou: primeiro foi vencido, e depois venceu. Antes bem considerado o procedimento, ou o processo de toda esta acção, se póde duvidar, sem aggravo de David, se mereceu nome de victoria, porque não foi resistencia da tentação, senão emenda do arrependimento. Deliberou a morte de Saül, e depois arrependeu-se: cegou-se, e depois abriu os olhos: *Pepercit tibi oculus meus.* Não assim Xavier. David consentiu, e cahiu no pensamento; Xavier sempre resistiu constante: David deliberou-se a derramar o sangue alheio; Xavier não duvidou de derramar o proprio: David perdoou, mas tarde, a seu inimigo; Xavier não tardou um instante em se não perdoar a si mesmo: David vencido venceu-se, mas depois que abriu os olhos: *Pepercit tibi oculus meus;* Xavier venceu-se invencivel, estando com os olhos fechados: finalmente, David em materia onde podia não haver peccado, teve de que fazer penitencia: *Percussit David cor suum:* Xavier onde não houve de que fazer penitencia, nem era possivel haver peccado, executou o mais cruento e o mais rigoroso castigo contra seu proprio corpo.

Agora vejo que me perguntam, que castigou Xavier, se aqui não havia peccado, nem offensa, nem injuria de Deus ? Não havia offensa nem injuria de Deus, mas havia offensa e injuria sua, e essa castigou Xavier. Os homens de bem hão de regular suas acções

por duas leis — pela Lei de Deus e pela lei de quem são. Onde ha offensa de Deus, hão de temer offender a Deus; e onde não ha offensa de Deus, hão de temer offender-se a si. Isto é o que altamente chamou Seneca reverencia de si mesmo: *Cum jam profeceris tantum, ut sit tibi etiam tui reverentia.* Mas se em si mesmo tudo o que aqui houve (como acabamos de dizer) não foi mais que um pensamento tão leve; que é o que vinga, que é o que desaffronta, que é o que castiga Xavier? Até a soberba humana, em que a honra, e a vingança tem tantos pontos, e esta tanto em seu ponto, não vinga imaginações, nem castiga pensamentos. Castigar pensamentos é regalia tão propria e tão unicamente singular da Divindade, que nem á sua mesma Esposa a communica Deus, segundo aquelle Canon: *Ecclesia non judicat de internis.* Que diremos logo desta acção de Xavier? Diremos que a pureza de seu corpo e alma, das suas portas a dentro se trata com pundonores de divina, dos quaes resultam fóra estes extremos? Eu não sei que coisa similhante reprehendeu Deus em Job, quando lhe disse: *Si habes brachium sicut Deus, et si voce simili tonas.* [1] Comtudo nem por isso me retrato do que inferia dos pundonores de Xavier, como divinos; antes affirmo que quem assim o disser, não dirá mais do que é, senão menos. Para Deus se dar por offendido, e castigar pensamentos, não basta que nos viesse á imaginação um pensamento mau, mas é necessario que deliberadamente consintamos nelle, porque, *Non nocet sensus, ubi non est consensus.* Porém no juizo de Xavier, para elle se offender e castigar um pensamento, basta que de sua natureza seja mau, ainda que não fosse consentido, como aqui não foi. D'onde se segue, que em materia de offensas de Deus, ou suas, mais estreito é o juizo de Xavier, que o de Deus, pois no mesmo caso em que a reverencia de Deus se não offendia, a pureza de Xavier se deu por offendida. Tão delicados e escrupulosos eram os primôres da sua pureza, ainda examinada aos raios da Divina!

Chegado aqui, não tem mais para onde subir o nosso discurso. Mas quem descer com a memoria pelos quatro degraus delle, em todos achará que este só

[1] *Job.*, XL, 4.

caso lhé deu muito que deixar· impresso na admiração. Primeiro, que sem acordar Xavier, se portasse tão acordado: segundo, que sendo a materia tão grosseira, obrasse nella tantas finezas: terceiro, que não tendo o inimigo carne, nem sangue, a batalha fosse sanguinolenta: quarto, que em tão arriscada e difficultosa empreza se alcançasse a victoria sem as armas nas mãos: e seja o quinto e ultimo, que não só sem armas nas mãos, mas sem mãos, porque estavam atadas. Viu Nabucodonosor em sonhos aquella estatua mysteriosa de metaes, que tinha a cabeça de oiro, o peito de prata, da cintura aos joelhos de bronze, dos joelhos aos pés de ferro; e viu mais que desceu uma pedra do monte, que tocando-lhe nos pés, que eram de barro, deu com toda aquella machina em terra. Compara esta pedrada Drogo Hostiense com a que David atirou ao Gigante; e diz que esta victoria foi maior, e mais digna da Omnipotencia Divina: *Factus est lapis, et percussit Goliam in fronte, statuam in pedibus: iste jactus tuus Domine.* Pois se a estatua de Nabucodonosor era uma fabrica morta, ruinosamente fundada em pés de barro, e o Gigante de David era um colosso vivo, uma pyramide animada, uma torre coberta de ferro, como foi esta victoria menos admiravel que aquella? Dá a razão o mesmo Drogo Hostiense tirada da Escriptura: *Quia iste lapis abscissus est sine manibus:* Porque a pedra que derrubou a estatua, como diz o Texto, foi atirada sem mãos: a pedra que derrubou o Gigante foi meneada pelas mãos de David, que volteou a funda, que disparou o tiro; porém a pedra que derrubou a estatua, foi despedida sem impulso, e atirada sem mãos: *Abcissus sine manibus.* E assim, ainda que a estatua era morta, e o Gigante vivo, maior victoria foi derrubar a estatua, que derrubar o Gigante; porque o Gigante foi vencido com mãos, e a estatua sem ellas. O mesmo passa nesta victoria de S. Francisco Xavier comparada com os outros Santos. Já sabeis que em quanto um homem está dormindo tem as mãos do livre alvedrio atadas. E' verdade que póde merecer, e desmerecer pelos actos, ou habitos antecedentes, mas a vontade, e livre alvedrio, que são as mãos com que obra nossa alma, estão atadas nas prisões do somno. Pois por isso é muito maior a victoria de Xavier, que a dos outros Santos; porque ainda que os inimigos fossem egualmente po-

derosos, elles pelejaram acordados, Xavier pelejou dormindo: elles venceram com as mãos do alvedrio livres, Xavier com as mãos atadas: elles com mãos, Xavier sem mãos: *Sine manibus.*

Quando os Philisteus quizeram matar a Samsão, pediram a Dalila que o atasse primeiro, e lh'o tivesse seguro. Fel-o ella assim escolhidamente, não sei porque interesses, e diz o Texto que o atou com sete ataduras fortissimas. Eis aqui, senhores, que tendes em vossa casa, quem sustentaes á vossa custa, e com o vosso pão, quem vos ata as mãos e os pés, para que vos não possaes defender de vossos inimigos, contra todo direito natural. Mas o valente Samsão não se levou desse erro: tanto que viu a occasião, quebrou as ataduras, saltou do logar onde dormia, e derrocou-os a todos. Pois, valoroso Samsão, para que vos soltaes, porque quebraes os laços, porque vos não deixaes estar preso nelles? Não fôra muito mais gloriosa victoria pelejar assim com vossos inimigos, e vencel-os com as mãos atadas? Não ha duvida que muito mais gloriosa victoria fôra: mas esses impossiveis só para Xavier estavam guardados. Estava Xavier dormindo, como Samsão, atado com sete ataduras: as cinco dos cinco sentidos, as duas do entendimento e vontade, e quando chegou a tentação, quando chegaram os inimigos, não acordou, não se soltou das prisões; deixou-se estar com as mãos do alvedrio atadas, como se dissera a todo o inferno que o acommettia: chegae, chegae covardes, que Xavier para vós não ha mister mãos. Assim vencestes, glorioso soldado da Companhia de Jesus, assim vencestes ao maior inimigo do genero humano, e assim triumphastes delle. Pintem-vos diversos affectos como quizerem, uns apartando do peito as roupas pelo incendio divino, outros com um sol abrazado na mão, porque o fostes do Oriente e do mundo, outros com um ramo de neve em açucenas, que são a palma da virgindade; que eu, se houvesse de reduzir a breve epilogo vossas maravilhas, havia-vos de pintar com as mãos atadas, e com o inferno aos pés.

CONCLUSÃO AOS SONHOS

DE

XAVIER DORMINDO

E se dormindo, e com as mãos atadas, alcançou este novo Samsão da Igreja tão prodigiosas victorias; acordado, e vigiando, que vos parece que faria? Vinham novas de grandes victorias e conquistas ao imperador Timotheo, como refere Plutarcho: e como nas côrtes sempre ha habilidades queixosas, e entendimentos descontentes, sahiu uma noite pasquim. Estava o imperador pintado em trajos de pescador, dormindo em uma barquinha sobre ferro; e lançadas ao mar as rêdes, que cercavam cidades, e as nassas, pelas quaes iam entrando outras que elle depois recolhia. Queriam significar com isto os malevolos, que não tinha o imperador que se vangloriar das victorias que alcançava; porque elle se estava mui descançado no seu palacio, como o pescador dormindo na barquinha; e as cidades que iam entrando em seu imperio, e acrescentando sua grandeza, aos capitães que as conquistavam, se deviam, e não a elle. Foi levado este pasquim ao imperador, o qual como sabio e confiado (que tudo é a mesma coisa) pediu a penna, e escreveu por baixo esta regra: *Si tantas urbes dormiens capio, quid me vigilantem facturum putatis?* Se eu dormindo venço tantas cidades, que vos parece que farei vigiando? O mesmo podia dizer de si Xavier, e o mesmo digo eu delle. Se o Evangelho e o thema pedia que vos dissesse quanto vigiou este grande Santo, e quão vigilante servo foi de Christo em sua vida, olhae para elle dor-

mindo, e vel-o-heis. Tomar por assumpto a Xavier vigiando e querer reduzir a discurso as maravilhas prodigiosas que este singular heroe obrou acordado, é empreza quasi impossivel: mas das victorias que alcançou dormindo, se póde fazer conceito do que venceria vigiando: *Quid me vigilantem facturum putatis, si tantas urbes dormiens capio?*

Considerae e pezae bem, que é, ou que vem a ser Xavier dormindo. Xavier dormindo não é todo Xavier, nem ainda parte de Xavier, é um desmaio de Xavier, é uma sombra, é uma estatua, é um cadaver. Pois se um cadaver, se uma estatua, se uma sombra, se um desmaio de Xavier, assim peleja, assim resiste, assim vence, assim triumpha; se um Xavier sem Xavier, se um Xavier não em si, e desacompanhado de si mesmo, obra taes maravilhas; Xavier acordado, Xavier vivo, Xavier todo, Xavier dentro em si, e Xavier comsigo, julgae o que seria, e o que faria? Aos soldados mais valentes, aos capitães mais experimentados, e aos servos mais fieis, e mais cuidadosos de sua casa, manda-os Christo vigiar, e busca-os vigiando para os achar: mas a Xavier como mais soldado, como mais capitão, e como mais servo, dormindo o busca, dormindo o tenta, dormindo o acha, dormindo o corôa.

O juizo verdadeiro desta conjectura pertence á segunda parte no titulo — Xavier acordado. — E certamente que os seus desvelos merecem melhor orador que os seus sonhos. Eu já protestei no principio que tambem estava sonhando, quando me veiu ao pensamento que fôra Xavier maior santo dormindo, que os outros vigiando. O que prometti foi, que diria o que podesse provar. Mas se provei o que disse, agora confesso que disse muito menos do que devêra. Não peço porém perdão ao Santo, porque ser elle tão grande, assim como é gloria sua, não póde ser culpa minha.

PREFAÇÃO AOS DESVELOS

DE

XAVIER ACORDADO

Nunca amanheceu a Francisco Xavier no seu oriente a aurora, que o não achasse não só vigiando, mas desvelado. E qual era a aurora do seu oriente? Não aquella de que nasce o sol que allumia o mundo, senão a de quem nasceu a luz do mundo, o que creou o mundo, e poz nelle o sol. Estes eram os seus cuidados de dia, e os seus desvelos de noite. E assim como a aurora todos os dias abre as portas ao sol, assim elle vigiava ás portas da sua Aurora todos os dias: *Qui vigilat ad fores meas quotidie.* A Maria Senhora nossa, e Senhora, Mãe e Protectora sua, depois de contemplar suas grandezas, cantar seus louvores, e implorar suas misericordias no silencio da noite: para entrar e sahir felizmente dos trabalhos e emprezas do dia, se lhe offerecia todo. Os pensamentos a seus gloriosissimos olhos, com que está vendo a Deus, para que os dirigisse: as palavras a seu ardentissimo coração, para que as accendesse: as obras a seus poderosissimos braços, para que as confirmasse. Naquella officina do Espirito Santo se lavravam as virtudes, se fabricavam os milagres, se fundiam e temperavam as armas para as victorias.

Sendo tão fechados os bosques que se haviam de abrir, e tão fragosas e incultas as terras que se haviam de romper, muitos dias havia (quem tal imaginára!) que a mesma Senhora tinha guardado o metal duro e forte, que havia de dar a materia a tão po-

derosos instrumentos. Quando Santo Ignacio trocou a milicia da terra pela do céu, ao altar famoso de Monserrate dedicou o valente capitão a sua espada, velando aquella noite as armas, como então se costumava em Hespanha, e se significava com estes termos. Muito tempo se viu alli pendente aquelle nobre despojo da victoria de si mesmo. Mas que se fez da mesma espada? Diz o propheta Isaias, e tambem Micheas, que nos tempos do Messias se converteriam as espadas em arados: *Constabunt gladios suos in vomeres:* [1] e assim o fez a soberana Rainha dos Anjos, dispondo daquella offerta como sua, e querendo que da espada de Ignacio se forjasse a espada de Xavier. Bem mostrou depois a experiencia que ambos estes dois instrumentos eram formados do mesmo metal, porque tudo o que Santo Ignacio ordenava em Roma, S. Francisco Xavier ditava na India, sem se communicarem.

Mas antes que nos apartemos da forja, não deixarei de contar aqui o que succedeu tambem a Xavier na sua conversão. Emquanto Santo Ignacio meditava o seu Instituto, e na universidade de Pariz ia escolhendo alguns companheiros, o que lhe levava os olhos era D. Francisco Xavier, o qual porém não podia reduzir a que mettesse debaixo dos pés o mundo, que o trazia nas palmas, como a fama nas linguas. Tinha porém Xavier um collega dos mesmos estudos, chamado Pedro Fabro, que já seguia a Ignacio, e ambos finalmente conseguiram o que Ignacio só não pudéra. D'aqui se formou um emblema, que entre os engenhosos e discretos, nenhum se inventou mais proprio. Ignacio significa fogo, e Fabro ferreiro. Pintaram pois uma fornalha ardendo e o ferreiro batendo o ferro afogueado, com a lettra que dizia: *Solus non sufficit ignis.* A dureza de Xavier em ambos os estados sempre foi de homem de ferro: e para amoldar a dureza do ferro, não basta só o fogo, é necessario o fogo, e mais o fabro.

Forjado da espada de Ignacio o arado de Xavier, então se viu na terra e no céu aquelle impossivel do poeta: *Terra feret stellas: cœlum findetur aratro:* Que quando o céu se lavrasse com o arado, então a terra produziria estrellas. Assim succedeu. Arava Xavier

[1] *Isai.*, II, 4.

o mar com as suas navegações, arava a terra com suas peregrinações, arava principalmente o céu com suas orações: e quando as orações do céu se ajuntavam com as prégações da terra, então produzia a terra estrellas, que mandava ao céu.

As que mais estimava Xavier eram as da via lactea, que tiradas dos peitos das mães, iam sem duvida logo a vêr o Pae. Mas em todas as outras edades e estados era com a mesma fertilidade. Os Astrologos com o nome de *Magnitudo* distinguem nas estrellas primeira, segunda, terceira, até sexta grandeza. E a natureza e a fortuna fazem no mundo a mesma distincção, e o mesmo numero. A natureza nas edades subindo: infancia, puericia, adolescencia, edade de mancebo, de varão, velhice. A fortuna nos estados descendo: reis, principes, fidalgos, nobres, plebeus, escravos. E de todas estas edades e estados, pela prégação de Xavier, nascéram em todas as terras do oriente innumeraveis estrellas.

A Abrahão apparecendo-lhe Deus de noite disse, que contasse as estrellas, se podia: *Numera stellas, si potes.* [1] E depois de Abrahão não poder contar tantas, lhe revelou o Senhor que tão innumeravel seria o numero da sua descendencia: *Sic erit semen tuum.* [2] E sendo as almas de innocentes, que pelo baptismo, e de adultos, que pela doutrina, ou mandou logo Xavier, ou poz no caminho do céu, como já dissemos, mais de um milhão e duzentas mil; maravilhosa coisa é que o numero das estrellas que desde o principio do mundo descobriram as observações de todos os mathematicos no céu, fossem só mil e vinte duas: d'onde se convence, que combinado o numero das estrellas do céu com o das estrellas da terra, que são as almas, em dez annos podesse Xavier dar de vantagem, ou de barato a todos os Astrologos, por cada uma estrella mil estrellas. Mas a mais interessada no excesso de tão grande numero é a mesma Virgem Maria, Mãe, Senhora e protectora de Xavier. E porque? Porque quando o seu segundo filho S. João, lhe não descubriu na corôa mais que doze estrellas: *Et in capite ejus corona stellarum duodecim:* [3] Xavier nos seus des-

---

[1] *Gen.*, XV, 5.
[2] *Ibid.*
[3] *Apoc*, XII, 1.

cobrimentos a coroou com cem mil estrellas por cada estrella. Tantas veem a ser precisamente no mesmo numero, um milhão e duzentas mil, isto é, por doze, doze vezes cem mil. Nisto e no demais nenhuma coisa deve a Mãe de Deus a Xavier, senão tudo Xavier desde o principio até o fim, como elle confessava, á Mãe de Deus e sua. E se a Aurora do seu oriente de noite, e dormindo, o assistia com tão excessivo numero de estrellas, bem podemos esperar, que de dia e acordado, o assistia com todo o Sol.

SERMÃO PRIMEIRO

ANJO

Posuit pedem suum dextrum super mare, sinistrum autem super terram. [1]

I

Já temos a S. Francisco Xavier não dormindo, senão acordado; não jazendo, senão levantado; não parado, senão andando, e com um pé sobre o mar, outro sobre a terra. São estas palavras do Evangelista S. João: mas não como Evangelista, senão como Propheta. Como Evangelista, escreveu só a historia da vida de Christo: como Propheta, historiou todos os successos futuros da Igreja mais notaveis, e tal é o presente sobre ser de nossos tempos. Já suppuz, e depois provarei a pessoa de que falla, a qual descreve ou pinta enigmaticamente na figura seguinte: *Et vidi alium Angelum descendentem de cœlo, amictum nube, et iris in capite ejus, et facies ejus erat ut sol, et pedes ejus tanquam columnæ ignis: et habebat in manu sua libellum apertum: et posuit pedem suum dextrum super mare, sinistrum autem super terram:* [2] Quer dizer: Que viu descer do céu um Anjo, o qual tinha os pés de fogo: que estes pés serviam de bases a duas grandes columnas, sobre que se movia o resto do corpo coberto ou vestido de uma nuvem; que desta nuvem se levantava ou amanhecia

---

[1] *Apoc.*, x.
[2] *Ibid.*, x, 1 e 2.

um sol, coroado com a iris, ou arco celeste: que punzera o pé direito sobre o mar, e o esquerdo sobre a terra: e finalmente, que o que sustentava todo este colosso, era arvorado na mão um livrinho aberto.

No principio desta descripção disse o Propheta, *et vidi*, e vi; porque antes daquella vista ou visão tinha precedido outra, sem a qual se não póde ella entender; e foi desta maneira. Vi, diz, que cahia do céu uma estrella, a qual tinha as chaves do poço dos abysmos, que é o inferno, para o poder abrir: que daquelle poço aberto sahiram grandes nuvens de fumo espesso e negro, que escureciam o sol: e que de entre o mesmo fumo nasciam innumeraveis enxames ou exercitos de gafanhotos de monstruosas e horriveis figuras. Os corpos eram de cavallos armados para a guerra, os dentes de leões, as caudas de escorpiões, os rostos de homens, os cabellos de mulheres, e sobre as cabeças corôas como de oiro: sobretudo, que sendo gafanhotos não talavam os campos, nem se sustentavam das hervas, e das plantas; mas toda a sua fome e veneno empregavam em atormentar os homens com taes dôres, que elles desejavam a morte, e a morte fugia delles.

Estas são as duas visões, tão horrenda e temerosa uma, como admiravel e prodigiosa outra. E porque a que referimos em segundo logar, foi a que precedeu á primeira, todos os Expositores antigos concordam uniformemente que nella são significadas as heresias. E os mais modernos, ajudados da experiencia dos tempos, e da ordem e consequencia da mesma historia do Apocalypse, reconhecem mais propriamente nas ditas heresias, as que começaram no seculo passado, e continuam no presente. A estrella que cahiu do céu, dizem, com pouca ou nenhuma differença, uns que foi Luthero, outros Calvino. Calvino, porque sendo clerigo, cahiu do primeiro céu da Igreja Catholica, que é o estado ecclesiastico; e Luthero, porque sendo Religioso, cahiu do segundo e mais alto, que é o da Religião. O fumo que sahiu das fornalhas e abysmos do inferno que estes heresiarchas abriram, são os erros e dogmas impios, sacrilegos e abominaveis, que novamente ensinaram, tão contrarios ao Evangelho e Lei de Christo, como conformes á largueza da vida, appetite, e sensualidade da natureza corrupta. Com elles escureceram o lume da razão e da fé, e cegaram

e levaram brutalmente apoz si tanta parte do mundo septentrional, e nações do Norte, uns enfeitiçados do doce veneno da liberdade, sem obediencia de mandamentos, sem continencia da carne, sem confissão de peccados, e sem necessidade de boas obras: outros sujeitos por força e violencia das armas, seguindo, como manadas de brutos sem razão, a cegueira de principes inconstantes, covardes, e affeminados, que por isso sobre cabellos de mulheres traziam na cabeça as corôas.

II

Mas que coherencia ou consequencia tem esta visão tão horrenda, tão bellicosa, e tão inimiga de Christo e sua Igreja, com a primeira que vimos, e logo se seguiu apoz ella, tão differente em tudo? Grande coherencia, e grande consequencia, dizem os melhores Interpretes. Como na visão antecedente tinha cahido do ceu aquella estrella fatal que abriu o inferno, e dos abysmos delle fez sahir os monstros e pestes de tão feias e abominaveis heresias; necessaria consequencia era que do mesmo céu fizesse logo a Providencia Divina descer o soccorro verdadeiramente forte, que parasse a furia, que resistisse a audacia, e reprimisse os estragos, que os rebeldes e apostatas da sua Igreja iam fazendo nella, e poderosamente impugnasse, confutasse, confundisse, e convertesse seus erros. Assim o fez no mesmo tempo Deus por meio dos Doutores fieis e catholicos, armados desde os pés até á cabeça, como alli se descreve, com o zelo, significado no fogo; com a firmeza e constancia da fé, significada nas columnas; com a luz e pureza da verdade, significada no sol; com o rego da doutrina descida do céu, significada na nuvem; e finalmente com a corôa e victoria deste diluvio, em que a arca de Noé, isto é, a Igreja de Christo, se viu tão combatida; mas, como elle lhe prometteu, sempre segura e salva, significado tudo no iris.

Accrescenta logo o mesmo Texto que o Anjo do soccorro levantou a voz, como bramido de leão, a qual os trovões do céu acompanharam com as suas: *Et clamavit voce magna, quemadmodum cum leo rugit: et cum clamasset, loquuta sunt septem tonitrua voces*

suas. [1] Diz que as vozes destes trovões eram dearticuladas, e que fallavam: *Loquuta sunt;* porque taes foram acompanhadas de relampagos e raios, as com que os valentes defensores da Fé catholica, prégando e escrevendo, começaram logo a ferir nos olhos a cegueira, a confundir nos ouvidos a surdeza, e a fulminar nos corações a dureza, e nos entendimentos a obstinação dos hereges: relampagos na luz, trovões no espanto, e raios sem resistencia nos effeitos.

Só poderia parecer menos propria, e menos conforme ao significado a figura da visão, pois havendo de ser os fortes defensores da fé muitos, o Anjo forte que desceu do céu fosse um só. Mas deste cuidado ou escrupulo nos livrou a mesma Igreja, declarando que o forte defensor com que o céu a soccorreu contra Luthero, e os outros hereges dos nossos tempos, foi Santo Ignacio e a sua Companhia. São palavras expressas da Sé Apostolica nas lições da festa do mesmo Santo: *Ut constans fuerit omnium sensus, etiam pontificio confirmatus oraculo, Deum, sicut alios aliis temporibus sanctos viros, ita Luthero, ejusdemque temporis hæreticis, Ignatium, et institutam ab eo societatem objecisse.* Todas as vezes que na Igreja se levanta nova heresia, logo a Providencia Divina levanta contra ella algum novo capitão que a impugne, e defenda a verdade da Fé Catholica. Taes foram contra Arrio Santo Athanasio, contra Pelagio Santo Agostinho, contra Eutyques S. Gregorio, contra Nestorio S. Cyrillo, e contra os hereges albigenses os dois grandes Patriarchas S. Domingos, e S. Francisco, com os luzidissimos terços ou exercito das suas sagradas Religiões. E da mesma maneira contra Luthero e Calvino, e os outros hereges dos nossos tempos, sendo as heresias as mais perniciosas de todas (porque as antigas eram de entendimento, e as modernas todas são fundadas na carne), contra ellas affirma a mesma Igreja, e manda lêr em todos os córos, que o capitão que Deus levantou, foi Santo Ignacio e a sua Companhia: *Ignatium, et institutam ab eo societatem.*

E aqui se deve notar uma especialidade ou elegancia particular da Providencia e Sabedoria divina, a qual quando quer obrar por modo superior, e mais

[1] *Apoc.*, x, 3.

admiravel, não só cura contrarios com contrarios, como a medicina, mas com tal contrariedade aos mesmos remedios, que se na opposição são contrarios, na paridade sejam similhantes: assim contra o peccado da arvore vedada levantou Deus a arvore da cruz, e contra o veneno das serpentes do deserto a serpente de Moysés. E como então vencida uma arvore com outra arvore, e umas serpentes com outra serpente, nesta mesma correspondencia foi mais admiravel e gloriosa a victoria; assim depois com egual propriedade e energia, sendo um heresiarcha clerigo, como Calvino, e outro heresiarcha Religioso, como Luthero, levantou Deus um Patriarcha e uma Companhia que fosse de clerigos e Religiosos juntamente, não só para desaffrontar com elles o estado clerical e Religioso, mas para que de um e outro estado unidos formasse a Igreja militante um novo subsidio fiel e forte, com que fortificada os resistisse, e mais gloriosa os debellasse. São outra vez palavras da mesma Igreja fallando com Deus: *Deus, qui ad maiorem tui nominis gloriam propagandam novo per beatum Ignatium subsidio militantem Ecclesiam roborasti.*

III

Neste ponto pois está definido pela suprema auctoridade, nem eu tenho mais que dizer, nem outrem terá que impugnar. Digo porém que naquella mesma visão e figura do Apocalypse não só se representou o pae, senão tambem o filho: não só Santo Ignacio, senão juntamente S. Francisco Xavier. Fallando de si e de seu Eterno Padre Christo Senhor nosso, dizia: *Ego in Patre, et Pater in me est:* [1] Eu estou em meu Pae, e meu Pae está em mim: e n'outro logar: *Qui videt me, videt et Patrem meum:* Quem me vê a mim, vê a meu Pae. E isto mesmo (quanto o humano se póde comparar com o divino) podia dizer S. Francisco Xavier, fallando de si, e de seu Padre Santo Ignacio. Nem deve alguem estranhar a comparação por demasiadamente alta, pois, como diz S. Paulo,

[1] *Joan.*, XIV, 11 e 9.

não havendo no céu outro Pae senão Deus (porque nos Anjos não ha pae, nem filho), da paternidade do mesmo Deus no céu se deriva o nome e a similhança que teem os paes na terra com seus filhos: *Ex quo omnis paternitas in cœlis, et in terra nominatur.* [1] E póde esta similhança nos homens subir a ponto de perfeição tão alto, que assim como entre o Eterno Padre, e o seu Unigenito Filho, excepta sómente a distincção real das Pessoas no entender e querer, e em tudo o mais ha uma perfeitissima e simplicissima unidade: ao mesmo modo em dois sugeitos humanos, pae e filho, haja tal união e conformidade do entendimento, e vontade de ambos, que sendo differentes as pessoas, e estando em differentes logares, em tudo o mais não sejam dois espiritos, senão um só, e esse não dividido, senão multiplicado. Tal foi o de Elias e Eliseu: *Fiat in me duplex spiritus tuus;* [2] e tal o de Ignacio e Xavier. Este é um dos mais prodigiosos milagres destes dois santos. Em quanto S. Francisco Xavier viveu, não estava ainda promulgado no Oriente o Instituto da Companhia. E sendo as suas Regras tão differentes das outras Religiões, assim no fim como nos meios de o conseguir; governando Santo Ignacio em Roma, e S. Francisco Xavier na India, eram tão uniformes os seus dictames, e tão identicamente os mesmos, que as instrucções de Xavier pareciam trasladadas pelas Constituições de Santo Ignacio, e as Constituições de Santo Ignacio pelas instrucções de Xavier: e não por communicação alguma que houvesse nesta materia, em distancia de tantas mil leguas, senão pela união ou unidade do espirito, que vivia ou ardia em um e outro, como se fossem ambos uma só alma em dois corpos, um só entendimento em duas almas, e uma só vontade em dois entendimentos. Não é logo nova maravilha, que pudesse dizer Xavier: *Ego in Patre, et Pater in me est:* que elle estava em seu Padre, e seu Padre nelle; e que na mesma figura do Apocalypse, como em um espelho reciproco, se vissem ambos: *Qui videt me, videt et Patrem meum.*

Mas se Santo Ignacio, como vimos, foi eleito contra o Septentrião, e S. Francisco Xavier para o Oriente;

---

[1] *Ephes.*, III, 15.
[2] *4.º Livr. dos Reis*, II, 9.

Santo Ignacio contra os hereges, e S. Francisco Xavier para os gentios; como se podiam ajuntar na mesma figura duas missões tão distantes, e tão diversas? Respondo, que com admiravel propriedade, e por isso mesmo. Para intelligencia destes dois mysteriosos concursos, havemos de suppor uma notavel razão de estado da Providencia Divina: e é esta. Nas rebelliões das heresias, em que os subditos da Igreja se levantam contra ella, não só padece a mesma Igreja a guerra, senão tambem a ruina. A guerra pela opposição e rebeldia das armas contrarias; e a ruina pela perda dos mesmos subditos rebellados, que eram membros seus, e partes da sua mesma grandeza, da qual fica privada e diminuida. E para accudir a um e outro damno, que ha mister a Igreja? Quanto ao da guerra, ha mister quem a defenda; e quanto ao da ruina, quem lhe restaure e accrescente em uma parte o que lhe faltou e se lhe diminuiu na outra. Para isso, pois, foi necessario no nosso caso que Deus levantasse não só um, senão dois famosos capitães, quaes foram Ignacio e Xavier; um com nome e obrigação de defensor, outro com nome e obrigação de restaurador: Ignacio para defender a Igreja na guerra contra os hereges do Septentrião; e Xavier para lhe restaurar as ruinas nas gentilidades do Oriente. Vamos ás Escripturas.

Quando os Anjos apostatas se rebellaram contra Deus no céu, que succedeu á Igreja triumphante? O mesmo que á militante: guerra e ruina. A guerra, pela que lhe fez Lucifer com os seus sequazes: a ruina, pela das tres gerarchias que ficaram vagas. E como accudiu a Providencia Divina ao reparo de um e outro damno? Pelo mesmo modo que dissemos. Para a resistencia da guerra elegeu um defensor, que foi o archanjo S. Miguel, capitão general dos seus exercitos: *Michael, et Angeli ejus prœliabantur cum Dracone.* E para a ruina das cadeiras elegeu por restaurador a seu proprio Filho; que só quem fosse Deus e Homem, podia fazer homens dignos de se assentarem nas cadeiras dos Anjos. Assim o cantou David: *Judicabiti in nationibus, implebit ruinas:* [1] Fará juizo em todas as nações, escolhendo dellas os bons, e delles encherá e restaurará as ruinas dos Anjos: *Et de bonis implebit ruinas Angelorum*, diz Hugo Cardeal.

---

[1] *Psalm.* CIX, 6.

Desçamos agora do céu á terra, e da Igreja triumphante á militante, e vejamos quão fortemente se defende na guerra, e quão gloriosamente se restaura nas ruinas. Uma e outra coisa descreveu admiravelmente Salomão, quando chamou á mesma Igreja: *Pulchra ut luna, electa ut sol, terribilis ut castrorum acies ordinata.* [1] E' a Igreja Catholica escolhida como o sol, fonte da luz, pura e sem mancha, *electa ut sol;* mas nem por isso isenta da opposição e da guerra que lhe fazem os eclipses, e das ruinas da mesma luz, que nos eclipses padece. Está porém sempre armada por um lado com o exercito terrivel que a defende na guerra: *Terribilis ut castrorum acies ordinata:* e pelo outro com o reparo natural da formosura da lua para restauração das ruinas: *Pulchra ut luna.* Já dissemos, ou nos disse a mesma Igreja, que o seu capitão defensor contra a guerra das heresias, era Santo Ignacio. E o seu exercito debaixo da bandeira de Jesus, posto que com nome de Companhia sómente, é tão terrivel e formidavel aos mesmos hereges, que todos os livros que elles escrevem, como se não tiveram outros inimigos, são contra os Jesuitas. Um grande capitão dos mesmos hereges, que morreu pelejando contra os catholicos da Irlanda, vendo em Evora uns Padres da Companhia, disse (e póde ser que esteja neste auditorio quem lh'o ouviu): Se não foram estes, já todos haviamos de ser uns. Isto quanto ao defensor da guerra.

E quanto ao restaurador das ruinas, Xavier, é admiravel a comparação e similhança da lua: *Pulchra ut luna.* Entre todos os planetas, só a lua tem crescentes e minguantes; mas com tal propriedade, que quanto perde de luz por uma parte, tanto adquire no mesmo tempo pela outra. De sorte que quando se mostra diminuida ao perto da parte que a vêmos, tanto está crescida e restaurada da mesma luz pela parte occulta e opposta, em que a não vêmos, e tudo dentro no seu mesmo globo. O globo da Igreja é o do mundo, e se na parte ou partes do norte a vêmos diminuida pelas ruinas, que mais em si mesmos que nella lhe causaram os hereges; nas partes remotas dos nossos olhos, quaes são as do Oriente, por meio do seu

[1] *Cant.*, VI, 9.

grande restaurador Xavier, tanto que elle lá poz os pés, ao primeiro som das trombetas do Evangelho, não só ficou egualmente crescida na fé da gentilidade, mas com excessivas vantagens.

Divinamente Isaias. Falla com a Igreja, e diz: *Filii tui de longe venient, et filiæ tuæ de latere surgent:* [1] Os vossos filhos virão de longe, e as vossas filhas se levantarão do vosso lado. E que filhas são estas que se levantarão do lado da Igreja: e que filhos os que lhe viriam de longe? Só o pudéra dizer com tanta propriedade e clareza, quem no seu tempo estava vendo o que succedeu nos nossos. As filhas que se levantaram da lado da Igreja, são Inglaterra, Escocia, Hollanda, Dinamarca, Suecia, e as outras, que, senão em todo, em parte, estando na Europa ao lado da Igreja Romana, e sendo fieis e catholicas, e ennobrecidas com muitos Santos, seguindo a Luthero e Calvino, e negando a obediencia á Sé Apostolica, se rebellaram contra ella, e apostatando da unica e verdadeira Fé, se fizeram hereticas. E os filhos que lhe vieram de longe, são os canarís, os decanís, os malabares, os chingalás, os bengálas, os pegús, os malayos, os jaos, os abexins, os siames, os molucos, os mindanáos, os japões, os chinas e cochichinas, e tantos outros gentios orientaes, nascidos e creados nas trevas da idolatria, que allumiados pela prégação e milagres de S. Francisco Xavier, de tão longe vieram buscar a Igreja, e se fizeram seus filhos, como ella mesma diz, orando: *Deus, qui Indiarum gentes beati Francisci prædicatione, et miraculis Ecclesiæ tuæ aggregare voluisti.* E se compararmos a ruina das filhas que ao lado se levantaram com o numero sem numero dos filhos que de tão longe vieram, bem se vê com quão immensas vantagens o famoso restaurador da Igreja lhe recuperou o perdido. Thomaz Bosco, tão diligente examinador dos Annaes Ecclesiasticos, e computo dos tempos, não duvidou affirmar, que todos os heresiarchas em mil e quinhentos annos não roubaram tantas almas fieis á Igreja, quantas Xavier em dez annos lhe adquiriu de gentios.

E para que não pareça equivocação o sentido que démos á palavra, *surgent*, oiçamos a mesma pala-

[1] *Isai.*, LX, 4.

vra da bocca da mesma Igreja no mesmo caso, e no mesmo sentido. E juntamente veremos quão grande é a estimação que ella faz dos gentios, que a fé e prégação de Xavier lhe aggregou na India, em comparação dos maus christãos que a perfidia dos heresiarchas lhe tirou no norte: *Surge aquilo, et veni auster, perfla hortum meum, et fluant aromata illius:* [1] Levanta-te tu, ó norte, e vae-te embora do meu jardim, diz a Igreja, e venha em teu logar o austro, e vente e assopre nelle, para que se exhalem, e corram os seus aromas. Neste sentido entendem o *surge* S. Gregorio Papa, S. Gregorio Nisseno, Santo Ambrosio, Santo Agostinho, Santo Anselmo, Philo Carpacio, Ruperto, Theodoreto, e Psello. De sorte que a Igreja lança fóra do seu jardim o norte, e chama para elle o austro, porque os ventos tambem pertencem á cultura das flôres, como Claudiano disse elegantemente: *Zephyro contenta colono.* As flôres do jardim da Igreja são primeiramente a fé, e sobre ella todas as virtudes christãs; e a qualidade do norte é tal que as murcha, secca, e queima; e pelo contrario o austro as alenta e fomenta, e lhes faz crescer a formosura e a fragrancia. E como este natural dos ventos se communica e influe nas terras e gentes a elles sujeitas (d'onde veiu a dizer Santo Agostinho, que o norte é a patria do demonio, e das heresias) por isso a Providencia Divina, quando o norte se rebellou contra a Igreja, fez logo navegar a Xavier com a prôa no polo austral, para que a luz que a Igreja, como lua, perdia no norte, se lhe restaurasse, como restaurou, no austro; e com tanta vantagem, que assim como Plinio disse da lua: *Nunc in aquilonem elata, nunc in austros dejecta;* [2] nós possamos dizer hoje com os termos trocados: *Nunc in aquilonem dejecta, nunc in austros elata.*

IV

Temos visto e confirmado, com auctoridade da mesma Igreja, como Santo Ignacio foi eleito por seu defensor contra a perfidia dos hereges, e S. Francisco

[1] *Cant.*, IV, 16.
[2] *Plin.*, Libr. II, c. 9.

Xavier por seu restaurador na nova fé dos gentios. E não para diminuição da gloria do Pae, senão para maior gloria sua, vejamos agora na consideração da mesma figura do Apocalypse, quão differentes foram os meios e modos com que o Filho a restaurou, daquelles com que o Pae a defendeu. A coisa mais admiravel que se via naquella figura, é que sendo um gigante ou colosso tão grande, o que levava na mão fosse um livrinho aberto: *Et habebat in manu sua libellum apertum.* [1] Que livrinho fosse este, e quão livrinho, depois o veremos; agora só noto a differença.

As armas dos capitães de Santo Ignacio contra os hereges, tambem são livros, porque as da lingua não as permittem elles, e para as pennas não valem muros, nem portas fechadas. Estes capitães, não digo que foram, porque sempre se vão succedendo uns aos outros, e porque pelejaram com armas immortaes, digo que são os Laines, os Salmeirões, os Canisios, os Belarminos, os Vasques, os Soares, os Valenças, os Henriques, os Turrianos, os Ribeiras, os Maldonados, os Serarios, os Salianos, os Petavios, os Theophilos, os Granetos, os Campianos, os Beranos, os Cornelios, os Tirinos, os Falonios, os Tyrsos, e os mais, que fôra infinito, e é superfluo nomear. Baste dizer, que só dos nomes nos Catalogos se teem estampado volumes inteiros. E quantos escreveu cada um delles? Alguns houve que passaram de vinte, e trinta grandes tomos, que mais parece escreveram livrarias, que livros. E porque eu não meço a grandeza dos livros pelas folhas, o que mais me admira é, que sendo tantos, e tão grandes, segundo a necessidade das materias, nem podiam ser menos, nem menores. Mas que fulminando-se todas estas balas de papel em defeza da Igreja contra os hereges do Norte, o restaurador da mesma Igreja no Oriente appareça com um livrinho na mão: *Habebat in manu sua libellum?*

Descendo da mão aos pés, diz o Texto, e mostra a pintura, que tinha um posto sobre o mar, outro sobre a terra. Segunda e manifesta differença. Santo Ignacio, depois de fundar a sua milicia, nunca navegou, sempre residiu em Roma, assistindo junto á cabeça da Igreja, contra a qual, como contra Saül, dos hombros

[1] *Apoc.*, x, 2.

para cima mais alto que todos, assestam as portas do inferno todo o pezo dos seus tirós, tão hereges em cuidar que podem prevalecer contra ella, como em lhe querer tirar das mãos a successão e as chaves que Christo deu a S. Pedro. Os capitães e soldados da milicia, que sobretudo se emprega na defeza desta verdade, tambem o fazem e fizeram sem sahir da terra. Eram hespanhoes, e escreviam em Hespanha: eram francezes, e escreviam em França: eram italianos, e escreviam em Italia: eram allemães, e escreviam na alta e baixa Germania: não porque seja mais facil tingir a penna no mar Negro, que molhar os pés no Oceano; ou porque elles o temessem, como se diz das estrellas do mesmo Norte: *Arctos Oceani metuentes æquore tingi:* mas porque o não pedia a necessidade, ou conveniencia da guerra. Comtudo não se póde negar ser a guerra de Xavier tanto mais heroica, quanto mais perigosa, pois na terra se combate com homens, e no mar com todos os elementos.

Mas porque razão tinha Xavier o pé direito sobre o mar, e o esquerdo sobre a terra: *Dextrum pedem suum super mare, sinistrum autem super terram?* A questão é curiosa, e as respostas tambem. Entre os Interpretes antigos André Cesariense, e entre os modernos Menochio, seguindo ao grande Ribera, dizem que este Anjo forte tinha o pé esquerdo sobre a terra, porque a havia de alimpar, e sepultar nella os ladrões; e o direito sobre o mar, porque o havia de alimpar tambem, e afogar nelle os piratas. Mas este milagre ainda o não fez S. Francisco Xavier, e se o fizer, será maior que resuscitar tantos mortos. Neste sentido, porém, eu trocára os pés, e puzera o direito sobre a terra; porque muito maiores são os latrocinios, e mais poderosos os ladrões da terra, que os piratas do mar. Estes se furtam sem carta de marca, enforcam-nos, e aquelles com as suas patentes e provisões teem licença para furtar; e o castigo que lhes dão pelo que furtaram, são novos e maiores poderes para furtarem mais. Santo Anselmo diz que a terra como solida e firme, significa os christãos mais bem fundados na fé, e mais constantes na virtude, aos quaes por isso basta a assistencia do pé esquerdo, como menos forte: e que o mar significa os christãos menos firmes na mesma fé, e que não teem constancia nem perseverença na observancia dos preceitos divinos, nem na emenda da

vida; e por isso necessitam de mais forte assistencia, força, e coacção, qual é a do pé direito, que os obrigue, refreie, e violente a viver como devem. Mas como vemos que são tão pouco zelosos, e tão molles, que não fazem isto os que teem officio de pé direito, uns e outros se acharão depois á mão esquerda. Os politicos, que, não contentes com interpretar a sua Biblia, que é o Tacito, se mettem tambem a commentar a nossa, dizem que o Anjo forte tinha o pé esquerdo sobre a terra, e o direito sobre o mar, para ensinar aos principes (principalmente os que teem dominios ultramarinos) que devem pôr o pé direito, isto é, o seu maior poder, no mar, se querem conservar a terra. E quantas temos nós perdido, porque o não fizemos assim?

Mas como todos estes Auctores não conheceram, nem suppunham que o Anjo do Apocalypse representava a S. Francisco Xavier, por isso não acertaram com a verdadeira razão de ter o pé esquerdo sobre a terra, e o direito sobre o mar, a qual darei agora. Pergunto: S. Francisco Xavier em quanto Nuncio missionario e apostolico do Oriente, d'onde sahiu, e até onde chegou? Sahiu de Lisboa, e chegou até o Japão. Tomae agora um mappa, ou uma carta de marear, ponde-a diante dos olhos, e vereis que em toda esta navegação e caminho, de mais de quatro mil leguas, levando Xavier um pé por terra, outro por mar, sempre o pé da terra foi o esquerdo, e o do mar o direito. A primeira terra que deixou sahindo de Lisboa, e navegando ao sul, foi a costa de Berberia até Guiné, toda á mão esquerda, e á direita o mar Atlantico. Dalli até o Cabo de Boa Esperança, e voltando o mesmo Cabo até o estreito de Meca, por uma e outra parte a terra era a Africa sempre á mão esquerda, e á direita o mar Ethiopico. Daquelle estreito até o Seio Persico, e foz do Euphrates, á mão esquerda a Arabia Feliz, e á direita o mar arabico. Da garganta do mesmo Seio até á primeira foz do Indo, a Carmenia, parte da Persia á mão esquerda, e á direita o mar Persico, por nome mais geral, Eritreu. Do Indo começa a terra, a que elle dá o nome, chamada India, e se estende até o cabo de Comorim, á mão esquerda toda, e á direita o mar Indico. Do cabo do Comorim, dá volta, e corre a contra costa do reino de Narsinga, ou Bisnagá, até a foz do Ganges ao mesmo modo á mão esquerda, e á direita o mar ou golfo de Bengala. Seguindo o gran-

de arco que faz aquelle golfo pelas costas da mesma Bengala, Pegu, e Sião, até o estreito de Singapura o mais austral de todo o Oriente, todas aquellas terras ficam á mão esquerda, e o mar por onde se navegam, que é o mesmo golfo, á direita. Finalmente, continuando depois de Malaca os reinos de Camboja, Champá e Cochinchina, e o vastissimo imperio da China, todo este grande trato de terras demoram á mão esquerda, e o mar ou mares do oceano chinense até o Japão á direita. E como naquella universal e total derrota que Xavier fez desde os ultimos fins de Europa até os fins tambem ultimos da Asia, as terras estavam e estão lançadas a tão differentes rumos já de Norte a Sul, ou do Sul ao Norte, já de Poente a Levante, ou de Levante á Poente, já de todos os outros ventos e suas partidas, demorando sempre todas á parte esquerda, como os mesmos mares á direita; por isso esta é a razão natural e demonstração geographica, e este o sentido litteral, necessario e forçoso, sem nenhum outro mysterio ou interpretação porque o Anjo que representava a Xavier, appareceu, não mudando ou trocando os pés, senão firme, e constantemente com o esquerdo sempre sobre a terra, e o direito sempre sobre o mar: *Posuit pedem suum dextrum super mare, sinistrum autem super terram.*

V

Estas palavras são as que propuz ao principio, para cujo entendimento sem nenhuma superflua foi necessario um tão largo discurso. E estas mesmas serão o thema do presente sermão, e de todos os oito que se continuam nesta novena. Em todos seguirei o mesmo S. Francisco Xavier, dando dois passos sómente em cada dia, um por terra, outro por mar: por terra, dizendo o que Xavier obrou em terra; por mar, o que obrou no mar: em um e outro elemento sempre maravilhoso, e similhante a si mesmo. E posto que digo que os passos serão só dois, não quero dizer com esta imitação que os exemplos não serão algumas vezes muito mais, conforme a materia, porque o meu intento é dar bem a conhecer este Santo, posto que já

tão conhecido e venerado. O uso commum nestas novenas era contar um só milagre, ou um só exemplo mui brevemente, suppondo nos ouvintes o fastio, com pouco credito de sua devoção, e não menor ignorancia das excellencias do mesmo Santo, de que são devotos. Eu ainda que não hei de ser tão breve, tambem espero que não hei de enfastiar; não só pela grande variedade das materias, dentro do mesmo assumpto, senão e principalmente, porque não hei de prégar para que o prégador seja ouvido, senão para que o Santo seja visto. São alguns prégadores como os sachristães da aldêa, que no dia do Orago cobrem o altar e o retabulo de tantos ramalhetes, que não se vê o Santo. Eu, em quem as flôres com a edade não só estão já murchas, mas seccas, de tal maneira hei de pôr o Santo diante dos olhos, que elle visto seja o prégador, e as suas acções e maravilhas a prégação. Altamente disse Santo Ambrosio: *Prolixa laudatio est, quæ non quæritur, sed tenetur:* Aquelles louvores são mais copiosamente amplificados, os quaes sem se buscar se acham. Nos louvores que se buscam, ha coisas algumas vezes muito bem achadas: mas essas mais louvam a industria ou ventura de quem as achou. O panegyrico de Trajano não louva tanto a Trajano, quanto a Plinio. Tudo o que eu disser de Xavier, não é porque eu o buscasse, mas porque elle já o tinha de si: *Quæ non quæritur, sed tenetur.* E assim tudo será seu proprio, e nada alheio, e por isso mais digno de ser ouvido.

Isto posto, para não faltar hoje, quanto o permitte a brevidade do tempo, ao assumpto, começaremos por onde S. Francisco Xavier começou. A primeira acção sua foi a doutrina christã aos meninos e gente rude. Com o pé na terra, veremos a doutrina que fazia nas praças e ruas das cidades; com o pé no mar, veremos a mesma doutrina a bordo e nos convezes dos navios. Os que vistes as maiores côrtes da Europa, vereis a auctoridade com que sahem em publico os Nuncios Apostolicos, e o apparato de liteira, carroças, capellães, gentis-homens, estafeiros, librés, e as outras representações de embaixadores, que são do Supremo Monarcha da Igreja com delegação do seu poder. Mas agora vereis o que nunca lá se viu nem imaginou. Xavier tambem era Nuncio Apostolico (o que não callou

a figura que ó representava, porque *Angelus* quer dizer *Nuntius*), e com toda esta dignidade sahia o Nuncio do Oriente pelas ruas e praças da India vestido de uma roupeta preta, pobre e grosseira (aonde as lãs de que usa o vulgo são sedas), só, a pé, e muitas vezes descalço, tangendo por sua propria mão uma campainha, e parando nos logares mais publicos, dizia em voz alta: Fieis christãos, amigos de Jesus Christo, mandae vossos filhos e filhas, escravos e escravas á santa doutrina por amòr de Deus. A este pregão do céu accudia toda a terra, e grandes e pequenos ouviam as lições daquelle livrinho, que agora direi, como prometti, quão livrinho, e quão pequenino era.

O Apocalypse de S. João foi escripto originalmente na lingua grega, na qual esta palavra livro tem tres diminutivos, que na nossa se não podem traduzir, e na latina se imitam, não sem alguma violencia. O primeiro diminutivo é *libellus*, o segundo e menor *libellulus*, o terceiro e minimo *libellunculus;* e este é o que responde ao nosso Texto, em que se diz que o Anjo tinha levantado na mão um livrinho aberto: *Et habebat in manu libellum apertum*. Este livrinho, pois, não só pequeno, mas menor ainda que pequenino, é a cartilha da doutrina christã, que S. Francisco Xavier compoz, e por onde a ensinava na India. O Evangelho a que Isaias chama Verbo abreviado, é o primeiro diminutivo, e o abreviado da Escriptura, *libellus:* o catecismo commum é o segundo diminutivo, e o abreviado do Evangelho, *libellulus:* a cartilha de Xavier é o terceiro diminutivo, e o abreviado do catecismo commum, *libellunculus;* porque o mediu o Santo com a capacidade daquelles a quem ensinava. Nem passarei em silencio uma circumstancia digna de se saber, e de não pequena gloria da mesma cartilha, por seu auctor, e é ser ella o original da que hoje se pratica em todo Portugal, aonde veiu da India, sendo entre os diamantes, perolas e rubis, a mais preciosa das suas drogas. Chama-se livrinho aberto, *Libellum* ou *libellunculum apertum*, por duas razões, ambas maiores que o mesmo livro: livrinho pela brevidade, aberto pela clareza. E assim como a sciencia e Omnipotencia divina resplandece mais na creação das coisas pequenas, que nas grandes; assim a sciencia, o espirito, e o engenho de Xavier venceu aqui a contrariedade daquelles dois extremos: *Brevis esse*

laboro, obscurus fio. O livro do Apocalypse estava fechado com sete sellos por escuro; e o livrinho de Xavier, não fechado, senão aberto, por claro. Os sellos do Apocalypse iam-se abrindo um por um, e a cada abertura tocava um Anjo uma trombeta; por isso os sellos eram sete, os Anjos sete, e as trombetas sete. Porém o nosso Anjo, sendo os mysterios do seu livrinho maiores que os do Apocalypse, porque são todos os da nossa fé; tocando elle com dois dedos a sua campainha, todas as suas folhas se abriam tão claramente, que não havia menino tão menino, nem escravo tão boçal, que as não entendesse.

VI

A razão de todos as entenderem, é porque fallava a todos na lingua de todos. S. Paulo dizia que se fazia judeu com os judeus, e gentio com os gentios, para ganhar os gentios e os judeus. E Xavier nas suas doutrinas fazia-se protuguez com os portuguezes para lhes ganhar os filhos, e indio ou ethiope com os ethiopes para lhes ganhar os escravos. Pintava-se ou trajava-se o Apostolo do Oriente de branco e preto, para como branco ganhar os brancos, e como preto os pretos. Viu-o David, posto que o não entenderam os seus Interpretes: *Dies die eructat verbum, et nox nocti indicat scientiam:* [1] O dia, diz, falla e ensina ao dia, e a noite falla e ensina á noite. Se os dias e as noites não fallaram, não disseram os meninos da fornalha de Babylonia: *Benedicite noctes, et dies Domino.* [2] Por isso accrescentou logo o mesmo Propheta David, que as palavras com que o dia ensina ao dia, e a noite á noite, são palavras que se ouvem, e se entendem: *Non sunt loquelæ, neque sermones, quorum non audiantur voces eorum.* Mas parece que o dia havia de fallar á noite, e não ao dia, porque a noite está mais perto do dia; e do mesmo modo a noite havia de fallar ao dia, e não á noite, porque o dia está mais perto da noite. Pois porque não falla o dia á noite, senão ao dia, *dies*

[1] *Psalm.* XVIII, 3 e 4.
[2] *Dan.*, III, 71.

diei, e a noite não ao dia, senão á noite, *et nox nocti?* Porque no fallar ensinando, que isso é, *indicat scientiam;* o que ensina e o que aprende hão de ser da mesma côr: o branco ao branco, o preto ao preto, não no rosto, senão na lingua. Tal era a lingua de Xavier, e taes as folhas da sua cartilha: uma pagina branca, quando ensinava os brancos, *dies diei eructat verbum;* e outra pagina preta, quando voltava a folha, e ensinava aos pretos, *et nox nocti indicat scientiam.* E isto universalmente, e em todas as linguas do Oriente só se verificou em S. Francisco Xavier; porque ainda que S. Thomé foi á India, só as palavras de Xavier chegaram ao Japão, que é o fim da terra: *Et in fines orbis terræ verba eorum.* [1]

Deus no principio do mundo dividiu o dia e a noite; e Xavier nas terras e mares da Asia ajuntou outra vez a noite ao dia, não só fallando na lingua dos portuguezes aos brancos, senão tambem aos negros, e de todas as outras côres. Todas as nações do Oriente de qualquer côr que sejam, fallam a lingua portugueza, mas cada uma a seu modo, como no Brazil os de Angola, e os da terra: e Xavier que fazia para que elles o entendessem? Arremedava as suas linguagens com os proprios assentos, nunca mais eloquente, que quando nos tempos, nos casos, nos generos imitava os seus barbarismos. Lá canta Salomão da Igreja, quando dá o primeiro leite de doutrina aos meninos e aos rudes: *Mel, et lac sub lingua tua:* [2] O mel e o leite é o primeiro comer, ou a papa dos meninos: *Butyrum, et mel comedet.* [3] E porque traz a Igreja este mel e este leite, não na lingua, senão debaixo da lingua: *Sub lingua tua?* As acções de Xavier são a exposição de muitas Escripturas que antes dellas se não entenderam. A lingua portugueza nas terras e mares por onde o Santo andou, tem avesso e direito: o direito é como nós a fallamos, e o avesso como a fallam os naturaes. E Xavier para ser melhor entendido na doutrina que ensinava, não usava do direito da lingua, senão do avesso. Aos canarins á canarina, aos malayos á malaya, aos japões á japôa. No Japão ha uma lin-

[1] *Psalm.* XVIII, 5.
[2] *Cant.*, IV, 11.
[3] *Isai.*, VII, 15.

gua baixa de que só usa a gente vil, e de nenhum modo os nobres; e desta maneira ensinava o Santo a estes, fallando-lhes na lingua baixa, ou no baixo da lingua: *Sub lingua tua.*

Mas perguntára eu ao Nuncio Apostolico, ou Padre Mestre Francisco, onde aprendeu elle estas linguas, ou estas meias linguas? E' certo que não em Pariz, nem na sua Universidade da Sorbona, nem em Roma, nem em Veneza, nem em Bolonha, nem em Lisboa. Mas tambem não ha duvida que só as pôde aprender no Cenaculo de Jérusalem, onde o Espirito Santo desceu não só em linguas de fogo, mas em linguas partidas: *Apparuerunt dispertitæ linguæ.* [1] E porque eram, ou foram, ou haviam de ser aquellas linguas partidas? Tambem aqui é o novo commentador S. Francisco Xavier. Eram linguas partidas, não só porque eram muitas linguas, senão porque eram linguas e meias linguas: *Dispertitæ linguæ:* como as que elle arremedava. Meias linguas, porque eram meio europeas, e meio indianas: meias linguas, porque eram meio politicas, e meio barbaras: meias linguas, porque eram meio portuguezas, e meio de todas as outras nações que as pronunciavam, ou mastigavam a seu modo.

VII

E para que se veja quão largamente repartia Deus suas graças com os meninos que eram doutrinados com estas linguas partidas: referirei brevemente só dous exemplos, um da terra, outro do mar: um de um menino já christão: outro de um ainda gentio ou mourinho, que é mais. Estando o Santo fazendo doutrina em Manapar, vieram os criados de um homem muito principal pedir-lhe que quizesse acudir com toda a pressa a seu senhor, porque o demonio lhe entrára no corpo, e lhe dava terriveis tormentos. E que faria Xavier? Bem entendeu que era estratagema do inimigo para o divertir da doutrina, e sem desistir nem parar, tirou uma cruz que trazia sobre o peito, deu-a a um menino da mesma doutrina, dizendo que a désse a

[1] *Act.*, II, 3.

beijar ao endemoninhado, e rezasse com elle o Crédo. Foi, e fel-o assim o innocente, e o demonio com assombro dos presentes saltou logo fóra, mais raivoso como soberbo, que como inimigo, por se vêr desprezado de Xavier, e não vencido por sua propria pessoa, senão por um menino da doutrina que elle pretendia impedir.

Passemos da terra ao mar, e do menino christão ao que ainda o não era. Havia muitos dias que o Santo navegava de Malaca para Sanchão, fazendo sempre, como costumava, em toda a parte as suas doutrinas: e o convez podia competir com a praça de qualquer villa, porque levava a nau quinhentas pessoas, soldados, marinheiros, mercadores, christãos, gentios, moiros. E sendo a principal esquadra da bandeira das doutrinas de Xavier os moços de pouca edade; succedeu que um menino de cinco annos, filho de um mercador moiro, cahiu ao mar sem o Santo ter noticia daquella desgraça. Teve-a pelo mesmo pae entre muitas lagrimas, depois de elle ter chorado a morte do filho havia tres dias, e então lhe perguntou se receberia a Lei de Christo no caso em que tornasse a vêr vivo seu filho naquelle navio? Respondeu o moiro que sim; e ficando este contracto suspenso outros tres dias, eis que na manhã do setimo apparece o menino, rindo e brincando, no mesmo logar do bordo donde cahira. Perguntado onde estivera, só soube dizer que se lembrava que daquelle logar tinha cahido ao mar. E não foi necessario que o Santo puxasse pela promessa, porque o pae, a mulher, e toda a familia se lançaram a seus pés, pedindo o Baptismo. O menino se chamou Francisco, e assim este resuscitado no mar, como o que confundiu o demonio em terra, podiam cantar alternadamente o hossana no triumpho de Xavier, como os meninos de Jérusalem no de Christo.

Ora eu voltando os olhos destes meninos da Asia para os da nossa America, desejára saber qual será a razão porque se não vêem nelles similhantes exemplos? Da parte dos mestres não póde ser, porque a variedade das linguas, e o trabalho dos que as aprendem para ensinar estes gentios, não é menor, nem menos diligente o cuidado quotidiano com que são doutrinados. Segue-se logo que é por culpa ou desmerecimento dos mesmos discipulos, pela natural ingratidão com que desconhecem o beneficio da mesma dou-

trina. E porque se não attribua a differença á santidade de S. Francisco Xavier, seja a prova, não dos discipulos da sua escóla, senão de outros. Um Religioso da Ordem Serafica com grande zelo e talento tinha uma escóla na India, em que ensinava a doutrina christã aos meninos malabares, e porque os castigava á portugueza, os paes gentios que reputam por injuria propria o castigo que se dá aos filhos, arremetteram um dia furiosamente á escóla para matar o mestre. E os meninos que eram os magoados, e choravam quando recebiam o castigo, que fizeram? Saltam todos fóra dos bancos, cercam o mestre, e foi tal a carga de pedradas que choveram sobre os paes, que os fizeram voltar mais depressa, do que tinham vindo, ensinando-lhes que deviam mais áquelle de quem recebiam a doutrina, que aos que lhe deram o ser.

Agora não quero comparar estes meninos malabares com os americanos, senão com os romanos. Era mestre da escóla em Roma um christão chamado Cassiano; condemnaram-no á morte pela doutrina e fé de Christo, que ensinava, e que os executores fossem os mesmos discipulos com os ponteiros de que usavam, que eram de ferro. E que fariam os romaninhos? Investem o mestre como enxame de abelhas com os ferrões, e foram tantas as picadas até que lhe tiraram a vida. Os gregos e os romanos presavam-se de todas as outras nações serem barbaras, e ainda hoje conserva Roma o mesmo dictame naquelle versinho: *Græcis*, *Latinis*, *Barbaris*. Agora pergunto: E quaes são nestes dois casos os barbaros, os romanos, ou os malabares? De homens a homens tão barbaros e tão tyrannos uns como os outros; mas de meninos a meninos, os romanos os barbaros, os ingratos, os desconhecidos; e os malabares, os urbanos, os agradecidos, os honrados, os generosos, e os dignos de ser cantados nas Georgicas Virgilianas, e nos Fastos de Ovidio.

VIII

Baste de panegyrico aos meninos da doutrina, ou á doutrina dos meninos, e acabo com dois documentos muito necessarios á nossa. Que dizia o pregão de Xavier depois de tocar a sua campainha? Fieis chris-

tãos, mandae vossos filhos e filhas, e vossos escravos e escravas á santa doutrina por amôr de Deus. Por amôr de Deus, dizia, como se pedisse esmola; e eu digo no Brazil, por amôr de nós, sob pena de sermos condemnados, por faltarmos com a doutrina a quem devemos, e como devemos. Começando pelos escravos e escravas, o modo com que S. Francisco Xavier ensinava a doutrina, era este. Rezava primeiro o Padre Nosso, a Ave Maria, o Crédo, e as outras orações da cartilha em voz alta, seguindo-o, e respondendo todos com as mesmas vozes. E logo descendo a cada mysterio em particular, declarava-o com taes termos e repetições, que até os de menor capacidade fizessem o conceito necessario do que haviam de crêr. E no cabo de cada mysterio perguntava assim: Crêdes que Deus é um só, Creador de todas as coisas? Respondiam todos, crêmos. Crêdes que Deus não é uma só Pes-Pessoa, senão tres, Padre, Filho, Espirito Santo? Crêmos. Crêdes que a Pessoa do Filho se fez Homem para remir o genero humano? Crêmos. E quando respondiam crêmos, repetiam tudo o que dizia a mesma pergunta. Agora pergunto eu: E é este o modo com que no Brazil ensinam aos escravos os seus senhores, ou os seus feitores, ou os seus capellães, ou os seus filhos? Os menos negligentes fazem, quando muito, que os escravos e escravas boçaes saibam as orações na lingua portugueza, não entendendo mais o que dizem, que os papagaios pardos de Angola, ou verdes do Brazil. E assim vivem e morrem tão gentios como d'antes eram: declarando elles o ser christãos com dizer que lhe metteram sal na bocca, e lhe chamaram Pedro ou Francisco. Isto é ser christão? Isto é saber o gentio o estado que deixa, e o que toma e professa de novo? Isto é o que basta para se salvar o escravo e mais o senhor? O escravo na hora da morte dirá a Deus: A mim não me ensinaram mais que a cortar a canna, e a plantar mandioca, e o senhor que dirá? Que dirá, torno a dizer, o senhor, o parocho, e o Prelado maior? Oiçam todos a quem ha de julgar a todos. Christo Senhor nosso, definindo como se haviam de salvar os homens, disse aos ministros da mesma salvação: *Docete omnes gentes, baptizantes eos:* [1] Ensinae

[1] *Math.*, XXVIII, 19.

a todas as gentes. e baptizae-os. Primeiro mandou que fossem ensinados, e depois baptizados. E esta ordem a que chama, *Ordo præcipius*, o maior Interprete dos Textos sagrados, S. Jeronymo, declara o mesmo Doutor Maximo por estas palavras: *Primum docent omnes gentes, deinde doctas intingunt aqua:* Primeiro ensinam os gentios, e depois os baptisam: porque? Segue-se a razão: *Non enim potest fieri, ut corpus Baptismi recipiat Sacramentum, nisi ante anima Fidei susceperit veritatem.* Porque de nenhum modo póde ser, que o corpo receba o Sacramento do Baptismo, sem que a alma antes disso receba a verdade da fé. E se estas miseraveis almas nunca receberam nem entenderam a verdade da fé, como estes tristes e negros homens são verdadeiramente baptisados, e como se podem salvar elles, e os que estão obrigados debaixo de peccado mortal e gravissimo, de procurar sua salvação?

O segundo ponto não menos necessario, mas de que menos se cuida, é que S. Francisco Xavier não só dizia aos portuguezes, mandae vossos escravos e escravas á santa doutrina, senão tambem vossos filhos e filhas. Isto das filhas tem muita necessidade de attenção, e reforma em toda a parte, e não só entre a gente vulgar, senão tambem na que não é vulgo. A doutrina com que costumam crear as meninas as suas aias, contém duas coisas, ou duas vaidades: a primeira, a grande nobreza da sua geração, e de caminho os defeitos das alheias: a segunda, como se hão de toucar e enfeitar, gastando com o espelho, e com a mestra destas cerimonias toda a manhã, e fazendo esperar o capellão revestido, quando fôra melhor no mesmo tempo aprender os mysterios da Missa. S. Francisco Xavier tinha dedicado na India um dia cada semana para a doutrina das mães e das filhas, sem entrar então na Igreja outra pessoa. Mas a isto responderão as nossas portuguezas, que aquelle cuidado do Santo, era muito bem empregado, e necessario entre gentias, mas não nas que podem ser mestras do que elle lhes ensinava. Assim o creio, porém com sua excepção, porque me consta, sem outrem m'o contar, que em alguma familia portugueza muito christã, e não pouco illustre, duas filhas, que já não eram meninas, cuidavam que os Anjos tinham azas e pennas, que o Padre Eterno era um velho com as barbas bran-

cas, e o Espirito Santo uma pombinha. As matronas romanas entendem tanto ao contrario esta presumpção das nossas, que todos os domingos mandam suas filhas á Casa professa da Companhia aprender a doutrina christã, que lhes faz um Padre ancião dos mais graves, na capella de Santo Ignacio com uma cortina corrida. E o certo é, fallando de mais perto, que na nossa terra fiz eu algumas doutrinas domesticas em casas de portadas bem altas, e experimentei que tão necessaria é a doutrina christã nos paços, como nas praças; e nos estrados, como nas estradas.

SERMÃO SEGUNDO

NADA

Posuit pedem suum dextrum super mare, sinistrum autem super terram. [1]

I

Para dar feliz principio aos passos ou apostolicos do nosso Anjo, ou angelicos do nosso Apostolo, posto que o Filho de Deus feito Homem disse aos seus que os faria pescadores de homens, tambem lhes tinha prophetisado por Jeremias, que não só haviam de ser pescadores, officio do mar, senão tambem caçadores, exercicio da terra. S. Jeronymo, Santo Ambrosio, e Santo Agostinho, dizem que fallava o Propheta particularmente dos gentios, e as palavras da prophecia são estas: *Ecce ego mittam piscatores multos et piscabuntur eos: et post hæc mittam eis multos venatores et venabuntur eos.* [2] A clausula *post hæc*, parece que signala tempos successivos e differentes a estas duas missões, mas ambas ellas no mesmo tempo, e nos mesmos logares, se ajuntaram e viram unidas no nosso grande Apostolo S. Francisco Xavier. E se na prodigiosa decada da sua vida e peregrinações do Oriente lhe computarmos os dias de pescador no mar, com os de ca-

---

[1] *Apoc.*, x.
[2] *Jer.*, xvi, 16.

çador na terra, acharemos que se egualaram os da pesca, aos da caça e montaria. Notaveis são as armas, invenções, e industrias com que os pescadores, caçadores, e monteiros armam aos peixes, ás aves, e ás feras. E porque nas Sagradas Lettras os homens mais barbaros e carniceiros se comparam ás feras, os mais politicos e de melhor entendimento ás aves, e os mais brutos e indisciplinados aos peixes; materia seria não só acommodada, propria e util, mas curiosa e aprazivel, se eu hoje fizesse aqui uma previa e formosa representação das admiraveis traças, novas, e propriamente suas, com que Xavier, como pescador no mar, e como caçador na terra, trouxe á obediencia de Christo, e aggregou á Igreja, como ella mesma diz, tanta diversidade de gentios, e almas sem numero. Mas porque os discursos seguintes nos irão mostrando por partes estas celestiaes e engenhosas industrias; o que hoje ponderarei sómente com bem importante doutrina, é a energia daquelle repetido *super: super mare, super terram.*

II

Isto que abaixo do céu chamamos mundo não é outra coisa que uma machina natural, maravilhosamente composta de mar e terra, abraçados e unidos entre si. D'onde se segue que quem debaixo de um pé tiver a terra, e debaixo do outro o mar, terá sugeito o mundo todo, e será senhor delle. Tal é a dobrada superioridade que significa aquele dobrado *super* do nosso thema: *Sinistrum super terram, dextrum super mare.* E houve jámais no mesmo mundo quem fosse senhor de todo elle? Muitos o presumiram como Nabucodonosor e Assuero: muitos o desejaram como Alexandre Magno e Julio Cesar: algum houve que o poz em praxe, como Tiberio: *Ut describeretur universus orbis;* [1] e um só que realmente tivesse esta grande fortuna, que foi o mesmo que a perdeu, Adão.

Descrevendo David, não a grandeza da perda, senão a do senhorio, disse: *Constituisti eum super opera*

[1] *Luc.*, II, 1.

manuum tuarum: [1] Que constituira Deus a Adão sobre todas as obras de suas mãos, isto é, sobre tudo o que tinha creado neste mundo inferior, sendo o mesmo Adão a maior e ultima obra sua. E bastando, como nota Santo Agostinho, estas palavras para declaração do dominio universal do primeiro homem; accrescenta o mesmo Propheta: *Omnia subjecisti sub pedibus ejus:* que todas as mesmas creaturas lhe tinha Deus posto debaixo dos pés, com expressão de umas serem as da terra, outras as do mar, como se fallára no nosso caso: as da terra, *Oves, et boves insuper, et pecora campi:* as do mar, *Volucres cœli, et pisces maris, qui perambulant semitas maris;* entrando neste segundo côro as aves, como creadas tambem com os peixes no elemento da agua.

De sorte que este senhorio do mundo em Adão se declarou por dois termos, um de superioridade nelle, como cabeça, pelo adverbio *super: constituisti eum super opera manuum tuarum:* e outro de sujeição nas coisas postas a seus pés pelo adverbio *sub, omnia subjecisti sub pedibus ejus.* E porque, ou com que mysterio? Porque assim como a posse corporal e civil das coisas se toma com as mãos, pondo as mãos nellas; assim a espiritual e moral se toma com os pés, pizando-as e mettendo-as debaixo delles. Funda-se a realidade desta cerimonia naquella promessa de Deus tantas vezes repetida aos filhos de Israël para quando entrassem na Terra de Promissão: *Omnis locus, quem calcaverit pes vester, vester erit:* [2] Tudo o que pizarem os vossos pés, será vosso. A Terra de Promissão sempre significa nas Divinas Lettras a bemaventurança, ou da outra vida, que consiste em vêr a Deus, ou desta, que consiste em o servir e agradar: e assim como chegou a dizer Origenes, [3] que se elle no céu pizasse o logar de Lucifer, a cadeira de Lucifer seria sua; assim é certo que tudo o que pizamos neste mundo é nosso, e só do que pizamos somos verdadeiros senhores. Tudo o mais, por grande, alto, e sublime que seja, se o não mettemos debaixo dos pés por desprezo, mas o trazemos, ou na cabeça por estimação, ou no coração por amôr, ou nas palmas por ostenta-

---

[1] *Psalm.* VIII, 7.
[2] *Deut.* XI. 24; *Jos.* I, 3.
[3] Orig. *Hom.* I.ª

ção, ou no desejo (os que o não tem) por ambição e cubiça; tão fóra estamos de ser senhores de qualquer destas coisas, que antes ellas nos dominam, senhoreiam, e possuem a nós, e nós somos seus escravos. De qualquer outro modo que se tratem as coisas deste mundo, ou são pezo, ou são embaraço, ou são cuidado, ou são dôr, ou são sujeição, ou são captiveiro; só pizadas e mettidas debaixo dos pés, são dominio. Por isso todas as da terra e do mar tinha o Anjo, figura de Xavier, debaixo dos pés: *Pedem suum dextrum super mare, sinistrum super terram.*

Supposto pois que metter tudo debaixo dos pés é o verdadeiro modo de dominar e possuir tudo; esse mesmo dominar e possuir, bem apertado, que vem a ser, ou em que consiste? Coisa maravilhosa! Consiste em não ter, nem querer nada de quanto se possue, ou póde possuir. Texto expresso de S. Paulo: *Nihil habentes, et omnia possidentes:* [1] Nada temos, e tudo possuimos. Pois se o nada é o contrario do tudo, e o não ter é o contrario do possuir, como podem possuir tudo os que não teem nada? Este que parece paradoxo, será a materia do meu discurso. S. João Chrysostomo, commentando o mesmo Texto, diz assim: *Quomodo hoc est? Imo quomodo contrarium est?* Vós dizeis, como póde ser isto? E eu pelo contrario, digo, como póde não ser? Elle o prova em S. Paulo antes das mesmas palavras: eu o provarei em S. Francisco Xavier, que o confirmou com as obras: elle como tão eloquente, com muitos e elegantes argumentos: eu com um só argumento, e sem elegancia. Argumento assim: Porque tem Xavier o mar e a terra debaixo dos pés? Porque ter debaixo dos pés, é desprezar, e ter debaixo dos pés, é dominar. Logo porque Xavier correndo tantas terras, e navegando tantos mares, nenhuma coisa quiz do mar nem da terra: por isso o nada da terra lhe deu o dominio de toda a terra: *Pedem super terram*, e o nada do mar o dominio de todo o mar: *Pedem super mare.*

---

[1] *2.ª ad Cor.*, VI, 10.

III

Começando pelo mar, o primeiro cuidado de quem se embarca, porque no mar não ha estalagens, é prevenir a matalotagem, ainda que a viagem seja breve. D'aqui nasceu o dictado dos mareantes, que talvez basta um pão para fazer cem leguas, e talvez para fazer uma legua, não bastam cem pães. E em uma navegação tão dilatada, e em uma republica tão confusa, qual é uma nau da India (e mais as daquelle tempo) não só se vão diminuindo os mantimentos, mas crescendo as boccas, o que não aconteceu na arca de Noé. A um fidalgo duas vezes capitão-mór de Gôa, e que mais de duas fez a mesma viagem, ouvi dizer, que elle pela experiencia que tinha, fazia sempre tres matalotagens, uma para os ratos, outra para os marinheiros, a terceira para si. E podéra accrescentar a quarta, porque em certas alturas até os céus comem, e voracissimamente, corrompendo-se os mantimentos pela intemperança dos climas. E que provimento foi o do Padre Mestre Francisco, quando se embarcou para a India? Segundo a largueza com que o mandou prover el-rei D. João o III, podéra passar os armazens de Lisboa ao seu paiol; e quando menos, pudéra descuidar-se da provisão particular da propria pessoa, suppondo que a meza do general seria a sua. Mas nem depois de embarcado poderam acabar com elle os rogos e instancias do governador da India Martim Affonso de Sousa, que acceitasse esta commodidade, nem antes de se embarcar, o conde da Castanheira D. Antonio de Athayde, Vedor da fazenda real, para que admittisse o menor provimento de matalotagem, ou outra coisa, dizendo depois muitas vezes em conversação o mesmo conde, que não tivera no apresto das naus daquelle anno menos que fazer com o Padre, para que quizesse acceitar algum provimento d'El-rei, que com toda a outra gente, para que não pedisse ou tomasse mais do que lhe deviam.

Mas se Xavier era vivo como os mais, em que fundava a confiança de sustentar a vida na viagem, não querendo levar nada? Respondo, que no mesmo nada; porque quem como elle, por se conformar com a po-

breza evangelica, deixa tudo, e não quer nada, nada lhe póde faltar. Na primeira missão em que Christo Senhor nosso tirou da sua escóla os Discipulos, para que fossem prégar e exercitar os outros ministerios da sua profissão como a ave que tira os filhinhos do ninho para os ensinar a voar, a instrucção que lhes deu, foi que nenhuma coisa levassem comsigo para viatico, ou provimento dos caminhos, nem para comer, nem para vestir, nem para o mais necessario; nem menos bolsa ou dinheiro com que o comprar: *Nolite possidere aurum, neque argentum, neque pecuniam in zonis vestris; non peram, neque duas tunicas, etc.* [1] Foram os Discipulos, prégaram o reino do céu, converteram peccadores, sararam enfermos, lançaram demonios dos corpos, obraram muitos outros milagres: e tornando tão carregados destes despojos, quão leves tinham ido de tudo o necessario para a vida: então lhes fez o Divino Mestre esta pergunta: *Quando misi vos sine sacculo et pera, nunquid aliquid defuit vobis?* [2] Quando vos mandei sem alforge, nem viatico, faltou-vos alguma coisa? *At illi dixerunt, nihil:* e elles responderam, nada. Pois se nada levaram, como nada lhes faltou? Porque essa é a virtude do nada, e essa a riqueza da pobreza evangelica. Não levarem nada, foi irem destituidos de tudo: não lhes haver faltado nada, foi terem tudo o que lhes foi necessario. E este tudo se fundou totalmente naquelle nada; porque nelle levavam um credito da Providencia Divina, para que pela medida do nada que não levavam, lhes não faltasse nada do que houvessem mister. E se isto succedeu aos Apostolos de Galiléa com o seu nada, porque não succederiá o mesmo ao Apostolo da India com o seu? O seu nada foi o seguro viatico, que nem se podia roubar, nem se podia diminuir, nem se podia corromper, com que Xavier em toda a viagem vivendo e sustentando-se de esmola, e muito dias sem ella, nunca lhe faltou nada, porque não quiz nada. D'onde eu infiro que na capitania, e em toda a armada, ninguem ia melhor amatalotado que o Mestre Francisco; porque os outros iam providos pelo regimento d'El-rei, em que podem faltar, e faltam muitas coisas; e elle ia pro-

[1] *Math.*, x, 9.
[2] *Luc.*, xxxiii, 36.

vido pelo regimento de Deus, em que nada falta: *Dominus regit me, et nihil mihi deerit.* [1]

Tornando porém á primeira instrucção de Christo, e á experiencia com que os Apostolos responderam que não tendo levado nada, nada lhes faltára, *nihil;* o que então lhes disse o mesmo Senhor, é uma coisa estupendamente admiravel, por ser totalmente o contrario. As palavras com que o refere S. Lucas, são estas: *At illi dixerunt, nihil: dixit ergo eis: sed nunc, qui habet sacculum, tollat similiter et peram.* [2] Dizeis que quando vos mandei sem alforge nem bolsa, nada vos faltou? Pois agora vos digo, que quem tiver alforge e bolsa, que a leve comsigo. Estes são os mesmos Discipulos, e este é o mesmo Mestre: mas se elle e elles foram outros, não lhes pudéra dizer coisa mais encontrada. Parece que em boa consequencia havia de dizer o Senhor: Supposto que não levando nada, experimentastes que vos não faltou nada, d'aqui por diante tende sempre a mesma confiança na vossa pobreza, e não trateis do provimento ou viatico para as outras missões, porque nos thesouros da minha Providencia, e do mesmo despego e desprezo de tudo, tereis tudo o necessario para o sustento da vida. Mas se na primeira instrucção lhes mandou que não levassem nada, como agora lhes ordena que levem tudo o que tiverem e poderem? Porque nem todos os preceitos ou conselhos são para todos os tempos, e para todas as occasiões, ainda que os homens que os hão de seguir e executar sejam os mesmos. A razão desta differença é porque as missões a que Christo Senhor nosso mandou os seus Apostolos foram duas, e mui diversas: a primeira, e em sua vida, para que prégassem aos Judeus sómente: *In viam gentium ne abieritis, sed potius ite ad oves, quæ perierunt domus Israel:* [3] a segunda, e para depois de sua morte (que então lhes declarou) para que fossem prégar a todas as gentes do mundo: *Euntes in mundum universum prædicate omni creaturæ:* [4] e como as missões eram tão diversas, por isso foram tambem diversas as instrucções. Quando

[1] *Psalm.* XXII, 1.
[2] *Luc.* XXII, 36.
[3] *Math.*, X, 5 e 6.
[4] *Marc.*, XVI, 15.

iam prégar aos judeus que eram os christãos, ou fieis daquelle tempo, mandou-lhes que não levassem nada, porque entre elle facilmente podiam achar de graça e de esmola o que lhes fosse necessario para sustentar a vida: porém quando fossem prégar aos gentios, que fossem prevenidos e providos de tudo, porque nelles, como idolatras e inimigos, não só não achariam quem os soccorresse com o sustento da vida, mas antes, e certamente, quem lh'a quizesse tirar.

Este é o sentido proprio e litteral de um e outro Texto, e assim o declaram todos os Santos, a quem segue Santo Thomaz; mas não S. Francisco Xavier, posto que a elle lhe pertence a segunda parte, como Apostolo das Gentes. Reconhece Xavier a verdade da declaração, mas sempre abraçado constantemente com o seu nada, nada quer para o mar, quando serve aos christãos no mar; e nada para a terra, quando prégа aos gentios em terra.

IV

Os gentios mais barbaros e féros, e mais sem humanidade de todo o Oriente, são os da Batechina, ou ilhas de Moro, em que a principal é de cento e cincoenta leguas. O seu mais ordinario mantimento é de carne humana: matam-se para isso até os paes aos filhos, os maridos ás mulheres, e os filhos aos paes e mães; e muitas vezes antes da fome e do gosto de se comerem, só pelo gosto e appetite de matar, se matam. Não ha entre elles lei, pezo, medida, ou outro signal de uso, de razão e justiça, salvo o frequente contracto de se emprestarem umas familias ás outras, o pae, ou filho, para o comerem em alguma festa, com obrigação de o pagarem na mesma moeda. O genero de morte mais usado, e menos violento daquella carniceria é o dos venenos, em que são subtilissimos, não se comendo entre elles um boccado de arroz, nem bebendo-se um trago de agua com segurança, e sem suspeita de que se come ou bebe a morte. A quem não metteria medo entrar, e pôr os pés em taes terras? E quem, ainda navegando, não fugiria muito longe de suas praias, e de seus mesmos ares? *Heu fuge crudeles*

terras, fuge littus avarum? [1] Mas esses mesmos horrores eram os que mais animavam e estimulavam o espirito de Xavier a emprehender a conquista das ilhas do Moro. Diziam-lhe que voluntariamente se ia metter e buscar os perigos não duvidosos, mas certos: diziam-lhe que de gente tão barbara e féra nenhum fructo se podia esperar: diziam-lhe que na hora em que se embarcasse, o chorariam por morto, abonando esta promessa com as mesmas lagrimas, que já não podiam resistir. Sobretudo punham-lhe diante dos olhos o desamparo de todas as outras christandades do Oriente, umas ainda verdes, e em flôr, outras só semeadas, e outras que desejavam e pediam o arado com certissimas esperanças de copiosa colheita, e que toda esta fertilidade trocava por uns penhascos estereis. Mas como o Santo desfizesse todas estas razões com outras mais altas e sobre-humanas, vista a constante e inflexivel deliberação em que estava de não desistir daquella empreza; ao menos lhe rogavam que levasse comsigo os bazares, os unicornios, as pedras de porco espin, e os outros defensivos mais finos e approvados de que a Judéa é tão abundante, como dos mesmos venenos. Porém Xavier tão fechado neste caso, como em todos os outros, com o seu nada, nenhuma coisa, nem deste, nem de outro genero quiz acceitar, nem ainda vêr.

Ha tal resolução? Ha tal desprezo da vida? Ha tal desejo de a perder? Não vêdes, meu Santo, que aos seus Apostolos diz Christo que quando forem ás terras dos gentios, mudem o estylo da sua austeridade, e vão prevenidos dos meios necessarios para a conservação da vida? Uma coisa é navegar de Lisboa a Gôa em uma nau que leva no tope as chagas de Christo, para que vos baste para sustento o vosso nada; mas entrar em umas terras, onde o nome de christão, sobre o de homem e estrangeiro, é nova pena de morte: já que não levaes os peitos de aço para rebater as suas settas, porque não levareis ao menos esses reparos que nellas creou a natureza para as traições dos seus venenos? Isto mesmo repetiam a Xavier com novas instancias os que presumiam zelar tanto a sua vida, como elle a salvação das almas: e que respondia o Santo?

---

[1] Virg. *Eneida*, Livr. 3.º.

Reconhecia o amôr e a boa intenção, agradecia os offerecimentos, e escusava-se de os acceitar, dizendo com o rosto muito seguro e alegre, que elle levava comsigo a mais fina e mais forte contrapeçonha de todas. Esta era, debaixo da confiança em Deus, a virtude do seu nada. O primeiro e mais famoso antidoto ou contra-veneno artificial que houve no mundo, foi o mitridatico, a que deu o nome, depois de o inventar, Mitridates, rei tão poderoso como sabio, o qual o tomava todas as manhãs, e sobre elle, sem perigo nem lesão, comia e bebia todos os venenos. [1] Compunha-se o mitridatico de oitenta e tantos ingredientes: mas que comparação podia ter com o nada de Xavier, que tinha debaixo dos pés o mar e a terra? Tudo o que contém o mar e a terra, pizado como elle o pizava, vêde se podia fazer uma confeição e um antidoto que melhor lhe defendesse a vida de todos os venenos, que o seu a Mitridates. Em fim, assim armado ou desarmado chegou Xavier ás terras dos medonhos Morotéses, e nem a sua fome o comeu, nem a sua sêde lhe bebeu o sangue, nem os seus venenos lhe tiraram a vida; antes elle ao principio, de féras os fez homens, logo de homens, christãos, e em espaço de tres mezes que os assistiu, os deixou tão firmes na fé, e com taes mostras da sua propria salvação, que perseguidos depois pela mesma fé, de crudelissimos tyrannos, a defenderam com gloriosos martyrios. Tanto faz, tanto póde, e tão seguro caminha quem se fia de Deus, e não quer nada!

Só resta responder ao conselho de Christo (que conselho foi, e não preceito). Uma coisa é o que se permitte, outra o que se manda; uma o licito, outra o heroico. Tambem S. Paulo, Apostolo das Gentes, se singularisou dos outros Apostolos em não querer nada. Os outros Apostolos no exercicio da prégação do Evangelho deixavam-se acompanhar de pessoas devotas que os assistiam, e lhe ministravam o necessario, que é o termo com que fallam os Textos; porém S. Paulo, depois de provar largamente que lhe era licito o mesmo, estava tão desapegado a tudo, e tão pegado ao seu nada, que nenhuma coisa queria acceitar de outrem, gloriando-se tanto desta sua isenção e independen-

[1] Plin. Libr. 25, Cap. 2.

cia, e fazendo tanta estimação della, que se não fôra tão santo, e não tivera dito: *Qui gloriatur, in Domino glorietur*, [1] sendo esta sua gloria tão solida, podéra parecer que debaixo della havia alguma coisa de vã. Chegou a dizer que antes perderia a vida, que esta gloria singularmente sua: *Bonum est mihi magis mori quam ut gloriam meam qui evacuet.* [2] E se o nada de S. Paulo era tão isento de tudo, e tão nada, de que se sustentava? Elle mesmo o diz apontando para as mãos, de cujo trabalho tirava o sustento seu, e de seus companheiros: *Argentum, et aureum, aut vestem nullius concupivi, sicut ipsi scitis: quoniam ad ea, quæ mihi opus erant, et his, qui mecum sunt, ministraverunt manus istæ:* [3] Nem para comer, nem para vestir recebi de outrem coisa alguma, como todos sabeis; porque estas mãos e o trabalho dellas, eram as que me davam tudo o necessario. Isto fazia o nada de S. Paulo, o que não fazia o nada de Xavier. E qual delles era mais glorioso? O de S. Paulo era singular sobre os doze Apostolos; o de Xavier não só era singular sobre os doze, senão sobre os treze, entrando tambem neste numero o mesmo S. Paulo. Seria pois mais glorioso o nada de Xavier, porque muitas vezes passava os tres e os quatro dias, e talvez a semana inteira sem comer bocado? Não só por isso. O nada de Paulo sustentava a Paulo, o nada de Xavier sustentava a Xavier; mas o de Xavier mais glorioso, porque a confiança do nada de Paulo fundava-se no que trabalhava com as suas mãos; e a do nada de Xavier no que pizava com os seus pés: um pé sobre o mar, e outro pé sobre a terra: no mar entre os christãos, como vimos, bastando-lhe o seu nada para sustentar a vida, e na terra entre os gentios, bastando-lhe o mesmo nada para se defender da morte: *Pedem suum dextrum super mare, sinistrum autem super terram.*

---

[1] *2.ª ad Cor.*, x, 17.
[2] *1.ª ad Cor.*, ix. 15.
[3] *Act.*, xx, 33 e 34.

V

Ainda não chegamos a tudo o que prometti. Prometti que assim como Xavier tudo desprezava, e tudo mettia debaixo dos pés, sem querer nada, assim esse mesmo nada o fazia senhor de tudo: e isto é o que agora havemos de vêr. Como são frequentes nos mares do archipelago da India os perigos e naufragios, deu á costa com o seu navio um mercador, capitão e senhorio delle, o qual no mesmo navio levava todo o seu cabedal, tão confiado, ou tão cubiçoso, que não tinha deixado reserva em terra. Com a vida que lhe perdoou o mar, vendo-se despido em uma praia, por não ter com que a sustentar, se metteu a pedir esmola pelas portas, tão pobre, que até ao mais pobre que acaso se achou naquella terra, sem reparar nos seus remendos e pés descalços, a pedia tambem. Enterneceu-se Xavier com a relação da sua desgraça, e presente miseria, metteu a mão na algibeira, não achou nada, mas nem por isso despediu o pobre. Torna outra vez com a mão á algibeira. Mas tende mão nessa mão, meu Santo, reparae no que fizestes, e no que tornaes a fazer. Quando com essa acção natural fostes buscar o que desejaveis dar ao pobre, achastes alguma coisa? Não. Pois se não achastes na algibeira mais que o nada que nella havia, que ides buscar de novo? O mesmo, e por isso mesmo. Porque é tal a excellencia ou a riqueza do nada de Xavier, pelo qual elle tinha mettido tudo debaixo dos pés; que em virtude do mesmo nada lhe não podia faltar coisa alguma do que desejasse, ou houvesse mister. E assim foi. Acabou de metter segunda vez a mão na algibeira, e no mesmo ponto a tirou cheia de moedas de oiro e prata finissima, cunhadas de effigies não conhecidas: com ellas soccorreu e remediou o pobre, dando-lh'as todas. Notam aqui os Historiadores, que quando isto fez Xavier, poz os olhos no céu: como se dissera: *Levavi oculos meos in montes, unde veniet auxilium mihi:* [1] Levantei os olhos aos montes, d'onde me havia de vir o soccorro. Os dois montes mais celebres

[1] *Psalm.* CXX, 1 e 2.

no mundo, um de oiro, outro de prata, é de prata o Potossi na America, e de oiro o Pangêu na Thracia. E foram estes por ventura os montes d'onde lhe veiu a Xavier o soccorro do oiro e da prata? Não, continua elle: *Auxilium meum à Domino, qui fecit cœlum et terram:* O soccorro veiu-me do Senhor, que fez o céu e a terra. Admiravel razão, e propriissima do caso! Não diz que lhe veiu o soccorro do Deus todo poderoso, ou do Deus Senhor de todas as coisas; senão do Deus que fez o céu e a terra: e porque? Porque só quando Deus creou o céu e a terra, fez tudo de nada, que isso é crear: *In principio creavit Deus cœlum et terram:* [1] e tal foi o milagre da algibeira de Xavier, primeiro nada, e depois oiro e prata. Foi maior milagre que o da nossa Rainha Santa, quando as moedas dos pobres se converteram em rosas, porque alli as moedas converteram-se em outra coisa, que é menos; aqui crearam-se ou fizeram-se as moedas de nada, que é muito mais. Tambem o modo de soccorrer ao pobre foi mais maravilhoso que o de S. Pedro, quando deu os pés ao aleijado que lhe pedia esmola: *Argentum et aurum non est mihi, quod autem habeo, hoc tibi do.* [2] S. Pedro disse, não tenho oiro nem prata, mas dou-te o que tenho; e Xavier podia dizer, não tenho oiro nem prata, mas dou-te o que não tenho: porque esta era a virtude do seu não ter, e do seu nada.

Passemos agora da terra ao mar, e vejamos como pelo mesmo modo com que o nada de Xavier remediou aquelle naufragio do mar na terra; assim acudiu não menos maravilhosamente a outro muito maior da terra no mar. Os Paraváz são um gentio da costa da Pescaria, em que o Santo empregou uns dos primeiros lanços das suas rèdes com tanta ventura, ou favor do céu, que havendo entre elles alguns christãos só de nome, não só resuscitou nestes a fé, mas a plantou nos demais com tão firmes raizes, que de todos se compoz uma florentissima christandade. Habitavam em muitas povoações os logares maritimos da mesma costa, quando subitamente rebentou contra elles do sertão um exercito dos Badagaz, gente barbara e ferocissima, com

---

[1] *Gen.*, I, 1.
[2] *Act.*, III, 6.

tal impeto e resolução de levar tudo a fogo e a ferro, que os pobres christãos largando-lhes a terra, e quanto nella possuiam, não tiveram outro logar para onde fugir e salvar de algum modo as vidas, que lançando-se ao mar. Faz o Cabo de Comorim com a visinha de Ceylão um estreito cheio de muitos baixios, restingas, parceis, corôas de areia, e recifes de pedra; e alli (se é licito comparar as coisas pequenas com as grandes) se viu um lastimoso retrato do Diluvio Universal, quando começou a alagar os valles: uns se mettiam pelas concavidades dos recifes, outros nadavam ao mais descoberto das corôas, outros subiam ao mais alto dos penedos, e a multidão innumeravel dos demais homens, mulheres e meninos, mettidos na agua com as cabeças de fóra para conservar a respiração, e as mães e paes com os filhinhos aos hombros, em pé sem poder descançar nem dormir, e não só abrazados dos raios do sol, que alli são ardentissimos, mas estalando á fome e á sede, ou se deixavam já afogar desmaiados, ou por instantes esperavam acabar na mesma miseria sem remedio; quando com outro repente viram que vinha infiando o canal do mesmo estreito, que é muito difficultoso, uma frota de muitas embarcações. Alguns temeram que fossem os mesmos barbaros, mas os fumos e labaredas com que viam do mar arder as suas povoações, os asseguravam de que não podiam ser elles: mas de quem seriam? Dil-o-hei pelas palavras do mesmo capitão da frota, tanto que lhe chegou a nova do que passava. Em uma carta que escreveu então S. Francisco Xavier a seu companheiro o Padre Francisco de Mancias, diz assim: «Eu me parto para o Cabo de Comorim com vinte embarcações de mantimentos a soccorrer aquelles pobres christãos, que com medo dos inimigos estão pelo mar morrendo alguns á pura necessidade. Lá escrevo aos Pantagatins e Regedores que lhes acudam com alguma esmola: fazei que seja por suas vontades, e não por força, e que a não tirem dos pobres, senão daquelles que á boamente a quizerem e poderem dar». Assim deixava Xavier prevenido o segundo e futuro soccorro; mas este primeiro e presente, d'onde lhe veiu? Vinte embarcações, e de mantimentos, e principalmente de aguada, que era o de que mais necessitavam, e as vasilhas para ella, e as coisas de comer promptas e apparelhadas, e taes

que não dependessem de fogo: um Vice-Rei da India com os armazens d'El-rei, e toda a fabrica da Ribeira não pudéra expedir em Gôa um tão repentino soccorro. Como o fez logo em um momento com tantas embarcações, marinhagem, e tudo o mais necessario, quem como Xavier não possuia nada? A historia não o diz, mas eu digo, e ninguem poderá dizer outra coisa, senão que o seu nada fez este grande e universal milagre, tirando tudo dos seus thesouros, que são os mesmos da Divina Omnipotencia, a qual não ha mister tempo, nem outros requerimentos que o da mesma necessidade, e miseria dos pobres.

Onde a nossa Vulgata diz: *Desiderium pauperum exaudivit Dominus*, tem o original hebreu, *Vacuitatem pauperum.* [1] Quer dizer que ouviu Deus, e remediou o vacuo dos pobres, que é a sua necessidade e falta do que não teem. E porque chama o Propheta e o mesmo Deus por sua bocca a essa necessidade e falta do necessario, o vacuo dos pobres? Para que entendamos, que assim como a natureza para impedir o vacuo, obra sobre todas as suas leis, e contra ellas, fazendo milagres, assim os faz a Misericordia Divina para acudir ás necessidades dos pobres. E' o que fez neste caso e no passado por meio da caridade de Xavier, e com tão elegante contraposição, que em uma e outra necessidade remediou um vacuo com outro vacuo; o vacuo dos pobres com o vacuo do mesmo Xavier. Lá com o vacuo e com o nada da sua algibeira, soccorrendo a pobreza de um naufragante com a mão cheia de oiro e prata: cá, e com mais universal maravilha do mesmo vacuo, e do mesmo nada, acudindo, não a um homem, nem a um povo, senão a muitos, que de si mesmos tinham feito voluntario naufragio, lançando-se ao mar, para escapar as vidas, soccorrendo-lh'as na extrema necessidade com uma frota inteira de vinte embarcações carregadas de mantimentos. Lá em fim remediando as perdas do mar na terra para mostrar o seu nada; que por ter mettido a terra debaixo dos pés, era senhor da terra: *Pedem sinistrum super terram:* e cá remediando as perdas da terra no mar, para acabar de confirmar o mesmo nada, que

[1] *Psalm.* x, 17.

por ter mettido o mar debaixo dos pés, era senhor do mar: *Dextrum autem super mare.*

VI

Por estes e outros exemplos vieram os mesmos gentios a reconhecer com tal evidencia e espanto estes dois dominios de Xavier, que lhe chamavam deus da terra, e deus do mar. Fallavam como gentios, mas bem podiam dizer o mesmo em sentido christão. A Moysés disse Deus: *Ecce constitui te Deum Pharaonis.* [1] E assim como Deus fez a Moysés deus de uma terra, que era o Egypto, e deus de um mar, que era o Vermelho, bem o podia fazer sem limite deus de toda a terra, e deus de todo o mar. Tal era o conceito que os gentios tinham do poder e dignidade de Xavier. E para que o possamos tomar em bom sentido, é coisa muito singular, e digna de reparo, que Deus se não dá por offendido dos que dão a Xavier este nome; antes favorece aos que o invocam, e castiga aos que o juram em vão. Em Cotâta, cidade da India, tem Xavier um templo muito celebre por milagroso, o qual está todo cheio de votos ou tropheus que alli penduram os gentios em memoria e agradecimento das mercês que alcançam do Santo: e o seu maior e mais inviolavel juramento não é pelos seus deuses ou idolos, senão pelo santo de Cotâta, havendo-lhe conciliado este summo respeito a experiencia que teem das penas com que Deus castiga os violadores deste juramento.

Oiçamos agora ao verdadeiro Deus, que nas coisas que pertencem a Xavier, não parece o mesmo, senão outro. Queixa-se dos Hebreus, e diz assim pelo propheta Jeremias: *Super quo propitius tibi esse potero? Filii tui dereliquerunt me, et jurant in his, qui non sunt Dii?* [2] Porque razão, porque merecimento, ou com que titulo, ó Israël, te posso eu favorecer ou ser propicio, se os teus filhos me deixam, que sou o verdadeiro Deus, e juram por aquelles que não são deuses? Pois se isto em proprios termos é o mesmo que

---

[1] *Exod.*, VII, 1.
[2] *Jer.*, V, 7.

faziam os gentios da India venerando a Xavier por Deus, e jurando por elle, como os israelitas por Baal, e Melchon: porque favorece Deus aos que isto fazem concedendo-lhes quanto pedem a Xavier, e castigando severamente aos que juram por elle, se não guardam os juramentos? E' certo, como cantou a Igreja no dia em que canonisou a S. Francisco Xavier, que Deus se honra na honra que se faz a seus Santos: *Et in Sanctorum tuorum honoribus honoraris;* mas isto se entende quando a honra que se faz aos Santos, não offende a honra de Deus, como a offendem os que veneram outro deus, e juram por elle: porque merecimento logo chega Deus a dissimular as suas offensas, por accrescentar e favorecer as honras que se fazem a Xavier? Não ha duvida que pelos merecimentos do mesmo Santo, e não dos que ignorantemente lhe dão o nome e veneração de Deus; porque isto nem o mesmo Deus o póde fazer, como dizem emphaticamente aquellas palavras suas: *Super quo propitius tibi esse potero?* Mas se isto chega Deus a fazer pelos merecimentos de Xavier, resta saber por quaes merecimentos.

Digo que pelos merecimentos daquella soberania que ponderamos em todo este discurso, tão parecida com a Divina. Deus é Senhor de tudo: mas de que modo? De tal modo, que para si não quer nada, e tudo o de que é Senhor, é para nós. Antes de Deus crear o mundo, tinha alguma coisa fóra de si? Nada; porque não havia nada. E depois do mundo creado, teve mais alguma coisa de novo? Para si o mesmo nada que d'antes; mas para nós, e para o homem tudo: *Omnia subjecisti sub pedibus ejus.* [1] Ao mesmo modo Xavier, com um pé sobre a terra dominava tudo o que ha na terra, com o outro pé sobre o mar dominava tudo o que ha no mar: mas para quem? O tudo para todos, ou fossem christãos ou gentios; e para si o seu nada, puro e despegado de tudo, porque era o que só queria. E como no uzo e desuzo de uma e outra coisa se parecia tanto com Deus, por isso Deus não só permittia que fosse venerado por Deus do mar e da terra, mas favorecia com milagrosos beneficios aos que assim o veneravam, e castigava, que é mais, aos que jurando por elle, faltavam a esta veneração.

---

[1] *Psalm.* VIII, 8,

VII

Agora para acabar fallemos um pouco comnosco. Navegaram ao mesmo Oriente os portuguezes, fizeram-se senhores do mar e da terra: e como uzaram deste dominio naquelles felizes principios tão absoluto? Com grande differença. O Texto não diz que o Anjo tinha um pé no mar e outro na terra, senão um pé sobre a terra: *Sinistrum super terram;* e outro sobre o mar, *Dextrum super mare:* quem tem os pés sobre o mar e sobre a terra, piza o mar e piza a terra, e só quem os piza, os senhorea verdadeiramente: *Omnis locus, quem calcaverit pes vester, vester erit;* e isto é o que fez Xavier: porém os que navegaram e conquistaram o Oriente com outro espirito, não metteram o mar e a terra debaixo dos pés, mas metteram os pés no mar e na terra para adquirir o que debaixo de si escondia a terra, e o que debaixo de si escondia o mar. Xavier foi lá levar a benção de Deus, elles foram lá buscar a benção de Izachar. E que diz essa benção? *Inundationem maris quasi lac sugent, et thesauros absconditos arenarum.* [1] As tormentas do Cabo da Boa Esperança, e os tufões dos mares da China parecer-lhes-hão mar leite: *Inundationem maris quasi lac sugent;* porque vão buscar os thesouros que estão escondidos nas areias, *et thesauros absconditos arenarum.* As perolas buscal-as-hão debaixo do mar, e de mergulho, na costa da Pescaria: o ambar esperarão que as tempestades ou as balêas o lancem ás praias: os diamantes caval-os-hão debaixo da terra de Coloncodá: os rubis desenterral-os-hão na de Pegú: as saphiras il-as-hão buscar mais longe na dos Persas e Médos. E porque se metteram debaixo da terra, e debaixo do mar, e não a terra e o mar debaixo dos pés, por isso os não dominaram verdadeiramente.

Democrito, por testemunho de Seneca, o mais subtil de todos os philosophos, teve para si que todas estas que chamamos estrellas, são outros tantos mundos,

[1] *Deut.*, XXXIII, 19.

maiores que este que habitamos; e posto que não se enganou na grandeza, em serem outros mundos, disse um erro, em que outros o seguiram. Ouvindo isto Alexandre Magno, saltaram-lhe as lagrimas pelos olhos, e disse chorando: E' possivel que ha tantos mundos, e que eu ainda não acabei de conquistar um? Assim disse aquelle monstro de soberba, e o mesmo havia de dizer, se os conquistára todos, porque não sabia em que consiste o dominio do mundo. O dominio do mundo não consiste em o possuir, consiste em o pizar. Essa é a razão altissima porque Deus, sendo tão liberal, deu todo o mundo ao primeiro homem; creando tantos homens, creou um só mundo. Porque para cada homem possuir um mundo, era necessario que fossem tantos mundos, quantos são os homens; mas para todos os homens, e cada homem pizar todo o mundo, basta um só mundo. Desta sorte o dominou Xavier, pizando-o, e não querendo delle nada: e do mesmo modo o dominaram todos os que o souberam pizar.

Oh se os cubiçosos de riquezas souberam entender e penetrar bem este ponto! Ouvi uma notavel ponderação de S. Paulo, não sei se bem entendida: *Scitis gratiam Domini nostri Jesu Christi, quoniam propter vos egenus factus est, cum esset dives, ut illius inopia vos divites essetis.* [1] Bem sabeis a grande mercê e graça de Deus, com que elle por amôr de nós, sendo rico, se fez pobre, para nos enriquecer com a sua pobreza. Suppõe o Apostolo que todos sabemos isto; mas é certo que muitos o não sabem, antes cuidam que é coisa que se não póde saber. Se dissera que Deus sendo rico, se fez pobre, para nos enriquecer com a sua riqueza, bem se entendia; mas para nos enriquecer com a sua pobreza? Sim. E é lastima que não entendam esta philosophia os christãos, entendendo-a os gentios. Quem são os ricos neste mundo? Os que teem muito? Não; porque quem tem muito, deseja mais, e quem deseja mais, falta-lhe o que deseja, e essa falta o faz pobre: *Inventus est qui aliquid concupisceret post omnia:* [2] Houve neste mundo um homem, diz Seneca, que depois de ter tudo, ainda desejou mais. Este de-

---

[1] *2.º ad Cor.*, VIII, 9.
[2] *Senec. Epist.* CXX.

clarou elle que foi Alexandre; mas com encarecimento falso, porque Alexandre nunca foi senhor de tudo. O senhor de tudo só foi Adão. Mas a esse tambem o perdeu a sua pobreza, porque tendo tudo, ainda quiz mais do que tinha. De maneira que não é rico quem tem muito, ainda que seja tudo. Pois quem é o verdadeiro rico? Aquelle que não quer nada, porque nenhuma coisa lhe falta. E esta é a verdadeira riqueza com que Christo nos enriqueceu com a sua pobreza, ensinando-nos a não querer nada, como elle o não quiz.

Ainda não está dito: porque aqui se devem notar duas coisas muito particulares. A primeira, dizer S. Paulo que o Filho de Deus nos enriqueceu com a sua pobreza, e não com a sua omnipotencia: *Ut illius inopia vos divites essetis.* E porque? Porque com a sua omnipotencia póde Deus dar muitas riquezas aos homens; mas fazel-os ricos não póde. Deu muitas riquezas aos Assyrios, aos Persas, aos Gregos, aos Romanos, mas todos elles com estas riquezas sempre ficavam pobres, porque lhes faltava o mais que todos appeteciam; e por isso se destruiam com guerras. Que remedio logo para Deus poder fazer os homens ricos? O remedio foi o que elle tomou, fazendo-se homem e pobre, e ensinando-nos com a sua pobreza a não querer nada. Torno a dizer a não querer nada; e esta é a segunda energia das palavras de S. Paulo, em que me admiro não repararem os Interpretes. Se diz que Christo se fez pobre para nos enriquecer com a sua pobreza, porque não significou essa pobreza com a palavra: *paupertas*, senão com a palavra, *inopia?* Porque *paupertas*, a qual se define, *parvi possessio*, [1] significa a pobreza que possue pouco; porém a palavra *inopia*, por aquella negação, *in*, que nega tudo, significa a pobreza que não quer nada, e só a *inopia*, e a pobreza que não quer nada, é a que faz o homem verdadeiramente rico: *Ut ejus inopia vos divites essetis.* Assim o entenderam, como dizia, até os mesmos gentios; por onde Attalo, famoso philosopho, em phrase tambem gentilica, disse: *Nihil desideres, oportet, si vis Jovem provocare nihil desiderantem:* [2] Se queres ser tão rico que

[1] Ita Senec. Ep. 88 in fine.
[2] Apud. Senec. Epist. 111.

desafies ao mesmo Jupiter, não desejes nada, assim como elle nada deseja.

Que ricos seriam os homens, e logo e neste mesmo instante, se soubessem conhecer e estimar os thesouros do não querer! Estas foram as riquezas que Christo nos ensinou com a sua pobreza; e esta foi a que professou S. Francisco Xavier, com que foi o mais rico de quantos passaram ao Oriente. Elles mettendo e engolphando os pés, as mãos, todo o corpo, e toda a alma, nas riquezas d'aquellas terras, e daquelles mares; e Xavier pizando e mettendo debaixo dos pés quanto encerram os mesmos mares e terras: *Pedem sinistrum super terram, dextrum autem super mare.* Comparemos agora o nada do que lá foram buscar, e trouxeram os que tornaram com grande fama de ricos a Portugal. Todos os que com as velas inchadas d'esta falsa opinião entraram pela barra de Lisboa, por mais carregados que viessem de riquezas, verdadeiramente nada trouxeram. E porque? Notae muito a razão. Porque tudo o que trazem os que veem da India, ou é roubado, ou elles veem roubados. Se é roubado, não trazem nada, porque o que trazem é alheio, e não é seu, e o devem restituir. E se veem roubados, ainda menos, porque o roubado não só fica pobre, mas captivo. Tudo isto descubriu, antes de nós descobrirmos a India, o Cardeal Hugo n'aquelle verso do Psalmo: *Rapinas nolite concupiscere: divitiæ si affluant, nolite cor apponere.* [1]

Primeiramente, porque não diz o Espirito Santo que nos guardemos da rapina e do roubo, senão dos roubos e das rapinas: *Rapinas nolite concupiscere?* Porque assim como ha dois modos de adquirir, assim ha dois modos de roubar: um com que nós roubamos as riquezas alheias; e outro com que as proprias nos roubam a nós: *Dicuntur autem rapinæ non solum divitiæ, quæ rapiuntur, id est, quæ per rapinam acquiruntur, sed etiam omnes divitiæ, quæ rapiunt mentem hominis.* De sorte que ha umas riquezas que se adquirem por violencia, engano, ou qualquer outro modo de injustiça, e estas são as que os homens roubam: e ha outras adquiridas licitas, e justamente; e comtudo se os homens poem nellas o coração e o amôr, estas

[1] *Psalm.* LXI, 11.

são as que os roubam a elles. Por isso o Espirito Santo depois de dizer: *Rapinas nolite concupiscere*, acrescenta, *divitiæ si affluant, nolite cor apponere:* como se dissera: e ainda que as riquezas vos entrem pela porta voluntaria e justamente, sem violencia ou engano, nem por isso vos fieis de pôr nellas o coração, porque ainda que não sejam roubadas, são roubadoras; e não só vos deixarão pobres, senão captivos. Assim o declara o mesmo David n'outro logar: *Dormierunt somnum suum, et nihil invenerunt omnes viri divitiarum in manibus suis:* [1] Despertaram e abriram os olhos, e nada acharam nas suas mãos os homens das riquezas. Não diz as riquezas dos homens, senão os homens das riquezas; porque no tal caso não são os homens os senhores das riquezas, senão as riquezas as senhoras dos homens, e elles os captivos e escravos dellas. E que importa que venhaes da India arrastando cadêas de diamantes, se essas vos prendem e vos captivam? E quando presumis e cuidaes que sois muito rico, o que verdadeiramente não tendes, é nada: *Nihil invenerunt in manibus suis.*

Comparemos, pois, com os olhos bem abertos, um nada com o outro nada: o nada do que se possue, com o nada do que se não quer; e acharemos que o nada do que se possue (ainda sem o encargo ou encargos da consciencia) é uma carga pezadissima, cheia de cuidados, de desgostos, de temores, de dependencias, de sujeições, de captiveiros: uma materia tanto maior, quanto ellas forem maiores, sempre apparelhada e exposta aos golpes e vaivens do tempo e da fortuna: e sem descanço, sem quietação, sem liberdade, uma riqueza rica de miserias, e a mais necessitada e extrema pobreza. Pelo contrario, o nada do não querer, é um thesouro, só escondido aos cegos, no qual se encerra a isenção de todos os males, perigos, e pezares desta vida, o descanço sem trabalho, a alegria sem tristeza, a liberdade sem sujeição, e a posse segura e inalteravel de todos os bens, e do maior de todos, que é o senhorio de nós mesmos. Se acaso esta riqueza vos não parece riqueza, porque os menores a não appetecem, nem os eguaes a invejam, nem os maiores a

[1] *Psalm.* LXXV, 6.

perseguem, e carregam de pensões e tributos: se vos não parece riqueza, porque não depende no campo do sol e da chuva que a crie nem do muito sol que a secca, nem da muita chuva que a inunda e afoga, nem da formiga, da lagarta, do gafanhoto, e das outras pragas, de que nenhuma industria ou poder humano a póde defender: se vos não parece riqueza, porque não se fazem sobre ella pleitos, nem está sujeita a affecto ou odio do juiz, nem á verdade ou falsidade das testemunhas, nem a ser citada e levada a juizo para ouvir e ser ouvida nos tribunaes: se vos parece que não é riqueza, porque se não adquire com trabalho, nem se conserva com cuidado, nem se perde com dôr propria, e, o que ás vezes mais doe, com agrado e triumpho dos inimigos: se vos parece que não é riqueza, porque por ella se não entrega a cubiça ás ondas e tempestades do mar, nem exercitos se combatem nas campanhas, e se derrama o sangue, e perdem as vidas para sustentar a mesma vida, e o mesmo sangue: se vos parece que não é riqueza, porque com antecipada crueldade de a possuir, vos não desejam a morte os filhos, os parentes, e quaesquer outros que a esperam herdar: se vos parece que não é riqueza, porque a não dão os reis, nem a consultam os ministros, nem a sollicitam os requerimentos, e vós sois o requerente, o ministro, e o rei, que só comvosco vos despacheis: se vos não parece riqueza, porque vos não tira, nem inquieta o somno a vigilancia e astucia do ladrão, a diligencia e negociação do emulo, e a calumnia e engano do que a quer para si. Finalmente, se todas estas conveniencias não bastam, sendo cada uma dellas riquissima; considerae que da riqueza do não querer, nem vos hão de pedir conta os homens, nem vós a haveis de dar a Deus; antes o mesmo Deus em premio do vosso não querer vos ha de dar aquella unica bemaventurança, e similhante á sua, na qual, como diz Santo Agostinho, tereis tudo o que quizerdes, e nada do que não quizerdes: *Ibi erit quidquid voles, et non erit quidquid noles.*

SERMÃO TERCEIRO

CONFIANÇA

Posuit pedem suum dextrum super mare, sinistrum autem super terram. [1]

I

A maior miseria da vida humana (outros dirão outra) eu digo que é não haver neste mundo de quem fiar. Os amigos são como Joab com Abner: os irmãos são como Caïn com Abel: os filhos são como Absalão com David: os casados são como Eva com Adão: e cada um comsigo é tão traidor como o mesmo Adão, que se perdeu a si mesmo. E se um homem se não fiar de si, de quem se ha de fiar? De ninguem se podia fiar mais David, que de Saül, a quem tinha servido e honrado com a propria vida; e Saül lhe atirou ás lançadas. De ninguem se podia fiar mais Salomão, que de Jeroboão seu criado, a quem tinha levantado do pó da terra; e Jeroboão foi o que se rebellou contra seu filho, e de doze partes do reino lhe usurpou as dez. De ninguem se podia fiar mais Samsão, que de Dalila, a quem amava e sustentava com o suor do seu rosto; e Dalila o entregou a seus inimigos. De ninguem se podia mais fiar Christo, que de Judas, a quem tinha fiado quanto havia em sua casa, e de Pedro, a quem tinha dado as chaves do seu proprio Reino; e Judas o vendeu, e Pe-

---

[1] *Apoc.*, x.

dro o negou. Por isso diz Deus por bocca de Jeremias: *Maledictus homo qui confidit in homine:* [1] Maldito seja o homem que se fia de outro homem.

E se um homem se não ha de fiar de outro homem, nem de si mesmo, porque é homem; de quem se ha de fiar? A consequencia é manifesta: de Deus, e só de Deus. Assim continua o mesmo Jeremias contrapondo esta benção áquella maldição, e esta felicidade áquella miseria: *Benedictus vir, qui confidit in Domino, et erit Dominus fiducia ejus:* [2] Bemdito e ditoso o homem que confia em Deus, e Deus é a sua confiança, porque não tem outra. Com esta confiança deixou Abrahão a sua patria, e tão forte como felizmente conseguiu as promessas divinas: *In repromissione Dei non hæsitavit diffidentia, sed confortatus est fide, dans gloriam Deo.* [3] Com esta confiança se afrontava David de lhe dizerem que debaixo de outras azas se amparasse de seus perseguidores: *In Domino confido, quomodo dicitis animæ meæ, transmigra in montem sicut passer? quoniam peccatores intenderunt arcum, paraverunt sagittas suas in pharetra.* [4] Com esta confiança pelejou Judas Machabeu tantas batalhas, e alcançou tantas victorias contra tão poderosos inimigos: *Machabæus autem semper confidebat cum omni spe auxilium sibi à Deo affuturum.* [5] Com esta confiança até Susana, sendo mulher, e não só desamparada, mas condemnada de todos, só com levantar os olhos ao céu, e sem fallar palavra, prevaleceu contra os injustos e infames juizes: *Erat enim cor ejus fiduciam habens in Domino.* [6] Finalmente, esta confiança em Deus é um ponto de sua honra, que elle defende tão mimosa, e tão desconfiadamente, que tendo Senaccherib, rei dos Assyrios, sitiado a Ezechias em Jérusalem; porque em um recado que lhe mandou para que se entregasse, metteu uma clausula, que dizia: E se me responderes, confiamos no nosso Deus: *Quod si responderis mihi, in Domino Deo nostro confidi-*

---

[1] *Jerem.*, XVII, 5.
[2] *Ibid.*, 7.
[3] *Rom.*, IV, 20.
[4] *Psalm.* X, 2 e 3.
[5] *2.º Livr. Mach.*, XV, 7.
[6] *Dan.*, XIII, 35.

mus; [1] cada lettra desta proposta lhe custou tanto sangue, que amanheceram degolados naquella noite cento e oitenta e cinco mil dos soberbos sitiados, e Senacherib por aquella blasphemia perdeu o exercito, a corôa, e a vida: o exercito fugindo ignominiosamente; a corôa, rebellando-se-lhe os vassallos; e a vida, sendo morto por seus proprios filhos.

Mas aonde, direis, caminha este meu discurso, se não é a uma publica retractação de quanto estes dias tendes ouvido? Se só de Deus se podem fiar os homens, e só em Deus devem pôr sua confiança; e pelo contrario não só é imprudencia, engano e erro, mas maldição expressa do mesmo Deus, fiarem-se os homens de outro homem; e este homem chamado Francisco Xavier tambem é filho de Adão como os outros, e composto do mesmo barro para a fragilidade, e da mesma carne e sangue para a desconfiança; como apregoamos com tantas trombetas, e inculcamos a todos que fiem tudo delle? Esta minha instancia é o argumento com que os hereges negam a veneração e intercessão dos Santos, impia, blasphema, e ignorantemente, e sem vergonha, constando o contrario por todas as Escripturas Sagradas. Aos amigos de Job, que tão duramente lhe apuraram a paciencia, disse Deus, que para lhes perdoar, recorressem ao mesmo Job, que intercedesse por elles: *Ite ad servum meum Job: Job autem servus meus orabit pro vobis, faciem ejus suscipiam.* [2] O mesmo Deus irado contra o povo, disse, que lhe não devia de perdoar, ainda que Moysés e Samuel lhe pedissem: *Si steterit Moyses, et Samuel coram me, non est anima mea ad populum istum.* [3] Onias Summo Sacerdote, muitos annos depois de morto, viu Judas Macchabeu que orava pelos Judeus: *Oniam manus protendentem orare pro omni populo Judæorum:* e o mesmo Onias lhe disse, que Jeremias tambem defunto fazia a mesma oração: *Hic est, qui multum orat pro populo, et sancta civitate Jeremias propheta Dei.* [4] Moysés pedia a Deus que se lembrasse de Abrahão,

[1] *Isai.*, XXXVI, 7.
[2] *Job.*, XXIV, 8.
[3] *Jerem.*, XV, 1.
[4] *2.º Livr. Mach.*, XV, 13 e 14.

Isaac e Jacob seus servos: *Recordare Domine Abraham, Isaac et Israel servorum tuorum.* [1] E a Igreja que se lembrasse de David: *Memento Domine David.* [2] E S. Pedro não só prometteu que se lembraria de interceder por nós depois de sua morte: *Dabo operam, et frequenter habere vos post obitum meum;* [3] mas ainda em vida se valeu de S. João, como discipulo amado, para saber o segredo de quem era o traidor: *Innuit ergo huic Simon Petrus, et dixit ei, quis est, de quo dicit?* [4]

Pois se estes Santos eram homens, e Deus fazia tanto caso dos seus merecimentos, e os homens com approvação de Deus fiavam tanto delles, e de sua intercessão, como diz o mesmo Deus: Maldito o homem que confia em outro homem: *Maledictus homo, qui confidit in homine?* Porque ha grande differença de homens a homens. Os Santos são homens, mas homens de Deus. Assim se chamam na Escriptura: e esse nome deram a Elias os tres enviados d'El-rei Ochozias, chamando-lhe todos, *Homo Dei*, ainda os que elle abrazou com o fogo do céu, em prova de o ser, como o mesmo Elias repetiu: *Si Homo Dei sum, descendat ignis de cœlo.* [5] E quem se fia dos homens de Deus, fia-se do mesmo Deus, do qual por meio delles tem confiança de alcançar o que pretende. Deixado pois o engano ou maldição dos que se fiam dos homens que não são de Deus; para que vejamos no exemplo de um só Santo, quão seguramente se fiam os Santos em Deus, e quão confiadamente se devem os homens fiar nos Santos; com um pé na terra, e outro no mar, veremos em primeiro logar quão ordinaria e quão segura foi a confiança com que S. Francisco Xavier se fiava de Deus; e no segundo, quão extraordinaria, quão admiravel, e quão segura a certeza com que os homens se fiaram de S. Francisco Xavier.

---

[1] *Exod.*, XXXII, 13.
[2] *Psalm.* CXXXI, 1.
[3] *2.ª Epist. Petr.*, I, 15.
[4] *Joan.*, XIII, 24.
[5] *4.º Livr. dos Reis*, I, 9, 12, 11 e 12.

II

Para demonstração da grande confiança do nosso Santo em Deus, bem bastava a que até'qui temos visto envolta em tantos casos, e tão maravilhosos; mas para que agora se descubra e manifeste mais expressa e distinctamente, e com maior admiração, referirei só dois, um com o pé na terra, outro no mar, ambos tão raros e estupendos, que a mesma terra e o mesmo mar, que ao principio estiveram incredulos, com o assombro e pasmo do que viram, ainda depois de visto, quasi o não criam.

Chegou a Malaca S. Francisco Xavier a tempo que uma grande armada do Achem, tendo intentado de noite ganhar a fortaleza por intrepeza, posto que o não conseguiu, queimou comtudo as naus que n'outro porto desviado estavam seguras sem noticia, nem suspeita do perigo. Com a luz da manhã appareceu a armada ao largo coberta de bandeiras e flamulas, como victoriosa. Era o general, com titulo de rei de Pedir, um mouro tão grande soldado na fama, como soberbo, cruel, e inimigo do nome christão, o qual tendo tomado sete pescadores nossos, por elles com os narizes e orelhas cortadas, mandou uma carta ou cartel escripto com o sangue dos mesmos miseraveis, em que desafiava ao capitão da fortaleza, que era Simão de Mello, e se continham nelle grandes affrontas dos portuguezes, desprezos do seu rei, e blasphemias contra Christo. Recebida a embaixada com mais riso das barvatas, que pensamento de vingar as injurias, só Xavier doendo-lhe, quanto era razão, as de Deus, e de sua Lei, foi de voto que em todo o caso se acudisse por ella, e foram tão vivas as suas razões, que assim se resolveu. Declarada a guerra contra o mouro; e tambem Deus então parece que a quiz declarar contra Xavier, competindo ambos sobre a sua confiança no mesmo Deus, multiplicando difficuldades ou impossiveis, que pareciam insuperaveis a toda a confiança, e Xavier perseverando sempre tão constante, inteira e invencivel, como se fosse superior a todos.

Queimadas as outras naus, só se acharam no ar-

senal de Malaca sete fustas, e um catur pequeno, sem outro apparelho mais que os cascos velhos, rotos e destroçados: boa parelha contra uma armada de sessenta vélas, fustas, lancharas, e galeotas fortes, e fornecidas de tudo o necessario para a navegação, e para a guerra; e sobretudo de muita artilheria de todo o genero. Sobre esta difficuldade cresceu outra, que mais se póde chamar desesperação; porque o feitor ou provedor do armazem disse que não havia nelle um fio de enxarcia, nem uma vara de panno, nem estopa, nem breu, nem um remo. Mas a tudo acudiu a confiança em Deus de Xavier, repartindo com sua auctoridade, e encommendando com sua boa graça o apresto das oito embarcações a oito homens ricos, senhores de navios, os quaes com diligencia e trabalho que requeria um mez, os puzeram á véla em cinco dias. Guarnece-os o capitão mór com cento e cincoenta soldados, e cabos de toda a confiança, sendo os da armada inimiga seis mil, afóra a chusma, todos escolhidos, e entre elles muitos turcos e janisaros, e quinhentos criados de El-rei, da primeira nobreza, que chamam orobalões da manilha de oiro. De maneira que vinha a ter o inimigo para cada navio nosso doze navios, assim como para cada soldado quasi quarenta soldados. Vencida esta desproporção só com dizer Xavier: «E Deus não póde mais?» partiu a nossa armada em demanda da do inimigo, que de proposito para outro assalto tinha desapparecido: eis que subitamente, sem tocar em baixo, nem outra occasião de perigo ou desastre, a nossa Capitania se vae a pique. Amotina-se toda a cidade, dizem a gritos que bem mostrava Deus no principio qual havia de ser o fim daquella empreza. Votam todos que era temeraria, e contra o serviço de El-rei: faz-se disso assento publico, que assignaram todos; mas não os capitães e soldados, os quaes com valor verdadeiramente christão e portuguez, disseram que se não haviam de retratar do que uma vez tinham jurado de pelejar até morrer pela fé de Christo: que aquelles agouros eram mais de mulheres, que de homens, que se a Capitania se perdera, se salvára a gente, que é a que faz a guerra, e que tanto podiam pelejar em sete como em oito navios. Tudo isto eram effeitos da oração de Xavier e da sua confiança em Deus, o qual ainda que a apurava, não po-

dia deixar de a favorecer. Comtudo para socegar os animos dos que ficavam em terra, promette o Santo que por um navio que se perdera, daria Deus dois maiores, e melhores; e naquelle mesmo dia, antes que se puzesse o sol. A brevidade da promessa acrescentou o alvoroço, não havendo olhos que dos eirados e dos montes não estivessem postos no mar; quando uma hora antes de o sol se pôr, appareceram da parte do Norte duas velas latinas. Soube-se logo que eram fustas portuguezas, capitães e senhorios dellas Diogo, e Belchior Soares, pae e filho, que as levavam carregadas de mercadoria, sem intento de tocar Malaca. Foi-as tomar ao mar o Santo, auctor da empreza, e ambos a poucas palavras suas, mais como cavalleiros, que mercadores, offereceram as pessoas, os navios, e sessenta soldados que nelles levavam, para se encorporarem na armada. Assim accrescentada de vasos e gente, tornou a pedir segunda vez, e com a segunda benção de Xavier, a que elle chamava romaria da Santa Cruz, não deixando comtudo de picar os corações dos que ficavam, aquella espinha, que desguarnecida a fortaleza do principal nervo do seu presidio, perdida a armada, se perderia tambem ella. Quarenta e cinco dias não houve em Malaca novas dos seus aventureiros, tendo passado a maior parte deste tempo sobre ferro por causa dos ventos contrarios. Mas não se descuidaram os mouros, e o demonio por meio dos feiticeiros, em divulgar que não viera nova, por não escapar quem a trouxesse, sendo todos mortos, signalando-se o tempo e logar da batalha, e outras circumstancias a que a mesma demasiada tardança deu facilmente credito. Porque a fé da prophecia passada não só esfriára com o temor, mas se apagára totalmente com a tristeza. Culpavam ao capitão mór, por se haver precipitado a uma empreza tão arriscada por conselho, como diziam, de um clerigo: que os Religiosos rezassem pelo seu Breviario, e se encommendassem a si e ao povo a Deus, e se contentassem os bons com governar as consciencias, mas não as armas. Só o Padre perseverava constante na sua confiança em Deus, e em todos os sermões pedia um Padre Nosso, e uma Ave Maria, pela vida e victoria dos que iam na armada: ao que respondiam, murmurando os ouvintes, que as pedisse antes pelas almas dos que elle tanto sem razão

mandára a morrer. As mulheres lhe chamavam homicida de seus maridos, e as mães de seus filhos; e até o Capitão Mór arrependido se afastava delle.

III

Sobre esta consternação se acrescentou outra maior, porque chegou a Malaca uma embaixada do rei de Bintão, filho do mouro Mafamede, a que nós a tomamos, na qual dizia que estando elle prestes com uma armada de trezentas vélas, para fazer guerra a El-rei de Patáne, soubera o destroço da armada dos portuguezes, e como fiel amigo d'El-rei de Portugal seu irmão, voltára com todo o mesmo poder a soccorrer a Malaca, da qual distava só seis leguas, esperando a resposta do Capitão Mór. A resposta foi como de corsario a corsario, pelos mesmos consoantes: que elle capitão mór lhe agradecia muito o offerecimento do soccorro, em correspondencia do qual teria naquella fortaleza o favor e ajuda que sempre nella achára, porque tudo lhe sobejava para o servir, gente, armas, munições, e bastimentos, e, o que mais importava, ordem de seu rei para o fazer assim. E quanto á nova que o divertira do seu principal intento, soubesse que era falsa; antes esperava por horas a sua armada tão victoriosa e inteira, que lhe pudesse ainda ir seguir a elle as costas a Patáne. Isto se dizia por fóra, mas o que todos entendiam por dentro, era que o mouro, aproveitando-se da occasião, queria recuperar o que seu pae perdera, ou a titulo de soccorro, sendo admittido, ou quando não á força descoberta com tamanho poder acabar de conquistar Malaca, que nós desamparando-a, diziam os moradores, lhe tinhamos começado a entregar. Com esta consternação já a armada do Achem não dava cuidado, temendo-se mais o novo perigo, quanto maior, e quanto mais visinho. Tudo era horror, tudo tristeza, tudo confusão, e as queixas, clamores e desesperações, todas cahiam sobre o pobre ou bemdito Francisco Xavier, o qual não as podendo vencer com razões, orava continuamente recolhido, ou acolhido á sua ermida de Nossa Senhora do Monte, d'onde como de mais alto descobria a sua confiança

em Deus, o que os demais não podiam vêr. Amanheceu finalmente o dia fatal de seis de dezembro, que cahiu em domingo, e prégando o Santo na Matriz, sendo presentes o capitão mór, e toda a cidade, das nove para as dez horas, emmudeceu subitamente no meio do sermão, como suspenso e arrebatado no que via. Todos os gestos mostravam que as coisas vistas eram grandes e espantosas, e não ao perto, senão muito longe, retratando tudo em si mesmo, como em um espelho vivo. O rosto já alegre, já triste, já temeroso e pallido, já fervoroso e abrazado, já admirado, já perplexo. As acções do mesmo modo varias: já apertando as mãos, já estendendo os braços, já cahidos, mas não desmaiados, já cruzados sobre o peito, já apartando delle a roupa, como se ardera dentro o coração. Os olhos já levantados ao céu, já pregados em um Christo crucificado que estava sobre o arco da capella mór, agora brotando grossas e copiosas lagrimas, agora entre suspiros e palavras troncadas, sahindo dellas raios ou settas, que parece feriam o mesmo Christo. O povo, vendo as figuras deste enigma, que não entendia, attonito, pasmado, e fóra de si, e quasi cuidando que tambem não estava em si o prégador: até que elle cançado do conflicto se inclinou um pouco sobre o pulpito, e tornando a levantar a cabeça, alegre e socegado, acabou o sermão com estas palavras: Demos graças a Deus pela victoria que agora acabou de dar a nossa armada. Rezemos um Padre Nosso, e uma Ave Maria pelos que morreram na batalha. Quarta feira chegará a nova, e sexta veremos a mesma armada.

Aconteceu-vos já depois de um sonho pezado, funesto e temeroso, em que vos imaginaveis, ou afogado no mar, ou ardendo no incendio, ou lançado pelos ares d'entre as pontas do touro, acordar subitamente, e ficar no mesmo momento descarregado do pezo, alliviado da tristeza, seguro do temor, e livre dos sonhados perigos? Tal ficou Malaca com as ultimas palavras do sermão de Xavier, resuscitando, como da morte á vida, de toda aquella confusão de temores, ameaças, e desesperações em que pouco antes se considerava perdida: condemnando agora a sua pouca fé, e pedindo perdão ao prodigioso Auctor de sua segurança, felicidade e honra, a quem tão ingratamente, e tanto sem razão, accusava e condemnava. Chegou a nova no

dia signalado, e della se soube que as duas armadas se encontraram no rio Parlés, cento e cincoenta leguas de Malaca, onde os Achens tinham destruido e queimado tudo, e posto em fugida o rei: que o primeiro choque foi entre as duas Capitanias, em que a nossa se viu coberta de duas nuvens de settas e pelouros: que um tiro de camello da fusta de João Soares mettera logo a pique a lanchara do soberbo general rei de Pedir, notando-se que se ambos seguiram a sua derrota, e não se encorporaram com a nossa armada, iam cahir na dos Achens: que delles nenhum escapára com vida ou liberdade: que os seus mortos foram quatro mil, e os nossos foram quatro: que o rei de Parlés, em reconhecimento da sua liberdade, se fizera tributario a Portugal: que entre os despojos ricos, e militares, eram trezentas peças de artilheria, tres dellas com as nossas armas: que a batalha fôra domingo, entre as nove e dez horas da manhã. E quando os da terra contaram o que no mesmo dia e hora tinha feito e dito no sermão o Padre Xavier, acrescentou o mensageiro, que a elle sem duvida se devia toda a victoria; porque D. Francisco d'Eça, cabo da nossa armada, correndo os navios, só dizia: Pelejae, senhores e amigos, como soldados de Jesus, e por sua fé: lembrae-vos do juramento de morrer, ou vencer, que fizemos nas mãos do Padre Xavier: nem duvidemos da victoria, pois elle a prometteu; e posto que ausente, por suas orações o temos comnosco.

Contestando em tudo a verdade do successo com a da prophecia, só esperava Malaca com ancia vêr o que acabava de ouvir; quando na sexta feira signalada lhe appareceram as suas oito fustas, e pequeno catur, com quarenta e cinco das inimigas por pôpa, ficando queimadas as demais, por não haver quem as mareasse, todas arrastando as bandeiras mahometanas, e tremulando no tope da nossa Capitania as Chagas de Christo. A receber os vencedores sahiu Xavier á praia com uma imagem do mesmo Christo crucificado arvorada, e tanto que puzeram os pés em terra, lhes disse: Este é o General a quem deveis a victoria. Todos prostrados a altas vozes o confessaram assim, adorando a sagrada Imagem, e d'alli foi levada em triumpho ao seu altar, sendo tal o estrondo da artilheria do mar, e da fortaleza, os repiques de todas as Igrejas, os applausos e ac-

clamações de grandes e pequenos, em que só se ouvia: Viva Jesus! subindo tudo junto até o céu, que nunca lá se ouviu outra musica de vozes e instrumentos que mais o alegrasse.

IV

Este foi o famoso testemunho da confiança de Xavier em Deus com os pés em terra; passemos ao segundo no mar não menos admiravel, em que no breve da relação supprirei o largo da passada; sendo que de quantos escreveram o caso nenhum o reduziu a tão poucas palavras. Embarcado o Santo, e navegando do Japão para Gôa, foi tão furiosa a tempestade que se levantou, e foi crescendo com a lua nova, que alijando ao mar tudo o que podia ser de embaraço, com conselho poucas vezes ouvido, se arrazaram os castellos de prôa e pôpa, e até o batel de que naquellas viagens depende a salvação por causa das aguagens e correntes, pelo muito vulto e pezo que fazia no convez, pareceu que fosse antes fóra, que dentro da nau. Amarrou-se por pôpa com dois fortes cabos novos e grossos, ficando nelle quinze homens portuguezes e moiros, que pelo perigo de se fazer em pedaços, se não puderam recolher. Cinco dias não appareceu de dia sol, nem de noite estrella, para que os pilotos pudessem saber em que altura estavam, deixando-se levar por mares não conhecidos a arbitrio das ondas e dos ventos. Seria meia noite quando se ouviu um alarido de vozes lastimosas cada vez mais distantes, e eram os do batel, que rotas as amarras, e perdido aquelle fraco abrigo, mais pediam misericordia a Deus, que soccorro aos homens. Mandou comtudo o capitão, pela importancia do batel, e lastima dos que nelle iam, seguisse a nau, bolinando a sua esteira; mas apenas tinha dado um lado aos mares, quando cahiram sobre ella com todo o pezo duas serras de agua, de que ficou quasi sossobrada, e totalmente morta sem obedecer ao leme, faltando só a terceira para ir a pique. Aos gritos da gente acudiu Xavier, que estava em oração, e dizendo: O' Jesus Christo, amôr da minha alma, valei-nos, Senhor, pelas cinco Chagas que recebestes por nós na

cruz ! no mesmo instante a nau meia sepultada surgiu, e se poz em via, e os que já a tinham por tumba de todos, como resuscitados da morte á vida, não acabavam de entrar em si.

Passado este tão grande susto, tornou a occupar os corações a dôr e tristeza da perda do batel, e desgraça dos que nelle estavam, não havendo quem os não tivesse por mortos: e rezando-lhe os amigos pelas almas, só Xavier os exhortava a que confiassem em Deus, promettendo ao capitão, que entre elles perdera um sobrinho, que antes de tres dias o filho viria buscar a mãe, entendendo por mãe a nau, e por filho o batel. Todos porém não se riam da promessa, porque o caso era para chorar e olhando para a braveza do mar só criam o que ameaçava a menor onda delle: algum houve que persistindo na metaphora, disse: Virá o filho mammar na mãe depois de o mar o ter comido: outros, que se os seus olhos tornassem a vêr taes homens, se haviam de benzer delles, como phantasmas do outro mundo. Nos primeiros dois dias ao amanhecer, e antes de se cerrar a noite, pedia o Santo que fossem a vêr das gaveas se apparecia o batel; o que o mestre e o piloto faziam mais por não descontentar a quem tanta reverencia deviam, que por esperarem, nem lhe entrar na imaginação tal coisa. Comtudo, Xavier, entre tantas desconfianças, não vacillava na que tinha em Deus, umas vezes dizendo, que não havia de permittir o mesmo Senhor que dois moiros que iam no batel sem Baptismo, perdessem esta vida, e mais a eterna: outras, que elle tinha promettido tres Missas á Senhora de Malaca, em cuja piedade confiava lhe alcançaria esta mercê de seu bemdito Filho; mas nada bastava para abrandar a dureza da desesperação humana, em que confirmava a todos a mesma tempestade. Amanheceu finalmente o terceiro dia, tornou a pedir Xavier ao piloto que mandasse descobrir o mar; ao que elle respondeu, que o batel em mares tão grossos não podia deixar de estar perdido, e quando Deus milagrosamente o salvasse, já lhe ficava atraz mais de sessenta leguas. Mas ao desengano desta resposta acudiu o Santo com uma instancia tão contraria, como foi pedir que amainassem a véla porque o batel já não podia estar longe. Padre, replicou o piloto, comer-nos-ha o mar, se tiramos aquella pequena véla com que sur-

gimos. Amainaram comtudo; mas vendo que a nau perigava, e querendo outra vez levantar a véla, Xavier teve mão na verga de pôa, e inclinando sobre ella a cabeça por um breve espaço, eis que grita da enxarcia um grumete: Milagre, milagre, alli vem o nosso batel!

V.

Todos os olhos da nau correram a vêr o prodigioso apparecimento, saltando em todos as lagrimas de alegria, e tornando-se a suspender de pasmo. Se então se imaginára o que se soube depois, com razão se poderá duvidar pelo numero, se o batel era o mesmo ou outro: porque o perdido levára quinze pessoas, e este trazia dezeseis. Então se iam todos lançando aos pés de Xavier, beijando-lh'os, como a santo, e pedindo-lhe perdão da sua pouca fé; mas elle fugindo ao triumpho da sua confiança em Deus, se retirou á camara da nau, fechando-se por dentro. Chegou-se a bordo o batel, subiram acima por seus pés, e suas mãos, sem metter medo, como phantasmas, os que nos tres dias antes tinham sido mortos. E advertindo um delles, que não via o Padre, disse: Ainda o Padre não subiu? E perguntado, que padre, e d'onde havia de subir; respondeu naturalmente, que o Padre Francisco Xavier, o qual parece que ainda não tinha subido do batel, onde viera com elles. Aqui cresceu o espanto, e parecia coisa de comedia; porque os da nau sabiam que sempre estivera na nau, e os do batel affirmavam que sempre os acompanhára no batel, e nem uns podiam deixar de crêr o dito de tantos, nem os outros contrariar o testemunho de quinze: em fim, examinado o caso, se averiguou que o Santo no mesmo tempo assistira na nau e no batel juntamente, sendo necessario assim, para que nem a mãe nem o filho acabassem de se perder de todo. Agora me lembra uma notavel circumstancia da historia de Malaca, quando havia de partir a armada contra os Achens. Os da armada queriam que fosse com elles Xavier, os da cidade não vinham em consentir que os deixasse, e estando a contenda egualmente travada, o que o Santo respondeu, foi: Senhores e amigos, eu todo sou de todos, e de cada um; com

tão boa vontade irei com uns, como ficarei com outros; se me podeis partir, fazei-o, e senão, vós vos concertae, e o resolvei. Note-se muito a palavra do Santo, se me podeis partir: porque o não poderam partir, não o partiram, agora porém porque elle podia, e o pedia a necessidade, elle se partiu, e todo em cada ametade: no mesmo tempo se achou Xavier na nau, e Xavier no batel. Só a eloquencia de S. Pedro Veronense podéra ponderar o caso. Mandou El-rei Manassés serrar pelo meio da cabeça, até os pés, ao propheta Isaias, e diz o grande Padre: *Propheta tamen egregius, et illustris inter resupinatos sectores, et pendulos, tandiu immobili et inconcusso corporis duravit statu, quandiu duo esse inciperent, qui figuras gentium cum suo persecutore damnarent.* Quer dizer: E o insigne e illustre Propheta entre os serradores, um pendente de cima, e outro revoltado de baixo, tanto tempo perseverou com o corpo constante e immovel, até que partido um Isaias ficassem dois: *Quandiu duo esse inciperent;* os quaes ambos condemnassem a perfidia dos idolatras. Assim tambem Xavier não outros o partiram a elle, senão elle se partiu a si mesmo, até que de um Xavier se fizessem dois Xavieres, um na nau, outro no batel, para que ambos condemnassem a pouca fé dos que não criam o poder da sua confiança em Deus.

Os primeiros que a reconheceram foram os dois mouros, cujas almas deviam tanto cuidado a Xavier, os quaes logo se baptisaram, e todos os demais confessavam que naquelles tres dias e tres noites passaram tão seguros e sem cuidado, como Jonas, no ventre da balêa, porque se a balêa, que não podia perigar na tempestade, defendia o Propheta, cá o Propheta defendia o batel, para que não perigasse, sendo lá um só milagre continuo na vida de Jonas, e cá tantos milagres, não só quantas eram as vidas, senão quantas eram as ondas, que podendo cada úma metter no fundo o batel, como na nau se cuidava, todas por reverencia do sagrado piloto se rebatiam e lhe perdoavam. E' verdade que os do batel, como Jonas, em todos aquelles tres dias não comeram; mas foi coisa observada na nau, que tambem Xavier nos mesmos tres dias não comeu bocado: tanto assim, que no fim delles, de fraco e debilitado, pediu a Fernão Mendes Pinto, que ia na mesma nau, o deixasse encostar no seu beliche. E

porque? Resolvem os philosophos, que quando Deus reproduz a um homem, para que no mesmo tempo esteja em differentes logares, bem póde comer em uma parte, sem comer na outra; mas Xavier, porque não comia no batel, tambem não quiz comer na nau para que até a sua abstinencia nos provasse em uma e outra parte, que era o mesmo. Elias, quando o povo perecia á fome, tinha um corvo que duas vezes no dia lhe levava de comer; porém Xavier, ainda estando muito longe dos seus, não tinha animo para comer, quando elles jejuavam.

VI.

Mas que diremos ao dito de que o filho viria buscar a mãe? Os navios são uns animaes inanimados, que conteem em si todos os cinco generos da vida sensitiva. Lá disse Salomão: *Tria sunt difficilia mihi, viam aquilæ in cœlo, viam colubri super petram, viam navis in medio mari.* [1] Andam estes animaes sem pés como serpentes, voam com azas como aves, governam-se pela cauda como peixes, trazem o freio nas ancoras, e as redeas nas escotas, como cavallos; e os seus movimentos certos dependem do céu, como homens. Quando o batel se veiu chegando á nau, mandou o piloto que lhe lançassem um cabo, e disse Xavier que não era necessario, como com effeito não foi, porque juraram as testemunhas que o batel, estando o mar tão alterado, veiu direitamente buscar a nau, e se cingiu com ella sem corda, ou coisa alguma que o atasse, como se fosse um bezerrinho ou cordeiro que por instincto natural vae buscar a mãe, e se pega a ella. E deste dito e caso, junto com outros muitos, infiro eu que fez Deus a Xavier Pastor universal de todo este gado maritimo maior e menor: e assim como o Senhor disse a S. Pedro que apascentasse as suas ovelhas: *Pasce oves meas*, [2] que são as mães; e que apascentasse os seus cordeiros: *Pasce agnos meos*, que são os filhos, assim Xavier, segundo este seu particular officio e dó-

[1] *Prov.*, XXX, 18 e 19.
[2] *Joan.*, XXI, 16 e 17.

minio, acudiu e salvou a nau e mais o batel, chamando á nau mãe, e ao batel filho, e infundindo a ambos quasi espiritos vitaes; á mãe, para que estando cahida, se levantasse, e ao filho, para que estando tão longe, saltando de monte em monte a buscasse.

O mesmo Christo dizia de si: *Ego sum Pastor bonus, et cognosco oves meas:* [1] Eu sou bom Pastor, e conheço as minhas ovelhas: o qual conhecimento, conforme Santo Agostinho, e S. João Chrysostomo, é aquella sciencia com que o Senhor entre as suas ovelhas, que são os homens, conhece quaes são os predestinados, e quaes os reprobos. Exceptos porém os individuos humanos, não ha outros, ou sejam naturaes, ou artefactos, que tenham tambem o seu genero de predestinação com tanta propriedade como os navios, dos quaes uns se salvam, outros se perdem. Logo sendo Xavier pastor, e bom pastor deste seu gado maritimo, não podia deixar de ter o exacto e infallivel conhecimento dos que se haviam de salvar, ou perder, em que foi mais prodigioso que nenhum outro Santo. Em cada viagem, ou partissem muitos navios, ou poucos, conhecia o successo de cada um, distinguindo nomeadamente os que haviam de chegar a salvamento, ou arribar, ou perigar, e porque causa ou desgraça: e de cada navio se havia de durar muito ou pouco tempo, e que fim havia de ter, ou acabando de velho no porto, ou feito pedaços em um recife, ou lançado a pique na guerra, ou comido do mar na tempestade; em fim, a predestinação de cada um. Da nau capitania S. Thiago, em que partiu de Lisboa, diziam todos em phrase marinhesca, que em todo o mar salgado não havia pau de melhores manhas, seguro, veleiro, obediente ao leme; e Xavier só della se doía, significando sempre ao governador o desastrado fim que havia de ter, como teve, chegando todas as outras, que eram sete, a Gôa, e só ella dando á costa na ilha de Salsete de Baçaim, onde feita pedaços, se afogaram todos aquelles que se apressaram, como succede, a se querer salvar a nado. Pelo contrario da nau Santa Cruz, famosa em toda a India, prometteu que nenhum perigo do mar havia de prevalecer contra ella, e que depois de muitos annos acabaria no mesmo estaleiro, onde fôra fabricada. Por

[1] *Joan.*, x, 14.

esta causa o senhorio, que era Diogo Pereira, o embaixador com quem o Santo determinava passar á China, nunca lhe quiz dar querena em terra, mas só recorrer-lhe os lados no mar, entendendo que só na terra perigava, e no mar estava segura. Desta maneira navegou a nau Santa Cruz trinta annos, livrando sempre felizmente de grandes perigos de tormentos e corsarios: até que passando a outro dono, considerada a sua velhice, a quiz reparar. Em conjuncção de grandes mares foi levada ao estaleiro, onde se assentou quietamente, e indo na manhã seguinte os officiaes que haviam de trabalhar no concerto, não acharam nau, senão a ossada della: concorrendo então toda a cidade de Cochim a vêr e admirar os muitos e continuos milagres com que se conservára inteira; porque a quilha estava podre, podres a roda da prôa, e pôpa, podres as curvas ou cavernas, o fundo comido do buzáno, as obras mortas cadaveres, as costuras descozidas e abertas, os pregos ferrugentos, e sem cabeça; em fim, uma descomposição naval, composta de innumeraveis milagres.

VII

E como as prophecias e promessas de Xavier eram tão certas e evidentes, por isso a confiança que os homens tinham nelle, quasi competia com a que elle tinha em Deus, que é o segundo ponto do nosso discurso. Nelle serei tão breve, como largo no passado: mas não duvido dizer que com exemplos egualmente admiraveis, e se póde ser, mais estupendos. Pela experiencia deste ultimo era continua a emulação, ou batalha com que os mercadores procuravam embarcar ou segurar os seus commercios na nau Santa Cruz, partindo sempre sobrecarregada, e quasi mettida no fundo. Succedeu pois, que sahindo uma vez de Malaca em companhia de uma frota mercantil para Cochim, mal havia perdido de vista o porto, quando advertiram o piloto e passageiros, que fazia tanta agua, que seria manifesta temeridade empenharem-se em uma tão larga e arriscada viagem sem se alliviar a carga, e descobrir por onde se alagavam: pelo que disparando

uma e outra peça em signal do seu perigo, voltaram arribados outra vez a Malaca. E' caso sem similhante o que agora se segue. Quando os da cidade souberam a causa, em logar de acudirem ao temido naufragio, foram taes as risadas e zombarias, taes as injurias, nomes e apódos affrontosos com que reprehendiam a covardia, e pouca fé de homens que temiam perder-se na nau Santa Cruz, á qual o Padre Francisco Xavier tinha promettido e assegurado de nunca perigar no mar, que o piloto, mestre, marinheiros, e quantos nella iam, envergonhados e corridos do que tinham intentado, do mesmo modo que arribaram sem buscar nem tomar a agua, nem fazer diligencia alguma, tornaram a içar as vélas, e proseguir a sua derrota a Cochim, onde chegaram com a mesma agua, mas com toda a carga tão enxuta, e sem avarias, como se o vaso da nau fôra o mais bem calafetado e estanque. Tão firme e tão geral era a confiança que em toda a India se tinha nas palavras e promessas daquelle oraculo!

O caso que depois de desfeita a mesma nau se seguiu, ainda na minha opinião é mais admiravel. Jorge Nunes, patrão de uma pequena fragata, considerando que aquella milagrosa fortuna que a benção de Xavier imprimira em todo o corpo da nau Santa Cruz, não podia deixar de ficar tambem impressa nas partes e reliquias della, com grande fé e confiança no mesmo Santo, tomou uma daquellas taboas, e pregou-a na pôpa da sua fragata, e por este modo de enxerto, como o garfo de uma arvore no tronco de outra, foi tal o dominio que d'alli em diante experimentou sobre os mares e ventos, que sem esperar pelas conjuncções que os grandes baixeis observam para se fazer á véla, o bom Jorge com qualquer tempo e vento, e por meio das mesmas tempestades se fazia ao mar, sem nenhum medo dellas, como se naquella taboa levasse escripto um passaporte de Deus, para que nenhuma se lhe atrevesse. Chamavam-lhe temerario e louco os outros officiaes da arte: aos quaes elle respondia, que o mar conhecia a virtude daquella sua reliquia, pela experiencia que tinha de trinta annos, em que sempre a reverenciára. Por muitos annos depois continuou o venturoso Patrão as suas viagens por todas as costas da India, vendo a sua fragatinha lastimosas perdições, e naufragios de naus de grande porte, ella porém sempre segura, porque em qualquer dos ventos levava sempre naquella taboa a

sua fortuna em pôpa. Finalmente, chegada já á ultima velhice, e cançada mais de pizar, que de sulcar as ondas, sendo tirada á praia para receber nova querena, diz a historia que assim como tinha imitado a nau Santa Cruz na vida, assim a imitou na morte, desfazendo-se, e ficando sepultada na terra a que nunca pôde sepultar o mar. Tanto se conformou a pontualidade de Xavier, não só com o desejo, senão com o pensamento do seu devoto, o qual houvera de pendurar aquella milagrosa taboa diante dos altares do mesmo Santo, como tropheu das suas victorias, e perpetuo monumento da confiança que nelle devem pôr os homens!

Não posso deixar de ajuntar a este o terceiro exemplo, e seja o ultimo. Era piloto da nau mãe, a que buscou o ultimo. Era piloto da nau mãe, a que buscou o batel como filho, Francisco de Aguiar, o qual discorrendo com Xavier, o seu milagroso passageiro, sobre os perigos e sustos dos que tomaram por officio e vida trazel-a sobre as aguas do mar, tão duvidosa e inconstante como os ventos, lhe manifestou a tristeza e pena com que vivia. Consolou-o o Santo, e confirmou-o no mesmo exercicio, promettendo-lhe que nem elle morreria no mar, nem navio algum governado por elle se perderia, por maiores que fossem as tempestades, que contra elle se conjurassem. Ouvido o celestial oraculo, ficou tão seguro o temeroso piloto na fé daquella promessa, que d'alli por diante, sem reparar em que a embarcação fosse grande, ou pequena, forte, ou fraca, bem ou mal apparelhada; nem fazer caso se o mar estivesse quieto ou alterado, o vento prospero ou contrario, o caminho e o fundo limpo, ou cheio de escolhos e baixios, tão ousada e cegamente se arrojava aos perigos do mar, e da terra, como se o nome de Aguiar lhe tivesse dado azas de aguia superior a ambos os elementos. Navegando uma vez de Jonaserim a Pegú em um champão, embarcação pequena, e propria daquelles mares, velha, e mal apparelhada, em companhia de outros navios de alto bordo, levantou-se uma tempestade tão furiosa, que não a podendo aguardar, nem resistir os navios grandes, todos, sem escapar um só, ou lançados a pique no alto, ou feitos pedaços nos baixios, se perderam lastimosamente. E o piloto Aguiar que fazia? Guiado por onde o levava a agulha da sua fé, assentado na pôpa, e governando o

leme do seu champão, como na mais segura bonança, ia cantando. E' possivel (lhe disseram os marinheiros) que no meio de uma tormenta tão furiosa, e quando os mares estão semeados dos mastros, das vergas, e dos outros pedaços naufragos de tantos navios mais poderosos que vimos perder diante dos nossos olhos, vós no vosso champãosinho ides tão seguro, e cantando? Sim, respondeu intrepidamente o piloto; porque o padre Francisco Xavier me prometteu, que nem eu, nem embarcação que eu governasse, havia de perecer no mar; e porque é impossivel faltar a palavra e promessa daquelle grande homem de Deus; ainda que estas ondas cresceram, e subissem até ás estrellas, e o meu champão fôra de vidro, tão seguro iria, e cantando no meio dellas, como atégora fiz ao som do vento nas cordas, e do ruido dos mares nos baixios. Com esta resposta se revestiram da mesma fé todos os companheiros, o champão chegou a salvamento a Pegû, e alguns mouros que nelle iam, tanto que puzeram os pés em terra, pediram e receberam a agua do Baptismo.

VIII

Segundo vejo, parece-me que todos estaes admirados da infallivel certeza das prophecias de Xavier, e dos modos extraordinarios com que se cumpriram. Mas eu nem dos milagres me admiro, nem da certeza das prophecias, que todas sendo de Deus, são egualmente infalliveis; o que me causa singular admiração e espanto, é a segurança tão firme que os homens tinham nas mesmas prophecias e promessas de Xavier; graça que Deus não concedeu aos mesmos Prophetas canonicos, e da Sagrada Escriptura, sendo as suas palavras de fé. Que promessas se leem na Sagrada Escriptura mais repetidas, e confirmadas com maiores milagres, que as da Terra de Promissão, a cuja viagem precederam no principio as dez pragas do Egypto, os exercitos de Pharaö afogados do mar Vermelho, a passagem dos filhos de Israël pelo mesmo mar a pé enxuto, e tantos outros assombros da natureza, e prodigios inauditos, vistos com os olhos, palpados com as mãos, e pizados com os pés? E comtudo os mesmos que os

viam, palpavam e pizavam, criam tão pouco que haviam de chegar á Terra de Promissão, que em castigo da sua incredulidade, sendo seiscentas mil familias, as matou Deus a todas no deserto, e o que mais é, até ao mesmo Moysés, por incredulidade, lhe tirou a vida antes de lá chegar. O mesmo succedeu ás prophecias de Isaias, de Jeremias, de Ezechiel, de Oseas, e todos os outros Prophetas, ou duvidadas, ou totalmente negadas, e não cridas. E que as prophecias de Xavier viessem finalmente a conseguir tal auctoridade, fé, e credito com os homens, que no meio dos mais horrendos e formidaveis perigos não vacillassem nellas, antes os desprezassem!

Ponhamos o maior exemplo, e o mais natural dos casos que acabamos de referir. Estando a barca dos Apostolos no meio do mar de Tiberiades, foi a elles o Senhor, que estava em terra, caminhando sobre as aguas; o que vendo S. Pedro, disse: Senhor, se vós sois, mandae-me que vá eu tambem por cima da agua até onde estaes. E vós, Pedro, pedis que vos mandem o que quereis: muito temo que vos não ha de succeder bem nesta viagem. Havida com voz de obediencia a licença, desceu confiadamente da barca; mas tendo dado alguns passos com toda a segurança, subitamente sentiu que ia ao fundo. Bradou ao Divino Mestre que o salvasse, e o Senhor estendendo o braço, teve mão nelle, dizendo: *Modicæ fidei, quare dubitasti?* [1] Homem de pouca fé, porque duvidaste? De maneira, como pondera S. Chrysostomo, que no principio teve fé nas palavras de Christo, e com ella se lançou ao mar; porém depois duvidou. E porque duvidou depois? O mesmo Texto o diz: *Videns vero ventum validum, timuit:* Vendo que o vento era muito forte, fraqueou na fé, e temeu. Comparae-me agora este grande piloto com os nossos. Pedro sobre a palavra de Christo, e com o mesmo Christo diante dos olhos, vendo que o vento era forte, duvida, teme, fraquèa na fé, vê-se perdido, e como dizem, a Deus misericordia, bradando ao Senhor que o salve: que tanta força têm, e tanto podem os perigos á vista. Porém os nossos pilotos sobre a palavra de Xavier, não presente, senão ausente ou morto, vendo, não um vento forte, senão as mais horrendas tempestades de todo

[1] *Math.*, XIV, 30 e 31.

o mundo, vendo subir as ondas em montanhas ás nuvens, vendo sorver o mar uns navios inteiros, e desfazer outros em pedaços, vendo-se sós, e cercados de naufragios alheios, não vacillavam um ponto na fé, não duvidavam, não temiam, não reconheciam perigo, nem necessidade de recorrer outra vez ao céu, ou ao Santo, mas desassustados, alegres, e cantando, seguiam sua viagem, como se o mar fôra leite, os tufões viração galerna, a cerração e escuridade luz, e as trovões e coriscos serenidade.

IX

Tenho acabado o meu discurso, e assim como elle teve dois pontos, assim em duas palavras tiro delle dois documentos. O primeiro, que confiemos em Deus, como Xavier confiou em Deus: o segundo, que confiemos em Xavier, assim como os homens confiaram em Xavier. Este fôi o homem em que se quebraram e desfizeram as maldições que Deus lançou sobre o homem que se confia de outro homem: *Maledictus homo qui confidit in homine*. Se confiardes em homens, achareis em logar da verdade a mentira, em vez da sinceridade enganos, em paga de beneficios ingratidões, em correspondencia de merecimentos invejas, em figura da virtude a hypocrisia, com mascara de amizade traições, com rosto de benevolencia odios, com fingimento de louvores calumnias, com promessa de bons officios maldades, com bandeira de paz guerra, com capa de zelo zelos, debaixo da voz de Jacob roubos, debaixo dos abraços de Joab punhaes, debaixo do beijo de Judas vendas, aleivosias, prisões, falsos testemunhos, affrontas, espinhos, cravos, cruz; e até depois da morte lançadas. Isto fazem os homens, e isto acontece aos que se fiam delles.

Porém quem puzer a sua confiança naquelle homem, a quem Deus fez para excepção de todos, Francisco Xavier, nelle achará o seguro de todos os bens, e a isenção de todos os males. Para as tristezas achará a consolação, para as difficuldades o conselho, para os perigos o remedio, para os trabalhos o verdadeiro e forte soccorro. No mar terá certa a serenidade, nos ventos a obediencia, na terra a fertilidade, na fome a

fartura, na peste a saude, na guerra a paz, ou a victoria; e onde não valem a forças humanas, milagres, e poderes divinos. Nos carceres e masmorras as cadêas rotas, nos naufragios o porto, nos incendios o fogo sem queimar, nas ballas o ferro sem ferir, e nas mesmas mortes, ou impedidas ou resuscitadas á vida. Para os vicios e duvidas da passada, que é mais, a emenda, para as fraquezas e inconstancias da presente a fortaleza, para as tentações e astucias do demonio a valorosa resistencia, para os peccados e suas consequencias a verdadeira contrição e arrependimento, para o arrependimento e propositos da virtude a firme perseverança; e para a alma, em fim, quando se desatar do corpo, o fim para que Deus a creou, que é a eterna bemaventurança do céu, aonde nas azas da protecção de Xavier voará segura.

SERMÃO QUARTO

PERTENDENTES

Posuit pedem suum dextrum super mare, sinistrum autem super terram. [1]

I

Muito receioso venho de que pelo argumento que hoje trago para prégar, haja de perder o nosso Santo alguns amigos. E' fundado em algumas cartas que escreveu da India a Portugal. Nem será esta a primeira vez em que ellas principalmente quando conteem verdades de pouco gosto, produzam similhantes effeitos. E como foram escriptas em terra, e navegaram tanto mar, creio que se dará por satisfeito o nosso Anjo dos dois passos de cada dia, com que por mar e por terra o imos seguindo.

II

Muitas estatuas de S. Francisco Xavier se têm esculpido, muitas imagens pintado, muitas estampas impresso, mas em nenhum mais ao natural, nem mais ao vivo retratado que nas suas cartas. Isto disse das do seu Lucilio Seneca: *Quod frequenter mihi scribis gra-*

[1] *Apoc.*, x.

tias ago, nam quo uno potes modo te mihi ostendis. [1] Isto disse das suas Ovidio: *Grata tua est pietas, sed carmina maior imago sunt mea quæ mando.* E se eu me podéra, não digo allegar, mas repetir, já disse neste mesmo logar, que os corpos se retratam com o pincel, as almas com a penna. Mas porque na penna como no pincel póde haver favor, na sinceridade lisonja, e na verdade engano; oiçamos o que diz Tertulliano das Epistolas dos Apostolos, pois fallamos de um delles: *Ipsæ authenticæ literæ eorum recitantur sonantes vocem, et repræsentantes faciem unius cujusque.* [2] Lemos as Epistolas de S. Pedro, de S. Paulo, e dos outros Apostolos, e o que sôa nos nossos ouvidos são as suas vozes, o que vêem os nossos olhos as suas imagens. Cento e quinze epistolas andam impressas de S. Francisco Xavier, e em todas ellas se vê tão retratado ao natural ou sobrenatural, como se estivera vivo. A pintura tem côres e sombras, claros e escuros; e tanto se descobre a soberania do seu espirito no claro do que diz, como no escuro do que calla.

Quando houve de partir de Lisboa o Santo, que já começava a ter esse nome, encommendou-lhe El-rei que chegando á India visitasse as fortalezas e presidios do Estado, procurando a cura e remedio das desordens que achasse, avisando-o por suas cartas de tudo o que visse cumprir ao serviço de Deus e seu. Mas sobre este ponto nem uma só palavra escreveu Xavier a El-rei, entendendo que se não devia occupar na India, senão naquillo a que viera, tratando só do espiritual e universal de todo o Oriente, e não do temporal e particular, que outros tinham a seu cargo: e tambem para não causar ciumes aos mesmos de quem queria ser ajudado com verdadeiro amôr. Em Malaca lhe fez D. Alvaro de Athayde aquelles aggravos e publicas affrontas, que todos sabem, tão alheias da nobreza do seu appellido, como da fé e nome de christão; e quando cuidava que seriam eguaes as queixas que delle escreveria o Nuncio (jurisdição de que só alli usou, não para castigo dos sacrilegios, mas para absolvição das censuras e injurias) havendo á mão secretamente uma via das cartas, e lendo-as, tão assombrado ficou de se não

[1] *Senec. Epist.* XL.
[2] Tertul. lib. de Præserv. advers. Hæret. cap. 36.

achar no silencio dellas, como de vêr no mesmo silencio, a santidade de quem tão cegamente offendêra. E' bem verdade que para tirar os impedimentos da propagação da fé, conversão dos gentios, exemplo e perseverança dos já christãos, deu conta Xavier a El-rei de algumas desordens geraes, que muito encontravam o mesmo fim, mas sempre com tanta cautela e reverencia das pessoas, que nem pelo nome, nem pelo officio podessem ser conhecidas, para que se emendassem os abusos sem castigo nem descredito dos culpados.

III

Até aqui ninguem se podia offender das cartas de Xavier, mas para fazer verdadeiro juizo de outras, é necessario suppôr duas coisas certas. A primeira, que assim como nesta vida não ha almas senão unidas ao corpo, assim para a conversão e conservação das mesmas almas é necessario que o poder temporal e espiritual estejam unidos: *Virga tua, et baculus tuus ipsa me consolata sunt:* [1] Diz David que foi rei, e mais pastor: *Virga tua*, o vosso sceptro, *et baculus tuus*, e o vosso cajado, *ipsa me consolata sunt*, esses assim juntos me consolarão: porque quando o sceptro, que é o poder real, e o cajado, que é o pastoral, se ajuntam, assim como do contrario se seguem as perturbações e desconsolações, assim desta união se seguem suave e efficazmente os effeitos contrarios, sendo o maior e principal a salvação das almas. No mesmo Psalmo admiravelmente: *Dominus regit me, in loco pascuæ ibi me collocavit, et animam meam convertit.* [2] Construamos clausula por clausula. *Dominus regit me*, eis ahi o poder real: *In loco pascuæ ibi me collocavit*, eis ahi o pastoral: *Animam meam convertit*, eis ahi a conversão das almas. Para libertar o povo do captiveiro do Egypto, em que se significa a redempção e salvação das almas tiradas do captiveiro do demonio, escolheu Deus a Moysés e Arão. A Moysés deu o sceptro real, e supremo poder temporal fazendo-o governador do povo; e a Arão

[1] *Psalm.* XXII, 4.
[2] *Ibid.*

deu o baculo pastoral, e poder supremo espiritual, fazendo-o Summo Sacerdote. E com que fundamento e mysterio a Moysés e a Arão? Porque Moysés e Arão eram irmãos, e nesta irmandade, ainda naturalmente, estava a união da jurisdição temporal e espiritual tão segura, que diz o Texto Sagrado: *Eduxisti populum tuum in manu Moysi et Aaron:* [1] Tirastes, Senhor, o vosso povo do captiveiro do Egypto com a mão de Moysés e Arão. Não diz com as mãos, sendo dois os sugeitos, e duas as jurisdições, senão com a mão; porque a mão que meneava o sceptro, e a que meneava o cajado, estavam unidas, como se não fôram duas mãos, senão uma só: *In manu Moysi et Aaron.*

Esta é a primeira supposição. A segunda é, que ainda que a conversão e cultura das almas pertença immediatamente á jurisdição espiritual, comtudo esse mesmo espiritual depende muito mais do poder e governo temporal. No mesmo exemplo de Moysés e Arão o temos. Em primeiro logar se põe o sceptro, e no segundo o cajado: *Virga tua, et baculus tuus.* E no primeiro tambem Moysés, e no segundo Arão: *In manu Moysi et Aaron.* Sahidos do Egypto quiz Deus que se fizesse o Tarbernaculo, em que se puzessem as Taboas da Lei, e a Arca do Testamento, e esta obra não a encommendou a Arão, senão a Moysés. Depois na Terra de Promissão quiz que se puzesse em ordem o estado levitico e ecclesiastico, e a fórma do ritual não a fiou de Abiathar, que era o Summo Sacerdote, senão d'El-rei David. Do mesmo modo a fabrica do famoso Templo de Jérusalem, sendo o desenho do mesmo Deus, ao poder real de Salomão a entregou, e não ao pontifical de Sadoc. Finalmente, na Lei nova, da qual tudo o que se dispoz na antiga foram sómente figuras, mais importou e fez o imperador Constantino em um dia, que S. Silvestre e todos os Pontifices seus predecessores por si só em mais de trezentos annos.

IV

Agora se seguem as outras cartas de S. Francisco Xavier, o qual sobre estas duas supposições tão quali-

[1] *Psalm.* LXXVI, 21.

ficadas e tão certas, vendo que os progressos da fé e christandade do Oriente não se adiantavam quanto facilmente podiam, porque os ministros do governo temporal maiores e menores os não favoreciam quanto El-rei lh'o encarregava em seus regimentos, escreveu a Sua Alteza, representando-lhe principalmente quatro meios, com que estes descuidos se podiam emendar. Primeiro, que todos os capitães e governadores dos reinos, cidades e fortalezas, fossem obrigados a lhe mandar todos os annos informações authenticas do que se tinha promovido para a propagação da fé nos districtos das suas jurisdições. Segundo, que os que não tivessem observado as suas reaes ordens neste serviço de Deus, que dviam antepôr ao seu, por uma nova lei, que El-rei não só promulgasse, mas jurasse de a cumprir, tornando a Portugal lhes fossem confiscados todos os bens, e elles postos em uma mui dilatada prisão. Não disse mais neste ponto, como eu creio, por temor de incorrer em alguma irregularidade. Terceiro, que os feitores não tivessem jurisdição sobre os novamente convertidos, porque sendo o jugo da Lei de Christo leve e suave, como se haviam de querer sujeitar a elle, se quando deviam ser favorecidos para consolação e liberdade sua, e exemplo dos demais, se viam tratar como escravos? Quarto, que Sua Alteza nomeasse uma pessoa de toda a sua confiança, a qual com total isenção dos ministros de sua fazenda a pudesse dispender, pois essa era sua real vontade, em tudo o que fosse necessario para os ministros da propagação da fé, suas peregrinações, viagens, e ornamentos sacerdotaes. E neste ponto pedia em uma notavel carta (allegando que o fazia por descargo de sua consciencia) que Sua Alteza fizesse com Deus boas contas, computando o muito que Deus mandava da India a Portugal, e o pouco que á mesma India mandava Portugal a Deus. Oh Deus! Oh principes! Oh ministros!

Como isto lhes tocava a elles tanto no vivo dos seus interesses, não é muito que lhes agradasse pouco, como succedeu; porque as cartas ainda que fallam, não respondem. Levou estas a Lisboa o Vigario Geral de Gôa Miguel Vaz, varão verdadeiramente apostolico no zelo, na fortaleza, na constancia, no desinteresse, e sobretudo no desejo e trabalho incançavel do serviço e gloria de Deus, e bem das almas, com inteira noticia de todas as da India. Acompanhava-o uma informação de

tudo o sobredito, em que só faltava a S. Francisco Xavier dizer de Miguel Vaz: *Vas electionis est mihi iste, ut portet nomen meum coram gentibus, et regibus.* Chegou a Lisboa, estando El-rei em Almeirim, aonde lidas as cartas, e ouvidas as informações, e deferindo-se a todas, se despachou logo naquelle logar de recreação e passatempo uma larga provisão de ordens, tão justas, tão santas, e tão acertadas para o governo da India, que parece não poderam sahir mais justificadas de um Concilio Ecumenico. Tanto importa o zelo e piedade de um rei qual era D. João III. Partiram estas ordens, e chegaram á India nas primeiras naus, e abertas no conselho de estado de Gôa, raras foram e de menos importancia, as que se deram á execução, resistindo e achando que replicar a todas os interesses e respeitos particulares, que como o não teem a Deus, assim o perdem ás leis e provisões dos principes, e mais se estão mais longe.

A este dissabor, que sendo que não sahia da bocca, se mordia e mastigava mal entre os dentes, se ajuntou outro mais notorio a todos, que foi não querer o Santo passar certidões, nem dar cartas de favor aos que tendo servido na India se iam despachar a Portugal, e requerer maiores postos ou officios nelle. E sendo naquelle grande estado (por lhe não chamar monarchia com sujeição, e tributos de tantos reis e embaixadores, e dependencias de outros) sendo tantos, e de tanta honra e utilidade os provimentos, como Geral de Ceylão, Geral da armada de alto bordo, Geraes das tres armadas de remo, tribunaes e conselhos de estado, guerra, justiça, e fazenda em Gôa, capitanias de Cochim, Malaca, Sofalla, Ormuz, Diu, e as demais, e em cada uma dellas com grandes districtos, capitães, alcaides-móres, feitores, escrivães, thesoureiros, foi coisa egualmente notavel, e notada, que tendo o mesmo Padre tanta auctoridade com os Governadores, e Vice-Reis, nunca jámais se podesse alcançar delle que para os taes provimentos, maiores nem menores, intercedesse por pessoa alguma, nem ainda com uma leve significação da propria vontade. E sendo pelo contrario o mais efficaz e sollicito procurador de tudo o que pertencia á propagação da fé, e novas christandades com os mesmos governadores e ministros reaes, tão inteiro porém foi sempre e tão inexoravel em não favorecer ou ajudar os outros requerimentos, que até em Lisboa do modo que podia lhes

punha embargos. Consta das suas mesmas cartas, em uma das quaes escrevendo a seu antigo companheiro o Mestre Simão, que tinha com El-rei grande entrada e valia, lhe diz (formaes palavras): Que se tinha algum amigo na côrte, por nenhum caso o deixasse ir á India com cargos e officios d'El-rei.

V

Esta é a razão porque eu receiava ao principio, que o argumento deste dia diminuisse devotos e amigos a S. Francisco Xavier; e agora acrescento que não quaesquer, senão os da primeira plana, como são os que por lettras e armas, ou por suas grandes qualidades, uns requerem os maiores postos, outros aspiram ao supremo da India. Não era este mesmo Xavier, o que aos lavradores nas inundações do inverno impetrava sol, e nos calores do estio chuva? Não era o que aos pescadores nas costas e praias mais estereis com uma benção que lhes lançava ás rêdes, as não podiam arrastar de muito cheias? Não era o que ao marinheiro invocado nas tempestades, lh'as convertia em vento galerno, e na falta de aguada a agua salgada em doce? Não era o que aos mercadores segurava as pessoas e as fazendas, abonando debaixo de sua palavra a prospera viagem de uns navios, ou prevenindo com cautela o naufragio de outros? Esta sua natural benignidade e desejo de bem fazer não era tão universal para todos, que a logravam sem differença não só os portuguezes e christãos, senão os mesmos gentios e mouros, que com egual confiança recorriam a elle? Que antipathia era logo esta, que o mesmo Santo tinha só com os despachos e provimentos dos officios d'El-rei na India? Digo advertida e nomeadamente despachos, e não despachados, provimentos, e não providos, officios, e não officiaes: porque a estes favorecia Xavier com sua intercessão, ou com El-rei, ou com Deus, em tudo o que podia. Diogo Pereira, nomeado embaixador ao imperador da China, fez á sua custa todos os gastos da embaixada conforme a auctoridade e grandeza della; e porque não teve effeito, escreveu S. Francisco Xavier, e representou a El-rei, que não só por mercê, mas em consciencia se lhe deviam restituir da fazenda

real, e assim se fez. Cosme Ayres, feitor de Cochim, lhe communicou um dia que tinha mandado a El-rei um diamante que custára dez mil cruzados, e em Europa valia mais de vinte e cinco. E como o Santo lhe perguntasse em que nau das sete que partiram naquelle anno, e respondesse que na Atocha; não quizera, disse, que nesta nau arriscasseis peça de tanto preço; com que o feitor ficou muito assustado, porque a tinha comprado sem ordem d'El-rei. E que succedeu? Abriu a nau uma tão grande agua pela quilha, que se ia a pique; mas Deus que revelou o perigo a Xavier, pelas suas orações lhe concedeu que chegasse a salvamento. Assim se soube em Gôa d'alli a vinte mezes, e antes de todo este tempo tinha dito Xavier ao feitor, que estivesse sem cuidado, porque já a rainha trazia o diamante em um annel. Pois se aos officiaes, e providos d'El-rei favorecia tanto Xavier, porque encontrava tanto os provimentos, e officios da India?

O mesmo Santo o declarou na carta, pouco antes citada, ao seu correspondente o Padre Mestre Simão. Já vimos como lhe dizia, que se tinha algum amigo na côrte, por nenhum caso o deixasse ir á India com cargos e officios d'El-rei. E porque? Continua dando a razão: pelo não vêr apagado do livro da vida, e da matricula em que se assentam os justos. E isto por mais confiança que tivesse da sua devoção e virtude, salvo se soubesse certo que era confirmado em graça, como o foram os Apostolos. De sorte que entendia S. Francisco Xavier dos despachados para a India com cargos e officios d'El-rei, que o mesmo era escreverem-se seus nomes nas provisões, que riscarem-se dos livros da salvação, e quanto melhor despachados para esta vida, tanto peor despachados iam para a outra. Agora pergunto: E que se segue d'aqui? Que S. Francisco Xavier não é amigo dos que pertendem similhantes despachos; ou que os mesmos que os pertendem, o não devem ter por amigo a elle, como eu receava? Respondo que de nenhum modo. E por isso o mesmo Santo, como em prophecia, ou cautela da mesma consequencia, disse na mesma carta: se tiveres algum amigo. A razão, ou fundamentos, que um tão grande varão teve para affirmar uma coisa tão notavel, veremos depois. O que agora affirmo é, que tão fóra esteve o Santo de se mostrar menos amigo na censura e impedimento destes despachos, que antes em uma e ou-

tra se mostrou o mais verdadeiro, e fiel amigo. Vamos ás Escripturas, e os que as leem seja com fé.

VI

No Capitulo sexto do Ecclesiastico diz o Espirito Santo, que o amigo fiel não tem comparação neste mundo: *Amico fideli nulla est comparatio.* [1] Parece demasiado encarecimento; porque assás qualificado ficará o amigo fiel, se o seu amôr se comparar com o dos paes, dos filhos, dos irmãos, e muito mais dos casados. Mas é certo e evidente, que nem estes se podem comparar com o amigo fiel. Admira-me, que Plutarcho sendo gentio désse a verdadeira razão: *Dulces, factor*, diz elle, *parentes, dulces avi, dulces filii, dulces fratres, dulces uxores: possunt tamen amarescere, nec parentes ideo, nec fratres, nec filii desierint esse, cum tamen dulces esse desierint. At amicus solus, dum sit verus, dulcis, et charus, esse non desinit.* [2] Verdadeira e subtilissimamente advertido! Porque o pae póde não amar o filho, mas nem por isso deixa de ser pae: o filho póde não amar a mãe, e nem por isso deixa de ser filho: o irmão póde não amar o irmão, e nem por isso deixa de ser irmão: os casados podem não se amar, e nem por isso deixam de ser o maior parentesco. Mas o amigo fiel nunca póde deixar de amar, porque nem seria fiel, nem amigo, se não amasse. Em todos os parentes o amôr é accidente que se póde mudar; no amigo fiel é essencia, e por isso immutavel.

Bem estamos até aqui. E em que consiste a essencia do amigo fiel? O mesmo Espirito Santo o declarou logo: *Amicus fidelis medicamentum vitæ, et immortalitatis:* [3] O amigo fiel, é o medicamento da vida e da immortalidade. Notae muito muito: medicamento da vida, e da immortalidade juntamente: porque se o medicamento e o remedio fôr só para a vida, e esse mesmo remedio da vida fôr veneno da salvação, e da immortalidade, não será amigo fiel, senão infiel, e traidor, e verdadeiramente inimigo o que o não impedir,

---

[1] *Eccl.*, VI, 15.
[2] Plutarch. Dial. de amici fideli.
[3] *Eccl.*, VI, 16.

Até Marco Tullio, sem fé da immortalidade, definiu assim a verdadeira amizade: *Est autem amicitia nihil aliud nisi omnium divinarum humanarumque rerum cum benevolentia, et charitate summa consensio.* [1] A verdadeira amizade não é outra coisa senão uma summa união, e commum consenso entre os amigos, com o qual benevola e amorosamente se conformam em todas as coisas, não só humanas, mas divinas, e primeiro nas divinas, que nas humanas: *Divinarum humanarumque rerum.* E como naquelles requerimentos e despachos o divino se não concordava com o humano, e o que se reputava bem util para a vida, era mau e nocivo para a immortalidade, e no que parecia remedio para o temporal via o Santo que se occultava o veneno, destruição do eterno; por isso como fiel amigo, não só o não queria ajudar e favorecer, mas o impedia quanto lhe era possivel.

Quando os irmãos de José foram buscar pão ao Egypto, sabendo o rei que tinha irmãos e pae em Canaan, disse a José, que de sua parte levassem este recado: *Tollite inde patrem vestrum, et cognationem, et venite ad me, et ego dabo vobis omnia bona Ægypti:* [2] Trazei de lá vosso pae, e todos vossos parentes, e vinde a mim, que eu vos darei todos os bens do Egypto. Sahir de Canaan com esta promessa real, era ter passado o cabo da Boa Esperança antes de sahir do Tejo. Em fim, partiram e chegaram: e que faria então José sobre aquella promessa com todo o poder da monarchia nas mãos? Instruiu aos irmãos, que perguntados que officio ou exercicio era o seu, respondessem que eram pastores de ovelhas, porque com esta noticia poderiam viver na terra de Gessen apartados dos Egypcios. E logo escolhendo dentre os onze irmãos os cinco menos bem apessoados, e de feição mais rustica, *quinque extremos*, com elles presentou a El-rei o pae. Faria algum valido de hoje estas duas prevenções? Não, por certo, senão as que costumam. E porque as fez José? A primeira, porque os Egypcios abominavam os pastores de ovelhas: *Quia detestantur Ægypti omnes pastores ovium.* [3] A segunda, porque o rei se não affeiçoasse a alguns dos irmãos, e os deixasse ficar em seu

---

[1] Tull. *de bona amicitia.*
[2] *Gen.*, XVL, 18.
[3] *Ibid.*, XLVI, 34.

serviço no paço: e ambas por tres grandes motivos, ordenados todos ao mesmo fim. Primeiramente, para que podessem habitar juntos na terra de Gessen, apartados dos Egypcios, não só na côrte, mas fóra della: *Ut habitare possitis in terra Gessen.* Depois disso, para que assim separados, se não misturassem nos vicios com os mesmos Egypcios, e se conservassem na fé, religião, e serviço do verdadeiro Deus: e ultimamente, para que vivendo naquella pobre e humilde fortuna, sem tratar da que lhe offerecia o rei: *Ego dabo vobis omnia bona Egypti*, fosse tal a sua vida no Egypto, que não perdessem, nem arriscassem a eterna que esperavam no céu. Assim foi José fiel irmão de seus irmãos, e fiel amigo dos que devia amar verdadeiramente. Se fôra como os que hoje se usam nas côrtes, verdadeiros inimigos de si, e dos seus, havia de introduzir o pae com os outros onze filhos, e dizendo o velho ao rei, que pois Deus o fizera tão venturoso em lhe dar um filho, que soube servir e agradar a sua Magestade, alli lhe offerecia aquelles onze, para que delles tambem se servisse, podendo assegurar a sua Magestade, que na fé, lealdade e zelo de seu real serviço mostrariam todos, e cada um, que eram irmãos de seu irmão. E como o rei lhes tinha promettido todos os bens da sua monarchia, não ha duvida que os despacharia logo com os melhores postos e logares della. Mas o verdadeiro e fiel amigo que lhes desejava os bens e remedio desta vida com os olhos na immortalidade: *Medicamentum vitæ, et immortalitatis*, não só lhes não procurou os despachos, mas lh'os impediu por todas as vias, como se então estivera já revestido do espirito de Xavier. E se nesta cautela usou José com homens, que na terra onde seu irmão era vice-rei, se contentavam com o officio que tinham na sua; quanto mais Xavier com aquelles que nenhum se embarca para a India, senão para melhorar de pelote, e de fortuna?

VII

Maior cautela foi ainda a de Xavier, que a de José: porque José aos que quiz salvar apartou-os da occasião na mesma terra; mas Xavier apartou delles a terra da occasião. Isso quer dizer: por nenhum caso os deixeis

ir á India. Em um Psalmo em que David ensinou aos homens o que haviam de pedir, é admiravel um verso que diz assim: *Viam iniquitatis amove à me:* [1] Senhor, peço-vos que aparteis de mim o mau caminho. Parece que havia de dizer, peço-vos que me aparteis a mim do mau caminho; mas que aparteis o mau caminho de mim? O homem é o que se ha de apartar do caminho, e não o caminho do homem. Parece-se isto com aquella historia da India, *afaste-se o penedo.* Ia o governador em um bergantim, e vendo que se desviava do caminho direito, perguntou ao timoneiro, porque. E respondendo, que se afastava de um penedo que lhe demorava pela prôa: a bizarra ou arrogancia do governador foi tal, que lhe disse, *afaste-se o penedo.* De maneira que para o bergantim se não fazer pedaços no penedo, ou se havia de afastar o penedo, ou o bergantim: mas o bergantim em que vae a pessoa de um governador da India, não se afasta, afaste-se o penedo. Uma das coisas vistas, e não advertidas, que disse Seneca, é, que os homens não vão por onde haviam de ir, senão por onde se vae: *Non qua eundum est, sed qua itur.* Vae-se á India buscar riqueza? Pois vamos á India. Vae-se a Ceylão buscar rubis? Vae-se a Colocondá buscar diamantes? Vae-se ao fundo do mar buscar perolas? Vae-se ao centro da terra buscar prata? Pois vae-se a tudo isto: *Itum est ad viscera terræ, quasque recondiderat, stygiisque admoverat umbris, effodiuntur opes:* E se todas estas coisas são, *irritamenta malorum*, e qualquer destes caminhos, *via iniquitatis*, como os homens empenhados e cegos, se não querem apartar do caminho, que remedio? O remedio é, já que elles se não querem apartar do caminho, apartar o caminho delles, *Viam iniquitatis amove à me.* Isto é o que fazia Xavier, e isto o que deviam pedir a Deus os que por ventura se queixavam de elle lhes impedir suas petições.

O mesmo Deus quando está tão liberal, que nos manda pedir, e promette certos os despachos, sempre é debaixo desta mesma condição, que não seja contra a salvação o que se pede: *Quidquid petieritis Patrem in nomine meo, dabit vobis.* [2] Tudo o que pedires a

[1] *Psalm.* CXVIII, 29.
[2] *Joan.* XIV, 13.

meu Padre em meu nome, elle vol-o concederá, diz Christo Senhor nosso. Mas que diremos nós ás continuas experiencias de tantas coisas que se pedem a Deus em nome de seu Filho, e não se alcançam? Alguma condição necessaria falta logo da nossa parte, pois a verdade da palavra Divina não póde fallar? A replica é de Santo Agostinho, e tambem a solução, a qual consiste na intelligencia do que quer dizer, *in nomine meo*. Qual é o nome do Filho de Deus? E' Jesus: e Jesus que significa? *Salvator*. Salvador. Pois por isso muitas coisas se não alcançam, porque não são conformes á salvação, senão contrarias a ella, posto que nós o não entendemos. E o que é contrario á salvação, não se pede em nome do Salvador: *Quod enim petimus contra salutem, non petimus in nomine Salvatoris. Ipse autem in nomine ejus petit, et accipit quod petit, si non contra suam salutem sempiternam petit.* [1] E por isso nas petições e despachos de que fallamos, Xavier não queria ser intercessor, porque sabia que eram contra a salvação. Por ventura póde-se pedir em nome do Salvador, o que pede em seu nome o tentador? Claro está que não. Pois isso é o que se pede naquellas petições. Quando o demonio tentou a Christo, pediu para elle, e offereceu-lhe tres coisas, pão, honra, e mando: Pão. *Dic ut lapides isti panes fiant*, e matareis a fome: [2] Honra, *Mitte te deorsum*, porque virão os Anjos, e vos levarão nas palmas: Mando, *Hæc omnia tibi dabo*, e mandareis o mundo. Não são estas mesmas em seu tanto, as que o demonio promette aos pertendentes da India nos seus despachos? Na fazenda pão, nos habitos e fóros honra, nas capitanias e governo mando? Sim. Pois de qual das partes se havia de pôr Xavier, da parte do Salvador e da salvação, ou da parte do tentador, e da condemnação?

VIII

Mas os pertendentes não levam, nem poem aqui a sua mira. Tudo no que pertence á vida, nada no que importa á immortalidade. Os que assim vivem, e que-

[1] August. in cap. 14 Joan.
[2] *Math.*, IV, 3.

rem viver neste mundo como se não houvera outro, pouco perderá S. Francisco Xavier em os não ter por devotos, nem por amigos, eu lhes aconselho que lhe não encommendem a elle as suas pertenções, porque antes as ha de impedir, que favorecer, salvo se quizerem abrir os olhos, e pôl-os na immortalidade, e no que ha de durar para sempre. E porque todo este desengano se funda naquella tremenda sentença, com que o Santo suppunha e affirmava, que ir bem despachado para a India, era ir bem despachado para o inferno; resta para complemento deste grande ponto, e de toda a materia do nosso discurso averiguar e declarar duas questões para todos curiosas, e para os que se quizerem aproveitar dellas importantissimas. A primeira, d'onde sabia S. Francisco Xavier o que affirmava com tanta certeza? A segunda, se o que dizia dos despachos e officios da India, se ha de entender tambem das outras Conquistas, e partes ultramarinas.

Quanto á primeira questão, o mesmo Santo confirma na mesma carta o que tinha dito, concluindo assim: Crêde-me que fallo verdade, e tenho experiencia, e o porque eu o sei, não é necessario dizel-o. A experiencia era de muitos annos, de olhos muito claros, e muito abertos, e de quem tinha corrido a India muitas vezes, vendo viver e morrer, que são os dois pólos de que depende a salvação. Se eu vir que um homem na vida rouba o alheio, e na morte podendo o não restituiu, nenhum aggravo farei á sua alma se entender que está no inferno; antes farei aggravo á fé, a qual ensina que, *Non dimittitur peccatum nisi restituatur ablatum*. Dizem que voltando o cabo da Boa Esperança se esfria a fé; e eu não sei se foi frio ou calor, o com que os ministros seculares e politicos, se não conformaram com os Theologos naquella gloriosa e immortal acção, com que o vice-rei D. Constantino de Bragança desfez em pó, e queimou o dente de Bugio, famoso idolo em todo o Oriente, pelo qual offerecia El-rei de Pegú trezentos mil cruzados, julgando que convinha mais acceital-os para as necessidades do Estado; e havendo algum, e não da inferior qualidade, que se offerecia para levar o dente a El-rei de Pegú, e por todas as cidades do reino, em quanto chegava á côrte, ir dando a beijar a santa reliquia, e recolhendo para si as offertas. Tinha tambem experiencia Xavier dos capitães das fortalezas, que cada um no seu districto é um rei pequeno, sendo

a salvação dos reis pequenos muito mais difficultosa que a dos grandes: porque estes teem conselhos de estado, de guerra, de justiça, e da fazenda; e os pequenos para a fazenda, justiça, guerra, e proprio estado, não têm outro conselheiro mais que o do interesse, conveniencia, e cubiça, que nunca diz basta. Sobre tudo tinha S. Francisco Xavier a sciencia do porque, que elle diz não era necessario dizel-o, encobrindo sem duvida as revelações de Deus. E esta sciencia divina se argue e prova da outra de menos importancia, pois sabendo, como consta de infinitos exemplos, quando partiam as frotas ou navios particulares, quaes se haviam de perder, ou chegar a salvamento; melhor saberia das almas, quaes se perdiam, ou salvavam, como materia propria do seu ministerio.

Quanto á segunda questão, se o que disse S. Francisco Xavier dos despachos e officios da India, se ha de entender tambem dos outros Estados das nossas Conquistas. Muito suspeito que se o Santo estivera na Africa, e na America, como na Asia, o mesmo que escreveu da India, escreveria tambem de Angola e do Brazil. S. Paulo diz: *Qui volunt divites fieri incidunt in laqueum diaboli:* [1] Os que querem ser ricos cahem no laço do diabo. E se o desejo da riqueza leva os homens á India: os que vão a Angola, e ao Brazil é certo que não vão lá a empobrecer: a fazer pobres mais depressa. Os que Deus mandou escolher a Moysés para governo do povo, disse-lhes que fossem homens, *Qui oderint avaritiam*, [2] que tivessem odio ao dinheiro. E eu com ser tão velho, tendo visto muitos odios e vinganças, nunca tive a ventura de vêr este odio ao dinheiro; amôr sim, e muito refinado em muitos. Dizem que a India está mais longe do rei, mas depois que não temos recurso a Portugal, senão de um anno para o outro, já estamos eguaes nesta differença. E tão longe está hoje o cabo de Santo Agostinho em oito graus, como o da Boa Esperança em trinta e cinco. Dizem que aquelle clima tem outras influencias. Assim é; mas quando se não trata do céu, pouca impressão podem fazer as estrellas. O que sei é, que na India são muito menos os captiveiros, e que os de Angola, mui-

[1] *1.ª ad Timot.*, VI, 9.
[2] *Exod.*, XVIII, 21.

tos são duvidosos, e poucos livres de escrupulo; e no Brazil, sendo todos os naturaes, não só por natureza, mas por repetidas leis isentos de captiveiro, os avós morrendo os deixam por captivos aos filhos, e os paes morrendo aos netos. Finalmente, e em summa, o que julgo que se deve resolver é, que onde os officios forem os mesmos, e tiverem os mesmos inconvenientes e perigos da salvação, nem o mar, nem a terra, nem o céu, devé fazer differença entre uns e outros

IX

E para acabar com uma carta de S. Francisco Xavier, pois são as que nos serviram de materia neste discurso, e para que tomemos porto com ella, diz assim ao mesmo Mestre Simão: Foão me rogou fallasseis por elle a El-rei no seu requerimento. E eu digo que elle acceitará muito mais em andar com Deus em requerimento do perdão de seus peccados. E se o vós lá poderdes tanto favorecer, que o persuadaes que se faça Religioso, e que não torne á India a ser soldado, fareis uma obra pia, que não será menos que ganhar uma alma. Todavia em satisfação de seus serviços, e para que possa viver em Portugal, vos peço que por amôr de Nosso Senhor o ajudeis. Até aqui o capitulo da carta. E quanto á primeira parte, de andar antes em requerimento do perdão de seus peccados com Deus, não o devia estranhar o requerente, pois se não póde requerer sem folha corrida. Mas quanto á segunda, de se fazer Religioso, parece-me que lhe estou ouvindo dizer: Muito bom é, que quando pedi carta de favor ao Padre Xavier para meus despachos, me mande aconselhar que me faça frade! E eu digo que ainda das telhas abaixo este mesmo conselho era muito bom despacho. Este soldado da India não devia de ser tão desvanecido, que se comparasse com o grande Affonso de Albuquerque, o qual comtudo tomou por conselho: Affonso, acolhe-te á Igreja. Tanto o tinha desenganado a India e Portugal.

Mas troquemos isto, meu requerente, em miudos. O vosso intento é voltar á India com posto, para depois do triennio tornar rico para a patria. E quem vos segurou que haveis de tornar da India? A raposa não

quiz entrar na cova do leão, porque observou que as pegadas dos outros animaes todas iam para dentro, e não tornavam para fóra. De cento e sessenta que acompanharam a Vasco da Gama, só a terceira parte tornou da India. E não só é incerto o tornar da India, senão tambem o chegar. Se da costa de Guiné até o cabo de Boa Esperança, e do cabo de Boa Esperança até Moçambique, os que foram lançados mortos ao mar tiveram lettreiro nas suas sepulturas, com lastima e horror se havia de vêr que todo aquelle continuado caminho é um cemiterio de mais de mil leguas. Mas concedamos a este soldado tal fortuna, que chegue á India com vida, e tal valor, que sirva lá com honra. Se elle não é cego, bem deve de vêr onde se semeiam os trabalhos, e onde se colhem os fructos. Lá se padecem as fomes dos apertadissimos cercos, e cá se fazem os banquetes. Lá se supportam as calmas, e as ardentissimas sedes, e cá se bebe a agua de neve. Lá se trazem as armas ás costas, e se derrama o sangue, e cá se cortam as galas, e vestem as purpuras. Lá se batem á viva força, e se derrubam as muralhas, e cá se levantam os palacios. Lá se dão as tremendas batalhas, e cá se vêem as comedias. Lá se padecem as feridas, e as curas nos hospitaes, e cá nas casas de prazer se regam e cheiram as flôres. E o peor de tudo é, que lá se ganha ás lançadas a fama, e cá se rouba, levando os premios dellas os que não é sua. Quando Esaü viu que Jacob com as luvas calçadas lhe tinha roubado a benção, que elle com o arco e settas tinha merecido nas brenhas, diz o Texto sagrado, que as suas lagrimas foram bramidos: *Irrugiit clamore magno.* [1] Mas nem as lagrimas se vêem, nem os bramidos se ouvem: e se verifica daquellas Conquistas, o que dizia o duque d'Alva das suas: «Que locos lo ganam, y poltrones lo comen.»

X

E porque não deixemos suspenso o fim de toda esta demanda, supponhamos, o que rara vez acontece, que o nosso pertendente se despachou em Portugal, que foi

[1] *Gen.*, XXVII, 43.

á India, que lá por bons ou maus meios enriqueceu, e que finalmente com toda a felicidade chegou rico á patria. Supposta esta maré de rosas de felicidades, folgára saber se este homem torna da India gentio ou christão: se gentio, melhor lhe fôra ficar lá: se christão, deve considerar que cá o espera um oraculo do Filho de Deus, que diz: *Facilius est camelum per foramen acus transire, quam divitem intrare in regnum cœlorum.* [1] Mais facil é entrar um calabre pelo fundo de uma agulha, que entrar um rico no Reino do céu. Onde se deve muito notar, que não diz Christo um ladrão, ou um roubador do alheio, senão um rico. Que remedio tem logo um rico para entrar no céu? Eu o direi. Desfiar o calabre, e logo fio a fio poderá entrar pelo fundo da agulha. Não é declaração minha, senão do mesmo Christo, ensinando o modo com que o calabre se póde desfiar: *Vende quæ habes, et da pauperibus:* [2] Vendei o que tendes, e reparti-o com os pobres. Agora torno a perguntar: E ha algum que vá buscar as riquezas á India, e as traga de lá para as desfiar, e repartir deste modo? Parece-me que não. Logo bem mandava aconselhar S. Francisco Xavier ao seu afilhado, que se fizesse Religioso, que é o que significam estas palavras de Christo: sendo mais facil professar a pobreza em Portugal, que ir buscar as riquezas á India: e mais seguro, mais util, e mais bem pago o servir a Deus, que aos homens.

O mesmo S. Francisco Xavier é o melhor e maior exemplo. Ninguem servia mais que elle na India. E o Senhor do céu, a quem elle servia, pagou-lhe por ventura como os que se chamam senhores da terra? Destes disse nas suas Eglogas o nosso Virgilio sobre as experiencias e desenganos, não de outra côrte, senão da nossa:

Elles bebem, e o homem sua,
Doe-lhes pouco a dôr alheia,
Querem que nos dôa a sua.

De maneira que sem elles suarem, nem se doerem, antes se regalarem á custa dos suores alheios, como

---

[1] *Luc.*, XVIII, 25.
[2] *Math.*, XIX, 21.

pouco ha ponderavamos, querem que suem, trabalhem, e padeçam os que os servem. Mas não assim o Senhor do céu, a quem Xavier servia. Os suores e as dôres eram eguaes e reciprocas no Senhor, e no servo: como se via no famoso milagre da imagem de Christo no castello de Xavier. Quando Xavier suava na India, suava Christo em Navarra: e quando Xavier padecia em uma parte, padecia tambem Christo na outra. D'onde se inferiu discretamente, que as veias e as penas eram as mesmas em ambos, as veias para o suor, e as penas para a dôr.

Quod tibi sudanti sudorem reddit Jesus,
Vena vel ambobus; pœna vel una fuit.

Do suor de Christo no Horto disse S. Bernardo, que chorára o Senhor por todo o corpo. E taes foram na vida e na morte os suores milagrosos do mais fiel de todos os amigos Christo, em correspondencia dos de Xavier. Christo chamou amigo a Lazaro: *Lazarus amicus noster.* [1] E todos quando o viram chorar na sua morte, conheceram quão seu amigo era: *Ecce quomodo amabat eum.* Xavier morreu na sexta feira de Lazaro, quando a Igreja renova a memoria daquelle milagre: e Christo no da sua imagem andou tão fino como Xavier, que em todas as sextas feiras d'aquelle anno, ou chorou aquelles suores, ou suou aquellas lagrimas: sendo este o mais solemne e saudoso anniversario que fez o amôr dos vivos por nenhum defunto. Fiel amigo na vida, fiel na morte, e fiel depois da morte. Na vida como medicamento da vida, depois da morte como medicamento da immortalidade; e na morte, que é o fim de uma, e o principio da outra, exemplo a todo o mundo, em que deixou provado quão verdadeiro amigo é Xavier, pois só assim quiz ser, e foi sempre amigo.

[1] *Joan.*, XI, 36.

SERMÃO QUINTO

JOGO

Posuit pedem suum dextrum super mare, sinistrum autem super terram. [1]

I

Não ha coisa tão preciosa, e tão util, que continuada não enfade. Por isso sendo a mais estimada e mais amada de todas a vida, não só variou Deus o anno em primavera, estio, outomno, e inverno, senão que até os dias e noites fez tão deseguaes, e dessimilhantes, que dentro da mesma roda do anno só um é egual, e similhante ao outro. Mas a que fim este exordio? Estamos por mercê de Deus no dia quinto da nossa Novena, que por boa conta é o meio della. E para não enfastiar a devoção, que tambem se enfastia, julguei por coisa conveniente, e agradavel aos ouvintes, que no meio da mesma continuação, sem interromper a materia, fosse hoje de algum passatempo. Assim será, e no mar veremos um jogo, e na terra outro.

II

Os jogos são tão antigos como o tempo, e porque este passa, e não torna, não sei se com razão ou sem ella se chamaram passatempos. Os primeiros jogos que

---

[1] *Apoc.* x.

inventaram os homens, quando ainda não eram, ou ainda se creavam para ser homens, foram a lucta, os cestos, a clava, a lança, a péla, o troya, (a que nós chamamos canas) o lançar a barra, o ferir o alvo com a setta, o correr no estadio, o saltar os vallos, o nadar vestido de armas, e outros similhantes, cujo exercicio era tão util para a saude e robusteza dos corpos, como necessario para a guerra, para a agricultura, e para os outros trabalhos de que vive e se conserva o mundo. Foram inventores destes jogos Hercules, Pytho, Theseu, e outros heroes, de quem os tomaram os Gregos e Romanos. E nota Alexandre ab Alexandro (advertencia digna de tanto reparo, como confusão) que se decretou por lei do Senado em Roma, que só estes jogos, e nenhum outro se podessem jogar a dinheiro: [1] *Eratque Senatus consulto cautum, ut nisi his ludis pecunia ludere liceret.* Sendo porém o principal premio dos que venciam, não o dinheiro, senão a honra e fama, esta era tão gloriosa nos jogos que se chamavam sagrados, que não se dava a corôa ao vencedor, senão á patria.

E sendo estes jogos dos géntios tão honestos, tão racionaes e tão sizudos, que affronta é dos christãos, que tomassem delles os dados e cartas, nos quaes como notou, antes de nos conhecer, Marco Tullio, nenhum logar tem a razão e o juizo, senão a temeridade e o acaso. [2] *Quod talos jacere, quod tesseras, quibus in rebus temeritas, et casus, non ratio, et consilium valet.* Nestes dois jogos, ou latrocinios da cubiça, o menos que se perde é o dinheiro, posto que seja com tanto precipicio e excesso, como chora a ruina de muitas familias, em que os filhos primeiro se vêem deshonrados, que orphãos, os dotes das mulheres consumidos, e as filhas em logar de dotadas roubadas. O oiro de que se fundiu o idolo do deserto, foi o das arrecadas das mulheres e filhas: *Tollite inaures aureas de uxorum, et filiarum vestrarum auribus,* [3] e que maldito idolo é este, senão o do jogo, em que os salteadores domesticos, depois de terem dissipado tudo o mais, até as arrecadas das mulheres e filhas lhes arrancam das orelhas? Re-

[1] Alexand. ab Alex. Genialium dier. lib. 3.
[2] Cicero. lib. 2 de Divinit.
[3] *Exod.*, XXXIII, 2.

fere alli o Texto sagrado, que os adoradores do idolo, depois de comerem, se puzeram a jogar: *Sedit populus manducare, et bibere, et surrexerunt ludere.* [1] Assim se usa commummente, que na mesma meza ás iguarias succedem as cartas, e á comida o jogo. Mas eu, sem ser propheta, me atrevo a affirmar, que na meza onde se frequentar muito o jogo, cedo faltará o comer. E d'onde tiro, ou infiro este prognostico? Do horoscopo das mesmas cartas, e da má estrella e influencia debaixo das quaes ellas nasceram. Os inventores do jogo das cartas, diz Plinio, que foram os Lydos, gente antiquissima. E porque occasião? Refere-a o eruditissimo *ab Alexandro*, e eu o quero fazer por suas proprias palavras: *Horum authores Lydos fuisse ferunt, qui ut famem, qua premebantur, facilius ferrent, in miseriis hoc solatium invenere, ut ludo tempora transigerent.* Quer dizer: Que os Lydos, opprimidos da fome, para consolação e allivio das suas miserias, inventaram este jogo para passar o tempo. Cuidava eu que para remediar a fome, era melhor meio cavar e trabalhar, que jogar. Mas assim como este jogo teve sua origem na fome, e foi inventado de quem não tinha que comer, assim é prognostico certo, confirmado com a experiencia, que virão a não ter que comer os que frequentarem o mesmo invento.

Sendo porém tão frequente e ordinaria no jogo a perda do dinheiro e da fazenda, isto é o menos que nelle se perde, como dizia, porque são muito mais preciosas, e para sentir, as outras perdas, ou perdições, em que a cegueira da cubiça não repara. Perde-se a auctoridade, porque se diz que a meza do jogo a todos eguala, com tanto que tenham que perder, o que é contra todas as leis da decencia e honra. Alexandre Magno, convidado para que quizesse entrar nos jogos olympicos, respondeu, que o faria se tivesse reis com que emparelhar na contenda. Perde-se o tempo, que, como diz Seneca, é o maior thesouro que a natureza fiou dos homens; e perde-se com perdição maior, porque o dinheiro que se perde em uma mão póde-se recuperar na outra, o tempo uma vez perdido não se póde restaurar. Perde-se a amizade, porque quando jogaes com o vosso amigo, a vossa tenção é que o que

[1] *Exod.*, XXXII, 6.

é seu seja vosso, e a sua, que o que é vosso seja seu. Aqui se quebra a santissima lei da verdadeira amizade: *Amicorum omnia sunt communia.* Porque o amigo nenhuma coisa póde ter tão propria sua, que não seja do outro amigo, pois o amigo é, *Alter ego.* Perde-se a piedade, porque pela impaciencia, raiva, inveja e mofina do que o jogo não favorece, sahem da sua bocca juramentos e execrações contra o céu, quaes eram todas as tardes na casa de jogo daquelle taful, que gastava a manhã na Igreja, ouvindo todas as Missas; e se disse delle discretamente, que pela manhã ia comer os Santos á Igreja, e que á tarde os vinha vomitar na casa do jogo. [1] Perde-se a mesma liberdade, como se escreve dos antigos Germanos, que depois de perdido quanto tinham, a jogavam, ficando perpetuamente captivos; e o mesmo se usa hoje nas galés do Mediterraneo, em que os homens, se homens se podem chamar, se vendem a retro aberto, com condição que se ganham no jogo, restituem o preço, e se perdem, se sugeitam para sempre ao infame e duro captiveiro, ferrolhados os pés ao banco, e as mãos atadas ao remo. Perde-se a religião, porque o taful que não tem que jogar, nem que furtar no profano, se arrojará facilmente ao sagrado, e a despir os altares, como fizeram em figura os algozes que crucificaram a Christo, e depois de o pregarem despido na cruz, lhe jogaram as vestiduras. Finalmente, perdem-se, ou acabam de se perder as quasi perdidas almas, como muitas, por não ter que jogar e perder, se entregaram ao demonio. E outros por extrema desesperação se mataram a si mesmos, ou quizeram matar, que é o caso a que temos chegado, mais tarde do que eu quizera, mas sempre sem o declarar fallei delle.

III

Partiu S. Francisco Xavier de Meliapôr, embarcado em um junco, que lá chamam navio de carga, e atravessando o golfo de Bengala, com vento que não dava outro cuidado, se puzeram a jogar as cartas dois pas-

[1] Alexand. ab Alex. lib. 3.

sageiros. Quando o navio corre fortuna, todos os que vão dentro correm a mesma; mas aqui a teve um dos jogadores tão favoravel, e outro tão contraria, que este perdeu e lhe deixou nas mãos quanto levava proprio. Cresceu com a perda o desejo de se desquitar, que é a maior tentação no jogo, e valendo-se da fazenda alheia, e de partes que trazia a seu cargo, o acompanhou tão pertinazmente a mesma desgraça, que tambem a perdeu toda. Acabou-se o jogo, porque não teve mais que perder. E recolhendo-se o pobre homem dentro em si (de que estivera tão fóra) começou a cuidar no que tinha feito. Perdi o meu, perdi o alheio, perdi o credito ! que conta hei de dar de mim ? Que vida ha de ser a minha ? Como posso apparecer diante da gente ? Oh triste ! oh miseravel, oh mofina, oh infame creatura ! Aqui se levantou então uma tal tormenta de imaginações com ondas sobre ondas tão furiosas, que umas atiravam com elle ao céu pronunciando blasphemias contra Deus; outras o precipitavam e mettiam no fundo dos abysmos, resoluto, e protestando que não tinha outro remedio senão lançar-se ao mar. Chegou a noticia deste frenesi ao medico universal, que ordenou a Providencia Divina se achasse naquelle navio. Visitou amorosamente o desesperado, consolou-o, animou-o, e exhortou-o a esperar melhoria na sua desgraça. Mas o caso verdadeiramente olhado por toda a parte tinha taes circumstancias, que se não podiam facilmente curar com palavras. As do miseravel, como rematadamente frenetico, em logar de agradecerem a caridade do Santo, foram affrontosas contra elle. E que faria Xavier naquelle aperto ? Não ha virtude tão engenhosa como a caridade. Vae pedir emprestados cincoenta reales, mette-os na mão ao perdido, diz-lhe que torne a jogar, e tentar ventura, e que lhe dê primeiro as cartas. Toma as cartas de jogar nas mãos o Mestre da santa doutrina, começa a baralhal-as publicamente uma, duas e tres vezes. E que diriam os que viam uma acção tão nova, e ao parecer tão indigna de taes mãos ? Os mais familiares do Santo estavam pasmados. Os que conheciam menos a pessoa, não sabiam como a concordar com a fama. Este é, diziam entre dentes, o chamado Padre Santo ? ! Este é o de quem se conta que resuscitou mortos ? ! Este é o legado mundano do Summo Pontifice ? ! o qual em vez de mandar lançar as cartas ao mar, as está baralhando ? ! Mas tornemos ao

jogo, e demos entretanto de barato ao convez estes principios de murmuração. O jogador que tinha ganhado, acceitou facilmente proseguir a empreza, não sabendo com qual pequeno anzol se lhe queria pescar o que tinha engolido. Davam-se de parte a parte as cartas, e as que tocavam ao jogador perdido, como se nas mãos se lhe pintassem, eram tudo o que havia mister, que tão bem amassadas estavam. A poucos lances se viu restituido do que fôra seu, e seguindo a mesma fortuna recuperou tambem o das partes, de maneira que já ia voltando sobre o contrario. Então o Santo que a tudo assistia, disse, basta; e bastou que o dissesse. A Sabedoria Divina diz que ella compunha tudo jogando neste mundo: *Cum eo eram cuncta componens ludens in orbe terrarum.* [1] E assim o fez, e soube fazer Xavier, que tanta era a sua graça. O que tinha emprestado os reales cobrou os mesmos. O que tinha perdido embolsou outra vez o seu: o dos ausentes, que não sabiam o que passava, tornou a correr por sua conta: os do convez, que murmuravam, metteram-se na baralha, e celebravam a gritos o milagre; e a parte mais admiravel delle foi, que o que agora perdeu quanto tinha ganhado, não ficou descontente. Tal era a graça com que Xavier compunha tudo, sendo elle o que deste jogo sahiu com maior ganancia, ganhando para Deus as almas dos dois jogadores, uma livre das desesperações, outra dos escrupulos.

IV

Porém a mim me fica ainda o que muitos poderão ter neste caso, parecendo-lhe que um Religioso e Prelado da sua Religião, e, o que é mais, Nuncio Apostolico, o podia remediar por outros meios mais decentes ás mãos sagradas. Não digo que mandasse Xavier satisfazer aquella perda com uma grossa esmola das rendas da sua Nunciatura; porque as rendas della eram similhantes navegações, pedindo elle a esmola de que se havia de sustentar, e padecendo maiores perdas, ou perdições nas mesmas viagens, em que tres vezes como S. Paulo,

[1] *Prov.*, VIII, 30.

aquelle que tanto dominio tinha sobre os ventos e mares, fez naufragios; e não um dia e uma noite, como o mesmo Apostolo, senão tres dias e tres noites, já indo ao fundo, já surgindo, andou luctando com a furia das ondas sobre uma taboa, até que ella finalmente quasi morto o lançou em uma praia deserta. Sendo as outras gages do officio em terra, que não uma vez, como Santo Estevão, mas muitas, foi apedrejado; nem uma, como S. Sebastião, assetteado, mas muitas ferido com settas e azagayas, tão perseguida aquella vida pelos inimigos da fé, que pelo não poderem queimar como pertendiam, fartavam a raiva em pôr fogo ás casas onde tinha estado. Mas comtudo este mesmo homem, que para exercicio e exemplo da paciencia vivia em tão extrema pobreza e desamparo, tinha tanta auctoridade com os que o conheciam, e tanta graça com todos, que bem podia esperar do jogador venturoso, que se contentasse com o que o outro tinha perdido do proprio, e prometter a este, que para o das partes o comporia com ellas. E quando menos, que appellando dos meios humanos para os divinos, lhe valesse com suas orações, com as quaes levantando só os olhos ao céu, como se ellas fossem as chaves dos thesouros da omnipotencia, tinha remediado outras maiores necessidades e perdas. E se o miseravel do desesperado se queria lançar ao mar, o que a tantas naus, e tantos milhares de homens tinha sido o seu cabo da Boa Esperança, tambem o podia ser a este, tirando-lhe a salvamento a vida e o credito, que era o que mais sentia, e restituindo-o vivo e honrado ao porto d'onde sahira, como finalmente fez.

Mas se tudo isto lhe era facil, sem tanto empenho, e fabrica de dinheiro emprestado, de segundo jogo, de cartas baralhadas, de perdas do ganhado, de restituições do perdido, e de murmurações e menoscabo da propria opinião, que em pessoa tão grande e tão santa, posto que duráram tão poucos instantes, pezava e valia mais que tudo; porque acudiu Xavier a emendar e trocar a má fortuna do seu afilhado, não por outro, senão por este meio? Era dictame do Santo, e assim o aconselhava aos soldados, que antes jogassem, que gastar o tempo em outras conversações. E para Deus confirmar esta doutrina com um milagre por todas suas circumstancias notavel, quiz que o restaurador do jogo fosse o mesmo Mestre delle, e não por outro meio ou instrumento, senão as mesmas cartas. Porque é vi-

ctoria propria da grandeza e magnificencia divina, fazer vencer aos que soccorre, com os mesmos instrumentos com que foram vencidos. Venceu o demonio ao homem no Paraiso, com que? Com um lenho, que foi o da arvore vedada; pois seja tambem vencido com um lenho, que foi o da cruz. Porque meio venceu o mesmo demonio? Por meio de uma mulher: pois seja tambem vencido por meio de uma mulher, que foi a que lhe quebrou a cabeça: *Per mulierem vicit, per mulierem superatus est*, notou S. Chrysostomo. Da mesma maneira Xavier, quando tomou por sua conta defender e restaurar o jogador perdido. Com que o venceu o jogador victorioso? Com as cartas, e pelas cartas. Pois tambem pelas cartas, e com as cartas, trocando a fortuna as mãos, ha de ser agora o victorioso vencido, e o vencido vencedor. E para maior energia da victoria, e da mudança, as cartas não hão de ser d'outra baralha, senão as mesmas; que por isso Xavier as pediu primeiro. De Achilles se conta, ou seja historia ou fabula, que a ferida que fazia a sua espada, só com a mesma espada se podia curar: por onde disse o poeta: *Et vulnere sensit un uno lethalem placidamque manum.* E sendo Xavier o Achilles da Igreja, não podia faltar esta circumstancia de victoria aos instrumentos da sua.

V

Este foi o caso, este o remedio, este o milagre do nosso Santo. Agora quizera eu neste auditorio para evitar os casos, e escusar os remedios, os que o podem e devem fazer sem milagre. E' possivel que dentro dos nossos navios havemos de trazer os piratas que nos roubam? E' possivel que chegando os passageiros vivos, e a salvamento, sem peleja nem naufragio, hão de sahir á praia despidos? Embarca-se um indiatico em Gôa rico, e chega aqui, ou a Lisboa, sem um bazaruco. Por ventura esta nau pelejou no mar, e vinha tão mal defendida, que a renderam? Não. Houve alguma tempestade que obrigou a alijar ao mar quanto traziam? Tambem não. Pois quem roubou a este indiatico o que foi ganhar á India? Os piratas que lá se embarcam com elle. Jogaram, e perdeu quanto

trazia. Sáe do mesmo modo de Lisboa na frota um mercante da primeira viagem, e se veiu seguro á Bahia debaixo do comboy, ou da Providencia de Deus, que as traz e leva; porque chegou sem um vestido com que saltar em terra ? Porque nas calmas da Linha veiu a bordo um batel com umas cartas, e os que as traziam, como se foram piratas que abordaram o navio, roubaram ao pobre novato, e o alliviaram de pagar direitos em alfandega de quanto trazia. E se eu fallo mal em chamar piratas aos jogadores, tornemos ao nosso junco de Meliapôr. Se um corsario de Zelanda, ou de Bengala, o tomára naquella travessa, que havia de fazer este corsario? E' certo que havia de roubar a todos o seu, e o das partes. Pois isso mesmo é o que fez ao perdido desesperado o que jogou com elle. E que isto se permitta, e não emende, antes os Cabos lhe deem exemplo !

Dirão que é necessario este divertimento, principalmente em viagens tão compridas, e tão penosas. O divertimento sim, mas não este. O senhor rei D. Manoel, o Conquistador, que acrescentou aos seus titulos o da navegação, e a entendeu melhor que todos, e lhe fez os mais sabios e prudentes regimentos, tambem quiz que se divertissem dos fastios do mar os seus navegantes, e mandou que todas as naus fossem providas, para isso, de que ? De violas, adufes e pandeiros, mas não de baralhos de cartas: tanjam, cantem, bailem, festejem-se os ventos galernos com folias e danças; e se tambem querem jogar, sejam os jogos que pertencem á segurança das mesmas naus, e sua defeza, e não se exercitam, nem se aprendem. Aprendam á jogar as armas maritimas de todo genero: a espada, a machadinha, o chuço, a pistola, o bacamarte, a alcanzia. Aprendam a jogar a artilheria, e a bornear a peça, e carregal-a. E se neste jogo tão proprio do valor e da honra querem ganhar, e não perder, aprendam quando se ha de pelejar a ganhar o balravento, e quando o vento é contrario, a não perder o ló, nem a derrota. E façam grande caso de qualquer tento, que neste jogo são necessarios muitos. Tento nas nuvens, tento na agulha, tento na bitacola, tento no leme, tento na bomba, tento no paiol da polvora, tento no fogão, e tento no fumo, que se bebe, pois uma faisca que cáe em materia tão disposta, talvez não basta toda a agua do mar para apagal-a.

Estes jogos, e estes desenfados sim; e o das cartas troque-se pelo da carta. Que coisa mais curiosa, util, necessaria, e deleitosa, que entender a carta de marear, e saber um homem no mar por onde vae, e não tão cego e ignorante, como qualquer pau do mesmo navio? Na carta de marear se vêem em um abrir de olhos todos os mares e terras do mundo, e suas distancias: o numero dos graus e suas medidas, segundo differentes rumos: a arrumação das costas, assim do continente, como das ilhas: os cabos, as enseadas, os portos, os surgidouros, os baixios, as vigias, os parceis, as correntes: os ventos e suas opposições, meias partidas, e quartas: e até se vêem os fundos se são de pedra, se de lodo, se de areia, ou burgalhau; e finalmente, as alturas, e onde estou, e o que tenho andado, que até na terra allivia muito os caminhantes. Botem-se logo ao mar as cartas causas de mais perdições que as mesmas tempestades, nas quaes como os ventos furiosos não admittem partido, não resta mais que puxar pela carta. Arrenegue pois todo o navegante do jogo, se não se quer perder: que até a nau que joga não é segura. .

VI

Visto, como acabamos de vêr, o jogo do mar, segue-se o da terra, em que nós tambem entraremos com a nossa parte, e haverá tanto que admirar e aprender no que se ganha e se perde, quanto é maior cabedal que o dos dois jogadores do mar, o dos que são, ou querem ser senhores de toda a terra. Todas as grandes mudanças de estados que se vêem, e teem visto neste mundo, sempre vario e inconstante, não são outra coisa que um perpetuo jogo do supremo poder que o governa: *Ludit in humanis Divina potentia rebus.* O mesmo braço deste poder, que é o Filho Unigenito de Deus, o disse, revelando a ordem dos successos humanos, que desde o principio sem principio da eternidade estão dispostos e decretados nos segredos da Providencia Divina, para sahirem e se manifestarem a seu tempo: *Cum eo eram cuncta componens, ludens in orbe terrarum.* [1] Jogo lhe chama, *ludens*, e diz que a

[1] *Prov.*, VIII, 30

meza deste jogo é toda a redondeza da terra, *in orbe terrarum;* por isso meza redonda, porque nella não tem preferencia de logar os que nella jogam, tendo tanto direito a perder ou ganhar nella os reis como os vassallos, os grandes como os pequenos, os ricos como os pobres, e os senhores como os escravos. Ponhamos o exemplo no reino de Israël[1], por outro nome das dez Tribus, as quaes todas neste jogo o ganharam e perderam, passando não só de uma pessoa a outra pessoa, e de uma familia a outra familia, senão de uma tribu a outra tribu, com tão alternada e continua variedade e mudança, quanto era o numero de todas dez.

O primeiro que ganhou este reino a Roboão, filho de Salomão, rebellando-se, e por força de armas, foi Jeroboão, criado que tinha sido de seu pae. [1] O segundo foi Baasa, que o ganhou a El-rei Nadab, matando-o á traição. [2] O terceiro Zambri, escravo d'El-rei Hela, que vendo-o sem juizo em um banquete, lhe tirou a vida. [3] O quarto Amri, que o ganhou a El-rei Zambri sendo general da sua cavallaria, e o cercou e apertou de maneira, dentro do seu proprio palacio, que o obrigou a se matar e queimar a si mesmo. [4] O quinto Jehu, o qual o ganhou a El-rei Joram, atravessando-o de longe, porque fugia, com uma setta que lhe chegou ao coração. [5] O sexto Sellum, que o ganhou a El-rei Zacharias, acommettendo-o descobertamente, e lhe cortou a cabeça. [6] O septimo Manahem, o qual o ganhou a Sellum, matando-o na mesma cidade real de Samaria. [7] O oitavo Phaceas, que o ganhou a Phacee, em uma torre da mesma Samaria, onde juntamente com a vida o privou do reino. [8] O nono Ozee, o qual o ganhou a Phacee, ferindo-o mortalmente, de que morreu. [9] O decimo Salmanazar, rei dos Assyrios, que captivou a Ozee, e captivo o levou para as suas terras, onde tendo

---

1 *3.º Livr. dos Reis,* XII, 20.
2 *Ibid*, XV, 15 e 17.
3 *Ibid.*, XVI, 9 e 10.
4 *Ibid.*, 16, 17 e 18.
5 *4.º Livr. dos Reis,* XV, 10.
6 *Ibid.*, 16.
7 *Ibid.*, 15.
8 *Ibid.*, 30.
9 *Ibid.*, XVII, 3.

noticia que se queria rebellar, o matou em um carcere, e voltando sobre Samaria, a rendeu, dando de barato a parte das dez Tribus que não pôde levar comsigo, que ficassem na patria destruida. D'onde finalmente acabou de os transmigrar, e elles passando o rio Euphrates desappareceram até hoje. Este foi o fim daquelle jogo, em que Deus parece que jogava á péla com o reino de Israël, sendo tão frequentes os rechaços, que muitos dos reis não chegaram a sustentar a corôa mais que dois annos, e entre elles Zacharias seis mezes, Sellum um mez, e Zambri sete dias.

Dos jogos dos reinos passemos ao dos imperios e monarchias, em que mais amplamente se verifica o *ludens in orbe terrarum*. O primeiro imperio foi dos Babylonios, que começou em Nabucodonosor, e acabou em Balthasar, vencido por Cyro, e durou setenta annos. O segundo foi dos Persas, que começou em Cyro, e acabou em Dario, vencido por Alexandre, e durou duzentos annos. O terceiro foi dos Gregos, que começou em Alexandre, e continuou dividido nos reinos do Egypto, Syria, e Macedonia, e acabou em Cleopatra com Marco Antonio, vencidos por Augusto Cesar, e durou duzentos e oitenta annos. O quarto foi dos Romanos, que começou no mesmo Augusto, cuja duração conservada ainda no nome e magestade do imperio, se se computar com sua antiga grandeza, só lhe podemos assignar aquelles annos, em que as partes de que a mesma grandeza se compunha, lhe estiveram sujeitas, sem se restituirem á sua propria e natural liberdade: sendo certo, como prophetisou á mesma Roma Seneca, que se um povo tinha dominado a tantos, mais facilmente elles sendo tantos, podiam saccudir o jugo e dominio de um. De sorte que os quatro famosos imperios do mundo, todos, ou mais cedo, ou mais tarde, se perderam neste jogo passando de umas nações a outras, sem ellas o poderem impedir por nenhuma arte ou força: porque assim como no outro jogo Xavier foi o que baralhou as cartas, assim neste. Deus é o que as ordena, dispõe e compõe como é servido: *Ludens in orbe terrarum, cum eo eram cuncta componens.*

VII

O vulgo (que é a segunda especie da gentilidade) attribue as sortes e azares do jogo á fortuna. Mas Sa-

lomão nos desengana que toda a boa ou má sorte depende da disposição divina: *Sortes mittuntur in sinum, sed à Domino temperantur.* [1] E o pae do mesmo Salomão, David, que sempre andava com as armas nas mãos, confessava que nas de Deus, e não nas suas, estava o successo dellas: *In manibus tuis sortes meæ.* [2] Comtudo é certo, que no caso em que estamos, o periodo ou catastrophe dos reinos e monarchias, e o passarem de umas nações a outras, não depende só da primeira causa, como Senhor absoluto dellas, senão tambem das segundas, como Justo Juiz. E' oraculo não menos que do Espirito Santo por bocca do Ecclesiastico: *Regnum à gente transfertur propter injustitias, et injurias, et contumelias, et diversos dolos:* [3] Os reinos e os imperios passam de umas gentes a outras gentes, pelas culpas dos que os perdem. E essas culpas são as injustiças, as injurias, as calumnias, e os enganos. Chegados aqui, agora é o logar em que eu dizia que nós tambem haviamos de entrar no jogo. O grande imperio que os portuguezes fundaram na India, sem arrogancia nem affronta das outras nações, se podia chamar monarchia, com tantos reinos e reis sujeitos e tributarios. Em tempo d'El-rei D. Manoel teve o seu augmento: em tempo d'El-rei D. João o III, que foi o mesmo de S. Francisco Xavier, o seu estado, e de muitos tempos a esta parte padece a sua declinação. Não acabou de repente, como a monarchia dos Babylonios em uma noite, em que Cyro venceu a Balthasar. Nem como a dos Persas em um dia em que Alexandre venceu a Dario. Mas como a dos Gregos e Romanos, que pouco a pouco, e por partes, foram perdendo o que tinham ganhado. Tinhamos ganhado, e era nosso Ormuz: e de quem é Ormuz? Mascate: e de quem é Mascate? Cochim: e de quem é Cochim? Ceylão: e de quem é Ceylão? Malaca: e de quem é Malaca? Deixo outros membros de menos nome. Os titulos de senhores da Conquista, Navegação e Commercio, mais dizem o que eramos, do que o que somos. Cujas são tantas terras conquistadas no Oriente? Cujas as arma-

---

[1] *Prov.* XVI, 33.
[2] *Psalm.* XXX, 16.
[3] *Eccles.*, X, 8.

das que navegam e cobrem mares? Cujos os portos que se enriquecem com os commercios e tributos, que o Indo e Ganges só pagavam ao Tejo?

Ninguem póde duvidar que assim se vae cumprindo, e tem cumprido em grande parte no imperio portuguez do Oriente, aquelle oraculo universal: *Regnum a gente in gentem transfertur.* E mais lastimosa perda é ainda, que tendo a nossa nação não só illustrado o mesmo Oriente, mas assombrado gloriosamente o mundo com tão façanhosos exemplos de religião, de valor, de generosidade, de verdade, de constancia e desinteresse; vindo ás causas originaes que o mesmo Texto assignala deste castigo, e destas perdas, as não possamos negar. A primeira é, *propter injustitias.* E como podiam deixar de intervir grandes injustiças, quando tiravamos uns reis, e punhamos outros, sendo naturaes senhores de suas proprias nações, acabando estes, ou prezos, ou desterrados, ou violentamente mortos? A segunda, são *injurias.* E que maiores injurias da razão, da lei, e da mesma fé, que os gentios convertidos a ella, por nos ficarem mais sujeitos, serem mais desprezados, mais opprimidos, mais captivos, e talvez vendidos aos mesmos mouros? A terceira, são *calumnias;* e nenhumas tão escandalosas a todo o mundo, como as que padeceu o grande Affonso de Albuquerque, conquistador, fundador, e pae do mesmo imperio, sendo tirado por ellas do governo da India, e dado a seus proprios calumniadores, que foi o ultimo golpe com que em poucas horas de dôr cortou a injusta parca os fios daquella honrada vida, tão merecedora de ser immortal como a sua fama. Finalmente, a quarta foram *diversos dolos*, com tanta diversidade nelles, quantas eram as occasiões na paz, e na guerra, das promessas, das obrigações, das allianças, dos soccorros, em que se violava pelos interesses da conveniencia a palavra, a verdade, e a fidelidade, que entre amigos e inimigos deve ser sagrada.

Contra estas injustiças, contra estas injurias, contra estas calumnias e enganos, prégava continua e fortemente como trombeta do céu a voz de Xavier, e as suas reprehensões, sem emenda dos nossos vicios, eram prophecias certas das nossas perdas. Era tão extraordinario o espirito de prophecia e tão ordinario o do grande Apostolo, que muitos Theologos tiveram para si, e quando menos duvidaram, se era nelle este dom habitual, o que Santo Thomaz não concede a Isaias,

nem a Jeremias, nem a algum dos Prophetas Canonicos. Estando no Japão, prophetisou a Malaca as suas extremas calamidades, e lh'as mandou annunciar. Passando á vista de Ceylão, como Christo á vista de Jérusalem, disse: Oh miseravel ilha, que te vejo coberta de corpos mortos, e toda inundando em sangue! E quasi determinado a ir a Ormuz, mandou lá ao padre Gaspar Barzeo tão poderoso no dizer, que com a sua eloquencia obrigou aos mouros a que fechassem as portas de uma mesquita, em que veneravam o Alcorão. O qual porém pôde tão pouco com os nossos soldados, que partindo com quatro mil dos naturaes a recuperar na costa da Persia a fortaleza de Monjam, sendo os portuguezes quatrocentos, só vinte se quizeram confessar. Pela dissolução dos vicios, que desta pouca christandade se argue, subiu o padre mestre Gaspar ao pulpito, e depois de citar e explicar o verso de David: *Imple facies eorum ignominia, ut quærant nomen tuum, Domine;* [1] fez uma fervorosa oração a Deus, em que lhe pedia o infeliz successo da jornada, e algum castigo de sua poderosa mão com que se emendassem; e aos ouvintes tres Ave Marias no fim pela mesma tenção. O successo foi, que tendo sitiado a fortaleza, veiu sobre os portuguezes tal peste, que mortos muitos perderam a facção a honra, e a vida. E os que escaparam, arrependidos e prostrados aos pés do mesmo padre se confessaram. Mas elle então com os mesmos confessados fez uma devota procissão, em que pedia a Deus misericordia, assim como lhe pedira a justiça; e no mesmo tempo chegou nova, que a fortaleza pacificamente se tinha rendido: para que se visse manifestamente a causa, por que neste jogo das armas ganhamos, ou perdemos.

Não deixarei de ajuntar aqui outro caso não menos prodigioso. E se bem se lhe entender o mysterio do castigo, de terrivel consequencia. Residia na cidade de S. Thomé o padre Cypriano, carregado de annos gastados na conversão das almas, e tão allumiado do céu, que tendo dito que dia das Cadêas de S. Pedro se havia de desatar a sua alma das do corpo, no mesmo dia voou aonde seus merecimentos o chamavam. Succedeu, pois, que chegando áquelle porto uma nau com a cruz de Christo nas bandeiras, o piloto saltou em terra, ou a

[1] *Psal.* VIII, 2.

assaltou com tal desaforo, que roubando a um dos novos christãos sua mulher, a embarcou comsigo. Bradava pelas ruas o pobre roubado, pedindo vingança contra a sua affronta, e justiça contra tão grave e publica injuria; mas eram tão fracas ou tão pouco zelosas a ecclesiastica e secular, que nenhuma lhe valeu. Embarca-se em um batel o velho Cypriano, vae a bórdo, afêa o delicto e o escandalo, primeiro ao piloto, que lhe não deu ouvidos; appella para o capitão, o qual estava peitado do corsario, senão estivesse tambem empenhado na preza, e sem restituição, nem escrupulo, mandaram levar as ancoras, e a nau se fez á véla. Era o piloto torto, e o capitão tartamudo, mas não o velho Cypriano, o qual como lançando do pulpito o pregão da Divina Justiça, disse, que se faltára a da terra, não faltaria a do céu, e nomeadamente, que em pena do que tinham commettido o capitão e o piloto, depois de perdida a nau, e quanto nella levavam, o tartamudo ficaria mudo, e o torto cego. Ouvida a sentença, e mais festejada como engraçada, que esperada como certa, não tardou muito em a confirmar a experiencia do successo, porque os ventos e mares como executores do castigo, levantando uma furiosa tempestade, deram com a nau á costa: o capitão gritando aos marinheiros, apertou tanto com a voz, que a perdeu totalmente, e ficou mudo, e querendo-se vingar do piloto, como causa da sua perdição, arremetteu a elle com a espada, e lh'a metteu pelo olho, com que só via, com que tambem ficou cego. Ambos, comtudo, sahiram do naufragio com vida, e ambos, um perpetuamente sem falla, e outro perpetuamente sem vista, acabaram miseravelmente. Mas o que eu muito pondero, é o mysterio do castigo, sendo ordenado por Deus. Não poderam morrer afogados das ondas? Não poderam sahir vivos, mas feridos e estropeados dos penhascos, em que se desfez a nau, e dos pedaços do mesmo naufragio? Porque foi logo o castigo de um nos olhos, e do outro na lingua, e tal em ambos, que um perdesse totalmente a vista, e outro totalmente a falla? Para mostrar Deus que quando se continuam as injurias e injustiças como neste caso, naquillo mesmo em que temos perdido parte, havemos de vir a perder tudo. E assim como o capitão tartamudo, tendo perdido parte do uso da lingua, perdeu totalmente a falla, e ficou mudo; e assim como o piloto torto, tendo perdido um dos olhos, perdeu total-

mente a vista, e ficou cego: assim entendam os que de perto, ou de longe governam a India, os quaes são os capitães e pilotos das suas terras e mares, que se continuarem as injurias e injustiças, com que teem perdido tanta parte della, sem duvida a virão a perder toda, cumprindo-se inteiramente naquelle imperio: *Regnum à gente in gentem transfertur propter injustitias, et injurias.*

VIII

Acabo com um documento da Divina Sabedoria, escripto no Capitulo quinze, e parece que com o sobrescripto para os portuguezes: *Æstimaverunt lusum esse vitam nostram, et conversationem vitæ compositam ad lucrum, et oportere undecunque etiam ex malo acquirere.* [1] Ha homens, diz a Sabedoria Divina, que estimam e teem para si que esta nossa vida é um jogo: *lusum esse vitam nostram;* e que o fim deste jogo é ganhar, e que estes ganhos e interesses se hão de ir buscar a qualquer parte: *undecunque;* e que se hão de procurar e adquirir, ainda que seja por maus meios: *etiam ex malo acquirere.* Agora saibamos: e que homens são estes? Cornelio á Lapide, insigne Expositor de toda a Escriptura Sagrada, e flamengo de nação, sem nenhum parentesco com a nossa, combinando o nome *lusus*, com que o Texto aqui significa o jogo, com o nome tambem *lusus* do filho de Baccho, do qual reinando em Portugal, tomou Portugal o nome de Lusitania, como se um nome alludira ao outro, depois de citar a Plinio, Marco Varro, e Beroso, diz: *Vide hic antiquitatem Lusitaniæ, quæ à Luso rege nomen accepit.* Mas se a significação do primeiro *lusus*, e a derivação do segundo, pertence aqui aos lusitanos, os quaes foram buscar os interesses do jogo a partes tão remotas do mundo, *undecunque*, é certo que o mau modo de os adquirir, *etiam ex malo acquirere*, mais pertence aos modernos, que aos antigos. Os portuguezes antigos e primeiros, que conquistaram a India, que antes delles tinha sido conquista do pae de Luso, que levavam, e que iam buscar? O que lá levavam era a

[1] *Sapient.*, XV, 12.

fé, e o que lá iam buscar era a honra, como idolatras da mesma honra; que nenhum gentio com os seus Camis, e Toloquez se lhes egualava neste idolatria. Os filhos da mais illustre e luzida nobreza da Lusitania, eram os que lá iam; e o que lhes diziam e encommendavam seus paes e mães, quando lhes lançavam a benção, não era que mandassem de lá canella, ou diamantes, mas que viessem as naus muito ricas da fama e façanhas do seu valor. De sorte que os antigos levavam á India a fé, e iam buscar a honra: e os modernos levam á India a cubiça, e vão buscar a riqueza, e por isso os passados a ganharam e os presentes a perdem.

Mas concluindo com o que mais importa, é certo que esta nossa vida é um jogo: *Lusum esse vitam nostram*. Bem o mostram as variedades, incertezas, e riscos della em qualquer estado. Tambem é certo que Deus que nos deu a mesma vida, a compoz assim para ganharmos com ella: *Et conversationem vitæ compositam ad lucrum*. Mas não para os lucros ou ganancias, que acabam com a vida mortal, senão para os que hão de durar por toda a eternidade. Sendo porém tão differente o jogo que cáe em sorte aos que se teem por venturosos, e aos que se chamam mofinos; que remedio, para que com qualquer delles ganhemos sempre, e nunca percamos? Ensinou-o Plutarcho tão verdadeiro, como se fôra christão. Diz assim: *Quid jactu cadat non est in nobis situm: at quod cecidit, recte disponere in nobis est. Sic eventus in nobis non est, quod evenit, id in bonum vertere nostri muneris est.* O pintarem bem os dados, ou as cartas, não está na mão do jogador, mas se elle é sabio na arte, está na sua mão o usar bem do jogo, com que se acha qualquer que seja. Ao rico avarento correu-lhe bem o jogo, e perdeu-se: ao pobre Lazaro correu-lhe mal, e salvou-se; porque o rico usou mal da sua riqueza, e o pobre soube usar bem da sua pobreza. Aos dois ladrões do Calvario não lhe podia succeder peor sorte: e o bom porque soube usar bem dos seus dois paus, ganhou com elles o Paraiso; e o mau porque usou mal da mesma cruz com os tormentos que nella padecia, deu principio aos do inferno. Em fim, neste jogo que o mundo chama da fortuna, não consta o ser má ou boa, senão no bom ou mau uso della. Use bem cada um da sua, e sem duvida será venturoso; principalmente se para ganhar ou recuperar o perdido, pedir a S. Francisco Xavier que lhe baralhe as cartas.

SERMÃO SEXTO

ASSEGURADOR

Posuit pedem suum dextrum super mare, sinistrum autem super terram. [1]

I

No segundo dia da creação do mundo, dos dois elementos inferiores formou Deus com grande providencia um só globo. O elemento da agua cobria toda a terra, com que ella alagada não podia ser fecunda, nem o homem afogado e sem respiração poderia habital-a. Fez pois Deus que subindo ou surgindo um elemento, e descendo outro, se dividissem juntamente, e se abraçassem: e destas duas partes, uma solida, e outra liquida, conservando cada uma a sua propria natureza, se compoz e inteirou este formoso globo, ao qual, servido e acompanhado dos outros dois elementos, chamamos mundo. As duas maiores e mais necessarias utilidades deste providentissimo invento do Creador, colheram depois de muitos annos os homens, e foram a navegação e o commercio; dois titulos que El-rei D. Manoel de Portugal, depois que dominou os mares, e descobriu muitas terras não conhecidas, ajuntou aos de sua corôa, nomeando-se senhor da navegação e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India, não fazendo ainda menção do Brazil, posto que já o navega-

[1] *Apoc.*, x.

vam as suas frotas, e as começavam a carregar docemente os seus commercios.

As utilidades destas duas artes ou industrias, que chamei grandes e necessarias, só as não conhecerá quem estiver fóra do mundo; porque como a sua redondeza se estende ou revolve em tantas mil leguas, para poder unir as distancias de terras entre si tão apartadas e remotas, inventou a navegação aquelles grandes vasos de madeira, a que com nome geral chamamos navios, os quaes são umas pontes moveis e ligeiras, que caminhando, e nós nellas, nos levam desde o porto d'onde levantaram as ancoras, a quaesquer outros, posto que remotissimos, onde outra vez dão fundo. E como as terras sotopostas a differentes climas, segundo as influencias varias do céu, assim como geram homens de diversas côres e linguas, assim produzem com a mesma diversidade infinitos generos de fructos, e outras drogas, pois é certo que: *Non omnis fert omnia tellus;* estas são as que o commercio leva e traz, commutando as naturaes com as peregrinas, e fazendo as mesmas peregrinas naturaes, com tanto augmento de estimação e preço em todas, quanto são mais remotos os fins do mundo, d'onde cada uma é levada ou trazida: *Procul et de ultimis finibus pretium ejus.* [1] Lá disse o Poeta: *Latum mudantis mercibus æquor aro.* E é coisa verdadeiramente maravilhosa na união destas duas artes, que arando a navegação o mar com as prôas e com as quilhas, daquellas mesmas arvores que nos navios se levantam seccas, e sem raizes, colhe o commercio todos os fructos que a terra produziu, e regou o céu em todos os climas do mundo.

Plinio lança maldições ao primeiro que semeou e cultivou o linho, por ser esta herva a que deu materia aos homens para levantarem vélas sobre vélas, maiores que os mesmos navios, com que dão novas azas e forças aos ventos, não bastando aos pobres navegantes haverem-se de subir os montes, e descer os valles, que os ventos por si mesmo cavam e levantam nas ondas. [2] Queixa-se de que nasça de tão pequena semente, o que não deixa estar quieto o mundo nos logares que lhe deu a natureza, mas o traga continua-

---

[1] *Prov.* XXXI, 10.
[2] Plinius lib. 9 in Proœmio.

mente como fóra de si, de uma parte para outra: *Tam parvo semine nasci, quod orbem terrarum ultro citroque portet.* Não advertindo ou não sabendo um homem tão sabio, que o fim para que foi fabricado o primeiro navio, foi para levar todo o mundo dentro em si. E sendo este o maior beneficio que delle recebeu o genero humano, quasi não é menor o segundo, pois estando o mundo dividido, não só em quatro partes, senão em tantas outras, em todas pelo commercio e navegação se póde ter e lograr todo. E se foi, não só licito, mas elegante modo de dizer, que Enêas nas suas galés levára Troya a Italia: *Ilium in Italiam portans;* porque não será egual e maior louvor dos outros vasos nauticos mais capazes, que com o uso das vélas, sem remos, não só levem a Italia a Hespanha, estas duas provincias ás outras da Europa, mas a mesma Europa á mesma Africa, e a mesma Asia e America umas ás outras? Finalmente, conclue o mesmo Plinio, que a mesma natureza em castigo e vingança desta injuria fez que o linho queime a terra onde nasce, e a faça esteril: *Ut sentiamus nolente id fieri natura, urit agrum, deterioremque etiam terram facit.* Enganando-se muito nesta sentença o juizo de tão grande Auctor, pois importa pouco que o linho faça estereis poucas geiras de terra, para fertilisar e fazer fecundas todas as outras do mundo, as quaes por beneficio daquellas arvores, cujas folhas tecidas do linho assopra, e incha o vento, todos os fructos que nascem e crescem só em alguns, dão ellas, e fazem proprios em si mesmas. E assim como a pintura mostra todo o mundo visivel em um pequeno mappa; assim a navegação e commercio, tudo o que nelle ha de bom, util e precioso, não pintado ou fingido, senão verdadeiro, o expõe e offerece venal em uma só praça ou feira. Assim o vemos nas de Amsterdam e Londres, nas de Genova e Veneza, nas de Lisboa e Sevilha, e outros famosos imperios e portos do mar, d'onde elles as penetram e communicam ás cidades e terras interiores, que não tiveram a ventura de ser maritimas.

II

Mas como neste mundo não ha beneficio sem pensão, nem bem tão isento de todo o mal, que não tenha

e padeça seu contrario; estas duas utilidades tão importantes á conservação, opulencia, e ainda á delicia do genero humano, ambas são sujeitas a dois perigos tão grandes como ellas mesmas. A Sagrada Escriptura não os quiz declarar, mas manda-nos que o perguntemos aos que navegam o mar, e que elles o digam: *Qui navigant mare enarrent pericula ejus.* [1] Ella os callou, porque não é necessaria fé para os crêrmos, basta a experiencia dos que cada dia os choram. Chama-lhe porém o Texto sagrado, não perigo, senão perigos: *Enarrent pericula ejus.* E porque? Porque assim como as utilidades são duas, a da navegação, e a do commercio: assim os perigos que sempre a seguem, e de que muitas vezes não escapam, são tambem dois. O perigo da navegação é a furia do mar e das tempestades: o perigo do commercio é a cubiça e violencia dos corsarios, mas tão poderosamente contrarios a uma e outra utilidade, que basta não escapar de qualquer dellas para que se percam ambas. De ambas considerou Santo Agostinho os perigos, quando disse: *Mare procellis turbulentum, ubi homines cupiditactibus perversis, et pravis facti sunt velut pisces se invitem devorantes.* [2]

Comtudo, não só a dôr e experiencia dos proprios damnos, senão tambem a inspiração da Providencia Divina ensinou aos homens outra industria com que anticipar o remedio dos mesmos perigos só no provavel temor e contingencia delles. E para que não dilatemos mais o fim a que se encaminha este largo discurso, o remedio anticipado que digo, é o que em todos os grandes emporios ou praças mercantis se chama casa dos seguros. Contratam alli os interessados dar anticipada e gratuitamente uma parte do mesmo cabedal que têm arriscado, e com esta parte entregue antes, seguram de tal maneira o todo, que ainda que na tempestade faça naufragio o navio, ou rendam e seja preza nas mãos dos corsarios, sempre o cabedal fique tão seguro nas do que o arriscou, como se o conservára em seu poder, e o não fiára das ondas e seus perigos. E atrevi-me a affirmar que foi esta traça inspirada da Providencia Divina; porque mais de dois mil

[1] *Eccl.* XLIII, 26.
[2] August. in Psal. 64.

annos antes que o Oceano indomito soffresse sobre si o pezo das grandes machinas que hoje sustenta, e se deixar romper dos arados nauticos, já este notavel remedio ou reparo de seus perigos estava receitado nas Divinas Lettras.

No Cap. 11.º do Ecclesiastes, diz assim o Espirito Santo: *Mitte panem tuum super aquas, quia post multa tempora invenies illum:* [1] Lançae o vosso pão sobre as aguas, porque depois de muitos tempos o achareis. E quem são estes que lançam o seu pão sobre as aguas? São os mercadores que embarcam a sua fazenda, e a lançam ao mar para depois de muito tempo a recolherem com lucro. Neste sentido disse o mesmo Espirito Santo de uma mulher varonil, como se fôra homem de negocio: *Vidit quia bona est negotiatio ejus*, e por isso, *facta est quasi navis institoris, id est mercatoris, de longe portans panem suum.* [2] Allude aos lavradores que semeiam sobre a terra regadia, e com muita propriedade; porque como estes são lavradores da terra, assim os mercadores são lavradores do mar. E para que se veja que o sentido proprio e natural é do mercador, e não do lavrador: o lavrador não colhe o fructo do que semeia de longe, senão de perto, e da mesma terra que piza com os pés; porém o mercador espera-o de longe: *de longe portans*, como da India, e de outras partes muito remotas; o lavrador recolhe-o dentro em poucos mezes, o mercador depois de muitos tempos, isso é, *post tempora multa*, porque talvez é necessario um anno para ir, e outro para negociar, e o terceiro para vir.

Isto assim assentado: seguem-se immediatamente umas palavras notaveis: *Da partem septem, nec non et octo quia ignoras quid futurum sit mali* [3] Dae parte dos sete, e parte dos oito, porque não sabeis os males que podem succeder de futuro. Todos sabem que o numero de sete na Escriptura significa muitos, e o numero de oito mais ainda. Estas palavras, pois, são tão difficultosas, e se atam tão mal com as antecedentes, que os Interpretes lhes teem dado não só sete e oito, senão dezoito sentidos differentes. O que eu tenho por

[1] *Eccl.* XI, 1,
[2] *Prov.* XXXI, 14 e 18.
[3] *Eccl.* XI, 2.

proprio, natural e verdadeiro, fique ao juizo dos ouvintes. Agora digo que falla aqui o Texto do contracto da asseguração, e do remedio antecipado e prudente, com que dando parte do cabedal que se embarca, e se expõe aos perigos do mar, se segura o todo. O mesmo Texto, e a ordem e consequencia delle, é a prova manifesta. Primeiramente diz o Texto, que lancem a sua fazenda sobre as aguas: *Mitte panem tuum super aquas*, que é o que fazem os mercadores. Logo aconselha que deem parte dessa mesma fazenda, ainda que seja muita: *Da partem septem, nec non et octo.* E porque hei de dar esta parte? Porque os successos futuros do mar são muito duvidosos, e contingentes, e eu ignoro se serão maus: *Quia ignoras, quid futurum sit mali.* E sendo os taes successos duvidosos, e podendo ser maus, é prudencia e conveniencia grande dar parte do cabedal para o não perder todo. Pergunto: que fazem os mareantes quando se vêem nesses perigos? O que fizeram os da nau de Jonas, que lançaram tudo quanto levavam ao mar: *Miserunt vasa, quæ erant in navi, in mare, ut alleviaretur ab eis.* [1] E se no perigo se ha de lançar tudo ao mar, não é muito melhor livrar do mesmo perigo, e salvar e segurar tudo só com dar uma parte: *Da partem septem, nec non et octo?*

III

Isto é o que fazem em nossos tempos os homens, e o que ensinou e aconselhou tanto antes o Espirito Santo. Mas eu venho publicar hoje e apregoar outros seguros muito mais seguros para a mesma navegação, e para o mesmo commercio. E que seguros são estes? Os da protecção de S. Francisco Xavier, os quaes são mais seguros por duas razões. A primeira, porque seguram muito melhor. A segunda, porque seguram muito mais. Ponhamos primeiro os exemplos, e nelles veremos este *melhor*, e este *mais*. Navegando para Coulão, na costa da India, um navio mercantil em conserva de outros maiores; estes por evitar o perigo das correntes e baixios, se engolfam, sustentando-se com

[1] *Joan*, I, 5.

trabalho ao rigor dos ventos, que não só eram contrarios, mas furiosos; e não se atrevendo o píloto a se empenhar tanto com o seu, por menos possante, se recolheu ao abrigo de uma enseada. Era o capitão ou mestre juntamente o mercador, e considerando que as monções estavam no fim, e que naquelle tempo se fechavam os portos, com que seria obrigado a invernar alli com perda não só da viagem, senão das mesmas mercadorias; no meio desta afflicção fez voto a S. Francisco Xavier, de umas cortinas de téla para o seu altar, se lhe désse o successo que só do céu se podia esperar. Em o mesmo ponto cumpriu Deus pelo seu Apostolo, o que tinha promettido pelo propheta Isaias: *Invocabis, et Dominus exaudiet, clamabis, et dicet, ecce adsum.* [1] Porque mal tinha o mercador acabado de pronunciar o voto, quando Xavier, como se disséra aqui estou, juntamente applacou as ondas do mar, e mandou ao vento que assoprasse em pôpa, com o qual correndo sempre a costa (o que ainda em tempos bonançosos se não faz sem perigo) tomou o pequeno e venturoso navio o porto de Coulão, que muitos dos outros maiores não poderam ferrar, e foram derrotados a outras partes. Era portuguez o que alcançou este favor do Santo: e filho da terra o que com maiores circumstancias experimentou o que agora se segue. Sahira contra costa da mesma India, em demanda de Cochim, em um champão, que é embarcação pequena, em companhia tambem de outras mais possantes, as quaes venceram com difficuldade o Cabo de Comorim, que ella não pôde dobrar. Deu fundo defronte da povoação de Cotatá, em que S. Francisco Xavier tem uma Igreja, não só celebre por milagrosa entre os christãos, mas mui venerada dos mesmos gentios; e pondo os olhos nella o desconsolado mercante, por ser singular naquella desgraça, votou á mesma Igreja uma offerta, que a historia chama não pequena (posto que o era em respeito de toda a carga) deliberado porém a descarregar o champão no dia seguinte (que era já o terceiro depois da arribada) e pôr as mercadorias em terra, onde aguardasse a invernada com mais segurança. Mas que faria o divino assegurador, tendo já recebida ou aceita em promessa a parte do cabedal? Apparece aquella

[1] *Isai.*, LVIII, 9.

mesma noite em sonhos ao que não esperava tão breve remedio. Manda-lhe que não descarregue o navio, porque dentro em tres dias se amainariam os mares, e mudariam os ventos. E assim se cumpriu. Ao amanhecer do quarto dia largou o champão todas as vélas, montou sem difficuldade o Cabo, e achando que as naus da sua companhia, que eram sete, tambem tinham arribado todas, entrou felizmente com ellas no desejado porto de Cochim.

Agora sobre estes dois exemplos, vejamos se affirmei eu com verdade, que S. Francisco Xavier é melhor assegurador, e que assegura mais. Os dois mercadores, ambos cumpriram a condição do contracto, porque deram anticipadamente a parte do cabedal. Mas Xavier excedeu muito as condições delle. Porque os outros asseguradores só se obrigam a repôr e inteirar o cabedal perdido; mas de nenhum modo asseguram a navegação, nem o commercio. A navegação não; porque não se obrigam a que o navio chegue ao porto destinado. E o commercio tambem não; porque tambem se não obrigam a introduzir as mercadorias onde os avanços a que ellas vão encaminhadas se podem lucrar: como faz e fez Xavier amansando os mares, e mudando os ventos, contra o curso natural da monção, e mettendo um dos navios em Coulão, e outro em Cochim, onde era sua direita descarga, e sustentando as portas de um e outro porto abertas, quando segundo as regras do tempo poderam estar fechadas. Isto é o mais que assegura Xavier. E o em que se mostra melhor assegurador é, que os outros asseguradores podem quebrar, como muitas vezes acontece, perdendo os que delles se fiaram, não só todo o cabedal arriscado, senão tambem a parte com que quizeram segurar o risco. O que não tem logar, nem se póde temer do nosso novo assegurador, porque os seus thesouros estão situados no banco da Omnipotencia Divina, com que por mais e maiores que sejam os seguros, nunca poderão quebrar nem faltar, pois têm por fiador a Deus: *Dives in omnes, qui invocant illum.* [1]

[1] *Epist. Ad Rom.*, x, 12.

IV

Mas destes mesmos exemplos parece que resulta uma opinião ou escrupulo menos nobre contra a soberania do seu auctor. Porque ambos os homens, que na sua necessidade foram soccorridos de Xavier, não experimentaram o seu favor antes, senão depois que cada um delles lhe fez a sua offerta: logo parece que o Santo não obra fina e liberalmente, senão tambem com seu empenho, ou resabio de interesseiro. Quem isto imaginar, é porque não sabe a differença que ha entre as promessas que se fazem aos homens, e os votos que se fazem a Deus e a seus Santos. O voto, como define Santo Thomaz, é um acto de latria e religião, com que promettemos alguma coisa a Deus, ou immediatamente a elle, ou por meio dos seus servos, que com elle têm valia. [1] E posto que no cumprimento do que pedimos ha grandes interesses, Deus e os Santos não são os interesseiros, nós somos os interessados. E' conclusão expressa do mesmo Santo Thomaz: *Promissio, qua Deo aliquid vovemus, non cedit in ejus utilitatem, sed ad utilitatem nostram.* [2] E como a utilidade dos votos e offertas que fazemos a Deus e aos Santos, não é sua, senão nossa, nós somos os interessados, e não elles os interesseiros. Como Deus é Senhor de tudo, e os Santos teem tudo no mesmo Deus, tanto necessitam elles das nossas offertas, como o mesmo Deus dos nossos bens: *Deus meus es tu, quoniam bonorum meorum non eges.* [3] Cuidaes quando me offereceis os vossos sacrificios, que me daes alguma coisa? Enganaes-vos, diz Deus: *Nunquid manducabo carnes taurorum aut sanguinem hircorum potabo?* [4] Por ventura dessas mesmas rezes como eu a carne, ou bebo o sangue? Até Seneca sendo gentio, e fallando dos deuses falsos, teve delles este honrado e desinteressado conceito: *Dii quodcumque faciunt in eo, ni-*

---

[1] D. Thomaz q. 88, art. 5.
[2] Ibid., art. 4, in corpore.
[3] *Psal.*, XV, 2.
[4] *Ibid.*, XLIX, 13.

hil præter ipsam rationem faciendi sequuntur, nisi forte existimas illos fructum operum suorum exfumo extostum, et thuris odore percipere. [1] Os deuses, diz o grande philosopho, todo o bem que nos fazem é de mera bondade e liberalidade sua, e de graça, sem interesse algum, salvo se ha ignorante que imagine teem elles por fructo e premio dos seus favores o fructo dos sacrificios, e o vapor ou cheiro do incenso.

E se Deus nenhum interesse recebe do que lhe offerecemos e damos nos votos; porque os recommenda tanto na sua lei, e em todas as Escripturas? Por isso mesmo. Porque são interesses nossos, e não seus. Tudo o que offerecemos e damos a Deus, elle nol-o deu primeiro: *Quid autem habes quod non accepisti?* diz o apostolo S. Paulo. [2] E quando nós damos a Deus o que Deus nos tinha dado, não é para Deus o tomar e se ficar com elle, mas para nol-o tornar a dar. Ouvi um circulo admiravel deste contracto reciproco. Diz Salomão: *Omnia flumina intrant in mare, et mare non redundat.* [3] Todos os rios entram no mar, e o mar não cresce. E porque não cresce o mar, sendo os rios tantos, e tão caudalosos, e entrando nelle de dia e de noite? O mesmo Salomão o diz: *Ad locum unde exeunt revertuntur, ut iterum fluant:* [4] Porque tornam os rios ao principio d'onde sahiram, para tornar a correr. Tudo isto, que parte vemos, parte não vemos, consiste em um movimento circular e perpetuo, com que o mar dá a agua á terra, a terra torna a dar a agua ao mar, e o mar outra vez a torna a dar á terra. E por isso a terra é a que se rega, veste e enriquece, e o mar não cresce, nem tem augmento. Quem é este mar immenso, senão Deus? Tudo o que recebe sahiu delle, e não o recebe para o reter em si, senão para o tornar a dar. Excellentemente Santo Agostinho fallando dos votos: *Benignus exactor est, et non egenus, et qui non crescit ex redditis sed in se facit crescere redditores.* [5] Deus e os Santos são muito benignos, e muito ricos, e como não hão mister o que nós lhe offerecemos, nem

---

[1] Senec. lib. de Benef. Cap. 25.
[2] *1.ª ad Corinth.*, IV, 7.
[3] *Eccl.*, I, 7.
[4] *Ibid.*
[5] August. Epist. 45 ad Armentarium.

podem crescer em si, todos os augmentos querem para os que lh'os offerecerem, e por isso todos os interesses deste commercio são nossos, e nada seu.

O primeiro homem que fez voto neste mundo, e o maior mercador delle foi Jacob, mercador e pae dos mais industriosos mercadores. Foi tão grande mercador, que sem outro cabedal mais que uma escudela de lentilhas, porque as não quiz dar, senão vender a seu irmão, grangeou com ellas uma herdade maior que a de Adão, e melhor que ella. E que fez este grande mercador com o seu voto: *Votum vovit Domino?* Com as suas mesmas palavras fallando com Deus, o refere a Historia Sagrada: *Cunctorum, quæ dederis mihi, decimas offeram tibi:* [1] De todas as coisas que me derdes, Senhor, vos offerecerei a decima parte. Ha tal offerecimento! Ha tal voto! Ha tal contracto! Pasmo de não pasmarem aqui todos os Interpretes. De maneira que Jacob era um peregrino pobre, com um bordão na mão, e neste contracto com Deus, elle não havia de entrar com coisa alguma, Deus havia de entrar com dez partes, e destas dez partes as nove haviam de ser para Jacob, e uma para Deus? Ora só com Deus se póde negociar! Bem o entendeu assim David. Diz a Escriptura, que David fez voto ao Deus de Jacob: *Votum vovit Deo Jacob.* [2] E porque não diz que fez voto a Deus absolutamente, ou a Deus todo poderoso, ou ao Deus do céu e da terra, senão nomeadamente ao Deus de Jacob? Porque no voto de Jacob mostrou Deus quão pouco interesseiro é, e quão interessados ficam os que fazem votos. Se Jacob não fôra tão pouco escrupuloso que enganou a seu pae, podéra elle fazer escrupulo neste seu voto de dar mostras de que queria enganar a Deus. E como todos conhecem quão pontual imitador do mesmo Deus de Jacob é o generoso espirito de S. Francisco Xavier, basta esta demonstração, em quanto assegurador, para o ter defendido do escrupulo de interesseiro, pois os que lhe fizeram o voto, e pagaram o seguro, ficaram tão interessados.

---

[1] *Gen.* XXVIII, 22.
[2] *Psal.* CXXXI, 2.

V

Mas agora quero que se saiba com outros dois exemplos, que não faz menos S. Francisco Xavier pelos votos, que pelos devotos. Estando para partir de Malaca uma frota, disse-lhe um seu amigo e devoto que tinha embarcado o seu cabedal em tal navio. Respondeu-lhe o Santo: Não quizera que em tal navio o tivesseis embarcado. Reconheceu o homem o mysterio que tinham estas palavras, e porque não era já tempo de mudar a carga, resolveu de se embarcar em outro navio, para que ao menos se em um se perdesse a fazenda, no outro se salvasse a pessoa. Deu conta desta mudança a Xavier: e que lhe responderia elle? Não quero que percaes a fazenda, nem arrisqueis a pessoa, embarcae-vos no mesmo navio, e com tal advertencia, que se na viagem houver perigo de alijar a fazenda ao mar, o não consintaes. Partiram, e navegando pelo alto, subitamente se viram encalhados em uma restinga de arêa. Alija, gritaram todos; porém o devoto de Xavier de nenhum modo o consentiu na parte que lhe tocava, allegando o seguro que levava das palavras do Santo, com que os mais tambem se confirmaram pela fé que nellas tinham. Estando todos assim suspensos, só o navio se não movia, até que levantando-se uns grandes mares o suspenderam tambem, nadou, proseguiu a sua viagem, e chegou a salvamento, não seguro pelo interesse do voto, mas pelos interesses do devoto.

Isto ficando Xavier em terra; mas embarcado elle tambem. Eram tres naus as que de Gôa navegavam a Malaca, e a sua mais carregada, e menos obediente ao leme. Tendo caminhado alguns dias com prospero vento, este se trocou em uma tão terrivel tempestade, que á vista da de Xavier, sem lhes valer alguma diligencia ou remedio da arte, comeu as outras duas o mar. Este triste espectaculo accrescentou o temor. Faltavam poucas horas de sol para sobrevir a noite, que por si é nova tempestade, quando o capitão, marinheiros e mercadores, todos de commum accordo, trataram de prevenir o maior perigo com alijar a carga. Já pois que os outros perderam os navios, as fazendas, as vidas, salvemos nós ao menos esta. E já se abriam as escotilhas, e as mãos se applicavam á obra, quando

Xavier a impediu, promettendo e assegurando a todos, que aquelle trabalho não duraria muito. Instavam comtudo os experimentados, sendo necessaria muita fé para egualar o perigo. Mas acudindo o mesmo Deus pela palavra de seu servo, e serenando-se brevemente o mar e vento, reconheceram os companheiros quanta ventura fôra a sua em o levarem comsigo. E sem voto nem outro seguro poz o divino assegurador em terra os homens vivos, o navio inteiro, e as mercadorias sem damno.

VI

Só falta para cumprimento do nosso assumpto, depois de tantas navegações tão felizmente asseguradas, o seguro dos corsarios. Em vida de S. Francisco Xavier, como os portuguezes eram os senhores daquelles mares, havia pouca occasião e pouca necessidade deste seguro; mas depois que a heresia e pirataria do norte os infestou, assim como foram muitos os casos em que os navios catholicos se viram em perigo; assim foram varios os milagres com que o Santo assegurador os livrou. Referirei um só. Navegavam de Gôa a Macau, para passar a Manila, seis missionarios da Companhia, em uma galeota, quando ao pôr do sol se viram seguir de uma fragata hollandeza. Encommendaram-se primeiro que tudo a S. Francisco Xavier, tão sollicito protector daquella gloriosa missão, como de todas; e logo ajuntando aos meios divinos os humanos, lançaram ao mar todas as coisas de pezo que podiam aligeirar a galeota, até o mesmo fogão. Dava a lua bastante luz a se medirem as distancias, com que reconheceram que o pirata velejava com tanta vantagem, que brevemente seriam alcançados, quando a nau inimiga subitamente amainou todas as vélas, entendendo os hollandezes que tinham tocado em algum penhasco occulto, pelas pancadas com que sentiam bater a quilha e costados visinhos. E posto que com o plumo não achavam fundo, a repetição dos mesmos golpes lhe fazia crêr que seria alguma ponta ou agulha de pedra sobre aguada, que só subia a tanta altura, quanta era a que demandava ou pescava o buco da nau. Emquanto ella se deteve nestas diligencias, teve tempo a galeota para desapparecer, e se pôr em cobro. E foi o caso que

o fogão que tinham lançado ao mar, não sendo tão pezado que fosse ao fundo, nem tão leve que se sustentasse em cima da agua, por baixo della foi levado a se encontrar com a quilha e costado inferiores da nau, e com a bateria que lhe dava a obrigou a amainar, e parar, e tratar mais da propria salvação, que da preza que seguia, passando-se o medo e apprehensão do perigo aos mesmos que o causavam.

Assim livrou Xavier os seus missionarios, zombando e enganando os hollandezes. E assim livrou Deus os Magos, que foram os primeiros missionarios do Oriente, zombando e enganando a Herodes: *Videns quoniam illusus esset à Magis.* [1] Aqui nota gravemente S. João Chrysostomo, que não é acção menos digna da Divindade enganar os inimigos, que destruil-os: *Est autem Divinitatis dignum, non modo conterere inimicos, verum etiam omni illos facilitate decipere.* [2] Podéra Deus derrubar do throno Herodes, podéra Xavier metter no fundo o corsario: mas assim como Deus teve por acção mais digna de sua divindade, enganar e zombar de um; assim Xavier por mais digno da sua humanidade, enganar e zombar do outro; e ser por meio do fogão, foi maior graça da zombaria. Perguntou Deus uma vez a Jeremias, que via? Respondeu que via uma panella acceza: *Ollam succensam ego video.* [3] E esta panella acceza d'onde veiu? Respondeu que do Norte: *A facie Aquilonis.* Então lhe disse Deus: Bem viste, e bem dizes: porque do Norte ha de vir todo o mal: *Ab aquilone pandetur omne malum.* [4] Esta prophecia significava muitas em diversos tempos; então significava os exercitos de Babylonia, que haviam de vir contra Jérusalem, em respeito da qual Babylonia é aquilonar. Depois significava, como diz Santo Agostinho, que do Norte haviam de sahir todas as heresias: *Prout hodie eos in Germania, Anglia, Scotia, aliisque aquilonaribus regionibus grassari constat.* Diz Cornelio á Lapide, auctor tambem do mesmo Septentrião. E nós que diremos? Que do mesmo Norte, como mostrou a experiencia em nossos dias, havia de sahir o fogo que abrazasse a India. E

---

[1] *Math.*, II, 16.
[2] Chrisost., in secunda Math. Homil.
[3] *Jer.*, I,13.
[4] *Ibid.*, 14.

porque o corsario neste caso era parte da *olla succensa*, com galante energia o enganou, e zombou delle Xavier, como se dissera: Já que vós sois a panella acceza, eu vos lançarei agua na fervura com o fogão apagado.

VII

Já vimos com um pé no mar como Xavier é fiel assegurador da navegação e commercio maritimo. Vejamos agora brevemente com outro pé em terra, como não são menos certos e infalliveis nella os seus seguros. Em terra tambem ha naufragios e piratas, e estes tanto peores, que no mar póde-se fugir delles, e na terra não. Bem o experimentam os negociantes, que muitas vezes perdem em terra quanto grangearam no mar. Um destes rico, e que o sabia ser, chamado Pedro Velho, era muito particular devoto de S. Francisco Xavier na India, o qual se valia do seu cabedal e liberalidade para sustento de muitas almas, que por falta do temporal perdem a graça de Deus. Neste risco estava uma donzella que o Santo queria casar. E indo pedir o dote ao mesmo mercador, como o achasse jogando as tabolas em casa de um amigo, disse-lhe: Não vem vossa Reverencia a bom tempo pedir-me o dinheiro proprio, quando eu estou trabalhando para ganhar o alheio. Respondeu o Santo, como assegurador, palavras formaes: Sempre é tempo de fazer bem; e só nesta sorte de jogo não póde faltar dinheiro, onde elle se não arrisca com os homens, mas assegura com Deus. Tornou o que jogava com a mesma graça: Ora, Padre, não nos divirta mais, eis ahi a chave da caixa, vá a minha casa, e tome o que quizer. Foi o Santo, tomou trezentos cruzados, que era o preço do dote, tornou a entregar a chave, e declarando o que tomára: Affrontaes-me, padre, disse Pedro Velho, pondo-lhe os olhos muito de sizo: nessa caixa estavam trinta mil taês (valem mais que cruzados), e quando vos eu dou a chave, a minha tenção é partir pelo meio, e não haveis de tomar menos de quinze mil. Festejaram os circumstantes o dito como bizarria e jactancia. Porém Xavier, que lhe viu o coração tão largo como as palavras, acceitando-as por parte de Deus, logo alli lhe prometteu, em principio de paga, que por aquella boa vontade, jámais lhe falta-

ria a Providencia Divina em todo o necessario á vida temporal, e que vivesse contente, porque para se fazer prestes para a eterna, Deus lhe revelaria a hora da morte.

Ouvido este oraculo, provou logo o que havia, com o que começou a ser. Porque Pedro Velho d'alli por diante foi outro homem na conta com a propria consciencia, na frequencia dos Sacramentos, na misericordia com os necessitados, e no exemplo de uma vida verdadeiramente christã. Nem acabou brevemente, antes viveu depois por muitos annos em Macau, sempre mui abastado, rico, e bemquisto de todos: aonde no fim de uma ditosa e bem lograda velhice, quando já ninguem se lembrava senão elle da promettida revelação da morte, a teve, estando são e bem disposto. Primeiramente, repartiu pelos pobres toda sua fazenda, depois se despediu dos amigos, o que muitos tinham por graça, outros por delirio da velhice, e tendo-se confessado muito de vagar, e recebido devotamente a santissima Communhão, se compoz em um esquife, para que lhe fizessem os officios de defunto, concorrendo toda a cidade a vêr o fim de coisa tão nova; cantou-se o Officio e a Missa, a qual acabada, veiu o sacerdote ao esquife onde jazia o vivo, e dito o Responso, e lançada a agua benta, com a ultima clausula do *requiescat in pace*, descançou em paz Pedro Velho.

Diz a historia, que a esmola deste venturoso mercador fez na India muitos esmoleres: e eu creio que dos que ouvirem o caso, terá ella mais invejosos, que imitadores. Por remate do meu assumpto, para que se veja quão pontual assegurador é S. Francisco Xavier, deixada a differença das moedas, só ponderarei a conformidade e correspondencia dos numeros. O que havia na caixa do mercador, eram trinta mil taês; o que tomou della Xavier para a esmola, foram trezentos cruzados, que vem a ser pontualmente um por cento. Agora infiro assim; Xavier dá um por cento, Deus dá cento por um; logo dando Xavier um por cento, nos trezentos segurou os trinta mil; porque quem dá um por cento a quem paga cento por um, nos trezentos que dá, segura os trinta mil que recebe. Assim segurou Xavier ao mercador todo o cabedal que tinha na pequena parte que delle tirou, usando tão fielmente da chave que elle lhe metteu na mão, que com o que abriu para a esmola, lhe segurou o ser rico para toda a vida, e não só a felicidade temporal para a que acaba, senão a eterna para a que ha de durar sem fim.

SERMÃO SETIMO

DOIDICES

Posuit pedem suum dextrum super mare, sinistrum autem super terram. [1]

I

O assumpto que hoje trago para prégar, não só parecerá impropr.o, e alheio deste tempo e deste logar, nem só atrevido e temerario, mas quasi impio. A menor censura que se póde temer lhe darão os doutos e os devotos, é de ser injurioso e affrontoso ao mesmo Santo, que louvamos todos estes dias, e cujas acções não só foram sempre dignas de louvor, mas gloriosas e admiraveis. E que monstro será este de tão feia carranca, e tão medonha e horrenda caladura? Não me hei de deter em o declarar: e só peço ao pio auditorio, que muitas vezes se apressa e adianta a julgar, me conceda ao presente discurso, não condemnar antes de ouvir, que é a justiça que S. Jeronymo pedia para os seus escriptos: *Legant prius, et postea despiciant.*

Debaixo desta breve prefação, o assumpto que hoje hei de prégar, são as doidices de S. Francisco Xavier. E para que os escrupulos, que espero se hão de converter em panegyricos, entretanto tenham mão em si, supponho brevemente, que assim como ha doidices que arguem falta no juizo, assim ha doidices que o qualificam e acreditam; assim como ha doidices vãs, assim ha doidices santas. Texto expresso de David: *Qui non respexit in vanitates et insanias falsas.* [2] Falla de um

---

[1] *Apoc.*, x.
[2] *Psal.* xxxix, 5.

homem sabio e sizudo, que toda a sua esperança poz em Deus, e diz que se não deixou enganar das vaidades e doidices falsas. Logo ha doidices falsas, e doidices verdadeiras? Assim é. E quaes são as verdadeiras, e quaes as falsas? As falsas, são as dos doidos que seguem a vaidade: *Vanitates, et insanias falsas:* as verdadeiras, são as dos doidos que seguem o contrario da mesma vaidade, que é a verdade. Mas se seguem a verdade, porque são doidos? Porque toda a doidice se oppõe ao uso da razão differentemente. Os excessos dos maus obram contra a razão, e por isso são viciosos e vãos: os excessos dos Santos obram sobre a razão, e por isso são solidos e verdadeiros. Uns e outros doidos nesta grande casa de loucos, que é o mundo, têm o seu hospital separado: o dos Santos está nos arrabaldes do céu, para onde sobem; o dos maus nos arrabaldes do inferno, aonde se precipitam: uns e outros andam fóra de si como doidos: os maus fóra de si, porque se buscam; os Santos fóra de si, porque se deixam. Este é aquelle extremo que S. Gregorio julgou por tão difficultoso: *Valde laboriosum est relinquere semetipsum.* E porque os extremos que fazem os maus pela vaidade, e os Santos pela verdade, excedem tanto o uso commum da vida humana, seguindo cada louco, como dizem, a sua teima; por isso neste mundo se não acabam de conhecer quaes são os doidos propriamente doidos, e os doidos verdadeiramente sizudos. E onde se conhecerão sem engano uns e os outros? Ou no céu, ou no inferno, aonde a doidice de cada um os leva. Assim o confessavam no mesmo inferno (como refere a Escriptura Sagrada no Capitulo da Sapiencia) aquelles que depois que lá se viram sem remedio, diziam assim: *Nos insensati vitam illorum æstimabamus insaniam:* [1] Nós que tão cegamente nos deixamos levar do furor de nossos appetites, tinhamos por doidos os que faziam o contrario, e agora vemos que os doidos eramos nós, e elles os sizudos: nós os doidos, porque nos achamos padecendo no inferno entre os condemnados: *Nos insensati;* e elles os sizudos, porque estão no céu gozando de Deus entre os Santos: *Et inter Sanctos sors illorum est.* [2]

---

[1] *Sapient.*, v, 4.
[2] *Ibid.*, 5.

Esta supposição das doidices sizudas, é tão propria do espirito de Santo Ignacio, e do Instituto da Companhia, que reduzindo as nossas Regras toda a perfeição religiosa a um só principio, e a um só documento, ou verdadeiramente, ao ponto mais alto da mesma perfeição; que dizem? Dizem que de tal maneira devemos aborrecer tudo o que o mundo ama e préza, e imitar tudo o que Christo Jesus Senhor nosso amou e abraçou, que estimemos muito, e tenhamos por grande mercê sua padecer por seu amôr injurias, affrontas, falsos testemunhos, desprezos, até ser julgados por doidos. Esta é a doutrina de Santo Ignacio, confirmada com os exemplos dos maiores Santos. E este foi o primeiro fructo verde, duro, e propriamente pedrado que S. Francisco Xavier, como primogenito do mesmo Instituto, colheu na India de seu ardente espirito, e apostolicas acções; as quaes por extraordinarias e admiraveis, em logar de ser veneradas e celebradas, como depois foram no mundo, pela fraqueza dos olhos que as viam, e juizos sem juizo que as avaliavam, eram chamadas doidices de um clerigo santo. Eis aqui o conceito que faziam de Xavier os entendimentos de meia luz; com ametade julgavam que era doido, e com a outra ametade santo. E estas são as santas doidices que agora havemos de vêr. Ponhamos primeiro o pé em terra, e depois o poremos no mar.

II

Clerigo chamavam sómente a Xavier. E sabendo-se em Gôa que aquelle homem sobre o caracter de clerigo, tinha o de Nuncio Apostolico enviado pelo Summo Pontifice, esperava o mundo que quando apparecesse em publico, fosse com tal apparato, que representasse a grandeza da suprema magestade que o enviava. Mas quando o viram pelas ruas em corpo, sem capa ou manteo, que nunca poz aos hombros, vestido com uma roupeta tão pobre, com os pés muitas vezes descalços, e chamando com uma campainha a vozes altas os escravos e escravas, e fallando-lhes em uma linguagem meio reinol, e meio indiana, verdadeiramente ridicula, julgaram que ou a primeira vez que passou a Linha com as calmas de Guiné, ou a segunda, em que

a tornou a passar, com os novos e excessivos calores da India lhe refervêra o juizo, e que podendo a doidice dar em outra coisa menos pia, tomára a continua de sahir pelas ruas a fazer aquellas doutrinas em modo tão desauctorisado, e tão alheio de tão grande pessoa. Porém quando viram que os meninos da mesma doutrina com as contas do clerigo, que tão pouca fazia da sua auctoridade, ou com a cruz que trazia ao peito lançavam os demonios dos corpos, e curavam as febres e as outras doenças de christãos e gentios, mudavam o conceito, e diziam: Elle parecerá doido, mas é santo.

Não passou porém muito tempo, que não désse maior prova Xavier ao segundo conceito, e maior occasião ao primeiro. Tendo convertido á nossa Santa Fé grande parte do reino de Travancor, entraram por essa parte subitamente com poderoso e furioso exercito os Badagás, gente barbara por natureza, féra e cruel por costume, e por trato e por exercicio da mesma vida, a qual sustentam de saltear, roubar e matar. Achavam-se os christãos sem armas para resistir, sem tempo nem logar para se pôr em salvo: não se via nos homens, como acontece nos casos repentinos, mais que perturbação e confusão, nas mulheres e creanças lagrimas, prantos, alaridos, lastimas: ouvindo-se por cima de tudo isto, e atroando os ares a gritaria dos barbaros com ameaça de morte, e assolação geral a ferro e fogo. Senão quando entre este primeiro fuzilar da furiosa tempestade apparece Xavier: mette-se só entre uns e outros: e com que soccorro, com que armas, com que embaixada, ou com que partidos? Não pede, não roga, não chora, não se lança por terra, não offerece as fazendas por resgate das vidas; nem pelo incendio das casas, tudo o que houver dentro nellas; mas com animo, com rosto, com semblante, com dominio de vencedor e senhor, trata-os de barbaros, de crueis, de tyrannos, manda-lhes imperiosamente que parem, ameaça-os com raios do céu se dão um passo mais adiante. Pois, meu Santo, (que até eu podéra agora usar do outro nome) não vêdes que esse modo não é de abrandar, nem de persuadir, senão de endurecer, de exasperar, de accender, e fazer que esses barbaros sejam mais barbaros, esses tyrannos mais inimigos, esses lobos mais raivosos, e essas feras mais feras? Não vêdes que se vos matam a vós (para que basta uma das suas settas) e depois as decarregarem sobre os que quereis de-

fender, a morte delles será lastimosa, e a vossa quando menos terá nome de temeraria? Não vêdes que dirão do vosso zelo, e demasiados fervores? Ia a dizer o que elles dizem, mas já não posso, porque a tragedia tão horrenda mudou subitamente a scena. Já as trombetas ou buzinas dos barbaros, tocam, não a fazer alto, senão a fugir desatadamente, como se viram diante de si, não um homem desarmado, mas muitos, e mais poderosos exercitos: como se Xavier (diz a Historia) ferira com os olhos, e derrubára com as palavras, assim perderam os inimigos em o vendo e ouvindo, a braveza, a furia, as côres, as forças, e desarmando as settas, que já traziam embebidas nos arcos, voltaram as costas, e se puzeram em fugida. E que fez então Xavier? Não se recolheu triumphando entre applausos e acclamações, mas com os joelhos em terra, e os olhos no céu deu as graças a Deus, assim como de joelhos lhe tinha pedido o esforço para aquella empreza, a qual acabou como santo, sendo que quando a começou, pareceu doido.

Mas ainda temos outra maior doidice, e no juizo humano mais rematada. Quando David fugiu da ira de Saül, seu rei e seu sogro, e por quem tantas vezes tinha arriscado a vida, passou-se para as terras dos philisteus, jurados inimigos da sua nação, valendo-se da sombra d'el-rei de Geth, chamado Achis. Mas como visse que tambem alli era conhecido, e por matador do gigante Goliath assim mesmo philisteu, temendo que quizessem vingar nelle a sua morte, fingiu-se doido. A tanto obriga a sem-razão, o odio, a tyrannia, ou, para o dizer por termos mais claros, o crime de ser um homem maior que os outros. E qual seria a doidice de que usou David? Estando as portas fechadas, intentava entrar por ellas, e cahia: *Collabebatur inter manus eorum, et impingebat in ostia portæ.* [1] Este é o estado em que vêmos a Xavier. O maior imperio que então havia no mundo, e ainda hoje ha, é o da China; e posto que naquelle tempo tinha fechadas as portas com tal severidade, cautela e vigilancia, que nenhum estrangeiro podia entrar lá, sob pena de morte, lei inviolavelmente guardada; desejoso comtudo o ardentissimo zelo de Xavier de introduzir na China a Fé de

[1] *1.º Livr. dos Reis*, XXI, 13.

Christo, se resolveu a intentar e procurar efficazmente por qualquer meio a entrada, a qual quando não conseguisse, ainda perdendo a vida, merecia quando menos a immensa ousadia por epitaphio: *Quam si non tenuit, magnis tamen excidit ausis.*

Consta o Imperio da China de quinze provincias, maiores que grandes reinos, nas quaes é obedecido de cento e dezoito milhões de vassallos, não contando tantos em toda a Europa os seus reis. E por isso chamei immensa a ousadia, com que o insaciavel espirito de Xavier apprehendeu e emprehendeu a conquista de tão innumeraveis almas. Os desenhos do seu pensamento era entrar disfarçado, a titulo de criado de um embaixador portuguez, aventurando-se ao perigo ou esperança do successo com a mesma condicional de Sinon Grego em Troya: *Seu versare dolos, seu certæ occumbere morti:* Ou lograr o santo engano introduzindo a Fé, ou morrer gloriosamente por ella, que parecia o mais certo. E Deus, a quem não podia deixar de agradar muito a fineza, que fez? Concedeu-lhe ambas. Concedeu-lhe que morresse, como acabou a vida em Sancham, nas portas da mesma China: e concedeu-lhe que por meio e merecimento da sua morte entrassem nella seus companheiros, como elle lhes tinha promettido, ou prophetizado. A porta do castello de Lisboa chama-se a porta do Moniz, em memoria de um cavalleiro do mesmo appellido, o qual, concorrendo muitos mouros para a cerrar, dando e recebendo feridas, se deixou cahir morto nella, com tal accordo, que por cima delle entraram os christãos, e se fizeram senhores do castello. Tal Xavier cahindo morto ás portas da China que batia: *Collabebatur inter eos, et impingebat in ostia portæ.* E taes os soldados da Companhia, e seus, que o seguiram, e seguem; sendo tão poderosa a força da sua morte, que não póde contra ella sustentar fechadas as portas a mesma China, entrada, e presidiada delles muito a seu pesar no principio, e muito a seu prazer no progresso. E se nos lembrarmos da comparação do atrevido e disfarçado grego, sendo cada navio que hoje chega de Portugal á China, um cavallo de madeira, como o troyano, fornecido de valorosos soldados; delle se póde dizer, pois Xavier assim o tinha machinado: *Scandit fatalis machina muros.*

Mas deixadas todas estas comparações como deseguaes, e quasi affrontosas a tão heroica façanha, é

certo que quiz Christo honrar a morte de Xavier com a similhança da sua, sendo o mesmo em ambas o morrer e abrir; pois Christo morrendo abriu as portas do céu, e Xavier morrendo as portas da China, umas e outras até então fechadas a todos. No intento similhante a ousadia de Xavier á loucura do filho do sol; e no effeito similhante a sua virtude ao merecimento do Filho de Deus.

III

Passando da terra ao mar, quem não terá por doidice o que agora direi? Sabendo Xavier que se embarcava em uma armada o mais escandaloso soldado que havia em toda a India, sem ter necessidade, ou occasião alguma de ir nella, se embarcou tambem, escolhendo o mesmo navio, e convidando-se para serem camaradas, como verdadeiramente foram. Com elle comia, com elle conversava, com elle passava grande parte do dia, e os quartos da noite, em fim camaradas do mar, onde não ha outras praças nem outras ruas, que não obriguem a estar quasi sempre juntos. E o que não faria um leigo honrado e de bons procedimentos, que o fizesse um Religioso e Prelado da sua Religião, e sobretudo Nuncio Apostolico! Não ha duvida que quem o não conhecesse por santo, sem temeridade o teria por doido. Com muito menor occasião indo embarcado com elle em uma galeota um D. Diogo de Noronha, disse aos outros soldados: Este clerigo parece como nós, e não tão santo como dizem. Saltando em terra mandou-o espreitar por um criado, o qual seguindo-lhe os passos ao longe, o viu entrar em um bosque, e chegando ficou tão assombrado do que via, que chamou outros para que tambem o vissem; e viram todos que o Santo estava elevado e arrebatado em Deus, levando a alma apoz si o corpo extatico e suspenso no ar, e sem uso dos sentidos, com que não dava fé da traição com que o estavam espreitando. Os que entendem pouco de espirito, não sabem que os grandes Santos, quando tratam com os homens, nem por isso se divertem de Deus, e o perdem de vista. Assim disse Deus a Abrahão: [1] *Ambula coram me, et esto perfectus.* E S. Paulo dizia de si: *In carne ambu-*

[1] *Gen.*, XVII, 1.

lantes, nostra autem conversatio in cœlis est. [1] Com aquelle testemunho e relação de tantos ficou desenganado do seu conceito o fidalgo da galeota; e os do outro navio muito mais certificados da propria experiencia, e do que quasi não podiam crêr vendo-o com os olhos: porque o soldado com a conversação e trato do seu camarada, não só se mudou, mas converteu de tal sorte, que deixando as armas e as armadas, a liberdade e liberdades da vida, se vestiu de um habito religioso aonde perseverou até á morte, e acabou santamente, como tambem Xavier a sua viagem, pondo-se logo em terra, porque tinha conseguido o fim para que se embarcára.

Outro clerigo (já que assim chamam a Xavier) se portaria com outro trato de maior isenção e gravidade, e seria reputado por muito sisudo: mas com que fructo? Uma vez foi Christo Senhor nosso a uma figueira, não só com desejo, mas com fome de achar nella fructo; e porque não achou mais que folhas lançou-lhe por maldição que nunca mais o tivesse. Outra vez passando por uma estrada, viu que estava subido em outra figueira um homem chamado Zacheu, principe dos publicanos, o qual naquelle mesmo dia se converteu com toda sua casa, e lhe chama Santo Ambrosio elegantemente novo fructo da Lei nova: *Zacchæus in sycomoro novum novi temporis pomum.* Agora pergunto: qual destas duas figueiras agradaria mais a Christo? Não ha duvida que esta segunda, não só mais, senão só ella, porque só nella achou fructo, e não na outra. Pois saiba tambem agora todo o mundo, que esta segunda se chamava *ficus fatua*, a figueira doida. E se as arvores, como diz o mesmo Christo, se conhecem pelo fructo, chamem embora doido a Xavier entretanto, que como se vir o fructo da sua doidice, os mesmos lhe darão outro nome. Se elle como a outra arvore ostentasse grande apparato de folhas, ou grande folhagem de apparatos, conforme a sua dignidade, ninguem lhe negaria o nome de sisudo: mas o fructo póde ser que fosse o que diz o Texto: *Nihil invenit in ea, nisi tantum folia:* [2] Nenhuma coisa achou nella senão folhas sómente. Comparem-se agora o fructo de uma

[1] *2.ª ad Cor.*, x, 3; *ad Phil.*, III, 20.
[2] *Math.*, XXI, 19.

com as folhas da outra, e vêr-se-ha qual merece o nome de sisuda, e qual o de doida.

Ainda passou a mais o conceito das doidices de Xavier. Chegaram os seus amigos e devotos a o prender, como fazem aos doidos. Quando quiz passar ás ilhas do Moro, e muito mais ao Japão, não o podendo convencer com razões, nem com medos dos perigos, nem ainda com escrupulos de se matar, sendo a sua vida tão necessaria, inventaram os grilhões mais decentes com que o podiam prender, que foram prohibições dos Governadores, que não partissem os navios ou traças para que fossem para outras partes. Mas o Santo os desenganou, que se não tivesse embarcação, se lançaria ao mar, e Deus o levaria onde o mandava. Muitos doidos houve que se lançaram ao mar, mas aqui os doidos eram os que lhe queriam impedir a viagem, podendo-se queixar o Santo dos seus amigos, como o outro doido de Horacio, a quem elles tinham curado, e lhes dizia: *Pol me occidisti amici, non servastis.* A razão de Xavier era evidente; porque como Deus lhe tinha posto aos hombros naquelle sonho prophetico todo o Oriente, intentarem que elle se contentasse só com prégar a Fé ás cidades e reinos visinhos a Gôa, era quererem que lançasse de si a maior parte do peso, e faltasse á sua obrigação, e á confiança que Deus delle fizera. Assim que, elles eram os doidos, como muitas vezes acontece na casa dos orates, que os que se teem por sisudos chamam doidos aos outros, e estranham as suas doidices. Conta Galeno que lhe trouxeram a curar um doido, cuja continua mania era andar muito triste e afflicto, tendo para si que Atlante cançado de ter o mundo ás costas, daria com elle em terra, e se faria em pedaços. E sendo Xavier, não fabuloso, senão verdadeiro Atlante daquelle novo mundo, vêde se era maior loucura a dos que não temiam, mas queriam que elle mesmo o despedaçasse, contentando-se com sustentar uma parte aquelle sobre quem incumbia e carregava todo.

Mas passemos ao porto de Malaca, e alli veremos uma especie de doidice, a que nenhum juizo são e sisudo parece que poderá achar razão, nem ainda desculpa. Resoluto Xavier a passar d'alli ao Japão, viagem de cincoenta dias, mas de perigos sem conto, embarcou-se finalmente, mas em que navio? Torna a vacillar o juizo, e tem medo de o dizer. Era um junco

pequeno, e mui desegual aos furiosos ventos e mares daquella travessa. Chamava-se o *Ladrão*, nome que lhe tinham dado os furtos e enganos do dono. Tinha na popa um idolo, em que era consultado o demonio para tudo o que se havia de fazer na viagem. Ia provido de muita quantidade de aves e paus cheirosos de aquila para os sacrificios, por meio dos quaes se pediam as respostas ou oraculos do idolo. De maneira que naquelle navio, que sem fabula se podéra chamar a barca de Charonte, o que mandava a via era o demonio, o piloto que se governava por elle, idolatra, sem fé a Deus, e ladrão, sem verdade aos homens; a marinhagem todos gentios; e dentro deste inferno nadante se metteu Xavier para levar e metter o estandarte da Fé no Japão, aonde o mesmo demonio dominava com sessenta e seis tridentes de fogo e trevas outros tantos reinos. Ao largar das velas haveria alguma voz christã, que dissesse boa viagem? Até o mesmo Christo parece que se devia escandalisar de uma resolução tão contraria aos seus exemplos.

Indo o mesmo Senhor assentado na popa da barca dos Apostolos, disse a Pedro: *Duc in altum;* [1] que se fizesse ao alto; e logo aos demais, que lançassem as redes: *Laxate retia vestra in capturam.* Replicou Pedro, que toda a noite as tinham lançado sem tomar nada, mas que de novo o faria debaixo da sua palavra, *in verbo tuo.* Fez-se assim, e foi tão venturoso o lanço, e tanta a multidão de peixe que tomaram, que não bastou a barca para o recolher. Mas que documento tirou deste caso o Divino Mestre? *Ex hoc jam homines eris capiens:* Eu vos chamei para pescadores de homens, e este é o modo como os haveis de pescar. Pois se o modo de pescar os homens é que Christo mande a via, *Duc in altum;* como para pescar e metter dentro das rêdes da Igreja os Japões se embarca Xavier em um navio, em que o que manda a via é o demonio? Se o piloto desta barca ha de ser S. Pedro, como se mette Xavier na que tem por piloto um idolatra? E se tudo se ha de obrar debaixo da palavra de Christo, *in verbo tuo*, que fim póde ter a viagem onde se fazem sacrificios ao demonio, para que ella se governe pelos seus oraculos? Não haverá homem com fé e com uso de

[1] *Luc.*, v, 4.

razão, que não julgue esta pela mais rematada doidice. O primeiro effeito o mostrou, porque o demonio e o piloto se resolveram a não ir ao Japão, senão ir tomar porto em Chincheu e invernar alli. Poem a prôa em terra, mas um navio, que sahia do mesmo porto, os avisou que estava cheio de piratas, e por medo dos ladrões deixou o ladrão de se recolher e acolher a elle. E que faria o demonio, e o que se governava por elle? Ao menos forçados deste modo seguiriam a sua derrota a Japão? De nenhum modo. Resolvem arribar outra vez a Cantão desfazendo a viagem. Eis aqui, Xavier, os apertos em que se vê quem se fia de taes pilotos. Mas onde elles quizeram desfazer a viagem, desfez Deus a que parecia doidice. Dá nas velas um vento tão forte em pôpa para Japão, que não o podendo resistir, nem o navio, nem o piloto, nem o demonio, foi tomar e dar fundo em Cangoxima. Já Xavier se vê onde ia lançar as redes, e a poucos lanços foi tanta a multidão dos homens e das mesmas Ilhas pescadas, que, desenganados no mar e na terra, os que o haviam tido por doido, o acclamavam por santo.

IV

Lembra-me que disse ao principio que as doidices de Xavier haviam de ser panegyricos. Agora me desempenharei, começando pelo humano até o divino. *Nullum magnum ingenium absque mixtura dementiæ est*, disse Seneca, e antes delle Aristoteles. Não ha grande empenho, sem mistura de doidice. E a razão é, porque para qualquer homem obrar heroicamente, e se exceder, e levantar sobre si, é necessario sahir de si. Que foram os arrojamentos de Alexandre, senão doidices do valor? Que foram as phantasias de Homero, senão doidices do furor poetico? Que foram os vaticinios das Sibyllas, senão doidices da vista, que deixando a luz do presente, penetrava as escuridades do futuro? Ha coisas que estão em nós, e outras que estão sobre nós, e estas são as admiraveis. David o disse: *Nec in mirabilibus super me.* [1] E para eu chegar

[1] *Psalm.* CXXX, 1.

ao que está sobre mim, é necessario sahir de mim. Expressamente Jeremias nos seus Threnos: [1] *Sedebit solitarius, et tacebit, quia levavit se supra se.* Falla dos solitarios do Egypto, e anacoretas da Thebaida, os Paulos, os Arsenios, os Hilariões, os Macarios. Que homens doidos são estes, que trocam o povoado pelo deserto, as casas pelas covas, a conversação pelo silencio, os manjares pelo jejum, e tudo o que é regalo pela maior aspereza? São uns homens que endoideceram desta sorte, porque cada um delles se levantou a si sobre si: *Quia levavit se supra se.* Os que cá ficam neste mundo, ou se precipitam abaixo de si, ou se seguem e vão apoz si: apoz si, e atraz dos homens, apoz si, e atraz das delicias. Oh se o juizo lhes déra uma volta, que doidices seriam as suas tão verdadeiras e não vãs: *Qui non respexit in vanitates et insanias falsas!*

Taes foram as doidices de Xavier. Não seguiu a Regra do seu Instituto, que citámos no principio, mas todo se formou e transformou naquelle grande apothegma do mesmo Santo Ignacio: *Insaniendum est, si vis esse perfectus:* Has-te fazer doido, se queres ser santo. Elle o disse, e foi tão santo e tão doido, que se Deus puzera na sua mão a escolha, ou de ir logo para o céu, ou de ficar neste mundo servindo aos proximos com risco de sua propria salvação, tinha assentado comsigo de escolher este segundo. Póde haver maior doidice, que em materia de ir, ou não ir ao céu, em materia de gozar, ou não gozar de Deus por toda a eternidade, deixar o certo pelo duvidoso, e aventurar a salvação propria por sollicitar as alheias? Mas este era o Mestre, e por isso tal foi o discipulo.

Dos exemplos domesticos passemos aos de fóra. Os maiores Santos sem controversia foram os Apostolos. E entre elles o Apostolo por antonomasia S. Paulo. E que dizia S. Paulo, não só de si, mas dos outros? *Sive insanimus, sive sobrii sumus, charitas enim Christi urget nos:* Umas vezes obramos como doidos, outras como sisudos, porque a tudo nos obriga a caridade. Platão [2] distinguia quatro especies de doidices di-

---

[1] *Thren.*, III, 28. Ita legunt S. Basil. S. Bernard. S. Petr. Dam. Raban. Rupert. Lyra. Hugo.

[2] Plato *in Phœdro.*

vinas, que todas tinham seus deuses particulares, das quaes a mais perfeita são as doidices do amôr. E taes, diz Theophilato neste logar, que eram as de S. Paulo: *Insaniebat itaque Paulus amatoria quadam insania.* E S. Bernardo diz o mesmo: *Audi sanctam insaniam.* [1] E prova e declara as doidices de S. Paulo com dois notaveis exemplos tirados das suas proprias resoluções e palavras. O primeiro na Epistola aos Romanos: *Optabam ego ipse anathema esse à Christo pro fratribus meis.* [2] Quer dizer: Desejava (eu mesmo, e não outro por mim, eu mesmo estando muito em mim, e não fóra de mim, *ego ipse)* ser anathema de Christo, isto é, estar separado de Christo para sempre, e carecer delle e de sua vista por toda a eternidade, por amôr de meus irmãos, com tanto que elles se salvem. O segundo exemplo na Epistola aos Philipenses, onde diz o Apostolo: *Desiderium habens dissolvi, et esse cum Christo multo magis melius: permanere autem in carne necessarium propter vos: et hoc confidens scio quia manebo, et permanebo:* [3] Desejo desatar-me do corpo para estar com Christo, e isto para mim é o melhor. Mas porque é necessario ficar neste mundo por amôr de vós, resoluto estou, não só de ficar, senão de permanecer assim, quanto importar á vossa necessidade. Estes são os dois exemplos, que allega S. Bernardo, e em ambos a rematada doidice de quem dizia taes coisas. Póde haver maior doidice que amar Paulo a Christo tão fixa e inseparavelmente com o affecto, e com o effeito querer estar separado delle, não menos que para sempre? *Nonne mentis bene sanæ quædam videtur insania, cum impossibile sit effectu habere fixum in affectu pro Christo anathema velle esse à Christo?* E quanto ao segundo: *Quæ maior, quæ magis inopinata insania, quam hominem relicto sæculo desiderantem, et ardentem inhærere Christo, pro Christo rursum inhærere sæculo, tendentem in cœlum semetipsum mergere in cœnum?* E que maior e mais não imaginada doidice, que desejar um homem ardentissimamente deixar o mundo para estar com Christo, e pegar-se outra vez ao mundo, e voando para a gloria do céu, tornar-se outra vez a

---

[1] Bern. de natur. et dignit. amoris, Cap. 3.
[2] *Ad Rom.*, IX, 3.
[3] *Ad Philip.*, I, 23.

metter no lodo da terra? Estas foram, diz Bernardo, as doidices de Paulo: e estas são, digo eu, com maior razão as de Xavier, o qual ainda hoje está tão doido no céu, como foi neste mundo, pois vestido de gloria se reveste de uma esclavina, e para tratar do bem dos proximos apparece peregrino em tantas partes da terra.

Depois dos Apostolos, pois imos subindo, quem se segue senão o mesmo Christo? E vêl-o-hemos tambem doido? Vêr não, que seria blasphemia dos olhos; mas ouvir sim, e com toda a fé dos ouvidos. Diz o Evangelista S. Marcos que quando Christo começou a prégar, os seus proprios o quizeram prender por doido: *Cum audissent sui, exierunt tenere eum, dicebant enim quoniam in furorem versus est.* [1] A palavra grega do Texto original o diz ainda com maior expressão: *Quoniam extra se est mentis inops, delirans, insanus.* Não ha entender este mundo. Os seus tiveram a Christo por doido, porque fallava; e Herodes teve-o por doido, porque não quiz fallar: os seus por doido o quizeram prender; e Herodes estando já prezo, por doido o remetteu a Pilatos vestido de branco. Agora o vestiu de branco na Paixão, o mesmo amôr que o tinha vestido de encarnado na Encarnação. Nunca o mais gentil-homem dos filhos dos homens poz sobre si, ou lhe puzeram gala que melhor lhe estivesse. Não foi o que o prendeu Pilatos, não foi o que o vestiu Herodes, o seu amôr foi o que o prendeu, o seu amôr o que o vestiu, e o seu amôr o que o endoideceu.

Quem nos dará um testemunho desta formosa verdade, sem inveja como os seus, e sem odio como os alheios? Seja entre os Santos que mais perdidamente endoideceram, S. Francisco o Serafico. Definindo-se S. Francisco a si mesmo, chamava-se em italiano, Fatuello di Dio: O doido ou doidinho de Deus. E se os poetas todos teem uma veia de doido, não podia faltar a este doido uma veia de poeta: fez varios versos Francisco ao seu amado Christo, e como feridos ambos das mesmas Chagas, em uma parte desculpando as suas doidices, diz assim:

Culpa tua est quidquid victus amore gero:
Desipio? Per te sum rationis egens:
Mentis inops? Amor est qui facit esse inopem.

---

[1] *Marc.*, III, 21

Quer dizer: De tudo o que eu faço vencido do amôr, vós Senhor tendes a culpa. Se faço doidices, vós sois o que me fazeis perder o uso da razão. E se me vejo mais pobre do juizo, do que de tudo o mais, vosso amôr é o que me tem posto nesta pobreza. Em versos mais pequenos disse outra vez desta sorte:

Ardes amore vivens,
Et occidis amore:
Ibas amore victus
Ceu ebrius per orbem.
Ergo si facit ebrium,
Si mentis facit impotem,
Si vires amor eripit,
Amor te quoque perdidit.
Qui me desipere impulit,
Hic mentem eripit tibi. [1]

Esta foi a versão do italiano em latim; a do latim em portuguez, é a seguinte, fallando com Christo:

Ardendo em amôr morro,
E ardendo em amôr vivo:
Andaveis pelo mundo
Como ebrio, e sem juizo.
E se o amôr embriaga,
E faz perder o sizo,
Tambem vós, Senhor, fostes
Do amôr um perdido.
Nas doidices que faço
Me privou do juizo,
Mas fez primeiro em vós
O que usa commigo.

Assim confessava S. Francisco as suas doidices, e com amorosa confiança as derivava e referia ás de Christo. E era esta doutrina tão propria da sua escola, que Frei Jacopone (o qual sendo egualmente nobre e lettrado, por desprezo do mundo e de si, se tinha feito leigo do mesmo habito, e muito simples) como os simples são aquelles com quem Deus gosta de fallar: *Cum simplicibus sermocinatio ejus*, [2] uma vez fallan-

[1] Luc. Vading in hist. Generali S. Francisci.
[2] *Prov.*, III, 32.

do Christo com este, lhe perguntou: Jacopone, porque fazes tantas doidices? Respondeu com liberdade franciscana (que só a tem quem não depende) *Quia stultior me fuisti, Domine:* Faço estas doidices, Senhor, porque as que vós fizestes foram maiores que as minhas. Tanto maiores, que esta foi a maior difficuldade que teve a fé de Christo com os sabios do mundo: *Prædicamus Christum crucifixum, Judæis quidem scandalum, gentibus autem stultitiam.* [1] Prégamos, diz S. Paulo, a Christo crucificado, para os judeus escandalo, e para os gentios doidice. Para os judeus escandalo, porque não queriam ter por Deus a um homem crucificado: e para os gentios doidice, porque não queriam reconhecer a divindade em um homem que fizera coisas tão alheias de toda a razão e juizo humano. Prégavam-lhe que Christo voluntariamente quizera morrer pregado em uma cruz, que era a morte mais affrontosa, para salvar aquelles mesmos que o crucificavam, e sabendo quão ingratos lhe haviam de ser; e em quanto não acabavam de capacitar que tal excesso de caridade só podia caber em um amôr immenso e infinito, antes queriam adorar a Jupiter com tantos vicios, mas de homem, que a um Deus com taes virtudes, que excediam toda a razão e juizo humano.

Fallemos agora de Deus, em quanto Deus, que é o summo a que póde subir o encarecimento do nosso discurso. Mas sem encarecimento pergunto: Se houvesse um rei que tivesse um escravo ladrão, homicida, rebelde, traidor, e tão inimigo de seu senhor, que muitas vezes houvesse intentado tirar-lhe a vida, e por estes delictos estivesse condemnado á morte mais cruel e infame; e se este escravo tivesse um só remedio, mais imaginario que possivel, para escapar do castigo, qual seria, que a execução da sua sentença se passasse ao principe filho unico do mesmo rei; e sobretudo, que o rei sendo pae acceitasse e tivesse por boa esta terrivel condição, e mandasse executar a sentença no filho unico e innocente, e elle com effeito padecesse a cruel morte nos tormentos do infame supplicio, neste caso inaudito, torno a perguntar, (ou pergunta S. Bernardo, cuja é a consideração): Haveria em todo o mundo por onde se divulgasse, pessoa ou

[1] *1.ª ad Cor.*, I, 23.

nação inteira alguma, que não entendesse e suppozesse, que o tal rei e tal pae endoidecera, e estava fóra de si, quando tal ordenou? Pois isto é o que fez o Eterno Padre, isto o que padeceu seu Unigenito Filho, e este o meio com que se livrou o genero humano captivo e condemnado.

No sacrificio de Abrahão, quando declarou a Isaac que elle era a victima do sacrificio, e começou a lhe atar as mãos para mais seguramente o degolar, e pôr morto sobre a lenha; o que mais me admira é, que o moço que já era de vinte annos, não julgasse que o velho endoidecera, e que aquella resolução era delirio de caduco. Cuidava eu que correndo desceria do monte ao valle, onde tinham deixado os dois criados com o jumento, e que contando-lhes o que passava, subissem todos tres ao monte a provar se podiam metter o velho em razão, e quando o não persuadissem, o atassem por força com os mesmos cordeis, e pôsto no jumento o levassem para casa. Mas se esta que tantos signaes tinha de remotada doidice, não teve effeito no monte Moria, teve-o no Calvario. O Padre foi o Abrahão, o Filho o Isaac, os cravos o cutello, a cruz a lenha e o fogo, que em ambos e em tudo ardia um fino delirio do amôr infinito.

Lembra-me que na expedição da guerra de Troya, não querendo ir a ella como prudente Ulysses, se fingiu doido: e a ficção foi andar com um arado abrindo regos na areia. Querendo porém experimentar os Gregos se a doidice era verdadeira ou fingida, puzeram-lhe o filho diante do rego que ia seguindo a vêr o que fazia: mas o pae quando chegou perto delle voltou e desviou o arado. Passemos agora das areias da Grecia a Jérusalem. Que coisa é a cruz, senão um arado, instrumento de pau e ferro fixado na terra? E assim como os bois são os que tiram pelo arado, e o lavrador é o que governa, assim Deus que debaixo do peccado quiz occultar o remedio, e debaixo do odio dos homens o seu amôr, aos judeus permittiu que puxassem pela cruz, mas elle era o que a governava. Supposto isto, ponhamos-lhe a Deus o seu Filho diante, e vejamos o que faz. Os Judeus foram os que lhe puzeram a cruz e o arado ás costas: *Supra dorsum meum araverunt peccatores.* E Deus foi o que lhe metteu o ferro, e com quatro feridas penetrantes lhe tirou a vida: *Propter*

sclera populi mei percussi eum. [1] Se Ulysses assim o fizera, entenderiam todos que a doidice era verdadeira, e não fingida. E nós que devemos inferir e dizer? Por reverencia da Pessoa, e dissonancia da palavra, basta que entendamos o enigma.

V

Assim lhe succedeu a Xavier com as suas doidices, as quaes sendo ensinadas por Santo Ignacio, confirmadas pelos Apostolos, consagradas em Christo, e divinisadas em Deus, o que até agora disse não foi apologia com que as quizesse defender, senão panegyrico com que as pertendi illustrar, mas não tanto quanto ellas merecem.

Oh que venturosos seriam muitos dos que neste mundo se prezam de sizudos, se á imitação deste Santo soubessem e quizessem ser doidos! Deixo os exemplos de tantos grandes senhores, principes, reis, imperadores, que assim o fizeram, e só quero envergonhar os nossos entendimentos com o de um gentio. Democrito, aquelle grande philosopho, sendo oraculo do mundo, e muito rico, deixou quanto tinha, e foi-se viver em um deserto só, e muito bem acompanhado, porque comsigo. Os da sua cidade o tiveram por doido, e mandaram uma embaixada a Hypocrates como rei, que se dignasse de querer ir curar um tão grande sugeito como Democrito, porque endoidecera. Foi Hypocrates, ouviu devagar ao doido, e voltando sem lhe applicar remedio algum, o que disse foi: Visitei a Democrito como me pedistes muito particularmente, conheci os seus humores, ouvi as suas razões, vi a sua vida, e nenhuma coisa achei que curar nelle, mas muitas que curar em mim. Este era o doido para exemplo dos homens.

Para o das mulheres, em que as doidas não devem ser poucas, pois de dez virgens escolhidas, as cinco eram fatuas, seja exemplo o da grande Paula Romana, da qual diz S. Jeronymo no seu epitaphio: *Cum prænimio pervore virtutum quibusdam videretur insana, et*

[1] *Isai.*, LIII, 8.

cerebrum illius dicerent refovendum, respondit: Theatrum, scu spectaculum facti sumus Deo, angelis, et hominibus. Era Paula da primeira e mais illustre nobreza romana: tinha dado todas suas riquezas aos pobres, tinha trocado as galas por um cilicio, tinha deixado o amphitheatro de Roma pelos desertos da Palestina: e como por estas acções fosse julgada por doida, respondeu com as palavras de S. Paulo, que ella tinha outro theatro, em que eram os espectadores não só os Romanos, senão Deus, os Anjos, e os homens, e que se os homens a julgavam por doida, a ella lhe bastava que a Deus e aos Anjos parecesse sizuda. E supposto que á opinião da doidice respondeu com allusão ao amphitheatro romano, não é pensamento alheio da materia, que tambem quizesse alludir á historia do doido de Horacio, que acima tocamos, tão celebrada em Roma, o qual se queixava de o terem curado, porque no tempo da sua doidice, estando o amphitheatro solitario, elle só por arte e architectura da sua imaginação via taes festas, taes jogos, taes representações, taes comedias e variedade de scenas tão admiraveis, quaes nunca as tinha inventado o poder e magnificencia dos imperadores. E pois diziam os que lhe chamavam doida, que tinha necessidade de lhe fomentarem e curarem o cerebro, antes lhe fariam grandissimo damno, que beneficio, pois a privariam dos espectaculos verdadeiramente celestiaes, angelicos e divinos, com que Deus diverte e recreia a solidão dos que por seu amôr trocam as côrtes pelos desertos. Oh se o mundo que todo é fastios, quizesse provar os gostos que Deus lhe tem escondido, e de que só gosam, e são regalados os que o amam: *Quam magna multitudo dulcedinis tuæ Domine, quam abscondisti timentibus te!* [1]

Acabo, e seja com um documento muito necessario, que parece ainda nos faltava. Perguntará alguem: d'onde tirou ou aprendeu S. Francisco Xavier estas doidices, e d'onde as poderá tirar algum espirito desejoso de o imitar, e de endoidecer como elle? A Alma Santa, como experimentada, o inculcou e deixou declarado em um Texto bem notavel: *Introduxit me rex in cellam vinariam, et ordinavit in me charitatem.* [2] El-rei

[1] *Psalm.* XXX, 20.
[2] *Cant.*, II, 4.

Salomão, como tão sabio, tinha no seu palacio varias cellas, em que estavam depositadas como em thesouro varias coisas, as mais exquisitas do mundo. Uma cella dos mais exquisitos aromas, outra dos mais exquisitos contravenenos, outra dos mais exquisitos vinhos: e nesta diz a Alma Santa que o mesmo rei auctor dos Canticos a introduziu para ordenar nella a caridade! Com razão chamei a este Texto notavel. Metter a alma na cella dos vinhos para ordenar a caridade! Antes para desordenar esta virtude, e todas, era muito propria a cella dos vinhos, porque elles perturbam e tiram os homens do seu juizo, e fazem que fiquem fóra de si como doidos. Assim é, e por isso mesmo; porque a caridade bem ordenada, não é outra coisa que uma doidice santa. Dizem que *charitas bene ordinata incipit à se ipsa;* eu dissera: *Charitas bene ordinata non incipit, sed despicit se ipsum:* A caridade bem ordenada, é aquella que se deixa a si mesmo, e só trata de Deus e dos proximos, para os levar ao mesmo Deus.

Respondendo pois á questão, a cella vinaria, em que a caridade se ordena, é a casa da fervente oração e contemplação, na qual os Santos abrazados e arrebatados do amôr divino sahem fóra de si, e como doidos, ou tomados do vinho, com movimentos e acções extraordinarias exercitam a bem ordenada caridade, não fazendo caso de si, nem da propria vida, tratando só, ainda á custa della, de converter e levar muitas almas a Deus. Esta cella vinaria foi o Cenaculo de Jérusalem, em que os Apostolos postos em oração com ardentissimos affectos esperavam a vinda do Espirito Santo, e com ella tão dentro do mesmo Espirito, como fóra de si, começaram a prégar em varias linguas com tão desusados impulsos, que os que os viam e ouviam, diziam pasmados: *Quia musto pleni sunt isti:* [1] Estes homens estão tomados do vinho: *An non tibi cella videtur fuisse vinaria illa domus, in qua erant Discipuli pariter congregati, cum factus est repente de cœlo sonus tanquam advenientis Spiritus vehementis, et replevit totam domum? Et non ne unusquisque illorum exiens inebriatus ad ubertate domus illius dicere merito quibat, quoniam introduxit me rex in cellam vinariam?* [2] Assim o disse S. Bernardo dos primeiros

[1] *Actos.*, II, 13.
[2] Bernard. Serm. 49.

Apostolos, e o podéra dizer do nosso. Toda a vida de Xavier era uma perpetua oração e contemplação, ainda quando parecia mais divertido. Nella padecia ou gozava dois arrebatamentos admiraveis. O primeiro, levantado da terra, com que publicamente, sem querer, foi visto muitas vezes. O segundo, e mais notavel, com que levantando-se de si mesmo, e como fóra de si, obrava aquellas santas doidices, tantas e tão extraordinarias no mar, e na terra, pelas quaes ao principio o reputavam por doido, e depois o veneravam e canonisavam por santo. A sua caridade, pois era tão ordenada que toda se empregava na salvação das almas alheias, nos alcance de Deus alguma imitação das suas doidices, para que vivendo e morrendo sizudos, entrem tambem as nossas no numero das que elle ajudou a salvar.

SERMÃO OITAVO

FINEZAS

Posuit pedem suum dextrum super mare, sinistrum autem super terram. [1]

I

O dia de ámanhã é o ultimo da nossa Novena, e tambem será o ultimo da vida do nosso Santo: e o dia antes do ultimo é o dia das finezas. Assim guardou as suas o amôr divino e humano de Christo, para o dia antes do ultimo: *Ante diem festum Paschæ.* O que dissemos em todos os discursos passados das virtudes, milagres, e excellencias de S. Francisco Xavier, não foi pouco: mas o que deixamos de dizer é muito mais. E onde as coisas são tão grandes que não teem medida, e tantas que não teem numero, como nunca póde faltar a materia, assim é força que falte o tempo. Resumindo, pois, o que devêra ser muito largo á brevidade de um só dia, veremos neste tambem com um pé no mar, outro na terra, entre as obras e acções de Xavier empregadas todas na conquista da salvação das almas, quaes foram as de maior fineza.

II

As finezas deste ultimo ou penultimo dia, foram no infinito amante das nossas almas as que tantas

---

[1] *Apoc.*, x.

vezes, e por tantos modos ouvimos encarecer, posto que nunca bastantemente louvar. E para que as de Xavier fossem finissimas, basta que vejamos quão similhantes foram a ellas. Por isso em tudo o que ponderarmos, será Christo o soberano original, e Xavier a cópia; Xavier a exacta imitação, e Christo o summamente perfeitissimo exemplar. Tudo o que podia inventar a sabedoria, tudo o que podia obrar a omnipotencia, e tudo o que podia querer e desejar o amôr, é o que a fineza do mesmo amôr de Christo fez por todos os homens. E se neste todo ou tudo quizer estimar e agradecer cada um a parte que lhe cabe, ou todos comprehender o que é o todo, cada um achará que fez e padeceu tanto por cada um, como por todos, e todos com reciproca admiração, que padeceu tanto por todos, como por cada um.

Escrevendo S. Paulo aos Romanos, diz que o Filho de Deus morreu por todos nós: *Sed pro nobis omnibus tradidit illum:* [1] e escrevendo aos Galatas, diz que o mesmo Filho de Deus morreu só por elle: *Qui dilexit me, et tradidit semetipsum pro me.* [2] Pois se Christo morreu por todos, como morreu só por Paulo? E se morreu só por Paulo, como morreu por todos? Porque essa foi a fineza do amôr do Filho de Deus, morrer por todos os homens em commum, e morrer por cada um em particular; e fazer e padecer tanto por cada um, como fez e padeceu por todos. Assim o Redemptor do mundo, e assim á sua imitação Xavier. De tres meios usava Xavier para converter as almas dos peccadores: o primeiro, a frequente e fervorosa oração para com Deus, sem cuja graça se não podem converter; o segundo, as exhortações e razões fortes e solidas fundadas no temor do mesmo Deus, e da eternidade, com que os procurava persuadir: e o terceiro, tomando sobre si a satisfação das penas que mereciam por seus peccados. A este fim tinha umas cadeias de ferro armadas de agudas rozetas, com que no caso de maior obstinação se açoitava cruelmente diante delles, e com as costas lavadas em sangue, attonitos daquelle espectaculo de caridade se reduziam. Isto fazia secretamente por todos e em publico, quando não bastava diante dos olhos de cada um.

---

[1] *Rom.*, VIII, 32.
[2] *Galat.*, II, 20

Tornemos agora a Christo na cruz, morto por cada um, e por todos, e oiçamos a declaração e commento daquelle estupendo mysterio. Mas quem será o commentador? O melhor e egualmente estupendo, o Divinissimo Sacramento do altar. As palavras da consagração do Corpo dizem: *Hoc est corpus meum, quod pro vobis tradetur:* [1] Este é o meu Corpo, que por amôr de vós será entregue aos que o hão de pôr na cruz. As da consagração do Sangue: *Hic est calix sanguinis mei, qui pro vobis effundetur:* Este é o calix do meu Sangue, que por amôr de vós será derramado. Agora pergunto: E esse corpo crucificado por nós, e esse sangue derramado por nós, como se nos dá a nós no Sacramento? Por ventura, uma parte a um, e outra parte a outro? Parece que sim; porque Christo Senhor nosso depois da consagração disse aos Apostolos: *Dividite inter vos:* [2] Dividi entre vós. Logo se haviam de dividir e repartir, uma parte havia de caber a Pedro, outra a João, a André outra? Não: tanto a André, como a João, como a Pedro; mas não parte, senão todo e inteiro: *Non confractus, non divisus integer accipitur.* E porque? Porque assim como Christo no Sacramento se dá todo a todos, assim se dá todo a cada um: *Sic totum omnibus, quod totum singulis.* D'onde se segue, que commungando muitos mil, ou um só, tanto recebe esse só, como todos aquelles mil: *Sumit unus, sumunt mille, quantum isti, tantum ille.*

Parece-me que estou vendo e ouvindo a S. Francisco Xavier, ou no Japão declarando a Lei do verdadeiro Deus a tres mil bonzos, ou na costa da Pescaria, servindo-lhe de pulpito uma arvore, prégando a cinco mil paravás: ou em Travancor baptisando em um dia a quinze mil almas, já sem alento na voz, nem forças nos braços: ou em Cambaya, Pegu, Narsinga, e outros reinos e nações, ensinando por varios modos o caminho da salvação a muitos milhares: e logo por outra parte disputando com um bramane, catechisando um moiro, confessando um christão, ajudando a bem morrer um enfermo. E em qual destes logares, ou tempos, estava mais applicado todo Xavier? Todo com aquelles, e todo com qualquer destes: todo quando

[1] *1.ª ad Cor.*, XI, 24.
[2] *Luc.*, XXII, 17.

com tantos mil, e todo quando com um só, porque tanto se dava a um só, como a muitos mil: *Sumit unus, sumunt mille, quantum isti, tantum ille.*

III

Como os dois elementos de Xavier eram o mar e a terra, assim lhe poz Christo em si mesmo dois exemplares desta fineza, em que o havia de imitar, um na terra, outro no mar: na terra, a parabola do Pastor, que buscou a ovelha perdida; e no mar, a do Mercador, que buscava perolas, que é mercadoria maritima. Que homem ha, diz Christo: *Quis ex vobis homo;* [1] o qual se de cem ovelhas perdeu uma, não deixe as noventa e nove no deserto, e vá buscar a perdida? Antes replica S. Pedro Chrysologo, não ha homem que tal coisa faça: [2] d'onde se infere que este pastor, não é pastor da terra, senão do céu, e este homem não é só homem, senão homem e Deus: *Ergo non terrenus pastor iste, sed cœlestis.* E em que se funda uma consequencia tão alta e tão notavel? Explicarei o Doutor mais delicado com o mais profundo, e a Chrysologo com Tertulliano. Se este pastor fôra como os outros pastores, compuzera-se com a perda, sendo de uma só ovelha. Jacob, tão famoso pastor, tendo o seu rebanho em perigo por medo de Esaü, dividiu-o em tres partes, dizendo: Se se perder uma parte, salvar-se-ha outra: *Si percusserit unam turmam, salvabitur alia:* mas este pastor nem uma só ovelha consentiu que se perdesse, e se não salvasse. Se fôra homem como os outros homens, diz Tertulliano: amára e estimára uma ovelha como uma: mas este amou e estimou tanto uma como todo o rebanho: *Una pastoris ovicula, sed grex una charior non erat.* [3] Se fôra como os outros homens, sentira a perda com a differença de noventa e nove salvas a uma perdida; mas este sentiu tanto perder uma, como se perdêra todas: *Una illa requiritur, pro omnibus desideratur.* E quem ama tanto uma ovelha, como todo o

---

[1] *Luc.*, xv, 4.
[2] Chrysol. Serm. 168.
[3] Tertull. lib. de pœnit. Cap. 8.

rebanho, e sente perder uma, como se perdêra todas, bem se infere que não é pastor como os outros pastores, nem homem como os outros homens, senão homem, e juntamente Deus, como Christo: *Non terrenus pastor iste, sed cœlestis.*

Passemos da terra ao mar, do pastor ao mercador, e das ovelhas ás perolas. O negocio da salvação, diz Christo, é similhante a um mercador que buscava perolas, e achando uma preciosa, a comprou, dando por ella quanto tinha: *Inventa una pretiosa margarita, vendidit omnia quæ habuit, et emit eam.* [1] Pois se este mercador buscava não uma, senão muitas perolas, *quærenti bonas margaritas;* porque dá todo o seu cabedal por uma só? Se dissera que esta era mais preciosa que todas, clara estava a razão do maior empenho; mas o Texto não diz que era mais preciosa, senão preciosa sómente: *inventa una pretiosa;* logo se o preço do seu cabedal era egual a muitas, como o dá todo por uma: *Vendit omnia sua et emit eam?* Porque este mercador, como dizem todos os Santos, era Christo; as perolas, como as ovelhas do pastor, eram as almas; e comparado o numero com o preço, tanto emprego fazia Christo em uma, como em todas, e em todas, como em uma. Por isso o mesmo Senhor chamando universalmente a todos: *Venite ad me omnes,* [2] umas vezes chamava um só Zacheu, e outras um só Matheus, havendo por tão bem empregado o preço em todos, como em um só, e em um só, como em todos.

Ponhamos agora os olhos em Xavier no mar, e na terra. Na terra as suas peregrinações eram buscando as almas de todo o Oriente, e talvez se embarcou só, como hontem vimos, para converter um soldado: no mar as suas navegações eram tambem para a conversão de todos, e talvez deixando a derrota do mar, saltou em terra só para converter um judeu, tão inimigo de Christo, como seu. Em um só homem ajuntou o mesmo Santo estes dois exemplos; porque para tirar de mau estado um piloto, se embarcou com elle, e porque o não pôde converter no mar, se tornou a desembarcar com elle, para o converter, como converteu, em terra. Assim como bom pastor deixava as noventa e

[1] *Math.*, XIII, 46.
[2] *Ibid.*, XII, 28.

nove ovelhas, para não perder uma só ovelha. E assim como bom mercador, podendo comprar muitas perolas, empregava todo o cabedal em uma só perola.

E para que este modo de estimar tanto uma alma como todas, não pareça encarecimento apparente, e não fineza verdadeira e solida; vejamos a verdade della em todo o rigor da theologia e da fé, e como é fundada nas acções do mesmo Christo, a quem Xavier vae sempre seguindo e imitando nas suas. Os fins do altissimo mysterio da Redempção foram dois, assim como tinham sido dois os effeitos e defeitos que causou no genero humano o peccado de Adão. Adão foi creado em graça, e á imagem e similhança de Deus, e pelo peccado, perdendo a graça, ficou captivo do demonio, e afeiando a imagem de Deus de formosissima que era, ficou nelle disforme e similhante aos brutos. Para reparo pois destes dois defeitos, se fez o Filho de Deus homem, e veiu ao mundo: o primeiro, para resgatar o homem do captiveiro do demonio: o segundo, para reformar nelle a imagem de Deus afeiada e disforme, e reduzil-a á sua primeira formosura. Assim o canta a Igreja:

Nascente qui mundo faber
Imaginem vultus tui
Tradens Adamo, nobilem
Limo jugasti spiritum.
Cum livor, et fraus dæmonis
Fœdasset humanum genus:
Tu carne amictus, perditam
Formam reformas artifex. [1]

Este era o estado de todas as almas captivas pelo captiveiro do peccado, e disformes pela deformidade da imagem. Considerando-as pois Xavier remidas do captiveiro, e reformadas na imagem por Christo, assim no preço da Redempção, como no reparo da imagem, via claramente que tão preciosas e tão formosas eram todas, como uma e uma, como todas. Tão preciosas todas como uma, e uma como todas, quanto ao preço; porque sendo o preço do sangue do Redemptor

[1] Dominica secunda post Pascha.

infinito, não se podia dar mais a todos, nem menos a cada um. E tão formosas todas como uma, e uma como todas, quanto á representação da imagem; porque sendo a imagem de Deus, nem a todos se devia maior estimação pelo numero, nem menor a cada um pela materia.

Ponhamos o exemplo em uma imagem de Christo. Esta imagem, ou póde ser de coiro, ou de chumbo, ou de marfim, ou de ebano, ou de marmore, ou de barro. E taes eram os estados e differenças das nações e pessoas a quem Xavier prégava: uns eram como de oiro, principes e illustres; outros como de chumbo, em phrase da India, casta baixa: uns como de marfim, brancos como os Portuguezes; outros como de ebano, negros como os Ethiopes: uns como de marmore, fortes e constantes como os Japões; outros como de barro, fracos e mudaveis como os de Tolo. Mas como em todos se representava a imagem de Deus reformada por Christo, tanto estimava e amava o Santo a uns como a outros, e tanto a cada um como a todos, e a todos como a cada um.

VI

Esta formosura das almas em quanto imagens de Deus (para o amôr) e este preço infinito em quanto resgatadas (para a estimação) foram os dois motivos e incentivos geraes, com que a alma de Xavier em tudo o que fez e padeceu pelas alheias, obrou sempre tão fina e heroicamente, como de quem era. Mas sendo a mesma fineza tão fina, haverá por ventura alguma circumstancia que ainda a affine mais, pois isto é o que vae buscando e inquirindo o nosso discurso? O que elle me offerece é a do tempo na continuação e perpetuidade, e a do zelo ardente que na mesma continuação (como succede aos affectos humanos) se não esfriava ou remittia, antes crescendo sempre fazia a sêde da salvação das mesmas almas, não só maior e mais intensa, mas verdadeiramente insaciavel. E para que fallemos neste ponto tão relevante com ordem e com distincção, digo que foi insaciavel na vida, insaciavel na morte, e até depois da morte insaciavel, levando sempre o soberano exemplar diante.

O tempo da sagrada humanidade de Christo, em quanto andou neste mundo em carne mortal, chama-se propriamente via, porque só naquelle tempo, como fallam os Theologos, foi viador, condição necessaria para poder merecer. Diz pois David, que o Verbo divino encarnado ou encarnando, se alvoroçou grandemente para correr esta via, ou passar esta carreira com passos de gigante: *Exultavit ut gigas ad currendam viam.* [1] E o mesmo Senhor por bocca do mesmo Propheta diz que a correu sempre com sêde: *Cucurri in siti.* [2] Se perguntarmos agora, que sêde era esta de Christo, responde Santo Agostinho, que era a sêde da salvação das almas, ainda dos mesmos que o mataram: *Illi interficiebant, ego eos sitiebam: Illi honorem meum cogitaverunt repellere, ego eos in corpus meum sitiebam trajicere.* Nos primeiros trinta annos esteve parada a carreira; mas assim como em todo aquelle tempo crescia Christo na edade, na sabedoria, e na graça diante de Deus e dos homens, assim crescia immensamente na mesma sêde de os salvar. Chegados em fim os tres annos seguintes destinados pela Divina Providencia para esta celestial empreza, creio que não será desagradavel á devoção e curiosidade dos que me ouvem, verem distincta e ordenadamente o que Christo correu em cada anno.

No primeiro sahiu de Nazareth a Capharnaüm, de Capharnaüm a Jérusalem, de Jérusalem a Galiléa, de Galiléa a Samaria, de Samaria á cidade de Caná, de Caná a Capharnaüm, de Capharnaüm ao deserto, do deserto ás praias de Tiberiades, d'alli a Genezareth, de Genezareth outra vez ao mar, e do mar outra vez a Capharnaüm. Em todos estes caminhos e logares, prégando, fazendo milagres, curando os enfermos, lançando demonios dos corpos, resuscitando a filha do Archisinagogo, alimpando o Templo dos que nelle negociavam, chamando a Pedro e André, a João e Jacob, e pouco depois a Matheus Publicano, convertendo nomeadamente a Nathanaël, a Nicodemus, e á Samaritana, com todo o seu povo, correndo sempre com sêde de salvar mais almas: *Cucurri in siti.*

No segundo anno, de Galiléa passou a Jérusalem,

---

[1] *Psalm.* XVIII, 6.
[2] *Ibid.*, LXI, 5.

de Jérusalem ao Monte, que tambem se chamou, *Mons Christi*, o mais alto de toda aquella região; do Monte a Capharnaüm, de Capharnaüm á cidade de Naïn, de Naïn ao mar de Galiléa, do mar ao deserto, do deserto outra vez ao mesmo mar, em uma grande tempestade, parte pizando-o sobre as ondas, e parte navegando depois de amansado até Genezareth, e de Genezareth outra vez ao deserto, não dando passo sem novos milagres, e nova doutrina. Então publicou e promulgou a nova Lei do Evangelho, e da Graça, reformando a de Moysés, reduzindo o matrimonio á sua primeira unidade, emendando os abusos do adulterio, estabelecendo o amôr dos inimigos, aconselhando, posto que não mandando, a perpetua continencia, resuscitando a filha da viuva, acceitando, louvando, e defendendo a penitencia da Magdalena, perdoando-lhe os peccados, convertendo a Simão Leproso, ao Centurião, ao seu criado, ao Regulo, e toda sua familia, correndo sempre com a mesma sêde das almas: *Cucurri in siti.*

No terceiro anno, de Caphanaüm caminhou ás partes de Tyro e Sidonia, de Tyro a Galiléa, de Galiléa a Bethsaida, de Bethsaida a Cesaréa de Philippe, de Cesaréa ao Thabôr, do Thabôr por Galiléa a Capharnaüm, de Capharnaüm a Decapolis, de Decapolis a Jérusalem, de Jérusalem a Jericó, de Jericó a Betharaba, não havendo em toda Judéa e Galiléa, villa, logar, ou aldeia, que o Divino Mestre não allumiasse com os raios de sua doutrina, e não santificasse com os vestigios de seus sacratissimos pés: promettendo o céu, e ameaçando o inferno (dois pontos em que se não falla na Lei Velha) ensinando as ignorancias dos Legisperitos, reprehendendo as hypocrisias dos Escribas e Phariseus, e não perdoando ás maldades e malicias de Herodes, convertendo a Cananéa e a filha, e a outra mulher da mesma Phenicia, que escondidamente quiz roubar a saude a Christo, tocando-lhe na ultima ourela das vestiduras: e o cego de seu nascimento, e o paralytico da Piscina, e Zacheu, Principe dos Publicanos com toda sua casa, e infinitos outros em todos os tres annos, que por não terem historia particular, se envolvem na generalidade das turbas, correndo sempre, e cada vez com mais insaciavel sêde: *Cucurri in siti.*

Santo Agostinho, considerando o insaciavel desta sêde, falla com o mesmo Christo, e diz assim: E bem, Senhor, nós não vemos o infinito concurso com que

as gentes vos seguem tão enlevadas em vós, e tão esquecidas de si, que para não morrerem de fome no caminho, vos foi necessario dar de comer milagrosamente a quatro mil em um deserto, e em outro deserto cinco mil? Não vemos que não só nas ruas, senão nas praças, vos cercam e apertam de tal sorte, que não podeis dar passo: *Turbæ te comprimunt?* [1] Não vemos que todos, uns sobre outros, para participar de vossa infinita virtude, procuram tocar ao menos um fio das vossas roupas: *Omnis turba quærebat eum tangere, quia virtus de illo exibat, et sanabat omnes?* [2] Não vemos que as accusações de vossos inimigos não são outras, senão que todo o mundo vae apoz vós: *Totus mundus post eum abiit?* [3] Porque não bastará logo tudo isto para retardar um pouco a pressa com que correis, e moderar o ardor da sêde em que vos abrazaes: *Cucurri in siti?* Assim diz, e podéra dizer muito mais Agostinho; mas estes argumentos e objecções, e outras muitas que se poderam deduzir, todas provam e confirmam com evidencia, que a sêde das almas com que o Redemptor dellas sollicitava sua salvação, sem descançar de dia e de noite, no mar e na terra, caminhando, prégando, e ganhando-as com beneficios e milagres, foi sêde como diziamos, em toda a sua vida insaciavel.

V

Se agora houvessemos de seguir os passos de Xavier, com que elle imitou a mesma sêde, e a mesma carreira, posto que a não podia egualar: *Sequiturque Patrem non passibus æquis;* não só seria digressão muito dilatada, e não necessaria, depois de haver dito tanto neste mesmo genero; mas por quebrar o fio do discurso nesta fineza, é força repetir, correndo, o que baste para prova della. Quando S. Francisco Xavier partindo de Moçambique para a India, sahiu em terra na Ilha de Socotará, habitada de gente cafres na côr, mahometa-

[1] *Luc.*, VIII, 45.
[2] *Ibid.*, VI, 19.
[3] *Joan.*, XII, 19.

nos na crença, e no nome muitos delles christãos; o que lhe persuadia o seu fervente desejo da salvação daquellas pobres almas, descreve na historia original portugueza o famoso escriptor da sua vida, por estas palavras: [1] Como os que padeceram grande sêde caminhando por logares desertos, se arremessam ás vezes, e debruçam sobre as primeiras aguas (quaesquer que ellas sejam) não esperando pelas fontes e ribeiras mais doces e claras, que estão logo adiante, assim levou neste passo ao Padre Mestre Francisco o seu ardente zelo da salvação das almas. De maneira que quasi esquecido das que em todo o Oriente o esperavam, pedia mui de verdade ao governador, o deixasse ficar em Socotorá. Passando porém (porque não permittia outra diversão o seu roteiro) á India, e correndo muitas vezes o interior e maritimo daquellas costas, fazendo innumeraveis christãos, não bastou a lhe mitigar a sêde tudo o que nellas abraçam com suas correntes o Indo e Ganges. Em Malaca, onde venceu os calores da Linha equinocial o que ardia em seu peito, quanto mais eram as almas que convertia, tanto maiores eram os excessos com que o desejo de banhar com as aguas do Baptismo as outras, o apertava. Na grande ilha de Amboino, e nas outras visinhas e remotas, o regelo natural com que os corações dos barbaros estavam endurecidos, parece que podéra esfriar ao mesmo fogo; mas como se obrasse por modo de anteparistesis o accendia mais, sempre prégando, sempre convertendo, sempre baptisando innocentes e adultos, em povos e nações inteiras. Chegado ao Japão, cujas almas como mais politicas, mais sabias, e mais capazes de receber a fé, e a defender constantemente, aqui se lhe abrazavam mais as entranhas, e se lhe confirmou a hydropisia.

Mas assim como Agostinho se admirava da sêde de Christo, não se satisfazendo dos que a milhares o seguiam: que diremos nós do que já temos ouvido, que as nações assim politicas, como barbaras, não só a milhares, senão a milhões, seguiam, ouviam, e se convertiam á prégação de Xavier? o que naquelle povo ingrato raras vezes succedia ao mesmo Filho de Deus. Que sêde era logo esta tão insaciavel de Xavier? Era

[1] Lucena, Libr. 1. Cap. 12.

sêde das almas, mas não sêde só da alma, senão muito mais do corpo, que tanto trabalhava e se fatigava por ellas. Notavel sêde é a que David descreve ou suppõe fallando assim com Deus: *Sitivit in te anima mea, quam multipliciter tibi caro mea.* [1] A minha alma, Senhor, teve sêde em vós, mas o meu corpo a teve para vós de tantos modos, que só os sei admirar, *quam multipliciter.* Nota Santo Agostinho, ponderando aquelle *tibi*, que os homens geralmente todos andam, não vivendo, senão morrendo de sêde, e de muitas sêdes, mas todas para si, e não para Deus: *Videte quam bonum hic est, sitivit tibi, sunt enim multi qui sitiunt, sed non Deo.* Xavier tinha mais sêdes, e mais sêde que todos, mas todas para Deus, e nenhuma para si. E porque diz que estas muitas sêdes eram do seu corpo, e não da sua alma, *quam multipliciter tibi caro mea?* Porque a sêde da alma é o desejo, que sempre era um; as sêdes do corpo, diz o mesmo Santo Agostinho, eram os trabalhos: *Quam multipliciter laborat, tam multipliciter sitit; quam multipliciter fatigatur, tam multipliciter sitit.* A sêde da alma de Xavier era sempre uma e a mesma de salvar as almas. A sêde do seu corpo eram tantas, tão varias, tão multiplicadas, como os trabalhos e fadigas que por ellas padecia. Os caminhos sêdes, as navegações sêdes, as tempestade sêdes, os encontros e perseguições sêdes, as prégações, as disputas, as conversações particulares sêdes: sêdes as orações, sêdes as lagrimas, sêdes os sacrificios, sêdes as penitencias, sêdes as vigilias, sêdes os jejuns, sêdes as fomes, e até as sêdes sêdes. E tal foi a sêde das almas em Xavier, insaciavel na vida.

VI

Segue-se a sêde insaciavel da morte; e como esta é execução de um instante, será brevissima a consideração della. Morreu Christo na cruz; e quem o matou? Porque elle não pôde matar a sêde, a sêde o matou a elle. Cuidamos que foi a cruz o que o matou, e não foi a cruz, senão a sêde. Por isso na cruz quando disse

[1] *Psalm.* LXII, 2.

sitio, tenho sêde, accrescentou: *Consummatum est:* [1] dizendo que a sua vida estava acabada, e assim o declarou o Evangelista: *Et inclinato capite tradidit spiritum.* Oiçamos o Drogo Hostiense. Este Auctor, tão douto como pio, sobre a palavra *sitio* faz duas perguntas a Christo. A primeira, que sêde é a sua: *Quid sitis?* A segunda, porque se queixa da sêde, e não da cruz: *De cruce siles et de siti clamas?* A' primeira responde o Senhor, que a sua sêde é da nossa salvação: *Sitio vestram salutem.* E á segunda, que mais o atormenta a saude das nossas almas, que os tormentos do seu corpo: *Plus animarum vestrarum, quam corporis mei cruciatio me tenet.*

Assim morreu de sêde das almas o Senhor, que morrendo lhes abriu as portas da salvação. E não acabou menos abrazado e menos morto de sêde o seu grande imitador. A propriedade não póde ser mais propria. Partiu Xavier do Japão para a China, a cuja vista o trasladou Deus para a eterna; e com que motivo fez esta viagem, que ainda então não sabia que era a ultima? Diz a sua historia, que tendo entendido no Japão que as seitas, superstições e ritos que nelle se seguiam, todos tinham manado da China, o seu intento foi ir reconhecer as fontes originaes daquella cegueira, e os fundamentos com que tinham lançado tão profundas e dilatadas raizes os mesmos erros, para mais interiormente examinados lá, os refutar e convencer primeiro, e d'onde tinha sahido a mentira, viesse tambem a verdade, e fosse por isso melhor recebida dos discipulos depois de desenganados os mestres. Assim foi buscar o Divino a fonte de Sichar com o disfarce de um caminhante cançado, que isso quer dizer, *Sedebat sic;* [2] e como o seu fim e intento era, não a sêde da agua, que não bebeu, mas a das almas da Samaritana, e da Samaria; assim era a de Xavier, não só salvar os Japões, senão tambem os Chinas. Que maravilha logo que estalasse á sêde, quem a padecia tão immensa? E que acabasse a vida, não dizendo com as palavras, mas bradando com as ultimas respirações: *Sitio, sitio?*

---

[1] *Joan.*, XIX, 28 e 30
[2] *Ibid.*, IV, 6.

VII

Visto já um e outro zelo (ou verdadeiramente o mesmo) insaciavel na vida, e insaciavel na morte; só resta que o vejamos tambem depois da morte insaciavel. Entre as coisas insaciaveis (depois de nomear tres, que o são com maior excesso) a mais insaciavel de todas, diz Salomão, que é o fogo, o qual nunca diz basta: *Ignis nunquam dicit, sufficit.* [1] Mas quando o fogo se apaga e morre, morre tambem com elle a sua insaciabilidade; o que não succedeu á de Christo, nem á de Xavier, sendo o zelo da salvação das almas tão inextinguivel no soberano exemplar, como na excellente cópia, que assim como a sêde tinha sido insaciavel na vida, e insaciavel na morte, assim foi depois da mesma morte insaciavel. Expirou Christo Redemptor nosso na cruz, inclinando a cabeça: *Inclinato capite;* [2] acção, como ultima, cheia de altissimos mysterios. O em que concordam os Expositores é, que não se podendo declarar com a voz, pois a morte lh'a tirava; nem com os braços e mãos, pois as tinha pregadas, quiz manifestar com aquella inclinação para a terra, onde deixava os homens, que por mais que do seu corpo se apartava a alma, o zelo e amôr das nossas, que tivera na vida e na morte, depois della, como d'antes ficava comnosco. *Inclinato capite* (diz Hugo Cardeal) *quasi supponens humeros ad portandum nos, et onera nostra: ac si dicat: Caput inclino, ut videatis me paratum ad onera vestra portanda, et ponatis ea super me.* Morreu o amoroso e piedoso Redemptor, não levantando a cabeça para o céu, mas inclinando-a para a terra, *inclinato capite;* offerecendo-nos os hombros para nos tomar nelles, e sobre elles todo o pezo de nossos trabalhos. Como se dissera: Estes são os hombros, em que buscando, como bom pastor, a ovelha perdida no meio das brenhas, com grande alegria de a ter achado, a puz e levei sobre elles: Estes são os hombros em que caminhando para a morte, sustentei sobre elles a cruz, e o pezo de todos os peccados do

[1] *Prov.*, XXX, 16.
[2] *Joan.*, XIX, 30.

genero humano para o salvar: e para que depois de morto saibaes que sou o mesmo que vivo, e vive na minha alma o mesmo desejo, a mesma ancia, e a mesma sêde da salvação das vossas, aqui vos offereço de novo os mesmos hombros, para que as descarregueis sobre elles, e todo o pezo de que só eu vos posso alliviar. Isto fez, e isto disse Christo na morte: e esta foi a segunda parte daquelle sonho, em que o indio agigantado, depois da lucta dos braços, se lhe passou aos hombros de Xavier, onde elle morrendo o tornou a tomar, não recusando o pezo immenso de tamanha carga, mas inclinando a elle a cabeça com tão ardente desejo e valor, e tão admiravel imitação de Christo, como agora veremos.

Em outro sentido disse Salomão no Cap. 4.º do Ecclesiastes: *Unus est, et secundum non habet, non filium, non fratrem, et tamen laborare non cessat, nec satiantur oculi ejus divitiis.* [1] Ha homem que sendo um, e não tendo segundo, nem filho, nem irmão, não cessa comtudo de trabalhar, nem a sêde dos seus olhos se póde fartar com as riquezas que tem. E que homem, e que *um* é este em consideração mais alta, e não menos verdadeira e propria? Santo Ambrosio, S. Jeronymo, Alcuino, Salonio, e outros graves Auctores, dizem que é Christo depois de morto. Refiro só as palavras de Santo Ambrosio: *Et unus, et non est secundus is, de quo dictum est: Magister vester unus est Christus, Unigenitus Dei Filius, solus, primus, unus Deus, unum quid cum Patre, unicus sine peccato, solus sine adjutorio in Passione.* Este Homem um, e só, é Christo; um em quanto Mestre, um em quanto Deus, um em quanto Unigenito do Padre, um, e só, sem peccado, um, e só, e sem companhia na sua Paixão. E sendo um, e só, que faz? *Non est finis laborum ejus, quia pro omnibus advocatus est apud Patrem, et pro nobis dolet, et infirmatur, non satiatur oculus ejus divitiis, quia ipse est altitudo divitiarum sapientiæ, et scientiæ Dei, in quo sunt omnes thesauri mysteriorum cœlestium.* E comtudo este mesmo Homem e Deus juntamente, depois de morrer na terra, não cessa de trabalhar e pôr fim a seus trabalhos no céu, advogando por nós, doendo-se de nós, tomando sobre si as nossas

[1] *Eccl.*, IV, 8.

miserias e fraquezas, nem bastando as riquezas immensas, e thesouros infinitos que gosa na sua Gloria, para se fartar o desejo e sêde que tem de nossa salvação. Isto é o que Christo obra sem cessar á dextra do Padre; o que S. Paulo declarou pelos termos de *Purgationem peccatorum faciens, qui etiam interpellat pro nobis;* [1] sendo o mais encarecido de todos a prodigiosa apparição com que o mesmo Christo em Pessoa, para o converter a elle, desceu do céu á terra. Mas com licença de tão doutos Expositores do Texto de Salomão, como Ambrosio e Jeronymo, quizera eu que elles me explicaram e applicaram em particular aquellas tres clausulas passadas em silencio: *Secundum non habet, nec filium, nec fratrem:* que Christo nestas acções ou obras em que trabalha no céu, não tem segundo, nem Filho, nem irmão. Entendo porém que o não fizeram, nem podiam fazer, porque em seu tempo não conheceram a Francisco Xavier; que se tiveram noticia do que obrou e obra depois de morto, e depois de estar no céu, sem duvida affirmariam que o mesmo Christo um e unico tem segundo, pois Xavier foi nas mesmas obras posthumas um tão diligente e perfeito imitador das suas: e que teve filho, pois foi tão legitimo herdeiro do seu zelo, e do seu espirito. E finalmente, que teve irmão, porque em se não fartar a sua sêde com as riquezas e glorias da patria, e tornar a este mundo peregrino della, nenhum houve tão parecido e similhante ao mesmo Christo, nem tão irmão seu: *Secundum, filium, fratrem.*

E para que vejamos o que digo com os olhos, permitti-me que use daquella figura chamada prosopopêa, com que as coisas que não teem corpo, nem côr, nem voz, se fazem sensiveis. David, a quem na terra intisicava o seu zelo: *Tabescere me facit zelus meus;* [2] David, a quem o zelo da casa e serviço de Deus comia e abrazava as entranhas: *Zelus domus tuæ comedit me:* [3] dizia de si, que quando no céu visse a gloria de Deus, e Deus lhe mostrasse a sua face, então, e só então, se fartaria a sua sêde: *Satiabor, cum apparuerit gloria tua; quando veniam, et apparebo ante faciem*

---

[1] *Hebr.*, I, 3; *Rom.*, VIII, 34.
[2] *Psalm.* CXVIII, 139.
[3] *Ibid.*, LXVIII, 10.

Dei. [1] Isto mesmo parece que devia dizer Xavier, quando desatada sua alma das prisões do corpo, se viu no céu, e com tanta gloria, repetindo com o mesmo David: *In pace in idipsum dormiam, et requiescam, quoniam singulariter in spe constituti me.* Já se cumpriram as esperanças dos meus desejos, já se acabaram os trabalhos dos meus sonhos, agora é o tempo, e por isso mesmo, de dormir e descançar em paz: *In pace in idipsum dormiam, et requiescam.* [2] Assim cuidava eu que havia de ser; mas o effeito mostrou que não foi assim. Perguntou Deus a Xavier diante de toda a côrte celestial, quando lá entrou com maior acompanhamento e triumpho de almas que nenhum outro: É bem, Francisco, estás já contente e satisfeito? Aqui onde esquece tudo o passado, lembras-te ainda daquelles teus *mais e mais*, com que me via tão importunado dos teus fervores? Calou e emmudeceu Xavier por reverencia; mas instado a que respondesse, disse desta maneira:

Eu, Senhor, em quanto vivi no mundo, sempre foi com tres grandes desejos que muito me apertavam o coração. O primeiro, de vêr o que vejo e goso descobertamente no summo bem de vossa divina presença; e depois do cumprimento desta felicidade, não posso dizer nem desejar mais; pois por misericordia de vossa divina grandeza, é mais o que possuo, do que nunca esperei, nem merecia minha indignidade. O segundo desejo era de padecer mais e mais por vosso amôr, e este se não está acabado, está porém impedido no corpo morto pela impossibilidade da morte, e na alma já gloriosa pelo impossivel da pena. Só resta o terceiro desejo, que era, e é, de servir e ajudar aos proximos no ministerio da vocação, em que vossa Divina Providencia se serviu de que eu os servisse, para conversão dos gentios, reforma dos christãos, e salvação de todos. E quando vejo, Senhor (agora melhor), que vosso Unigenito e bemditissimo Filho deixou, do modo que podia deixar, o céu por amôr e remedio das almas, não posso eu deixar de tomar por valedores as suas mesmas Chagas, para supplicar (e aqui se prostrou de joelhos) e pedir humildemente a vossa Divina Piedade a continuação do mesmo ministerio que exercitei na

---

[1] *Psalm.* XVI, 15. *Ibid.*, XLI, 3.
[2] *Ibid.*, IV, 9 e 10.

vida, com licença de tornar outra vez ao mundo (pois póde ser sem perder o bem da soberana vista que gozo, antes mais animado e confortado com ella poderei servir aos proximos sem as minhas imperfeições) e que esta concessão, Senhor, seja perpetua, sem limite de mais e mais, e mais, em quanto durar o mundo, e em todas as partes delle.

Admirou a toda a côrte dos bemaventurados a novidade da petição, e ainda ficaram mais admirados, quando viram que a Suprema Magestade com alguma inclinação do soberano acatamento mostrou que se agradava do novo memorial, e que annuia a elle. Assim se diz no supremo Consistorio da Igreja: *Annuit Sanctissimus.* Mas ainda falta outra prerogativa da mesma graça. Em bem differente materia viu S. João no seu Apocalypse, que fizeram a Deus outra petição os Martyres no céu: e porque não era ainda chegado o tempo de se poder despachar, diz o mesmo Evangelista, que lhe foi dada a cada um uma certa estola em prenda de ser bem aceito o seu requerimento: *Et datæ sunt illis singulæ stolæ albæ, et dictum est illis, ut requiescerent adhuc tempus modicum.* [1] Que estolas foram estas, não explicou S. João, e ainda se não sabe com certeza o que eram ou significavam. Porém a que Deus deu a Xavier despachado logo, e sem dilação, sabe-se com evidencia qual fosse, porque foi visto muitas vezes com ella. Muitos pintam ao Santo, ou revestem suas estatuas com sobrepeliz e estola, por ser este o trajo com que prégava. Mas não foi esta a divisa ou insignia com que Deus o graduou na continuação do officio. Mandou que o vestissem no céu com uma esclavina, e lhe mettessem um baculo na mão na mesma fórma de peregrino, com que seu Filho resuscitado appareceu aos Discipulos que iam para Emaüs. E com esta divisa começou Xavier a exercitar a sua segunda missão do céu á terra, em que Christo foi o primeiro, e elle o segundo, para que se não diga já: *Unus est, et secundum non habet.*

Todos os Santos neste mundo se reputaram por peregrinos. Jacob, *Dies peregrinationis meæ:* David, *Advena ego sum, et peregrinus:* S. Pedro, *Tanquam advenas, et peregrinos:* S. Paulo, *Peregrinamur ad Domi-*

[1] *Apoc.*, VI, 11.

num. [1] O mesmo S. Paulo deu a razão: *Non habemus hic manentem civitatem, sed futuram inquirimus:* [2] Somos peregrinos, porque não tendo aqui cidade permanente e propria, imos caminhando e buscando a futura. Mas tanto que lá se vêem os mesmos Santos, como o mesmo S. Pedro no monte Thabôr, todos dizem: *Bonum est nos hic esse:* [3] e uma vez revestidos com os quatro dotes da Gloria, nenhum os quer cobrir ou affrontar com lançar sobre elles a esclavina. S. Martinho, cuja caridade era tanta, que ainda sendo soldado e cathecumeno, deu ametade da capa ao pobre, tambem não havia de fazer ou forrar a esclavina da outra ametade. Sendo já não só christão, mas bispo, o maior offerecimento que fez a Deus, foi de continuar nesta vida em serviço dos proximos: *Si populo tuo sum necessarius, non recuso laborem.* E S. Paulo fallando com os mesmos proximos, dizia que o seu desejo era acabar a vida, e deixar este mundo, para estar no céu com Christo, não havendo para elle maior lucro que a morte; porém que se compunha com a dilatar, porque assim lhe era necessario, e lhe importava a elles para sua salvação: *Permanere autem necessarium propter vos.* [4] O mesmo disseram outros grandes zeladores das almas em quanto viviam e estavam na terra; mas depois que se viram no céu, e com Deus, nenhum houve que lhe fizesse este offerecimento. Em vida só Christo deixou o céu para peregrinar na terra; e depois da morte só Christo e Xavier. E este foi o finissimo da fineza em que estamos, com que acabo.

Antes do dia da Paschoa, como disse no principio, se costumam ponderar as maiores finezas do amôr de Christo para com os homens: *Ante diem festum Paschæ, cum dilexisset suos, in finem dilexit eos.* [5] Mas o finissimo dessas finezas não teve o seu fim no dia antes da Paschoa; mas no dia da mesma Paschoa é que começou. E porque? Porque antes do dia da Paschoa padeceu Christo a morte, e deu a vida por amôr dos homens, e na mesma morte, e em todas as

---

[1] *Gen.*, XLVII, 9; *Psalm.* XXXVIII, 13; *1.ª ad Petr.*, II, 11. *2.ª ad Cor.*, V, 6.
[2] *Hebr.*, XIII, 14.
[3] *Math.*, XVII, 4.
[4] *Philip.*, I, 24.
[5] *Joan.*, XIII, 1.

acções da vida mereceu, não para si, senão para nós, a graça e a gloria, porque ainda que era comprehensor, como fallam os Theologos, era juntamente viador; porém no dia da Paschoa, em que resuscitando, estava já no estado de immortal e glorioso, não merecia nem podia merecer: e peregrinar neste mundo, depois de conseguir a gloria da immortalidade, quem não póde merecer para si, nem para outrem, e só para consolar, favorecer, e levar ao céu os que vivem no mesmo mundo, não só é o fino, senão o finissimo da mesma fineza. Assim peregrinou glorioso Christo, e Xavier tambem glorioso e peregrino.

VIII

Christo peregrino e glorioso, não só appareceu aos peregrinos de Emaüs, senão no mesmo dia da Paschoa á Magdalena, ás Marias, a S. Pedro, aos Discipulos no Cenaculo. Peregrino e glorioso lhes tornou a apparecer no mesmo Cenaculo, presente já S. Thomé, e os foi buscar a todos a Galiléa, e lhes appareceu, ou juntos ou divididos, na praia, no monte, e em diversos logares por espaço de quarenta dias. Peregrino e glorioso depois de subir ao céu, appareceu a S. Pedro, a S. Paulo, e aos outros Apostolos, como lhes tinha promettido: *Vado, et venio ad vos:* [1] e nesse sentido lhes disse o Anjo no Olivete (que d'outro modo não seria consolação): *Hic Jesus, qui assumptus est à vobis, sic veniet, quemadmodum vidistis eum euntem in cœlo.* Peregrino finalmente e glorioso, appareceu o mesmo Senhor a S. Pedro Alexandrino, a Santo Ambrosio, a S. Gregorio Papa, a S. Remigio, ao imperador Basilio, ao imperador Marciano, a Clodoveo, rei de França, a Affonso I, rei de Portugal. E daquelle tempo sempre até os nossos, a tantos Santos e Santas, ou porque já o eram, ou para que o fossem, como consta das historias ecclesiasticas.

Da mesma maneira appareceu S. Francisco Xavier, depois de morto peregrino e glorioso, exercitando a segunda parte da sua missão, não só na India, senão em

[1] *Joan.*, XIV, 28.

muitas partes do mundo. Peregrino e glorioso appareceu na India a um cego, tão cego que não só carecia da vista, senão dos olhos, de que só lhe ficaram as covas, d'onde havia muitos annos os tinha perdido. Perguntou-lhe o Santo, se sentia muito a falta da vista. E como declarasse a sua pena com grandes encarecimentos: Pois porque não recorres a mim? Ora faze-te levar á minha Igreja de Cotata, e por espaço de nove dias roga a Deus que te faça esta mercê. Foi, e acabada a novena se achou com os olhos restituidos a seu logar, e com a vista mais clara do que d'antes a tinha. Em outro logar dos Malabares appareceu o Santo peregrino a uma mulher christã que estava morrendo com grande sentimento de acabar a vida, e lhe disse: Porque não queres o que Deus quer? Deus quer que morras, e a ti te convem morrer agora: confessa-te de todos os teus peccados, e eu farei vir aqui um padre (porque o não havia) com quem o possas fazer. Veiu o padre, confessou-se, e em recebendo a absolvição morreu tão consolada, como quem sabia que lhe importava morrer. Em outra igreja de S. Francisco Xavier junto a Manapar adormeceu um indio, de vida publicamente escandalosa. Appareceu-lhe o Santo exhortando-o á emenda: e fazendo elle tão pouco caso da exhortação, como de qualquer outro sonho, tornou a lhe apparecer Xavier, certificando-lhe quem era, e ameaçando-o que se não se emendasse, lhe custaria caro. Não se quiz comtudo emendar, e ainda depois de vèr duas vezes o que vira: mas no mesmo ponto se achou tolhido de todos os membros, com dôres que os medicos o desenganaram serem mortaes. Então reconheceu o seu castigo e a causa, fez propositos firmes, se tornava a recuperar a vida, de a emendar, pedindo perdão ao Santo com muitas lagrimas; o qual porque viu que o arrependimento era verdadeiro, como depois mostrou o effeito, lhe appareceu terceira vez, e, são já na alma, lhe sarou tambem o corpo. Em todos estes casos se deve notar que não foi Xavier invocado pelos que tinham necessidade delle, mas elle mesmo vendo-os necessitados ou no corpo ou na alma, os foi buscar para lhes dar o remedio.

Vamos agora aos que o pediram ao Santo, e se encommendaram a elle. Nas masmorras de Berberia estava captivo e carregado de ferros um portuguez nobre, mas sem cabedal para comprar o seu livramento.

Invocou a S. Francisco Xavier, tomando-o com grande fé por seu redemptor, e o Santo sem habito da Trindade ou das Mercês, mas no seu de peregrino, se lhe presentou no carcere escurissimo, enchendo-o todo de luz celestial, e lhe prometteu que dentro em tres dias seria livre. Eram necessarios para cumprimento desta promessa dois grandes milagres, um contra a crueldade, outro contra a cubiça e avareza dos barbaros; mas elles no fim do terceiro dia o soltaram das prizões, e sem resgate lhe deram a liberdade. Na Calabria havia vinte e tres annos que uma miseravel mulher estava possuida de cinco demonios. Tinha sido levada a varios Santuarios da Italia sem nenhum effeito, que tão obstinados eram os cinco rebeldes espiritos. Occorreu finalmente aos parentes levarem-na á imagem de S. Francisco Xavier de Potamo, e logo foram ouvidos os demonios gritar com grandes gemidos: Ai de nós que já não poderemos resistir. No caminho, que era grande a distancia, tres vezes appareceu o Santo á mulher, dizendo: Eu sou Francisco, vae muito confiada que terás remedio: e assim foi, porque em chegando á porta da Igreja, onde é venerada a milagrosa imagem, uivando como cão raivoso, desappareceu o cerbero de cinco cabeças, e nunca mais tornou.

Sobre todos foi maravilhoso em Napoles o caso do padre Marcello Mastrilli, da Companhia de Jesus, grande devoto de S. Francisco, ao qual se encommendou estando já agonisante de uma ferida mortal na cabeça. Appareceu-lhe naquelle extremo o Santo Peregrino, fez-lhe fazer voto de ir ao Japão, se Deus lhe dava vida, e de a tornar a dar a Deus, sendo martyrisado em defeza da Fé. O Santo invisivelmente lhe ia ditando o voto, e o agonisante, que estava já sem falla, o ia repetindo em voz clara, que todos os circumstantes ouviam, attonitos da voz e da significação das palavras, sem entender o mysterio, até que viram que o moribundo se levantou são, e sem signal da ferida, e declarou com circumstancias de maior admiração (que seria necessario muito tempo para referir) tudo o que occultamente tinha passado. Foi tão publico e famoso o milagre, que logo correu por todo o mundo estampado, e o padre Marcello, não coroado ainda, mas já cercado dos instrumentos de martyr. Martyr lhe chamavam todos d'alli em diante, e como martyr o veneravam. Elle por devoção do Santo ajuntou ao seu nome

o de Francisco, chamando-se Marcello Francisco Mastrilli; mas ninguem o nomeava senão com o de martyr, martyr sahindo de Italia, martyr passando por França e Hespanha, martyr chegando a Lisboa. De Lisboa partiu com o mesmo nome, e navegou até Gôa; de Gôa com o mesmo navegou, e chegou ao Japão, onde por fim prégando publica e intrepidamente a Fé do verdadeiro Deus, depois de padecer por ella exquisitos e atrozes tormentos, foi condemnado á catana e á fogueira. A catana no primeiro golpe fez tão pouca móça na cerviz do fortissimo athleta, como se ella fôra de aço, e a catana de cera: no segundo, fazendo só um pequeno signal, cahiu das mãos ao algoz: no terceiro, contente Marcello com ser tres vezes martyr, com palavras que todos ouviram, deu licença á catana para cortar, e lhe tirou a cabeça. Desta sorte sendo primeiro degolado, e depois queimado pela Fé, elle cumpriu o seu voto, e a prophecia de Xavier se cumpriu nelle.

Voltemos agora sobre os casos referidos. Nas primeiras tres apparições do Santo Peregrino, e nos tres primeiros milagres, notámos que os obrou sem ser invocado; e assim nestes tres ultimos que parecem maiores, devemos notar que primeiro o invocaram e se encommendaram a elle seus devotos. E supposto que a materia em que estamos é das finezas de Xavier; se me perguntarem em quaes se mostrou o Santo mais fino, respondo que nos primeiros; porque nos segundos teve alguma parte a nossa devoção, os outros foram todos inteiramente da sua caridade. Estes começaram pelo nosso cuidado, e acabaram pelo seu: nos outros mostrou o Santo que tinha mais cuidado de nós, do que nós de nós. Tambem é muito para notar nos primeiros casos, que nelles fez o Santo morrer uma mulher, e adoecer gravemente um homem. E sendo tão ordinario nas suas maravilhas curar enfermos, e resuscitar mortos; que diremos quando tira a vida aos vivos, e a saude aos sãos? Tambem digo que esta foi em ambos os casos maior fineza, porque aqui era mais necessaria á vida a morte, que a vida, e mais importante ao são a enfermidade que a saude. D'onde devem inferir e advertir muito os que pedem favores a S. Francisco Xavier, que quando lhes não concede o que desejam, ou lhes nega o que pedem, nem por isso se mostra o Santo com elles menos, senão mais fino; porque quando nos nega o que desejamos, nos con-

cede o que devemos desejar: e quando nos não dá o que pedimos, nos ensina o qué não devemos pedir. Finalmente, quando sem desejar nem pedir coisa alguma a Xavier, succede a seus devotos o que lhe deveramos agradecer, se tiveramos invocado a sua intercessão, nem por isso devemos cuidar que não são favores e obras suas, nem elle é o auctor dellas, antes entender que tanto são maiores finezas, quanto mais occultas; porque fazer o beneficio, e esconder a mão, assim como é maior generosidade, assim é maior fineza.

IX

Estas eram e são as de que usava e usa S. Francisco Xavier, além de outras de que elle só tem noticia, exercitando a segunda parte do seu Apostolado depois da morte, glorioso no céu, e peregrino na terra. Peregrino na Asia, peregrino na Europa, peregrino na Africa, como vimos, e tambem peregrino com as mesmas maravilhas na America. Já presente, já ausente: já visto, já invisivel; já rogado, já não rogado: já por si mesmo, já por suas reliquias: já por suas imagens, já por qualquer memoria sua: e tambem sem memoria nossa esquecido, mas sem nunca se esquecer: sempre acudindo, sempre ajudando, sempre favorecendo a todos: e não só espiritual senão temporalmente, sem deixar meio, modo, ou motivo de reduzir as almas ao serviço de Deus, e as pôr no caminho do céu. E isto que pelo que tem de milagrosas todas estas finezas, parece que nos escusam da imitação; pelo que importam ás nossas almas, não só temos obrigação de as imitar, mas ellas mesmas, se o não fizermos, serão os mais rigorosos fiscaes de nossa condemnação. Pergunto: Quem é este homem que tantos extremos fez na vida, e tantos faz depois de morto por nos salvar? E' Francisco Xavier. E onde está este homem, e onde estamos nós? Elle está no céu, e nós na terra; elle com a salvação segura, e nós com ella tão duvidosa: elle sem poder já merecer, e nós no tempo e logar que Deus limitou para o merecimento. Pois se elle sem interesse anda peregrinando e correndo o mundo, vigiando de dia sobre os que não vigiam, e acordando de noite os que dormem, por salvar as almas alheias;

que é o que nós fazemos por salvar a propria; e que é o que muitos fazem pela perder? Tantas diligencias, tantos desvelos, tantos trabalhos, tantas batalhas pelo que nenhuma coisa importa; e nada pelo que importa tudo? O que fazemos, e o que não fazemos, tudo nos condemna. Que importa ao homem ganhar o mundo todo, se perde a sua alma? S. Francisco Xavier, pois tão zeloso é da salvação de todas, nos alcance a graça de que se imprima bem nas nossas aquelle oraculo divino: *Quid prodest homini, si mundum universum lucretur, animæ verò suæ detrimentum patiatur?* [1]

[1] *Math.*, XVI, 26.

SERMÃO NONO

BRAÇO

Posuit pedem suum dextrum super mare, sinistrum autem super terram. [1]

I

A crueldade mais honrosa, ou a honra mais cruel que nunca viu o mundo, é um tremendo espectaculo, que primeiro assombrou a terra, e depois o mar, o qual eu reservei de proposito para esta ultima clausula da nossa Novena.

II

Morreu em fim S. Francisco Xavier, e como não ha duas coisas tão parecidas como a morte e a vida, sendo tão miraculosa a sua vida, não podiam faltar milagres na sua morte. Depois della não foi embalsamado seu corpo, como era antigo costume, ou rito funeral do Oriente; mas como o mesmo corpo foi habitado cincoenta e cinco annos daquella alma santissima cheia de tantas virtudes, ellas foram o balsamo, a myrrha, o nardo, o aloës, e as outras especies aromaticas celestiaes, que o conservaram incorrupto, cheiroso, e tão inteiro como vivo: *Inest quædam ejusmodi*

---

[1] *Apoc.*, x.

virtus in corporibus Sanctorum propter tot annos inhabitatas in illis animas justas quorum ministerio usæ sunt, diz S. Cyrillo Jerosolymitano. E' este privilegio raro, e só concedido por Deus áquelles Santos, que particularmente mereceram o nome de seus: *Non dabis sanctum tuum videre corruptionem.* [1] E quem mais santo de Deus, *sanctum tuum*, e de Deus todo, e em tudo, e por tudo que Xavier?

A morte é filha do peccado: *Per peccatum mors.* [2] E no peccado de Adão onde ella teve o seu principio, alcançou tambem o poder, não só de matar os homens, mas de lhes corromper os corpos, e os resolver em pó: *Pulvis es, et in pulverem reverteris.* [3] Esta é queixa ou horror que tinha David, não só da morte, senão do pó em que ella o havia de desfazer na sepultura: *Et in pulverem mortis deduxisti me.* [4] Pois se estes são os teus poderes, ó morte, porque os não executaste em Xavier? Não dirás que te faltaram os instrumentos mais efficazes deste seu segundo rigor, porque duas vezes foi o santo cadaver coberto de cal viva, que é a lima mais forte e mordaz para roer e desfazer em pó toda a materia tão varia, de que se compõe a fabrica de um corpo, até lhe despir e desconjuntar os ossos. Mas foi tal o respeito com que a sua natural voracidade reverenciou aquelles despojos da vida na imagem morta de Xavier, que nem no menor fio da roupa se atreveu a lhe tocar, com que tambem a mesma cal por este milagre mereceu ser venerada por reliquia.

Mais. Aquelle ultimo accidente congella o sangue, secca a carne, endurece os nervos, muda e desmaia as côres: porém todos estes effeitos ou consequencias da morte naquelle corpo morto, ou naquelle milagre vivo, ficaram tão parados, ou tão pasmadas, que o sangue corria liquido, a carne cedia branda, os nervos se dobravam flexiveis, e a côr, frescura, e graça do rosto estava tão constante, e tão a mesma, que os que trataram o Santo em vida, só porque não fallava, o julgavam por morto. Enganava-se a vista, enganava-se

---

[1] *Act.*, II, 27.
[2] *Ad Rom.*, V, 2.
[3] *Gen.*, III, 19.
[4] *Psalm.* **XXI, 16.**

o tacto, enganava-se o olfacto, e até o gosto se enganou, porque houve devoção atrevida, ou tão faminta, que com os dentes lhe cortou parte de um dedo do pé a furto, e como se a morte de Xavier fôra mysterio de fé, só o ouvido cria e confessava que não estava vivo. Que fizeste logo, ó morte, ou porque não fizestes o que costumas?

Não fez a morte no corpo de Xavier o que costuma nos outros, porque morreu matando. Ella matou a Xavier, e Xavier a matou a ella. Foi como a abelha, que ferindo morre: ou menos doce, e mais nobremente como Samsão, que morreu matando. Nem realçam pouco a propriedade da similhança as duas columnas do Anjo que representava a Xavier. A morte quando mata e vive, depois de separar a alma corrompe o corpo; mas quando matando morre, perde totalmente as forças, ficando ella o cadaver da morte, e o cadaver inteiro e incorrupto com todos os outros accidentes de vivo. Assim anticipou Xavier em si mesmo, como Precursor de Christo nesta parte, o que elle como triumphador da morte ha de fazer universalmente no fim do mundo. Oiçamos a S. Paulo: *Oportet corruptibile hoc induere incorruptionem, et mortale hoc induere immortalitatem: cum autem mortale hoc induerit immortalitatem, tunc fiet sermo, qui scriptus est: Absorpta est mors in victoria.* [1] Virá tempo, diz o Apostolo, em que este corpo corruptivel e mortal se revista de immortalidade, e fique incorruptivel, e então se cumprirá o que está escripto, que a morte ficará afogada na sua victoria. Note-se muito aquelle *tunc*, então; porque o revestir-se o corpo corruptivel de incorruptibilidade, que é o que se ha de fazer no fim do mundo, isso mesmo se fez na morte de Xavier anticipadamente, e pelo mesmo modo, isto é, afogando-se a morte na sua propria victoria: *Absorpta est mors in victoria.* Venceu, afogou, e matou a morte a Xavier, mas quando o afogou, ficou ella afogada, quando o venceu, ficou ella vencida, e quando o matou, ficou ella morta. Foi a morte como Eleazaro quando matou o elephante, e Xavier como o elephante da India, que cahiu morto sobre elle, e o sepultou debaixo de si.

---

[1] *1.ª ad Cor.*, XV, 53 e 54.

Não é metaphora o que digo, senão verdade experimentada, e vista logo pelos olhos em proprios termos. A primeira jornada que fez Xavier depois de morto, foi das praias de Sanchão, onde o sepultaram, ao porto de Malaca. Ardia a cidade em uma sevissima peste, andando a morte com a foice tremendamente ensanguentada por toda a parte entre gentios e christãos segando vidas sem numero. E agora quero eu fazer uma apostrophe, não aos vivos ou moribundos, senão ao corpo morto de Xavier: Esta é, para que a um tão grande Santo não faltasse o caracter da verdadeira santidade que são as perseguições e a herança, que Christo deixou em morgado aos seus Apostolos quando lhes disse: *Si me persecuti sunt, et vos persequentur*. [1] Esta é, Padre Mestre Francisco, aquella ingrata e indigna, por não dizer infame cidade, na qual devendo-vos a fé, a doutrina, e a liberdade tantas vezes e tão milagrosamente conservada por vós, e defendida de seus inimigos, por obedecer, e adular á impiedade de um tyranno que a governava, fostes tão enormemente injuriado e affrontado pelas ruas publicas, e a auctoridade e Bullas Apostolicas, como falsificador dellas, desobedecidas e desprezadas: e da qual, como rebelde, maldita e excommungada, vos despedistes sacudindo o pó dos sapatos, conforme o conselho de Christo, em testemunho ao céu e á terra de sua rematada obstinação. Então soffreu tudo vossa invicta paciencia, como insensivel e mudo: mas agora que a Justiça Divina se tem declarado em a castigar, e defender vossa innocencia, mettendo-lhe nas entranhas o veneno irreparavel do ar corrupto, com que a mesma respiração em logar de ser alento e alimento da vida, se lhe converta em laço, e garrote da morte. Agora, agora é tempo que vós tambem vos ponhaes da parte da mesma Justiça, e que essa caixa tosca em que estaes mettido morto, como outra Arca do Testamento, em que residia Deus vivo, faça a destruição e exterminio em Malaca, que ella captiva e affrontada fazia em todas as terras dos philisteus inimigos aonde chegava.

Isto é o que a razão, a verdade e a justiça devia aconselhar e persuadir a Xavier. Mas como mostraria elle que era morto o mesmo que tinha sido vivo? Sáe, e

[1] *Joan.*, xv, 20.

apparece o sagrado deposito em terra, e no mesmo ponto todos os que estavam feridos e espirando da peste, se levantaram subitamente sãos. Purificou-se o ar, desappareceu e fugiu o contagio, sem ferir mais, nem tocar em christão algum nem gentio. E a morte tambem quiz fugir, mas nas mesmas covas que estavam abertas para os moribundos a metteu e encerrou Xavier como triumphador della. Tinha a morte e os inimigos de Christo presidiado o seu sepulchro com guardas de muitos soldados armados, *cujus sepulchrum plurimo custode signabat lapis*. Mas que aproveitam estas cautelas contra o triumphador da morte? Festiva e discretissimamente o cantou a Igreja: *Victor triumphat, et suo mortem sepulchro funerat*. A mesma morte que o tinha morto, sepultou elle no seu sepulchro. Do mesmo modo o fez Xavier, não em uma só cova, onde ella o tinha mettido nas praias de Sanchão, mas nas muitas covas que a mesma morte tinha aberto em Malaca, para os que nella ia matando. Na morte de Christo abriram-se muitas sepulturas. *Monumenta aperta sunt.* [1] E que succedeu pouco depois? Que quantas eram as covas abertas, tantos foram os mortos que dellas sahiram resuscitados: *Et multa corpora sanctorum, quæ dormierant, surrexerunt*. Julgue-se agora se foi mais, ou menos que se levantassem vivos e sãos, e não entrassem nas sepulturas tantos, quantas eram as sepulturas que a morte lhes tinha aberto; e estes não sómente santos como aquelles, *Multa corpora sanctorum*, mas christãos com fé, e gentios sem ella, sem differença nem excepção todos.

III

Tão universal e plenaria foi a indulgencia que as reliquias de Xavier alli concederam só de caminho, sendo a sua derrota direitamente a Gôa. Mas que eloquencia será bastante a referir a devoção, o affecto, o applauso, a magnificencia e triumpho, com que foi recebido naquella imperial metropole da Asia morto, quem tanto lh'o tinha merecido em vida? Deixo sete

[1] *Math.*, XXVII, 52.

manifestos naufragios, de que o Santo livrou a nau que o levava, com outros tantos milagres. Mas não posso passar em silencio o que agora direi. Tanto que em Gôa se soube a alegre nova, o Padre Providencial da Companhia com outros tres Religiosos partiram em um catur a encontrar o sagrado hospede: acharam a nau em Baticalla, não surta, mas sobre a vela ao pairo; e tanto que passaram ao catur a caixa em que vinha o Santo corpo, a nau sem vento, sem tocar em baixio, e sem occasião alguma de perigo, se foi por si mesmo direita ao fundo, como quem tinha cumprido com seu officio. Para que se não cancem os Expositores em inquirir que foi feito da estrella do Oriente, depois que parou sobre o Presepio de Christo; uma e outra se foi a pique, que tambem o ar tem fundo. Assim quiz Deus honrar a Xavier, mostrando que o que tinha creado para servir a seu Filho e o que tinha fabricado para servir a seu servo, era decencia e auctoridade que em acabando de os servir, acabassem juntamente, e não servissem a outrem. Anoiteceu o catur na barra de Gôa onde ninguem dormiu aquella noite, nem houve dia que tanto tardasse em amanhecer, dizendo algum pensamento poetico, que a aurora se detinha em se enfeitar para mais arraiada, e mais formosa que nunca, abrir as portas ao Sol do Oriente. Ao primeiro romper da luz partiram de voga arrancada em demanda do catur dezoito bergantins e nelles a principal fidalguia daquella então segunda côrte de Portugal, todos com tochas accezas; e depois de fazerem a devida reverencia ao Santo, divididos em duas fileiras voltaram acompanhando o catur para a cidade. E como os bergantins vinham embandeirados de flamulas e galherdetes de varias côres, e prevenidos de instrumentos sonoros de todo o genero, as luzes que reverberavam e se multiplicavam nas aguas, e a consonancia dos instrumentos ao compasso lento dos remos faziam tal harmonia aos olhos e aos ouvidos, que grandemente ajudavam a alegria dos corações.

Esperava na praia o vice-rei, com todos os tribunaes do estado e seus ministros, a camara com a sua bandeira, juizes, vereadores, e todos os outros officiaes da republica, e a cidade inteira em uma multidão innumeravel de todos os estados, e não só os sãos senão tambem os enfermos, ou por seu pé, ou em braços alheios, esperando tornar para suas casas com saude.

Quando o catur já ia chegando, era muito para vêr os braços que se levantavam e estendiam do meio da multidão, como abraçando de longe, e do modo que podiam, os pés do Santo, havendo alguns que não tendo paciencia para esperar mais, assim como estavam, se lançaram ao mar. Desembarcado o Santo, todos o salvaram com os joelhos em terra, e vivas que chegavam ao céu. E unindo-se com grande accordo o funebre com o triumphal, por não exceder os ritos da Igreja, se ordenou a procissão ou acompanhamento nesta fórma: Iam diante os meninos da doutrina, por quem Xavier naquellas mesmas ruas e praças tinha obrado tantos milagres: eram em numero noventa, todos vestidos de branco, com grinaldas de flôres na cabeça e palmas verdes na mão, cantando: *Benedictus Dominus Deus Israel, quia visitavit, et fecit redemptionem plebis suæ.* Seguia-se toda a Irmandade da Misericordia com suas insignias, e apoz ella duas compridas fileiras da nobreza que esperava em terra, e da que tinha ido ao mar, todos com tochas accezas e vestidos das melhores galas á competencia. Depois delles os conegos da Cathedral Metropolitana, e os clerigos de todas as parochias, entre os quaes iam todos os Religiosos da Companhia, que tambem levavam aos hombros o seu Santo Padre em um esquife ou andor ricamente ornado. Fechava todo o acompanhamento o vice-rei, a cidade, e os embaixadores de quasi todos os reinos e nações da Asia, que com a diversidade de côres e trajos faziam um formoso e pomposo remate.

As ruas estavam alcatifadas com o mais fino, precioso, e artificioso de Ormuz: as paredes ricamente armadas de tapeçarias de oiro, e seda: a espaços se viam levantados arcos triumphaes, e outros corpos de devota e magnifica architectura: das janellas e eirados choviam flôres sobre o andor e corpo do Santo: as milicias postas em ala, quando ia passando, lhe abatiam as armas e as bandeiras: e em toda a parte, ou ardiam, ou ferviam em odoriferos licores todos os aromas da India entre os quaes com estupenda maravilha rescendia, e se distinguia de muito longe a celestial fragrancia, que de si exhalava o bemaventurado cadaver. Em quanto assim marchava o mais solemne triumpho, de quantos tinha visto aquella tantas vezes triumphante cidade, acompanhavam estrondosamente os applausos os continuos trovões da artilheria de todas as fortalezas,

e os alegres repiques dos sinos de todas as Igrejas, a cujo som se excitavam os enfermos, uns a sahir ás janellas, outros ás mesmas ruas com principios da saude, em que o Santo os confirmava. E aqui me lembra a futil murmuração de um hereje, o qual mofando das reliquias dos catholicos, não duvidou escrever, que um Religioso depois de visitar os Logares da Terra Santa, trouxera de lá em uma caixinha o som dos sinos de Jérusalem. Mas o que elle então disse por riso, se verificou neste dia com verdadeiras experiencias.

Chegada a procissão á Igreja da Companhia de Jesus, foi collocado o sagrado deposito na capella mór, onde as grades, quebradas por muitas partes com o peso da gente, o não poderam defender do impeto com que uns sobre outros se lançavam a lhe beijar os pés. Tres vezes foi o Santo levantado em pé, e mostrado ao povo, em que o pasmo daquella vista era egual ás lagrimas que todos derramavam; e tres dias revestido nos paramentos sacerdotaes esteve assim exposto. Não houve sermão de honras nestas gloriosas exequias, nem panegyrico do morto triumphador da morte, porque as linguas de todos em toda a parte (não se fallando por muito tempo em outra coisa) eram eloquentissimas oradoras dos seus louvores. Uns referiam prophecias, outros milagres, outros conversões, outros excellentes virtudes, testemunhando em si mesmos os favores recebidos no mar e na terra, e contando outros o das suas os gentios, e estrangeiros. Mas quando estes, e outros estivessem mudos, bastavam só sem memorias do passado, como pregoeiros presentes, os cegos, os aleijados, os tolhidos, os leprosos, e os outros enfermos de todo o genero os quaes concorrendo ao novo Propiciatorio da saude, sahiam de sua presença inteiramente sãos, porque o corpo que Deus tinha conservado tão incorrupto e inteiro, não sabia fazer mercês, nem milagres partidos.

IV

Mas antes que passemos adiante, será não só justo, mas necessario, saber qual foi o particular merecimento, pelo qual a Divina Providencia concedeu a S. Francisco Xavier este privilegio da incorrupção e inteireza, não só concedido a poucos Santos, mas com

tantas circumstancias e accidentes vivos em um corpo morto (segundo o que lêmos nas historias ecclesiasticas) póde ser que a nenhum outro. A razão, ou merecimento declarou Santo Agostinho sobre aquelle Texto: *Neque dabis Sanctum tuum videre corruptionem.* [1] Diz o maior lume da Igreja, que não concede Deus este privilegio aos Santos por santificados, senão por santificadores; não por serem santos em si, mas por santificarem a outros: *Neque sanctificatum corpus, per quod et alii sanctificandi sunt, corrumpi patieris.* E como S. Francisco Xavier, entre todos os santos e varões apostolicos da Igreja, não só foi o que havia de sanctificar, *sanctificandi sunt*, senão o que tinha santificado em sua vida, e cooperado á salvação de tantos milhares e milhares de almas, que os auctores de maior lição, e mais noticiosos estendem a dois milhões (o que se não sabe de algum outro Santo) como havia Deus de consentir, que padecesse corrupção a inteireza de tal corpo: *Neque corrumpi patieris?* S. Paulo comparando os corôas dos que se salvam, com as dos vencedores que neste mundo se coroam, a estas chama corruptiveis, e áquellas incorruptas: *Et illi quidem, ut corruptibilem coronam accipiant, nos autem incorruptam.* [2] S. Pedro ponderando nas mesmas corôas do céu o preço por que foram compradas, que foi o sangue preciosissimo do Cordeiro sem macula, tambem considera nellas o incorrupto em comparação do corruptivel: *Non corruptibilibus auro vel argento, sed pretioso sanguine, quasi agni immaculati Christi.* [3] E quem distribuiu tão innumeraveis corôas incorruptiveis e incorruptas, como havia de padecer corrupção em si mesmo? Finalmente, quando Xavier chegou ao Oriente, podia-se dizer de toda a Asia, o que se disse do mundo antes do diluvio: *Quia omnis caro corruperat viam suam:* [4] e no meio desta immensidade, ou diluvio de corrupções, que fez o grande Apostolo? Nos gentios alimpou e desterrou a corrupção da idolatria, nos mouros a corrupção da infame seita de Mafamede; em uns e outros, e nos mesmos christãos, a corrupção da torpeza, da cubiça, da

---

[1] *Psalm.*, XV, 10.
[2] *1.ª ad Cor.*, IX, 25.
[3] *1.ª Epist. Petr.*, I, 18 e 19.
[4] *Genes.*, VI, 12.

injustiça, e dos outros vicios arreigados em tantas nações, tão diversas, e em tantas terras tão remotas. E aquelles pés, que tantas mil leguas caminharam, quasi sempre descalços: aquelles braços, que tantas mil almas baptisaram, mais de dez e vinte mil em um dia: aquelle sangue, que tantas vezes se derramou das veias com piedosa impiedade para converter peccadores: aquella lingua, que nunca cessou de prégar a fé do Evangelho em todas as linguas: aquelles olhos, que de dia e de noite vigiavam, e o coração, que sempre ardia no zelo de prégar o nome de Christo: e todo aquelle corpo tão mortificado, e tão vivo, tão abstinente e tão forte, tão fatigado e tão incançavel, tão dividido em mil partes, e tão inteiro, porque havia de haver corrupção, que se lhe atrevesse á inteireza? Deixo tantos apestados, a quem livrou da corrupção do contagio, e a vinte mortos que em vida livrou tambem da corrupção da sepultura.

V

Assim perseverou inteiro o corpo morto de S. Francisco Xavier sessenta e tres annos, até que no de mil seiscentos e quatorze, que foi para a sua inteireza o climaterico, se dividiu, e lhe foi cortado o braço direito. E esta é a que no exordio deste discurso chamei a crueldade mais honrosa, ou a honra mais cruel. Começando pela honra: constando ao Summo Pontifice Paulo V que o corpo do Padre Francisco Xavier se conservava inteiro, com isensões da natureza e da morte tão singulares, desejou ter comsigo uma reliquia insigne do mesmo corpo, que assim chama a Igreja ás partes principaes de que elle se compõe. E como os desejos da suprema auctoridade são os modos mais apertados de mandar; declarado este por Sua Santidade á Companhia, elle foi o golpe que a obrigou a uma tão rigorosa separação. Mas que maior honra se póde imaginar no céu, ou fingir na terra, que o mesmo Vigario de Christo, e vice-Deus, tendo em Roma á sua mão direita S. Pedro com as chaves, contra as quaes não pódem prevalecer as portas do inferno; e á esquerda a S. Paulo como o montante da doutrina e fé catholica, de que sempre temeu o mundo, quizesse juntamente pôr e ter a seu lado o braço de um homem

ainda não canonisado por Santo, nem beatificado? Oh homem mais que homem na vida, e honra e excepção de todos os homens depois da morte! Não é Roma aquelle sanctuario universal, que reparte reliquias a todo o mundo christão? Não é aquella Terra Santa, regada com o sangue de infinitos martyres, em que não ha parte minima, em que se não possa e deva venerar como reliquia? Não é aquella por antonomasia cidade, de cujos cemiterios se estão desenterrando continuamente corpos inteiros de Santos, com que enriquecem e auctorisam os altares de toda a christandade? Como logo sollicíta com tanto empenho, e de tão longe a mesma Roma uma reliquia de Xavier? Se vissemos que o mar pedia agua a uma fonte, e o sol luz a uma estrella, que diria a nossa admiração? Pois esta é a honra sem exemplo, com que a Cabeça da Igreja singularisa entre todos os Santos aquella parte de Xavier morto, que com tantos applausos recebe e abraça, ou com que se gloría de se vêr delle abraçado.

Mas que muito, se a mesma Igreja o tinha prophetisado assim com grande expectação e alegria? *Læva ejus sub capite meo et dextera illius amplexabitur me:* [1] O seu braço esquerdo se poz já debaixo de minha cabeça, e o seu braço direito me abraçará depois. Assim o fizeram antes e depois os dois braços de Xavier. Quando renunciou os intentos das temporalidades do mundo, a que estava tão pegado, e se dedicou ao serviço da Igreja no Instituto de Santo Ignacio, com especial sujeição e obediencia ao Papa, que é a sua Cabeça, então poz o braço esquerdo debaixo da Cabeça da Igreja: *Læva ejus sub capite meo:* e quando depois de ter obrado com o braço direito tantas maravilhas, o trouxe ou mandou a Roma, então acabou de abraçar a mesma Igreja, e se aperfeiçoou e inteirou o braço: *Et dextera illius amplexabitur me:* Ella o prophetisou, o Pontifice o dispoz, Xavier o cumpriu, e Roma em honrar fez o que devia e o que costumava. Quando os seus capitães conquistavam reinos e provincias, lá levantavam os tropheus, mas na mesma Roma se lhes punham as estatuas e decretavam os triumphos: e tendo Xavier conquistado á mesma Roma um novo mun-

[1] *Cant.*, VIII, 3.

do, ainda que lá se lhe tinham levantado os tropheus das victorias, justo era que as honras das estatuas, triumphos e templos as viesse receber na mesma Roma. Santo Ignacio e S. Francisco Xavier, no meneio do seu Instituto, foram como as duas pontas do compasso, Ignacio como a do centro, sempre fixo e immovel em Roma, e Xavier como a da circumferencia dando volta ao mundo: e ordenou com alto conselho o Pontifice, que elle tornasse a Roma para aperfeiçoar o circulo, acabando-o no mesmo ponto d'onde tinha sahido. Assim o tinha ensinado a este filho de Santo Ignacio, outro Filho de melhor e maior Pae. *Exivi à Patre, et veni in mundum, iterum relinquo mundum, e vado ad Patrem.* [1] Assim como Christo sahindo do Padre veiu em vida ao mundo, e depois de morto deixando o mundo tornou ao Padre; ao mesmo modo Xavier vivo e morto, vivo se apartou de seu Santo Padre em Roma, e morto o veiu outra vez buscar a Roma, onde eu os estou vendo gloriosos a ambos no templo que a mesma Roma chama o Grão Jesus. Quando Christo se mostrou aos Apostolos na gloria do Thabôr, appareceram magestosamente com elle ao lado direito Moysés, e ao esquerdo Elias. Quiz S. Pedro então fazer tres tabernaculos; mas fel-os o seu successor o Summo Pontifice neste segundo Thabôr; na capella maior Christo com o nome de Jesus, na collateral da mão direita Santo Ignacio, como Moysés, e como Legislador, na collateral da esquerda Xavier, como Elias, e como o maior zelador da Fé. De Achilles se disse: *Unus Pæleo juveni non sufficit orbis:* que a Achilles lhe não bastou um mundo; e como o Achilles da Companhia, Xavier, lhe não bastou para suas victorias só o mundo antigo, mas conquistou o novo, necessario foi para gosar as honras merecidas na vida, que se dividisse depois da morte, e repartindo-se entre Goa e Roma, no Oriente o venerasse e adorasse a cabeça de Asia: e no Poente a cabeça da Europa, da christandade, e do mundo.

VI

Baste isto quanto ao honroso: e quanto ao que póde parecer cruel, dê-me licença Roma, para que falle com

[1] *Joan.*, XVI, 28.

ella, e não será a primeira vez que me oiça. Para Roma alcançar reliquias, e insignes reliquias de Xavier, parece que não era necessario imitar a lançada de Longinos, nem ensanguentar o ferro. E argumento a Roma comsigo mesma. O uso e estylo antigo da Igreja Romana, quando os grandes principes pediam alguma reliquia dos Santos, era mandarem-lhes os Summos Pontifices, não parte alguma dos seus corpos, senão um véu chamado Brandezem, tocado nelles, ou nos seus sepulchros. Assim o mandou S. Gregorio Papa á imperatriz Constancia, como consta do terceiro livro das suas Epistolas: [1] e o mesmo uso consta de toda a Historia Ecclesiastica, que se póde vêr em Baronio. Eram aquelles véus de linho finissimo e branquissimo, dos quaes cantou Prudencio: *Candore nitescere claro lintea:* e já póde ser que este exemplo aprendeu S. Pedro no sepulchro de Christo, onde elle notou que deixára o Senhor por reliquias de seu sagrado corpo *linteamina et sudarium*. E porque a devoção de alguns principes se não dava bastantemente satisfeita com aquellas reliquias santificadas só com o tacto dos corpos ou sepulchros santos, houve Pontifice, que mandando vir diante dos seus embaixadores estes véus, apertando-os na mão manaram sangue. Que reliquia logo tão insigne seria de Xavier aquella sua roupeta pobre, grosseira e remendada, debaixo da qual soffrêra tantas vezes o Santo as neves frigidissimas do Japão, os soes ardentissimos das areias de Meliapôr, e que nas poucas horas de somno, entre o fatigado corpo e a terra nua, lhe servia de cama? No meio de uma terrivel tempestade gritavam os pilotos e marinheiros que o navio se ia ao fundo: ia alli embarcado Xavier, e rasgando depressa um pequeno retalho da aba da mesma roupeta lançou-a ao mar, e os ventos e as ondas no mesmo momento ficaram em calma. Verdadeiramente que se o grande Antonio, Patriarcha de todos os monges, no dia de Paschoa se revestia da samarra de S. Paulo, primeiro ermitão, tecida das folhas de palma, digna era a roupeta de Xavier, de que nas maiores solemnidades, debaixo dos paramentos pontificaes, a vestissem os Pontifices Romanos.

Mais. Na mesma Roma, em dia da conversão de

---

[1] Greg. Epist. Lib. 3, Epist. 30.

S. Paulo, se mostra na sua Igreja, como particular reliquia do Apostolo das Gentes, não todo, senão parte do baculo, em que elle se arrimava nas suas grandes peregrinações, que comtudo foram muito menores que as de Xavier. Não se referem desta reliquia milagres, os quaes não são necessarios, quando por outra via consta serem verdadeiras: como consta do baculo de Eliseu ser do mesmo Propheta, constando juntamente, que posto sobre o menino defunto, não se seguiu o milagre, que elle esperava. Logo muito mais provada reliquia seria de Xavier, a em que elle caminhando, e não caminhando, todos os dias, e todas as noites, punha muitas vezes as mãos, e trazia sempre sobre o peito, que era o seu Rosario, o qual applicado em ausencia pelos meninos da sua doutrina, dos corpos endemoninhados lançava os demonios, e dos enfermos as febres, e todas as outras enfermidades. Prove esta consequencia outro maior argumento. Um grande devoto do Santo, havendo de fazer viagem de Meliapôr a Malaca, temeroso dos perigos de tão comprida navegação, e mares tão arriscados, despedindo-se delle, e tomando sua benção lhe pediu que o consolasse, e animasse com alguma prenda sua. Não se achou com outra Xavier, mais que o seu Rosario; tira-o do pescoço, e mettendo-lh'o nas mãos, lhe encommendou muito o trouxesse sempre comsigo, confiando que o livraria de qualquer perigo. Depois de alguns dias de viagem, foi tão grande o que padeceu o navio, que não podendo sustentar a furia dos ventos, se deixava levar delles, e correr fortuna, como dizem, até que encalhando em uns penhascos, onde se desfez, entre alguns poucos dos mareantes, que escaparam com vida, foi um o devoto do Santo. Não havia na dureza do penhasco, nem para comer uma herva verde, nem para beber uma gota de agua, com que, meio mortos á fome e á sede, dos madeiros do naufragio engenharam uma balsa, em que se metteram e tornaram a entregar ao mar, mais para dilatar a morte, que com esperança de vida. E assim succedeu. Porque nem a balsa, nem elles appareceram mais: e só o devoto de Xavier, com o seu Rosario, d'alli a cinco dias se achou em uma praia desconhecida, a qual depois soube que era visinha a Meliapôr, d'onde partira, e onde tinha sua casa. Perguntado quem o trouxera alli e como passára aquelles cinco dias; respondeu que não sabia, porque em todo aquelle tempo, ou arrebatado

imaginava, ou dormindo sonhava que estava conversando com a sua familia. De sorte que a sagrada reliquia não só o livrou da morte e do perigo, senão da imaginação e do temor: portento dobradamente estupendo, e digno o instrumento delle, de Roma o pendurar no templo da Minerva diante do altar da Senhora e inventora do Rosario, como um dos mais famosos de seus tropheus.

A Jeremias prometteu Deus de o livrar não só dos perigos, senão tambem do temor delles: *Nec enim ti mere te faciam.* [1] E desta mesma graça foi effeito aquelle somno tão profundo de S. Pedro na mesma noite do dia em que havia de sahir a ser publicamente justiçado, como pondera mais expressamente o Siriaco: *In illa ipsa nocte erat Petrus dormiens.* O Anjo acordou-o para o livrar da prisão das cadêas, e da morte, e Deus antecedentemente o metteu nas prisões do somno, para o livrar do cuidado, e do temor della. E se este dobrado favor foi concedido a S. Pedro pelas orações de toda a Igreja, que rogava pela sua vida, grande excellencia é de Xavier, que ao Rosario por onde elle orava, como se viu no caso que acabamos de referir, se concedesse uma e outra graça. Mas passemos ás cadêas. As de S. Pedro, são uma das mais famosas reliquias de Roma, com templo e dia dedicado a ellas. O modo de communicar esta reliquia, não era dar alguma parte, ou fuzil das mesmas cadêas, senão alguma pequena limadura daquelle sagrado ferro, santificado com o tacto das mãos do mesmo Principe dos Apostolos: *Ceciderunt catenæ de manibus ejus.* [2] Assim mandou uma destas limaduras S. Gregorio Papa a Childeberto rei de França. E Justiniano, que depois foi imperador, impetrou outro do Papa Hormisda. E se este era o estylo dos Summos Pontifices, tão louvavel e decoroso para as mesmas reliquias em edade já tão adulta da Igreja, bem pudéra Roma contentar-se com aquellas cadêas de Xavier, tantas vezes santificadas com o seu sangue, como a mesma Roma manda cantar nas suas lições: *Ferreis in se flagellis ita sævit, ut sæpe copioso cruore diflueret.* Estas cadêas com pontas agudas serviam ao Santo de cilicio e disciplinas, e com ellas tomando sobre

[1] *Jer.*, I, 17.
[2] *Act.*, XII, 7.

si os peccados de grandes e obstinados peccadores, disciplinando-se cruelmente diante delles, lavadas todas as costas em sangue, attonitos de tal espectaculo de caridade os convertia. Taes, e não menores que estas conversões, eram os milagres das cadêas de Xavier: sendo doutrina e sentença de todos os Santos, em todo o rigor da Theologia, que maior milagre é converter um peccador, que resuscitar mortos, o que Christo fez tres vezes; e que crear mundos, o que Deus fez uma só vez.

Mas para Roma ter reliquias insignes, e muito insignes de Xavier, não era necessario ferro, nem sangue, bastavam outras, que sem tocarem o corpo do Santo, nem elle as tocar, obrariam, como obravam, estupendas maravilhas. Vamos a Napoles. Diante do altar de S. Francisco Xavier na Igreja da Companhia de Jesus se vêem pendurados vinte e nove estandartes, com o nome cada um dos vinte e nove bairros em que aquella real cidade se divide, e uma inscripção em todos que diz: *Ob urbem à peste servatam:* Por haver defendido esta cidade da peste. A peste foi tão cruel que se contavam os mortos por centenas de milhares: e qual foi a reliquia que obrou esta universal maravilha? Uma imagem de Xavier, que primeiro sarou a um cidadão, logo a quatro, depois a muitos; e conhecendo a Republica, que nella estava a saude tambem contagiosa, elegendo o Santo por seu Protector, na tarde do mesmo dia sarou mais de quatrocentas pessoas. E com a mesma pressa se foi apagando o incendio com que toda a cidade ficou livre. Vamos á Calabria e veremos por informações authenticas, tiradas com auctoridade apostolica, que só na villa de Potamo em anno e meio, além de infinitos outros milagres, resuscitou S. Francisco Xavier vinte e nove mortos, e não por outra reliquia de seu corpo senão por uma simples imagem sua tão costumada a obrar similhantes resurreições, que os defuntos se não enterravam dois, tres e quatro dias depois da morte com esperança de que o Santo os resuscitasse como alguns o conseguiram, ou antes de serem levados á sepultura, ou saltando dos esquifes vivos. Passemos finalmente á India, onde o seu grande Apostolo tinha doutrinado na fé uma mulher de origem china, por nome Luzia Vilhançano, a qual sendo de edade de cento e vinte annos, e de conhecida virtude, com uma imagem do seu Santo Mestre sarava de repente todo o genero de

enfermidades, applicando-a aos enfermos só com estas palavras: Em nome de Jesus Christo, e do Padre Francisco Xavier. Deus te restitua a saude. Alguns destes milagres, com o nome da mesma mulher se referem na Bulla da canonisação do Santo. E affirmam com juramento as testemunhas oculares, que no mesmo momento em que a santa imagem era applicada, viam sarar subitamente mancos, aleijados, cegos, surdos, mudos, leprosos, tisicos, paralyticos, encancerados com as carnes comidas e podres. E que não havia mal tão envelhecido e incuravel, nem moribundo tão prostrado, e quasi espirando, não tendo alguns mais que a pelle sobre os ossos, e parecendo mais cadaveres, que homens vivos, os quaes tocados daquella sombra de Xavier, se não levantassem de repente com o vigor, com as forças, com os sentidos, com a côr, e com a corpulencia dos membros restituidos. Sendo logo tão insignes e poderosas reliquias estas imagens de Xavier tão ausentes e remotas de seu corpo, e nunca tocadas nelle, mandando Roma a Gôa um de seus famosos pintores, que lhe retratasse uma vera effigie, que fosse viva imagem de Xavier morto; com esta reliquia incruenta parece que tão enriquecida ficaria ella sem o seu braço, como o Santo inteiro com elle.

VII

Mas já é tempo que vejamos o sacrificio, e preparem-se os corações de novo animo e valor para um nunca visto espectaculo. O lôgar que se elegeu, foi uma capella interior para onde se trasladou o santo corpo, a titulo de maior decencia. O tempo, o mais secreto da meia noite, sem noticia dentro nem fóra do que estava determinado, *ne tumultus fieret in populo*, porque sabendo-se toda Gôa, e toda a India se poria em armas para defender o braço que tantas vezes a tinha defendido: os assistentes eram, o Visitador, o Provincial, o Preposito, e tres consultores da Provincia: o executor um irmão leigo, não parecendo decente que as mãos sagradas que offerecem a Deus o sacrificio incruento de seu Filho, se ensanguentassem no de Xavier. Postos assim de joelhos todos, levantou o executor o braço do Santo, tão natural e flexivel, como se

fosse de um corpo vivo que estivesse dormindo, indo para o cortar, eis que subitamente tremeu a terra, a capella, e todos os que nella estavam. Tornam segunda vez a intentar o golpe, e não só o pavimento, mas as paredes com segundo tremor, pareceu que se queriam arruinar, desencaixando-se as pedras. Quem não desanimára com a repetição de tal prodigio! Insistindo porém terceira vez no mesmo intento, foi tanto maior o tremor e abalo, que o tecto, e todo o edificio daquella grande casa cahia sobre os que estavam na capella com que, todos attonitos se sahiram fóra. Quem não dissera de cada um destes padres naquelle caso, quando a execução não fôra no verdadeiro corpo de Xavier, senão em alguma estatua sua: *Ter conatus erat casus effingere in auro, ter patriæ cecidere manum!* [1] Feita por elles nova consulta, quando parece que se havia de resolver nella, que se rescrevesse a Roma, e se representassem os manifestos e prodigiosos indicios, com que Deus mostrava que não era servido que o santo corpo se dividisse, mas perseverasse inteiro, para que a sua mesma inteireza fosse um perpetuo testemunho a todo o Oriente, da verdade da Fé que lhe prégara: o que se resolveu foi, que tomassem ao mesmo Santo por intercessor contra si, e lhe pedissem licença para a execução do que eram mandados. Entram outra vez todos na mesma capella, e postos de joelhos, fallou assim um dos Prelados: Bemaventurado Santo, bem sabeis vós que vimos aqui não tanto por nossa vontade, quanto por obediencia de nosso Padre Geral. E pois em vida fostes tão obediente, dae-nos agora depois de morto licença para que possamos executar o que se nos ordena, mandando esta reliquia de vosso corpo, que a pede o Summo Pontifice. Disse, e em se ouvindo o nome do Summo Pontifice, do Padre Geral, e esta palavra *obediencia*, obedeceu o Santo, obedeceu a terra, obedeceram as paredes, obedeceu tudo, e o braço se deixou cortar, manando da ferida tanto sangue que encheu um vaso de prata, e banhou nelle uma toalha, que para este effeito ia prevenida, a qual depois de muitos annos levou o conde de Linhares, vice-rei da India, para apresentar a El-rei D. Filippe IV.

Em fim, que depois de sessenta e tres annos, temos

[1] Virg. *Æneid.* Cant. 6.

o corpo de S. Francisco Xavier, como se nelle se cumprisse a prophecia do Sacerdote Heli: *Ecce dies venient et præcidam brachium tuum.* [1] Mas posto que lhe falte o braço direito, eu espero e prometto, que serão tantas as suas victorias do esquerdo, que se trocando os termos, do direito se podia dizer: *Cadent à latere tuo mille:* [2] do esquerdo se diga: *Et decem millia à sinistris tuis.* Se tudo porém o que se obrou neste caso foi mais por instincto divino, como depois mostrarei, que por razão humana, muita temos para desejar saber qual seria o fim da Divina Providencia em permittir no corpo incorrupto e inteiro de Xavier, o que não lêmos se fizesse em outro dos que Deus tem conservado até agora sem corrupção. Entendo e digo, que os fins altissimos desta tão particular providencia foram dois, um da parte da Companhia, outro da parte de Xavier. Da parte da Companhia, para que em todas as circumstancias deste caso lhe ficasse expresso um perfeitissimo exemplar da exacta obediencia que professa. E da parte de Xavier, para que depois da morte lhe concedesse Deus o martyrio que ardentissimamente desejou e procurou sempre sem o poder alcançar em vida.

VIII

Quanto ao primeiro, concorreram neste caso tres generos de superiores e subditos: o Summo Pontifice, superior do Geral; e o Geral, subdito do Pontifice: o Geral, superior dos Padres da India: e os Padres da India subditos do Geral: os Padres da India superiores, do modo que o podiam ser, do corpo de Xavier, e o corpo de Xavier, subdito dos mesmos Padres. Discorramos agora por todos os generos destes superiores e subditos, e veremos na sua obediencia todos os primores e apices da perfeição desta virtude, na qual Santo Ignacio foi o mais exacto de quantos legisladores a ordenaram, e de quantos escriptores della escreveram.

Primeiramente manda Santo Ignacio nas suas Regras, que todos procurem observar e signalar-se na

[1] *1.º Livr. dos Reis*, II, 21.
[2] *Psalm.* XC, 7.

obediencia, de tal sorte, que para obedecer não seja necessario preceito ou mandado expresso do Superior, mas baste sómente o signal da sua vontade: *Omnes obedientiam observare, et in ea excellere studeant, licet nihil aliud quam signum voluntatis Superioris sine ullo expresso præcepto videretur.* E tal foi a perfeição da obediencia do Padre Geral, que era Claudio Aquaviva, ao Summo Pontifice Paulo V. Porque o Summo Pontifice não lhe mandou ou pôz preceito, e só lhe significou a vontade que tinha de ter em Roma uma reliquia insigne do corpo de S. Francisco Xavier, ou de Francisco Xavier, que ainda não era santo, e elle queria canonisar; e bastou este signal da vontade do unico Superior que tem o Geral da Companhia, que é o Summo Pontifice, para que Claudio mandasse aos padres da India executar o que lá se fez. Confirma-se este alto grau de obediencia com o que S. Paulo ensinou ou insinuou a seu discipulo Timotheo, quando lhe escreveu: *Quia Lex justo non est posita.* [1] Porque obedecer por leis e preceitos, é obediencia ordinaria; mas a obediencia excellente, qual é a do Instituto da Companhia: *In obedientia excellere studeant*, não tem necessidade, nem espera leis ou preceitos, e basta-lhe só o signal da vontade do Superior. Assim commenta este Texto do Apostolo applicando-o á obediencia de Samuel, o nosso doutissimo portuguez Mendonça, como discipulo da escóla e espirito de Santo Ignacio: exposição que se não acha nos Doutores antigos, ainda que Santos, os quaes eu só costumo allegar quando é necessario. *Perfectus obediens*, diz elle, *qualis erat Samuel, imperium non requirebat, quia solo nutu etiam absque ullo jusso ad voluntatem Prælati exequendam ferebatur.*

O segundo documento de Santo Ignacio é, que seus filhos se devem haver nos casos da obediencia, como nas materias de Fé, fechando os olhos a quaesquer difficuldades e objecções que nelles se lhes offereçam, sem as examinar ou inquirir, bastando para crêr o dito do Superior, que o manda: *Ut ad credenda quæ catholica fides proponit, toto animo, assensuque vestro incumbetis; sic ad ea facienda quæcumque Superior dixerit, cæco quodam impetu voluntatis parendi cupidæ,*

[1] *1.ª ad Timoth.*, 1, 9.

sine ulla disquisitione feramini. [1] E esta foi a perfeita obediencia dos padres da India, em obedecer e não replicar ao Padre Geral. Terrivel objecção era haver de metter o ferro naquelle santo e milagroso corpo, e cortar e dividir a inteireza com que Deus tantos annos havia o conservava. E mais terrivel ainda depois dos tremores, cada vez mais sensiveis e temerosos, uma e duas e tres vezes repetidos: e comtudo obedeceram fechando os olhos e captivando os entendimentos, como se fôra a um decreto da Fé. A confirmação neste gravissimo ponto não é menos que do Principe dos Apostolos S. Pedro, o qual contando a famosa visão do que tinha visto e ouvido no monte Thabôr, accrescenta aos christãos a quem escreve, que ainda tem outro testemunho mais firme, que é o dos Prophetas, aos quaes fazem bem seguir e crêr com toda attenção: *Et hanc vocem nos audivimus à cœlo allatam, cum essemus cum ipso in monte sancto: et habemus firmiorem propheticum sermonem, cui benefacitis attendentes.* [2] Pois se o mesmo S. Pedro, e os outros dois Apostolos, tinham visto e ouvido todas as coisas tão maravilhosas, que se viram e ouviram no monte Thabôr; porque diz que tem outro testemunho mais firme que o seu, que é o dos Prophetas, a que fazem bem de attender: *Cui benefacitis attendentes?* Tambem aqui ha de ser o commentador da escóla e espirito de Santo Ignacio, o doutissimo á Lapide, o qual apertando mais o argumento na voz do P. diz assim: *Licet enim vox Patris objective, puta in se, esset verissima et certissima æque ac oracula prophetarum, tamen subjective quatenus in auribus S. Petri recipiebatur et resonabat, non erat tam certa et firma quàm visiones prophetarum: auditus enim omnisque sensus falli potest; visio verò prophetarum falli nequit, quia fit per lumen supernaturale, et divinum.* De sorte que a razão da differença é, porque a visão dos Apostolos foi pelo conhecimento natural dos sentidos, em que póde haver engano. E a dos Prophetas, é por lume sobrenatural e divino, em que não póde haver fallencia. Por isso contra o que vemos, ouvimos e apalpamos, crêmos o

[1] *Epist. Obed.* n. 28.
[2] *2.ª Epist. Petr.*, I, 18 e 19.

que diz a Fé: e assim deve crêr o verdadeiro obediente, o que diz o Superior, cuja voz é a de Deus, como ensina o mesmo Christo: *Qui vos audit, me audit.* [1]

Resta a terceira consideração da fina e perfeita obediencia, que foi a do corpo morto de S. Francisco Xavier, aos Superiores da casa onde estava tão venerado. E neste tão extraordinario ponto parece que fallou Santo Ignacio, não só como legislador, senão como propheta. Diz que os que vivem debaixo da obediencia, se devem deixar guiar e reger da Divina Providencia por meio de seus Superiores, como se fosse um corpo morto, que se deixa levar para qualquer parte para onde o levarem, e que o tratem de qualquer modo que o quizerem tratar: *Qui sub obedientia vivunt, se ferri, ac regi à Divina Providentia per superiores suos finere debent, perinde, ac si cadaver essent, quod quoquo versus ferri et quacumque ratione tractari se sinit.* Póde haver coisa mais propria e mais natural, ou mais sobrenatural do nosso caso? O corpo morto de S. Francisco Xavier não, *ac si cadaver esset*, senão como cadaver, que era, se deixou levar para onde quizeram, porque se deixou levar da Asia á Europa e de Gôa a Roma, para onde quiz o Pontifice que fosse: e como cadaver que era, se deixou tratar como quizeram: porque o quizeram ferir, posto que sem crueldade cruelmente, chegando a lhe despedaçar a sua inteireza, e lhe cortar não menos que o braço direito. Em uma só coisa não mostrou Xavier que estava totalmente morto, que foi o copioso sangue, que lhe correu das veias. Do lado do corpo morto de Christo correu sangue, mas ao mesmo corpo estava unida outra natureza viva e immortal. E como se a obediencia de Xavier fosse nelle outra natureza, o corpo estava morto, mas a obediencia viva. Santo Ignacio quiz que os obedientes vivos fossem como corpos mortos, e S. Francisco Xavier fez que o seu corpo morto fosse como obediente vivo. Obedecendo a Christo sahiu vivo da sepultura Lazaro, que estava morto. Maior milagre seria, se, morto como estava, sahisse e obedecesse. Porque esta obediencia então não seria de todo Lazaro, senão de ametade delle: *Ad unam vocem Domini totus Lazarus vivus processit, qui totus ibi non fuerat.* Lazaro, diz Santo Agostinho,

[1] *Luc.*, x, 16.

na sepultura não estava todo, senão só ametade, que é o corpo, mas á voz de Christo sahiu della vivo e todo. De sorte que para Lazaro obedecer foi necessario que primeiro vivesse, e primeiro se lhe restituisse a parte que lhe faltava, que era a alma, e assim obedeceu vivo e todo: *Totus Lazarus vivus processit.* Porém o corpo morto de Xavier, morto e sem vida, parte e não todo, obedeceu com tal generosidade e fineza, que sendo naquelle estado só ametade de si mesmo, consentiu que até dessa ametade lhe cortassem uma parte tão principal; como se dissera: Com tanto que a obediencia fique inteira, despedace-se embora o corpo, e cortem quanto quizerem. Tão heroica foi a clausula, com que nestes tres actos de obedecer se acabou de aperfeiçoar a imagem, e como retratar e illuminar o verdadeiro e exacto exemplar da obediencia da Companhia.

IX

Quanto ao segundo fim da Providencia Divina neste caso tão gloriosamente tragico, dissemos que foi querer Deus conceder a Xavier depois da morte o martyrio que tanto desejára em vida. E para entendimento de quão continuos e ardentes foram no grande Apostolo estes desejos, bastava considerar as muitas e manifestas occasiões de lhe tirarem a vida pela fé que prégava, em que sempre e em toda a parte se metteu intrepidamente, condemnando as falsas seitas dos bramanes, dos bonzos, dos mahometanos, e todo o genero de gentios, em presença dos mesmos sacerdotes e reis que as defendiam, abominando e chamando diabolica a divindade dos Camis e Fotoquez, e dos outros monstros que adoravam por deuses, quebrando-lhes os idolos e derrubando-lhes os templos, e vivendo sempre de milagre, com o unico e verdadeiro Deus na bocca, e o estandarte da cruz publicamente nas mãos, entre tantas nações umas tão tenazes das suas superstições, outras tão presumidas da sua sciencia, e todas tão barbaras e feras. Isto, como digo, bastava para entender quão ardentes eram em Xavier os desejos do martyrio. Mas o mesmo Santo o declarou depois de morto quando tirou das gargantas da morte ao padre Marcello Mastrilli em Napoles; na fórma do voto que lhe ditou, e todos os presentes ouviram, promettendo de ir ao Japão e

padecer pela Fé, accrescentou: Como eu sempre desejei, e nunca pude conseguir. D'aqui se segue que o que S. Francisco Xavier padeceu no seu corpo morto, não foi involuntario senão muito por sua vontade, como a lançada de Christo morto na cruz pela previsão e acceitação antecedente della.

Qual foi pois o genero de martyrio no corpo morto de Xavier? Digo que o mais perfeito. S. Bernardo nos tres Martyres que a Igreja celebra nos tres dias seguintes ao nascimento do Redemptor, distingue com engenhoso reparo tres generos de martyrio. Em Santo Estevão martyrio com vontade, e com sangue: em S. João martyrio sem sangue, e com vontade: nos Santos Innocentes martyrio sem vontade, mas com sangue. O martyrio de Xavier não foi como o dos Innocentes, porque teve a antecedente vontade, que elles não poderam ter: nem foi como o de S. João, porque teve o sangue, que a elle lhe faltou. Foi logo como o de Santo Estevão, em que o sangue aperfeiçoou a vontade, e a vontade o sangue. E teve mais alguma perfeição? Sim. Porque no martyrio de Santo Estevão, em odio da Fé, foi envolto o martyrio com odio e com o peccado dos executores. E no martyrio de Xavier, por obediencia, não entreveiu odio nem peccado, senão amôr e merecimento. Foi o martyrio de Xavier, como havia de ser o de Isaac se se conseguira. Isaac o martyr e o mais amado, o pae o executor, ou piedoso tyranno e o que mais o amava. Assim foram todos os que concorreram para o martyrio de Xavier. O Pontifice com amôr, o Geral com amôr, os Padres da India, como Abrahão, com amôr, e Xavier o padecente como Isaac, não só amado senão por muito amado. Não houve mais puro, nem mais defecado martyrio, entrando tambem neste numero o do mesmo Christo, posto que martyr da obediencia: *Factus obediens usque ad mortem.* Porque tambem o seu calix não careceu das fezes do odio e do peccado: *Verumtamen fex ejus non est exinanita.* [1] Por isso o mesmo Senhor tornou a repetir o mesmo sacrificio e consagrar o mesmo sangue no Sacramento do altar, onde lhe chama o Propheta, *Vindemia defecata,* [2] porque o odio dos que no calix da Paixão o derramaram foram as fezes, e estas defecou o amôr puro

[1] *Psalm.* LXXIV, 9.
[2] *Isaias,* XXV, 6.

com que no calix do Sacramento se deixou, e nol-o deu a beber o amorosissimo Redemptor.

Póde parecer, porém, que se não agradou Deus deste martyrio do corpo de Xavier, não só pelos tremores prodigiosos, que o precederam, mas porque depois delle foi coisa notavel e muito notada, que todos os seis padres, que concorreram á execução, morreram dentro em seis mezes. E o irmão mais immediato, e principal executor, cegou, e posto que vivesse muitos annos, acabou cego. Logo demonstrações foram estas, com que Deus não approvou o martyrio. Respondo, que uma e outra coisa quiz e ordenou Deus, ambas para maior gloria de Xavier, e o provo, não com um, senão com infinitos exemplos. Que coisa mais ordinaria e maravilhosa em quasi todos os Martyres, que livral-os Deus das unhas das feras, dos leões, e dos tigres, e da furia dos elementos do mar e do fogo? E comtudo não os livrava dos fios da espada nas mãos dos homens. E porque? A primeira razão, como Auctor da natureza, para não violar os fóros do alvedrio, que só se acha nos homens, e não nas feras, nem nos elementos. A segunda, como Auctor da graça, para com os milagres e reverencia destes honrar os Santos, e com a execução dos outros os não defraudar da corôa. Assim resolve solidamente esta tão controvertida questão o doutissimo Theophilo: e o mesmo digo no nosso caso. Onde a obediencia não foi culpa, não podiam as demonstrações de Deus, posto que rigorosas, ser castigo. Mas não deixou a Providencia Divina de as fazer, e tão publicas e notorias, por dois fins: o primeiro para maior honra e gloria de Xavier, e exemplo do respeito e veneração com que quer sejam reverenciadas suas reliquias. O segundo, para satisfazer os desejos do martyrio, com que o Santo ardia em vida; e depois da morte o coroar com esta nova laureola, ou o revestir com esta nova estola, como lêmos que foi dada no céu aos Martyres, que pediam nova satisfação do seu sangue. Finalmente, para ultima e milagrosa confirmação de tudo o que tenho philosophado sobre a separação do braço de Xavier, note-se muito muito no Anjo forte, figura do mesmo Santo, que tendo dois pés, que serviam de bases ás duas columnas, não se faz nelle menção mais que de um só braço: *Et in manu ejus libellum apertum.* [1]

[1] *Apoc.*, x, 2.

X

Atéqui a parte da prodigiosa tragedia do corpo morto, e braço cortado de Xavier, que se representou na terra. Agora vejamos brevemente, pois o tempo não permitte mais, a segunda, que teve por theatro o mar. Embarcado em Gôa o santo braço, e segunda vez arrancado do santo corpo, apartamento em que o não posso considerar sem grandes saudades, e como dizendo mudamente: *Non aliter dolui, quàm si mea membra relinquam*, [1] devendo ser a embarcação e a escolta de tão inextimavel thesouro a maior e mais poderosa armada que nunca partiu da India; como aquelle porém, que só comsigo ia mais bem defendido, permittiu o governo do céu (o que não sei como fez o da terra) que fosse embarcado em uma caravella. Já então não eramos tão senhores daquelles mares, como no tempo de Xavier. E a poucos dias de viagem viram, não os soldados, porque os não havia, senão os marinheiros, que os vinha seguindo na mesma esteira um corsario hollandez. Bem podéra eu aqui enxerir, como fui a causa, de que as nossas caravellas se convertessem em tão poderosas e bem armadas naus, como são as de que hoje se compõem as nossas frotas. Foi o caso, que estando El-rei D. João o IV, de sempre gloriosa memoria, em Alcantara, em uma vespera de S. João, offereci a Sua Magestade um alvitre com que festejar aquella noite o seu Santo: e o alvitre era, que se fizessem trinta e nove fogueiras de outras tantas caravellas, que tinha contado no rio de Lisboa: porque as caravellas, senhor, não servem á nossa marinhagem, e aos que nellas se embarcam, mais que de escólas de fugir. Assim o fizeram os daquella caravella, e depois de accrescentarem panno sobre panno, e alijarem ao mar quanto a podia fazer mais ligeira, reconheceram que o corsario a vinha entrando, e já tão visinho, que a tomaria sem remedio. Então se lembrou o padre Sebastião Gonçalves, reitor do Noviciado de Gôa, de acudir á sagrada reliquia que levava a seu cargo; e tanto que o poderoso

[1] Ovidio.

braço obrador de tantas maravilhas appareceu no convez, a nau do pirata com as velas cheias parou no mesmo momento, como se dera fundo. E como se todas as cordas se converteram em amarras, e todos os pregos em ancoras, não deu mais um passo adiante.

Não reparo na fraqueza do vento, e seus impulsos, com as velas cheias, e ellas e o navio parado, porque costumados estavam todos os ventos, e o mesmo tufão, rei delles, ou assoprando, ou acalmando a obedecer aos acenos daquelle braço. O que pondero é, que a cubiça raivosa do pirata ficasse alli atada e preza. Duas vezes fez S. Francisco Xavier parar o sol, uma vez pelas orações do padre Sebastião Vieira navegando ao Japão onde morreu queimado pela Fé; outra invocado com lagrimas por outros navegantes em perigo extremo, por falta de luz e em ambas repetindo ou dois milagres do mesmo sol, que se referem na Historia Sagrada. O primeiro, como em tempo de Ezechias, tornando o sol atraz, porque depois de mettido no occaso tornou a nascer e subir, perseverando sobre o horizonte quanto espaço foi necessario para o navio se pôr em salvo. O segundo, como em tempo de Josuë, quando á sua voz obedeceu o sol, porque esteve parado e immovel, correndo já a se esconder no Occidente, em quanto o houveram mister os navegantes, para vencer os ventos e mares, mais poderosos inimigos que os Amorreus. [1] Agora pergunto: qual foi maior milagre: o da voz de Josuë em deter e parar o sol, ou o do braço mudo de Xavier em deter e parar o pirata? Esta questão já está sentenciada e decidida, não menos que pelo grande Doutor da Igreja Santo Ambrosio. Para cuja intelligencia é necessario suppôr, que quando Josuë entrou na Terra de Promissão, antes de render a primeira cidade, que foi a de Jericó, lançou pregão que dos despojos da cidade ninguem tomasse coisa alguma sob pena da vida, por ella estar consagrada a Deus, a cuja honra havia de ser queimada. Comtudo diz o Texto sagrado, que um soldado chamado Acham furtou alguma parte dos despojos: *Tulit aliquid de anathemate.* [2] Este furto foi causa de que o exercito de Josuë padecesse uma rota na conquista da segunda cidade, chamada

[1] *Jos.*, X.
[2] *Ibid.*, VII, 1.

Hai. Isto posto, diz agora Santo Ambrosio: *Jesus nave, qui potuit solem sistere ne procederet, avaritiam hominum non potuit sistere ne serperet. Ad vocem ejus sol stetit, avaritia non stetit. Sole itaque stante confecit Jesus triumphum, avaritia procedente pene amisit victoriam.* [1] Josuë pôde parar o sol, mas não pôde parar a cubiça do ladrão. Parou o sol, mas não parou a cubiça. Assim que, parado o sol, aperfeiçoou o triumpho, e não parada a cubiça, quasi perdeu a victoria. E como é maior milagre parar a cubiça do ladrão, que parar o curso do sol, pois Josuë pôde parar o curso do sol, e não pôde parar e deter o ladrão; muito maior milagre foi do braço de Xavier parar esta vez o ladrão a sua cubiça, e o seu navio, que parar duas vezes o sol.

Navegando o imperador Cayo em uma armada de galés, subitamente parou a capitania, sem lhe valerem quatrocentos valentes remeiros, e cinco ordens de remos para se mover. Buscada a causa, se achou que a detinha uma remora pegada ao leme, a qual arrancada delle, e mettida dentro, diz Plinio, que o que mais se admirou no caso foi, que fóra do navio tivesse tanta força e virtude, e dentro delle nenhuma. *Peculiariter miratum, quomodo adhærens tenuisset, nec idem polleret, in navigium receptus:* [2] Comparemos agora o braço de Xavier, que foi a remora do corsario, com esta de Cayo, que tambem vinha de corso. A remora viva, o braço de Xavier morto: a remora pegada ao leme, o braço de Xavier sem tocar coisa alguma; a remora prevalecendo ao impulso de tantos remos e remeiros, o braço de Xavier ao das vélas e dos ventos: a remora tirada do mar perdeu todas as forças, porque a tiraram do seu elemento; o braço de Xavier com a mesma força em toda a parte, porque dominava todos os elementos: a remora, finalmente, dentro da galé onde estava não podendo deter a mesma galé; e o braço de Xavier dentro no navio, onde estava, que era outro, fazendo parar o navio onde não estava.

Mas é muito digno de reparar, que o mesmo braço de Xavier ia no mesmo navio antes de o avistar, nem seguir o pirata: pois porque não fez este milagre senão depois que appareceu no convez a caixa, em que

---

[1] *Ambr.*, lib. II de offic. cap. 26.
[2] *Plin.*, lib. XXXII, cap. 1.

estava encerrado? Por isso mesmo. Appareceu a Arca do Testamento no Jordão, e no mesmo ponto a parte superior do rio parou, e a inferior fugiu para o mar. Pergunta-lhe agora David: *Quid est tibi mare quod fugisti, et tu, Jordanis, quia conversus es retrorsum?* Que causa tiveste tu, Jordão, para parar, e tu, mar, para fugir? Já aqui temos um parado, outro fugindo, como no nosso caso: e se eu lhe fizer a mesma pergunta, a resposta tambem é a mesma: *A facie Domini, à facie Dei Jacob.* Lá parou um, e fugiu outro; porque appareceu a Arca em que estava Deus. E cá um parou, e outro fugiu; porque appareceu a caixa em que estava o braço de Xavier.

Assim fugindo (que é a primeira vez em que o fugir foi valor, e a fugida triumpho) navegou felizmente o resto da viagem o venturoso lenho que levava o sagrado deposito; e tomando porto, primeiro no Tejo, e depois no Tibre, o recebeu e festejou Roma com a solemnidade e applausos que promettia tão desejada expectação. Desta maneira alcançaram os dois braços de Xavier ainda neste mundo aquella gloria que não chegou a imaginar, nem appetecer a soberbissima ambição de Alexandre Magno. Disseram-lhe os embaixadores dos Scytas, como refere Cursio: *Si Dii habitum corporis tui aviditati animi parem esse voluissent, orbis te non caperet: altera manu Orientem, altera Occidentem contingeres:* Se os deuses, ó rei, te quizessem dar o corpo igual ao teu espirito, não caberias no mundo: porque com um braço alcançaria a tua mão o Oriente, e com outro o Occidente. E não é isto o que com immensa extensão abraçam hoje os dois braços de Xavier, um no Oriente em Gôa, cabeça da christandade da Asia, e outro no Occidente em Roma, cabeça da christandade e do mundo? Assim é, e ainda não sabemos o que será. Só sei que uma pequena reliquia deste braço, levada á cidade de Malinas em Flandres, obra tantos e tão continuos milagres, que já não cabem nos livros. E se isto póde uma pequena parte daquelle braço, occasiões pôde haver, em que veja Roma e o mundo, o que póde inteiro.

XI.

Com estas esperanças tenho acabado a nossa novena e as prometto muito firmes e certas, de que S. Francisco Xavier não será ingrato aos que com tanta devo-

ção, apparato, solemnidade e despezas, o servem e veneram. E posto que seja com tão nobre e desinteressada liberalidade, é o Santo tão primoroso, e tão pontual a sua correspondencia, que não consentirá se perca nada com elle. Quando chegou o seu corpo defunto a Malaca, houve um devoto, que em logar de alampada accendeu um cyrio adiante da arca do sagrado deposito. Este cyrio, que quando muito podia durar vinte e quatro horas, durou sempre acceso dezoito dias e dezoito noites, e depois pezou mais do que d'antes pezava. O que só noto é que os dias e as noites foram dezoito, que fazem duas novenas: para que fique entendido, que o que se emprega nas novenas de Xavier, se é fogo não queima, se é cera não se derrete, e se é preço não se diminue, antes se augmenta.

SERMÃO DECIMO

DA SUA

CANONISAÇÃO

Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona, et glorificent Patrem vestrum, qui in cœlis est. [1]

I.

Se o sermão houvera de ser de quem é o dia, isto é, do Santissimo Pontifice, e sapientissimo Doutor da Igreja S. Gregorio, por antonomasia o Magno; o mesmo Evangelho sem outra exposição nos dava o thema forçado: *Hic maynus vocabitur in regno cœlorum.* Mas porque o intento e obrigação da festa, e o assumpto do sermão é a canonisação de S. Francisco Xavier, ou S. Francisco Xavier canonisado; as palavras que propuz: *Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona, et glorificent Patrem vestrum, qui in cœlis est*, são tão proprias e naturaes do mesmo argumento, que por todas suas clausulas e circumstancias nos estão mostrando os fundamentos humanos e divinos, com que a Santa Madre Igreja, como columna da fé e da verdade, póde definir e revelar na terra o que só é presente ao ceu, e declarar por bemaventurado, e que está vendo a Deus, o homem que canonisa: para que nós o veneremos como santo, como santo o ponhamos sobre os altares, como santo nos ajoelhemos diante de suas imagens, e como santo esperemos de Deus por sua intercessão e merecimentos o que não presumimos dos nossos.

[1] *Math.*, VI.

II.

Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona, et glorificent Patrem vestrum, qui in cœlis est. Tres coisas propoem e pedem estas palavras, uma da parte do Santo, outra da parte dos homens, e a terceira e principalmente da parte de Deus. Da parte do Santo, que a luz e as obras sejam suas: *Lux vestra, opera vestra:* da parte dos homens, que o seu testemunho seja presencial, e de vista; *Ut videant*: da parte de Deus, que tudo seja encaminhado, e tenha por fim a gloria do mesmo Deus: *Et glorificent Patrem vestrum qui in cœlis est.*

Nesta ultima clausula se contém o merecimento proprio e determinado, e que necessariamente se suppõe para a verdadeira canonisação. E qual é? Que glorifique Deus com a honra da canonisação depois da morte, aos que tambem honraram e glorificaram a Deus com as obras da vida. Para intelligencia fundamental deste ponto em materia tão grave, e para que não imagine alguma erudição menos douta, que a Roma christã seguiu o erro e vaidade da Roma gentilica, com que por auctoridade do seu Senado decretava as honras divinas, e canonisava os Numas e os Augustos: é necessario saber qual foi a origem d'onde as chaves de S. Pedro tomaram a imitação de estabelecer na terra o que tanto depende do ceu. Seja pois a primeira conclusão certa e infallivel, que a Igreja e Lei nova neste sagrado rito de canonisar imitou a Lei e Igreja antiga, a qual canonisou muitos varões illustres em santidade, assim da mesma Lei escripta, como da natural. Consta do Cap. 44.º do Ecclesiastico, que começa: *Laudemus viros gloriosos in generatione sua:* [1] e assim o definiu o Papa Innocencio no 1.º Cap. *de reliquis et veneratione Sanctorum*, onde dá e declara a razão por estas palavras: *Per hoc, quod dicit, laudemus viros gloriosos, ostendit quod canonizati erant, quia alias non mandaretur Ecclesiæ, quod eos laudaret.* Quer dizer canonicamente, que em mandar a Sagrada Escriptura á Igreja que louve aquelles varões, mostra que eram canonisados por santos: porque d'outra sorte não os mandaria louvar, nem lhes chamaria gloriosos.

---

[1] *Eccl.*, XLIV, 1 e 2.

Mas porque este nome *gloriosos*, se póde entender ou passivamente da gloria com que foram glorificados por Deus depois da morte, ou activamente da gloria com que elles glorificaram a Deus na vida; do mesmo Texto se colhe manifestamente, que se entende não da primeira gloria com que Deus foi glorificador delles, senão da segunda, com que o mesmo Deus foi glorificado por elles. Isto significa aquelle additamento: *Gloriosos in generatione sua*, gloriosos na sua vida, e no tempo que viveram e floresceram neste mundo; e se confirma com evidencia na combinação de um e outro tempo. Porque o Livro do Ecclesiastico que contém o catalogo daquelles canonisados, como consta de S. Jeronymo, e de todas as chronologias, foi escripto em tempo de Ptolomeu, e dos Setenta Interpretes coevos a Alexandre Magno; e os mesmos canonisados floresceram muitos seculos, e ainda mil annos antes; como Enoch, Noé, Abrahão, Isaac e Jacob, Moysés, e os demais que alli se nomeiam. Logo foram canonisados por santos, não pela gloria com que Deus os canonisou e glorificou depois da morte, senão pela gloria com que elles serviram e glorificaram a Deus na vida: *Gloriosos in generatione sua.*

D'aqui se inferem duas consequencias muito dignas de ser notadas. A primeira, que no tempo da Lei escripta, para serem canonisados os Santos, não era necessario que fossem bemaventurados e estivessem no ceu: porque antes da morte de Christo ninguem entrou no ceu, e comtudo Enoch, Noé, e os demais, não estando nem podendo estar no ceu, foram canonisados. A segunda, que no tempo da Lei da graça é necessario que primeiro estejam no ceu, e sejam bemaventurados, mas que não basta isso para merecerem a canonisação: porque á gloria da bemaventurança com que Deus os glorifica depois da morte, é necessario que preceda a gloria das boas obras insignes, com que elles glorifiquem a Deus na vida. E da certeza desta doutrina se entenderá a verdadeira resposta de uma questão curiosa, mais dos Canonistas, que dos Theologos.

Perguntam se um menino que morreu depois do baptismo, póde ser canonisado, ainda no caso em que o mesmo Summo Pontifice o baptizasse? Parece que sim: porque a innocencia daquelle menino não é capaz de peccado actual: o original já está extincto

pelo baptismo: do baptismo e intenção não póde duvidar o mesmo Pontifice: logo não póde deixar de crêr que está no ceu, e é bemaventurado: logo póde-se canonisar: comtudo resolvem não só os Doutores, senão os mesmos sagrados Canones, que não póde ser canonisado; porque pela pressa venturosa com que o recem-baptisado voou ao ceu, não teve tempo para fazer obras, e muito menos insignes com que glorificasse a Deus; e Deus não dá a gloria da canonisação a quem lhe não deu a da vida; e só glorifica com este testemunho de santidade aos que o glorificaram com ella.

Finalmente, para fechar este discurso não menos que com as chaves de S. Pedro, nem em outra canonisação, senão na mesma de S. Francisco Xavier; na Missa em que a Santidade de Gregorio XV pronunciou solemnemente o seu nome como de santo, começou assim a oração: *Deus, qui glorificantes te glorificas:* Deus que glorificaes aos que vos glorificam. Oh invocação divinamente inspirada em tal dia, e em tal acto! Não diz Deus misericordioso, nem Deus omnipotente, ou Deus d'outro modo justo, senão, Deus que glorificaes aos que vos glorificam. E neste breve oraculo da suprema auctoridade declarou a Igreja, que na canonisação glorificava Deus a Xavier, e que a razão de o glorificar era, porque Xavier o tinha glorificado com suas obras, que é a conclusão do Evangelho, e o fundamento expresso do nosso thema: *Ut videant opera vestra bona, et glorificent Patrem vestrum, qui in cœlis est.*

III

Supposto, pois, que glorificar Deus a S. Francisco Xavier, com o collocar canonicamente no catalogo dos Santos, foi em premio de o mesmo Santo ter glorificado a Deus com as obras de sua vida; leiam-se agora todos os annaes sagrados e ecclesiasticos, e sem temeridade nem encarecimento se póde affirmar, que singularmente foi devida por este titulo a gloria da canonisação a Xavier. E porque? Porque elle sem controversia estendeu a gloria do mesmo Deus, e de sua Igreja pelo mundo mais que nenhum outro, como a mesma Igreja confessa. E senão, appareça ou haja quem o nomeie. Viu David com os olhos propheticos a gloria da futura Igreja de Christo, que é a Catho-

lica, mais amada delle que todos os tabernaculos de Jacob: *Diligit Dominus portas Sion super omnia tabernacula Jacob:* [1] e fallando com a mesma Igreja debaixo do nome de Sião, diz-lhe assim: *Gloriosa dicta sunt de te, civitas Dei:* [2] Mui gloriosas coisas se contam e cantam de vós, ó cidade de Deus! E que coisas gloriosas são estas, não o dizem Expositores, senão o memo David: *Memor ero Rahab, et Babylonis scientium me. Ecce alienigenæ, et Tyrus, et populus Æthiopum, hi fuerunt illic.* [3] As coisas gloriosas que digo de vós, ó cidade de Deus, é que vejo dentro dos vossos muros a Jericó, significada em Rahab, e a Babylonia, e a Tyro e Ethiopia, e outros gentios. Bem está, Propheta santo; e vêdes por ventura entre esses gentios um homem de melhor côr que elles, mal vestido em uma roupeta preta, com os pés muitas vezes descalços, e com um crucifixo na mão prégando? Não. Pois adiantae mais a vista prophetica, e quando virdes este homem que se chama Francisco Xavier, vereis tambem que já a cidade de Deus se habita sem muros; porque não cabe nella a multidão das gentes: *Absque muro habitabitur Jerusalem, præ multitudine hominum.* [4] Então com excesso de gloria sem numero nem medida, por uma Jericó vos darei um Moçambique, um Melinde, um Socotorá, um Bassorá, um Ormuz, um Diu, um Baçaim, um Chaul, um Meliapôr, um Jafanapatão, um Macau. Por uma Babylonia, que? Não vos darei Gôa, nem Malaca, nem Sumatra, que é a Aurea Chersonezo, nem tambem Meaco, cabeça de sessenta e seis reinos no Japão, nem Agrá, metropole de todo o imperio do Grão Mogor; senão Tunquim, ou Panquim sómente, maior cada uma dellas que quatro Babylonias. Por Tyro já não quero dar cidades, senão reinos: Cananor, Calecut, Cranganor, Cochim, Porcá, Travancor, Narcinga, Bengala, Pegú, Sião, Champá, Cochinchina. Finalmente, pela Ethiopia, de quem já dei parte, sendo ella um canto da Africa, vos dou toda a Asia. E que comparação teem aquellas glorias da Igreja tão decantadas por David, com esta glo-

---

[1] *Psalm.* LXXXVI, 2.
[2] *Ibid.*, 2.
[3] *Ibid.*, 4.
[4] *Zach.*, II, 4.

ria ou multidão de glorias com que um só Xavier glorificou immensamente a mesma Igreja, e nella a Deus?

Mas nesta mesma differença ha outra mais notavel, que se não deve passar em silencio. Naquellas glorias tão celebradas: *Gloriosa dicta sunt de te*, o que nota David, como coisa memoravel, é que Jericó e Babylonia tivessem conhecimento e sciencia de Deus: *Memor ero Rahab, et Babylonis scientium me.* E quanto a esta sciencia de Deus, se ha de advertir que em todas as cidades, reinos e nações que nomeei, nos quaes semeou Xavier mais ou menos immediatamente a mesma sciencia, não foi com os mesmos effeitos. Foi bem assim como o trigo do semeador evangelico, que parte cahiu em boa terra, parte entre espinhas, e parte sobre pedras duras. De maneira que daquelles gentios uns ficaram totalmente convertidos, outros sómente convencidos, e os demais, posto que nem convertidos, nem convencidos, todos porém allumiados com o conhecimento do verdadeiro Deus, e com a sciencia do nome que nunca tinham ouvido. Os totalmente convertidos que se baptisaram e fizeram christãos, não só se contaram a milhares, senão a milhões. E houve dia em que Xavier baptisava logares e povos inteiros. Os convencidos sómente foram muitos bramanes e mahometanos, que em disputas particulares conheceram e confessaram que a fé e religião christã era a verdadeira: mas que por credito do que até então tinham ensinado, e por não perderem os emolumentos de que viviam, não se atreviam á publica confissão e profissão della. E os demais, posto que não convertidos nem convencidos, nem por isso escaparam de ficar ao menos allumiados, e saberem grandes e pequenos, que o prégador europeu chamado Xavier, prégava outro Deus differente dos seus, a que chamavam o verdadeiro: e muitos o criam e adoravam por tal. Com estes pois succedeu ao Santo um caso singular, e sem similhante na memoria dos homens.

Como as seitas e deuses do Oriente eram tantos, Camíz, Fotoquès, Xâcas, Ammidas, e muitos outros, para que o nome do verdadeiro Deus se não equivocasse com o dos falsos, ainda que Xavier prégasse em differentes linguas, sempre o nomeava na lingua portugueza, e lhe chamava Deus. Com a mesma cautela, e pela mesma razão, mandou o mesmo Deus pelo propheta Oseas que ninguem lhe chamasse Senhor com

o nome de Baali: *Non vocabit me ultra Baali.* [1] E porque, se Baali quer dizer Senhor, e o nome de Senhor é tão proprio de Deus? Porque os idolos chamavam-se Baalim; e não queria Deus que o nome dos idolos se equivocasse com o seu: *Et auferam nomina Baalim de ore eius.* [2] Tendo Xavier com este divino exemplo usado prudentissimamente da mesma cautela, succedeu-lhe que caminhando pelas estradas ainda do campo, assim como os meninos de Bethel zombaram de Eliseu, chamando-lhe calvo, *Ascende calve, ascende calve;* [3] assim os meninos filhos dos idolatras, por zombarem delle, lhe chamavam por injuria, Deus, Deus, Deus. De sorte que era tão conhecido o Deus que prégava, que até os meninos do campo, e filhos dos rusticos o sabiam; e para que fallemos tambem á rustica, apupavam o prégador com o nome do mesmo Deus que prégava. E que fazia Xavier ouvindo este novo genero de baldões? Eliseu amaldiçoou os outros meninos, e fez sahir do matto dois ursos que mataram mais de quarenta delles. Porém Xavier que não era do espirito de Eliseu, compadecia-se por uma parte daquella cegueira, e alegrava-se por outra, e dava o parabem ás suas injurias, pois eram occasião de que Deus fosse nomeado. Sabendo S. Paulo que seus inimigos, para o calumniarem, á volta de fallarem mal delle, fallavam tambem em Christo; fallem embora, dizia, que, com tanto que Christo seja nomeado, e o seu nome ouvido e conhecido por qualquer modo ou occasião que seja, eu me alegro, e alegrarei sempre: *Dum omni modo, sive per occasionem, sive per veritatem, Christus annuntietur; et in hoc gaudeo sed et gaudebo.* [4] Da mesma sorte se alegrava Xavier de vêr conhecido, e ouvir nomeado a Deus, posto que á volta das injurias de ambos: podendo dizer com maior propriedade que nenhum outro: *Opprobria exprobrantium tibi ceciderunt super me:* [5] As injurias dos que vos desprezam e affrontam cahirão sobre mim. Oh homem o mais venturoso de todos os homens, e mais honrado nas tuas

[1] *Oseas*, II, 16.
[2] *Ibid.*, 17.
[3] *4.º Livr. dos Reis*, II, 24.
[4] *Ad Philip.*, I, 18.
[5] *Psalm.* LXVIII, 10.

affrontas, que nos teus louvores, pois quando mais te querem affrontar, te chamam Deus. Deus, Deus, Deus.

IV

Assim era Deus glorificado por Xavier, e nomeado onde pouco antes se lhe não sabia o nome, e conhecido dos que ainda não acabavam de o conhecer. Mas passando destes embryões á multidão infinita dos já informados com a alma da fé, não deixemos de ouvir a Isaias quão pomposamente evangelisava á presente Igreja estas glorias de Deus e suas: *Surge, illuminare Jerusalem:* [1] Levanta-te, alegra-te, triumpha, veste-te de gala, e accende luminarias, ó Igreja Catholica: e porque razão? Coisa certamente maravilhosa! O thema do Propheta, é o meu thema; o seu assumpto, o meu assumpto: a prova, a minha prova; e até o seu Expositor, o meu. O meu thema começa em luz: *Sic luceat lux vestra*, e acaba em gloria de Deus: *Ut glorificent Patrem vestrum, qui in cœlis est;* e o seu thema começa em luz: *Quia venit lumen tuum*, [2] e acaba em gloria de Deus: *Et gloria Domini super te orta est.* [3] O meu assumpto, é a gloria que resultou a Deus da conversão da gentilidade e seus reis, por meio da mesma luz; e o seu assumpto, é a mesma gloria de Deus, pela mesma causa, e pelos mesmos effeitos: *Gloria ejus in te videbitur. Et ambulabunt gentes in lumine tuo, et reges in splendore ortus tui:* [4] A minha prova, é o exemplo de Xavier no Oriente: e a sua, o exemplo do mesmo Xavier no mesmo Oriente. E ser tambem o seu Expositor o meu, se verá em seu logar.

Começa pois Isaias pela adoração dos Reis do Oriente: *Vidimus stellam ejus in Oriente, et venimus adorare eum;* [5] que assim entende e canta a Igreja as palavras do mesmo Isaias, que logo se seguem: *Omnes de Saba venient aurum, et thus deferentes.* [6] com todo

---

1 *Isai.*, LXI, 1.
2 *Ibid.*
3 *Ibid.*
4 *Ibid.*, 2 e 3.
5 *Math.*, II, 2.
6 *Isai.*, LX, 6.

o apparato de camelos, e dromedarios do trem dos tres Reis Magos. Na qual jornada ou embaixada não posso deixar de admirar muito uma preferencia notavel. Esta adoração e offertas dos Reis do Oriente foram as primicias da fé de toda a gentilidade, que depois se havia de converter, como celebram todos os Santos Padres, sem excepção de um só. E porque razão as mesmas primicias não foram do Occidente, senão do Oriente? Porque não sahiram da Europa, ou da Africa, senão da Asia? Porque as não mandou Roma, que já era cabeça do mundo, senão a India naquelle tempo mal conhecida? Por ventura porque a Asia era a parte do mundo que foi primeiro povoada, pois as outras não se povoaram, senão depois da divisão da torre de Babel, d'ahi a mil e setecentos annos? Por ventura porque na mesma Asia, como Membrot foi o primeiro rei, assim Nino foi o primeiro idolatra: e d'onde os homens começaram a adorar paus e pedras, era bem que os primeiros tributos e as primeiras adorações se consagrassem ao Deus verdadeiro? Por ventura, porque esta preferencia competia á Asia pela grandeza, opulencia e magestade de seus imperios, e primeiras monarchias? Por qualquer destas razões, ou por todas juntas, podia mui bem ser que merecesse esta preferencia a Asia. Mas o que eu pondero, e muito se deve admirar, é, que assim como para levar estas offertas e primicias ao verdadeiro Deus, escolheu entre todas as partes do mundo a Asia: assim para o cumprimento e complemento dellas, depois de tantos seculos, escolhesse entre todos os homens a Xavier. As offertas e as primicias foram treze dias depois do nascimento de Christo, e no primeiro anno delle: e o cumprimento das mesmas primicias foi mil quinhentos e quarenta annos depois. E que tantos seculos esperasse Deus pelo nascimento e missão de Xavier para que o seu Apostolado lhe désse esta gloria! Grande gloria de tal homem! Mas o que parece mais conforme á egualdade da Providencia Divina, é que a quiz repartir entre o Oriente e o Occidente de tal maneira, que do Oriente fossem as primicias, e do Occidente e da parte mais occidental do mesmo Occidente, que é Lisboa, viesse aquelle que havia de cultivar toda a seara, e recolher nos celleiros da Igreja toda a messe, de que as mesmas primicias foram sómente tres espigas. Assim o diz immediatamente o mesmo Isaias, depois

da historia ou prophecia dos tres Reis; para que elle fosse o Texto, como prometti, e elle Expositor. Attenção agora.

Qui sunt isti, qui ut nubes volant? Me enim insulæ expectant et naves maris in principio, ut adducam filios tuos de longe. [1] Quem são estes, diz Deus, que voam como nuvens? Porque ha muito tempo, ó Igreja minha, que as ilhas e terras ultramarinas me esperam a mim, e esperam as naus do mar no principio para que eu te traga muitos filhos teus de longe. Primeiramente, diz Deus que as ilhas e terras ultramarinas havia muito tempo que esperavam. Por isso o mesmo Isaias n'outro logar chama aos moradores dellas, *Gentem expectantem expectantem*, [2] com esta repetição, que significa esperanças mui compridas e dilatadas, quaes foram as dos quinze seculos ou mil e quinhentos annos, que se contaram desde a vinda dos Reis do Oriente ao Presepio, até serem allumiadas com a luz do Evangelho as ilhas do immenso archipelago e terras remotissimas do mesmo Oriente. Diz mais, que tambem esperavam pelas naus do mar no principio: *Et naves maris in principio.* E quaes são as naus do mar no principio? E' pasmo lêr a variedade de exposições que dão a estas palavras os Commentadores, assim antigos (de que me não admiro), mas tambem os modernos, sendo a coisa mais clara e evidente de quantas viu e sabe o mundo. Quaes são as naus do mar no principio, senão as naus dos portuguezes, que foram as que deram principio á navegação do Oceano, e por mares nunca d'antes navegados passaram ainda além da Taprobana, que são manifestamente as ilhas do archipelago Indico, que esperavam: *Me insulæ expectant:* e por meio das quaes naus trouxe Deus, e fez filhos da Igreja as nações dos mais remotos longes do mundo: *Ut adducam filios tuos de longe?* O nosso grande hebraico Foreiro traz aqui uma versão tirada do Texto hebreu: *Naves maris cum primaria, seu prætoria:* as naus do mar com a sua capitania; o que accrescenta uma particular circumstancia da navegação de Xavier; porque elle se embarcou para a India na capitania do anno de mil quinhentos e quarenta e um, com

[1] *Isaias*, LX.
[2] *Ibid.*, XVIII, 7.

o governador Martim Affonso de Sousa: nau insigne na sua viagem, por levar o Santo a Moçambique; e insigne na sua perdição, por lh'a prophetisar o mesmo Santo, antes de chegar á India.

Finalmente, admirado o Propheta, pergunta: Quem são estes, que nessas naus vão voando para o Oriente como nuvens: *Qui sunt isti, qui ut nubes volant?* Usa do numero plural, fallando de Xavier, porque elle levava comsigo dois companheiros, Paulo Camerino, italiano, e Francisco Mansias, portuguez. E por que os compara ás nuvens? Admiravelmente o mesmo Santo deste dia, S. Gregorio Papa: *Prædicatores sancti nubes appellati sunt, qui verbis pluunt, miraculis coruscant.* Os prégadores apostolicos e santos, são comparados ás nuvens; porque as nuvens teem dois effeitos, a chuva e os trovões. A chuva é a doutrina do céu, com que regam e fertilizam a terra: *Verbis pluunt;* e os trovões são os milagres com que assombram o mundo: *Miraculis coruscant.* Só lhe faltou a S. Gregorio nomear a S. Francisco Xavier: mas o que não pôde fazer o Papa Gregorio Primeiro por escrever mil annos antes, fez ultimamente o Papa Innocencio Undecimo, nomeando a Xavier, e attribuindo a conversão do Oriente, com que reduziu á fé de Christo as gentes orientaes, não a outra efficacia, ou propriedade de meios, senão aos mesmos dois da prégação e milagres. Assim o disse e mandou rezar em toda a Igreja na nova Missa, e singular entre todos os Santos com que decretou, fosse celebrado o nosso. *Deus, qui India à gentes beati Francisci prædicatione et miraculis Ecclesiæ tuæ aggregare voluisti.* Deus, cuja vontade se dignou de trazer ao gremio da Igreja as gentes das Indias, por meio da prégação e milagres de S. Francisco Xavier. Onde se devem notar muito aquellas pálavras, *prædicatione et miraculis. Prædicatione*, pela prégação e doutrina do céu, com que primeiro regou aquellas terras e baptizou aquellas gentes: *verbis pluunt.* E *miraculis*, pela multidão de prodigiosos e estupendos milagres, com que confirmou a fé que prégava, e assombrou como com trovões, aquelle novo mundo: *miraculis coruscant.* Merecendo em tal dia, como hoje, a gloria da canonisação na terra, pelas obras tão gloriosas, com que tinha glorificado ao Deus do céu: *Ut videant opera vestra bona et glorificent Patrem vestrum, qui in cœlis est.*

V

Temos visto como Deus glorificou ao nosso Santo com a gloria da canonisação, porque elle glorificou a Deus com a das suas obras. Mas sendo ellas tão gloriosas, tudo o que até agora dissemos não foi mais que o cantochão desta solfa; e não por motivo algum de fóra, senão pelo mais interior do nosso thema, o qual nos obriga a subir a um ponto tanto mais alto, quanto mais difficultoso. *Sic luceat lux vestra coram hominibus.* Ha uns santos, que vivem só com Deus, outros que vivem com Deus e com os homens. Os que vivem só com Deus, como os anacoretas e ermitães do deserto, mettidos nas suas covas, só porque tratam com Deus, que em secreto vê as suas penitencias, e em secreto ouve as suas orações, nenhuma occasião ou estorvo teem para não dar a Deus toda a gloria, que a elle só é devida. Mas os que por instituto e profissão, como Xavier, vivem com Deus e com os homens, nos olhos dos mesmos homens, que vêem as suas boas obras, *ut videant opera vestra bona*, trazem sempre comsigo uma fortissima tentação de querer ou tomar para si a gloria dellas.

A inclinação mais natural, mais viva, e que mais fortes e profundas raizes tem lançado na natureza humana, é o desejo ou appetite da gloria. Aristoteles lhe chamou ao homem, *Animal gloriosum*. E Tacito, mais versado nas politicas do mundo, que nas do espirito, disse que este é o ultimo vicio de que se despem os sabios: *Gloriæ cupiditatem etiam sapientibus novissimam exui.* [1] E já Platão tinha dito pela mesma phrase, que era a ultima tunica de que se despiam as almas. Posto que em dizer que as almas se despiam, disse mais do que devêra, porque sendo ellas immortaes, e os cadaveres mortos, não só nos gentios, senão tambem nos christãos, vão com elles amortalhadas á sepultura. Assim o prégou mais sabiamente que todos S. João Chrysostomo: *Cúm reliqua vitia una cum morte dissolvantur, superbia post mortem omni conatu in ipso cadavere contendit naturam suam prodere.* E senão, digam-no tantas testemunhas de marmore, em que o mesmo appetite de fazer immortal a gloria, ou fabrica

[1] Tacito, 4.º Hist.

em vida, ou manda fabricar depois da morte, os soberbos sepulchros, e escrever ou gravar nelles com lettras de bronze os gloriosos epitaphios. Mas passando dos que servem á vaidade, aos que professam a virtude, quantos vimos, ainda com opinião de santos, que depois de vencerem os outros vicios se deixaram vencer miseravelmente da mesma gloria de os ter vencido? Quantos pizaram animosamente o mundo, e depois de o metter debaixo dos pés, os derrubou e pizou a elles a mesma gloria de o ter pizado? São como os que pizam a planta de Noé nos lagares, e bebendo depois o licôr do que pizaram, perdem como o mesmo Noé o juizo.

Os mais sizudos dizem a Deus: *Non nobis Domine, non nobis, sed nomini tuo da gloriam:* [1] Não a nós, Senhor, não a nós, senão ao vosso nome dae a gloria. Com muita razão repetem outra vez o *non nobis*, porque se não fiam do primeiro: e em quanto a bocca está dizendo não, póde ser que o coração e a consciencia o esteja negando. Como nas obras gloriosas vae a gloria de Deus junta como nossa, que succede? Ou que tiremos ao *non nobis* o *non*, e roubemos a Deus a sua gloria, e a façamos nossa, dizendo elle: *Gloriam meam alteri non dabo;* [2] ou, quando menos, querendo que Deus e nós entremos á mesma gloria de meias. Isto é o que fazem os mais timoratos, partindo pelo meio aquelle *nomini tuo da gloriam*, isto é, deixando para Deus a gloria, e tomando para nós o nome. Se prégamos, a gloria para Deus, mas para nós o nome de grande prégador: se ensinamos, a gloria para Deus, mas para nós o nome de grande lettrado: se fazemos obras de misericordia, a gloria para Deus, mas para nós o nome de caritativo: se nos mortificamos e jejuamos, a gloria para Deus, mas para nós o nome de abstinente: finalmente, se exercitamos quaesquer virtudes, ou todas, a gloria para Deus, mas para nós o nome de virtuoso e santo. E como Deus tambem conhece a fraqueza do barro de que nos formou, para condescender de algum modo com este nosso appetite de gloria, vêde o meio que tomou no mesmo Texto: *Ut glorificent Patrem vestrum qui in cœlis est:* Para que glorifiquem,

---

[1] *Psalm.* CXIII, 14.
[2] *Isai.*, XLVIII, 11.

e' seja glorificado vosso Pae que está no céu. E porque não disse, para que seja glorificado Deus, senão para que seja glorificado vosso Pae? Já S. Bernardo notou, que quiz Deus conciliar a sua gloria com a nossa, quando nos mandou dizer por S. Paulo: *Qui gloriatur, in Domino glorietur*. [1] E assim diz aqui o Senhor: Para que seja glorificado vosso Pae: *Pater vester:* para que como filhos herdeiros da sua gloria nos contentemos com ella, como tambem nossa. Mas isto não bastou, nem basta, porque em materia de gloria, se ha pae por filho, não ha filho por pae. Absalão tirou a corôa da cabeça de seu pae para a pôr na sua: e Alexandre ouvia com raiva e lagrimas as victorias de Philippe de Macedonia, porque não queria a gloria dellas para seu pae, senão para si.

Isto que fizeram com escandalo os maus filhos aos paes da terra, fazem pelo contrario com dobrado primor os bons servos ao Pae do céu, não debaixo do nome de Pae para maior desinteresse, senão debaixo do nome de Rei e Senhor, para que a gloria inteira, e sem diminuição, assim como elle só é Deus, seja ella sómente sua. E' o oraculo famoso do Apostolo S. Paulo, de quem o tomou a Igreja, e repete todos os dias: *Regi sæculorum immortali, et invisibili, soli Deo honor et gloria.* E exhortando o mesmo Apostolo a seu discipulo Timotheo á perfeita observancia deste acto de religião e fidelidade, diz assim: *Hoc præceptum commendo tibi, fili Timothee, secundum præcedentes in te prophetias, ut milites in illis bonam militiam.* [2] Este preceito de dar toda a gloria a Deus, como a teu Rei, te encommendo muito, ó filho Timotheo, guardes como bom e honrado soldado, segundo as tuas precedentes prophecias. Estas prophecias que se chamam precedentes, porque precederam a conversão de Timotheo, dizem S. Chrysostomo, Theodoreto, Theofilato, e Eccumenio, foram duas revelações, uma que teve S. Paulo outra o mesmo Timotheo, de que Deus o tinha escolhido para companheiro do Apostolo das Gentes, como verdadeiramente o foi fidelissimo e zelosissimo nas peregrinações e trabalhos que ambos padeceram pela conversão da gentilidade. Da mesma maneira teve

[1] *1.ª ad Cor.*, I, 31.
[2] *1.º ad Timoth.*, I, 17.

S. Francisco Xavier duas prophecias precedentes, uma estudando em Pariz, antes de entrar na Companhia, outra estando já nella, antes de partir, nem ser eleito para a Missão do Oriente. A primeira, quando Deus revelou a Soror Magdalena de Jasso, Religiosa de grande virtude em Gandia, que seu irmão D. Francisco havia de ser um grande apostolo da India; a segunda, quando em sonhos representou ou presentou ao mesmo Xavier a batalha daquelle indio agigantado, de cuja lucta entre os braços, e pezo sobre os hombros, depois de acordado ficava tão quebrantado, como não podia deixar de ser, segundo a immensidade dos trabalhos futuros, que tambem lhe mostrou dormindo.

Mas porque encommendava tanto S. Paulo a Timotheo, que segundo as suas prophecias, militasse como bom soldado: *Ut milites in illis bonam militiam*, referindo toda a honra e gloria da sua milicia, não a si, senão só a Deus, e a Deus como Rei: *Regi sæculorum immortali, et invisibili, soli Deo honor, et gloria?* Porque os generosos e fieis soldados e capitães, toda a gloria das suas façanhas e victorias a devem renunciar de sua parte, e não a querer para si, e para sua fama e honra, senão inteiramente para o rei, a quem servem. Isto é o que fez entre os hebreus Joab no memoravel cerco da insigne cidade de Rabbat, que tinha rendido, reservando o nome da victoria para David: *Ne nomini meo adscribatur victoria.* [1] E isto entre os Romanos Germanico no tropheu que levantou sobre um monte de armas, depois das Germanicas domadas e sujeitas ao Imperio, dedicando o mesmo tropheu depois dos deuses, a Augusto, sem menção alguma do seu proprio nome, como notou Tacito: *Congeriem armorum struxit superbo cum titulo; et cum ea monumenta Augusto sacravisset, de se nihil addidit:* [2]

E que direi eu agora do nosso famoso capitão? Direi por ventura que assim o fez? Não farei tamanha injuria a Xavier. A acção de Joab se não foi lisonja, foi cortezia: a de Germanico parece modestia, e póde ser demasiada presumpção, como não deixou de morder o mesmo Tacito: mas ambos elles por este rodeio, sendo publico, negociaram maior gloria, porque de ho-

[1] *2.º Livr. dos Reis*, XII, 28.
[2] Cornel. Tacit. lib. 2. Annal.

mem a homem a gloria maior é de quem a dá: e que excesso de gloria, como dar victorias a David, e tropheus e triumphos a Augusto? Não assim o grande Xavier, que da gloria devida a seu Senhor, nem um atomo quiz para si. Tomou do oraculo de S. Paulo o attributo de invisivel: *Regi sæculorum immortali et invisibili;* e para proporcionar a gloria ao Rei invisivel, quiz-lh'a tambem dar invisivelmente. E de que modo? Fazendo com tal cautela todas as obras gloriosas, que os olhos que as viam, não vissem que eram gloriosas, nem suas.

Quando o Santo na India resuscitou o primeiro morto, tocando-lhe na materia o mais domestico e familiar amigo, rindo-se elle muito, e lançando a coisa a graça, o que respondeu foi: O pobre homem estava vivo, e estes gentios como ignorantes e boçaes, cuidavam que morrêra. E' o que disse Christo, quando resuscitou a filha do Archisinagogo: *Non est mortua puella, sed dormit.* [1] Quando era chamado de muitas partes para acudir a enfermos e endemoninhados, a que não podia satisfazer por sua pessoa, dava as contas ou a cruz que trazia sobre o peito aos meninos da doutrina, dizia-lhes que a rezassem, ou só o Crédo, sobre os molestados, e bastava esta diligencia dos mensageiros, em virtude das reliquias que levavam, para que os demonios fugissem, e os doentes recebessem saude. Porém quando Xavier dava conta a seu padre Santo Ignacio do muito que Deus favorecia aquella nova christandade, e referia esta e outras maravilhas, sempre callava a parte que nellas tinham as suas reliquias, e dava todo o merecimento á innocencia dos meninos, como Christo fazia á fé dos que elle sarava: *Fides tua te salvum fecit.* [2] Quando escrevia (e escrevia frequentemente) a Roma, a Pariz, a Portugal, a todos seus irmãos os Religiosos da Companhia, pedia com grandes e verdadeiras instancias o ajudassem e favorecessem com suas orações, para que por seus peccados se não impedisse o fructo das almas; e quando recebia as respostas, em que lhe promettiam de o fazer, cortava das cartas as firmas e nomes de todos, e os trazia comsigo, como testemunhas e escripturas

[1] *Luc.*, VIII, 52.
[2] *Marc.*, X, 52.

authenticas de que por merecimentos delles, e não seus, se obravam os milagres. Christo dizia: *In nomine meo dæmonia ejicient, serpentes tollent, super ægros manus imponent, et bene habebunt.* [1] E Xavier quando obrava todos estes prodigios, pela parte que lhe podia tocar, não era debaixo do seu nome, senão dos nomes alheios, com que se armava contra si, e os não dissimulava.

De sorte que com estes disfarces e desvios, já negando artificiosamente, já escondendo, já desfazendo, já attribuindo a outrem, sempre, e em tudo o que obrava (com maior escrupulo que se as virtudes fossem peccados, e com maior medo que se os milagres fossem delictos) divertia, apartava, e lançava de si o fidelissimo servo, quanto nelle podia resplandecer de gloria, para que toda e só, fosse de seu Senhor: *Soli Deo honor et gloria.* E porque a virtude de Xavier era mui alheia de todas aquellas affectações e cerimonias tristes, e de todos aquelles biôcos e carrancas mascaradas, com que a santidade fingida se enfeita, e se faz mais medonha que veneravel, e o seu trato todo era humano, benevolo, alegre, e aprazivel, não fugindo dos homens, nem estranhando suas fraquezas (porque mal póde curar as chagas quem se afasta dellas, nem são os que hão mister o medico os sãos, senão os enfermos). E porque o modo mais divino de converter peccadores, a exemplo do mesmo Deus, é fazer-se similhante a elles, para os fazer similhantes a si; esta mesma similhança que Xavier tinha com todos, lhe fazia crêr que era como os demais, e que de um procedimento tão commum e ordinario não se podiam esperar effeitos tão prodigiosos, e sobre todo o curso da natureza. Assim que, estas propriedades naturaes da verdadeira virtude, eram os mais evidentes disfarces com que rebatia de todas as suas obras a opinião de divinas, quando suas; ou de suas, quando divinas; para que os olhos dos homens enganados com a mesma verdade, e encoberto o invisivel debaixo do que viam, não a elle, senão a Deus referissem toda a gloria: *Ut videant opera vestra bona, et glorificent Patrem vestrum, qui in cœlis est.*

---

[1] *Marc.*, XVI, 18.

VI

Invisiveis por este modo as acções de Xavier, posto que de dia, e entre as gentes, eram muito parecidas ás famosissimas esmolas daquelle, por isso tão celebrado heroe, que elle só, e de noite as levava: de noite, para que as não descobrisse a luz, e só, para que as não vissem os olhos. Mas isto mesmo por um e outro lado parece que se oppõe e contradiz manifestamente assim, ao nosso Santo, como ao nosso thema, no qual Christo lhe encommenda luz e olhos; luz: *Sic luceat lux vestra coram hominibus;* e olhos, *videant opera vestra bona.* Pois se a luz ha de allumiar os olhos dos homens, e os olhos hão de vêr as boas obras, e a luz é sua, *lux vestra*, e as obras tambem suas, *opera vestra*, como póde ser que o louvor e a gloria não fosse tambem sua, senão toda de Deus, *ut glorificent Patrem vestrum?* Não tenho por difficultoso livrar a Xavier deste honrado aperto, em que o louvor e a gloria de que foge o tem mettido, e parece que tomado ás mãos.

Ponhamo-nos primeiro de noite, depois de um dia em uma formosa galeria, ornada nas paredes de quadros de insignes pinturas, e no pavimento a espaços assistida egualmente de estatuas famosas, e marmores que pareçam vivos. De noite nenhuma coisa vêmos, porque a mesma noite lhe roubou as côres: *Rebus nox abstulit atra colorem.* [1] De dia em amanhecendo pelo contrario, o sol entrando pelas janellas lhes restitue outra vez a côr perdida: *Rebusque jam color redit vultu nitentis sideris.* Agora pois que já vêmos o que não apparecia, que é o que louvamos? Por ventura louva alguem a luz? Ninguem: todos louvam as pinturas e as estatuas, e nas pinturas o pincel de Apelles, ou nas estatuas o cinzel de Phidias; emfim, todos louvam as obras e os auctores dellas, mas ninguem louva a luz, sem a qual se não viam, e com a qual agora se vêem. Logo bem podia luzir a luz de Xavier entre os homens: *Sic luceat lux vestra coram hominibus*, sem elle, ainda que mandado, querer ou esperar delles algum louvor.

Quanto ás obras vistas pelos mesmos homens que

[1] Virg. *Eneid.* 6.

eram suas, e elle o auctor dellas, *Ut videant opera vestra bona*, aqui parece que era sobre difficuldade implicancia, haver de divertir, ou apartar de si, como fazia, o louvor e gloria que queria fosse toda e só de Deus. Mas nas mesmas palavras, *opera vestra bona*, temos a soltura deste nó, que parece Gordiano; porque ou o *vestra* desfaz o *bona*, ou o *bona* desfaz o *vestra*. Se as obras eram boas, diz Xavier, não eram minhas; e se eram minhas, não eram boas (porque o bem e bondade de todas as obras, ainda que nós sejamos o instrumento dellas, não é nosso, senão de Deus, summo bem e Auctor de todo o bem). Logo a Deus, e não a mim, pertence o louvor e gloria das obras chamadas minhas: *Ut videant opera vestra bona, et glorificent Patrem vestrum, qui in cœlis est.*

Esta é a subtileza engenhosa com que a humildade de Xavier, não só não buscando elle a gloria, mas buscando-o a gloria a elle, nunca a mesma gloria o pôde achar. Mas ainda que no seu animo nenhum embaraço fazia este encontro; nos olhos dos homens que viam as obras, não podia ser assim. Ponhamos o exemplo nos dois maiores Apostolos. Quando S. Pedro e S. João sararam milagrosamente aquelle aleijado de ambos os pés, que pedia esmola á porta do Templo, nelle e na multidão dos que se acharam presentes, foram muito differentes os effeitos que o mesmo milagre causou visto. O pobre que com a saude recebera juntamente a fé, saltando dava louvores a Deus: *Exiliens, et laudans Deum:* [1] a Deus louvava, e não aos Apostolos, como notou aqui S. João Chrysostomo: *Non illos, sed Deum, qui per illos ei benefecerat, admiratur.* Porém a multidão de todos os presentes, posto que dentro do Templo, não se voltaram para o altar a dar graças e louvores a Deus, mas attonitos e pasmados, estavam todos com os olhos pregados nos Apostolos. O que vendo S. Pedro, e que a gloria que se devia dar a Deus, se dava a elles, começou a bradar desta maneira: *Viri Israelitæ, quid miramini in hoc, aut nos quid intuemini?* [2] Homens Israelitas, que tendes conhecimento de Deus, que é o que fazeis, e o que não fazeis vendo este milagre? Em logar de pôr-

[1] *Act.*, III, 8.
[2] *Ibid.*

des os olhos em Deus, cuja é a virtude e o poder, e elle o Auctor de todos os bens, olhaes para nós? Sim: que isto é o que costumam fazer os olhos humanos; quem os levante a Deus será um, e raro; todos os demais os poem nos homens: e os homens vendo-se vistos e admirados, senão são tão fieis como Pedro e João, que lhes doam estas admirações e louvores, e os não leve apoz si a lisonja e feitiço dellas; nos mesmos olhos, de que havia de resultar a gloria de Deus, a confundem, abatem, e trocam pela sua. Estes olhos do mundo cego e vão, são a Sylla e Carybdes, onde tem certo o naufragio a humildade do homem, e a gloria de Deus, que ambas se embarcam sempre juntas; e juntas, ou se perdem, ou se salvam: sendo a que se salva, rara, e as que se perdem, sem conto.

E porque? Porque nas palavras, *Sic luceat lux vestra coram hominibus*, é raro um Xavier que atine com o canal daquelle *sic*. De tal modo, diz Christo, ha de luzir a vossa luz, que os homens vendo as vossas boas obras, vos não louvem a vós, senão a Deus. Sentença veradeiramente maravilhosa! De maneira que a culpa de não honrarem a Deus os que vêem as obras alheias boas, não está nelles, senão naquelles que as fazem: e a causa é, por não luzir a sua luz do modo que deve. E de que modo ha de luzir, que ninguem até agora o declarou? Eu confesso que não sei a pratica desta mathematica divina e subtilissima; mas a theorica sim. E qual é? Que o luzir da luz não seja por raios directos, senão obliquos. Este é, e nisto consiste o fundo daquelle *sic*.

Em uma parte diz Christo: *Ne justitiam vestram faciatis coram hominibus, ut videamini ab eis:* [1] que não façamos as nossas boas obras diante dos homens, que sejamos vistos delles: e no nosso Texto diz, que as façamos de tal sorte diante dos mesmos homens, que vendo-as elles, seja glorificado Deus. Uma e outra coisa póde ser, conforme os raios da luz se encaminharem aos olhos dos que vêem as obras, ou por linha recta, ou por linha obliqua. Se vão por linha recta, succede o que no espelho, em que os reflexos dos raios visuaes tornam para onde sahiram, e nos vêmos a nós, ou nós somos os vistos, que é o que

[1] *Math.*, VI, 1.

Christo prohibe. Mas se os raios da mesma luz vão aos olhos por linha obliqua, em logar de os reflexos tornarem para vós, voltam para traz. Na historia dos Macchabeus estava o exercito dos Gregos em ordem antes da manhã, e tanto que appareceu o sol no Oriente, diz o Texto que feriu os escudos doirados, e que com os reflexos da luz resplandeceram os montes: *Refulsit sol in clypeos aureos, et resplenduerunt montes ab eis.* [1] Quem é o sol do Oriente senão Xavier? E quaes são os escudos doirados, senão os olhos dos homens? Assim feriam os olhos de todos as obras illustres e gloriosas do grande Apostolo: porém os reflexos da luz não tornavam para o sol d'onde sahiram, porque não iam por linha recta, mas reverberados por linha obliqua, allumiavam e faziam resplandecer os montes; e se os montes, como lhes chamou David, são os céus: *Levavi oculos meos in montes, unde veniet auxilium mihi:* [2] ao habitador desses montes, e ao Pae que está nesses céus, iam parar inteiramente todos os reflexos da gloria: *Ut glorificent Patrem vestrum, qui in cœlis est.*

VII

Este foi o ponto mais subido e mais alto do zelo, da fidelidade, e da fineza de S. Francisco Xavier: esta, entre todas as suas obras, a maior obra: esta, entre todas as suas virtudes, a mais pura virtude: este, entre todos os seus milagres, o mais estupendo milagre; e este, finalmente, como no principio assentámos, o solido e fundamental merecimento, porque era devida a gloria da canonisação depois da morte, a quem tão fielmente déra a Deus a gloria de todas as suas obras na vida. Mas ainda nos resta por vencer a maior difficuldade nesta materia, que é o estreitissimo e rigorosissimo exame das mesmas obras, da mesma vida, e da certa e indubitavel santidade que ha de ser canonisada. O mais estreito e rigoroso tribunal que ha no mundo, é o da Sagrada Congregação de Ritos em Roma sobre as causas da canonisação, não havendo

[1] *1.º Mach.*, VI. 39.
[2] *Psalm.* CXX, 1.

virtude, prophecia, milagre ou outra obra sobrenatural, de que se não faça a mais exquisita e subtil anatomia, sendo rarissima a que d'alli sáe ou se recebe, sem ser legitimamente provada.

Primeiramente se na causa da canonisação de S. Francisco Xavier se houvera de tomar o seu depoimento, nem havia de ser canonisado, nem beatificado, nem ainda reputado por bom christão, senão por um grandissimo peccador. Isto era o que elle sentia e affirmava de si. Quando por culpa do capitão de Malaca, se desfez a jornada da China, aonde Xavier tinha traçado entrar, disfarçado entre a familia do embaixador de Portugal, tendo-se este empenhado á sua custa na grandeza dos apparatos que pedia a magestade do rei que o mandava, e a da côrte, aonde ia, dizia-lhe o Santo com lagrimas: Meu amigo e senhor, o que sinto nas nossas perdas, é saber de certo que a causa e culpa dellas são meus peccados. Quando se resolveu a intentar a entrada do Japão, pediu a todos os Religiosos, não por cerimonia, mas com muito verdadeiras instancias, nascidas do intimo do coração, lhe alcançassem graça de Deus, para primeiro emendar a vida, porque os seus grandes peccados não impedissem o fructo daquella empreza. E quando dava conta a Santo Ignacio dos progressos das Missões da India, accrescentava, que seriam muito maiores, se os seus muitos peccados os não impedissem: e assim lhe pedia e protestava que mandasse outro que as tivesse a seu cargo. Sendo que o mesmo Santo Ignacio estava deliberado a renunciar nelle o officio de Geral da Companhia; e quando as ordens com que o chamava chegaram á India, o acharam morto. Que peccados eram logo estes, que tão profundamente reconhecia Xavier, que tão continuamente confessava, e de que tanto se doia?

Nos processos das canonisações, depois de approvadas pelos auditores da Sagrada Rota as causas que se offerecem, então sáe o promotor da Fé, oppondo-se contra as provanças, e arguindo fortissima e subtilissimamente sobre os pontos de todas. E tendo a canonisação de Xavier por si a fama e applauso universal de todo o mundo e os testemunhos oculares de suas virtudes e maravilhas em toda a parte, nem se achando outros argumentos contra elle, que os tirados da sua propria bocca, e daquelles varios disfarces, com que

eclipsava a gloria do que fazia; destes formou, ou póde formar o Promotor tres objecções, em que parece o convencia de implicar nelle a mesma santidade, e por isso não poder ser canonisada.

Mas porque ás objecções e opposições do Promotor da Fé, é licito responder e impugnal-as; eu o farei por parte de Xavier com tão honrada defeza, que só se póde arguir dellas serem os apices e pontos mais levantados e sublimes da perfeição evangelica, e taes que o mesmo soberano Legislador Christo se não atreveu a pôr em preceito, mas a aconselhar sómente. Primeira objecção: Se era tão santo, como o podia negar? Segunda: Senão era tão peccador como o podia crêr? Terceira: Se uma e outra coisa era tão manifestamente contra a verdade, como o podia affirmar licitamente o Mestre da mesma verdade? Notavel espirito foi o deste mais que homem, pois quando eu subi a este logar para fazer panegyricos de suas obras, sou obrigado a fazer apologias contra suas palavras!

Quanto á primeira: Se era tão santo, como o podia negar? Respondo que, porque na mesma negação consiste o mais alto ou o mais profundo da santidade, que é a abnegação de si mesmo: *Si quis vult post me venire, abneget semetipsum:* [1] Quem me quizer seguir e imitar, negue-se a si mesmo, diz Christo. E que quer dizer, negue-se a si mesmo? Quer dizer que cada um não só de palavra, senão por obra, e com effeito sinta de si, e se diga a si mesmo: eu não sou eu. Assim o declara S. João Chrysostomo; e assim o dizia S. Paulo: *Ego jam non ego.* [2] E se eu me posso negar a mim, muito melhor posso negar quanto me pertence. Se posso negar a pessoa, muito melhor posso negar as acções. Menos é negar o que faço, que o negar o que sou: e quem póde affirmar, eu não sou eu, mais facilmente póde dizer, eu não faço o que faço. Mais intrinseco é no homem o ser, que o ser santo, ou ser milagroso: e se eu posso negar as raizes da propria essencia, quanto mais naturalmente os ramos, flôres e fructos que della nascem; e dizer, não resuscitei o morto, nem sarei o enfermo?

Mais: Se pela abnegação de mim mesmo não sou

[1] *Math.*, XVI, 24.
[2] *Ad Galat.*, II, 20.

o que sou, quem sou? Sou outro, diz Victor Antioqueno: *Non ipse, sed alius quispiam.* E se as acções são de outro, bem posso negar serem minhas, antes não posso deixar de o negar, pois sendo de outro, seria roubar o alheio. Na parte passiva da abnegação se vê isto mais claramente. Dos mais fortes Martyres disse elegantemente o grande Nazianzeno: *Velut in alienis corporibus dimicabunt:* que pelejavam e padeciam nos corpos proprios, como se fossem alheios. E esta alienação é a que principalmente Christo pertende na abnegação de si mesmo: que nas perseguições, injurias e affrontas se porte cada um tão insensivelmente, como se fôra outro o perseguido, e outro o injuriado e affrontado. Assim se portou Xavier nas enormes injurias e affrontas publicas das ruas e praças de Malaca com tanta serenidade de animo e de rosto, como se o affrontado fôra outro. E se elle não era elle, senão outro, para as affrontas, *Non ipse, sed alius quispiam*, por que não seria tambem outro, e não elle, para os milagres e obras gloriosas? Logo não só licita, senão heroicamente as podia negar de suas.

E quanto aos grandes peccados, os dos Santos são aquelles não só veniaes e minimos, senão indeliberados, e por falta de plena advertencia, quasi inevitaveis á fragilidade humana. Como podia logo crêr Xavier que eram os seus tão grandes e graves, como elle os confessava? Porque assim lh'os representava, e assim os reconhecia a sua humildade. A virtude da humildade, não por velha (que a não conheceram os philosophos) sempre vê com oculos, e os de que usa são os que vulgarmente se chamam de larga vista, porque é muito curta a sua. E como estes oculos applicados aos olhos, por uma parte fazem as coisas pequenas grandes, e por outra as grandes pequenas, isto mesmo succede com as suas virtudes, e com os seus peccados aos verdadeiramente humildes (que são o avesso dos imperfeitos); e por isso as suas virtudes sendo grandes, lhe parecem pequenas, e os seus peccados sendo pequenos, lhes parecem grandes. Assim olhava S. Paulo para os seus, e se chamava o primeiro e maior de todos os peccadores: *Peccatores salvos facere, quorum primus ego sum.* [1] Onde nota S. Bernardo, que

[1] *1.ª ad Timoth.*, I, 15.

não diz, *ego fui*, senão *ego sum*, porque não só se referia aos peccados passados, quando perseguidor de Christo, senão aos defeitos presentes, quando era o maior amante do mesmo Christo, e mais ardente zelador de sua gloria.

Comtudo, sendo os seus peccados e defeitos naquelle tempo minimos (como tambem os de Xavier) parece que não bastava a humildade de cada um, para crêr que eram tão grandes; porque não ha santo tão humilde, que deva, nem humilde tão santo, que creia de si o que não é; pois a humildade não é illusão, senão sciencia, como filha do conhecimento proprio. Este proloquio é absolutamente recebido de todos os mestres espirituaes e asceticos: mas, com licença sua, eu o distingo. Nas coisas baixas e vis, a humildade é filha do conhecimento proprio: nas altas, e muito mais nas altissimas, é filha a ignorancia de si mesmo. E porque a distincção por nova não pareça menos certa, vamos á Escriptura: *Si ignoras te, ó pulcherrima inter mulieres.* [1] Falla o Esposo divino com uma Alma não só santa, mas santissima (que isso significa aquelle superlativo, *pulcherrima*) e diz que ella se ignora a si mesma: *Si ignoras te.* Pois se era tão formosa e tão agradavel aos olhos de Deus, como é possivel que ignorasse, não só o que tinha tão perto, senão dentro de si mesmo? Porque aquella virtude de que Deus mais se agrada (como agradou na Alma mais santa e santissima sobre todas) é a humildade: *Respexit humilitatem ancillæ suæ;* [2] e a humildade nas coisas altas e sublimes não é filha do conhecimento, senão da ignorancia propria: *Si ignoras te.* D'aqui se segue, que se o homem não pôde crêr o contrario do que sabe, nenhuma difficuldade tem em crêr o contrario do que ignora. E porque os Santos só conhecem em si o baixo e vil, e ignoram o alto, e muito mais o altissimo, por isso a ignorancia das virtudes contrarias que ignoram, os persuade facilmente a crêr a grandeza dos peccados que conhecem. Quando fazeis a esmola, diz Christo, não saiba a vossa mão esquerda o que faz a direita: *Nesciat sinistra tua, quid faciat dextera tua.* [3]

---

[1] *Cant.*, I, 7.
[2] *Luc.*, I, 48.
[3] *Math.*, VI, 3.

E se uma mão no mesmo homem póde ignorar o que faz a outra; que muito é que a esquerda do peccado ignore o que faz a direita da virtude? Parta-se o nosso Santo pelo meio, de sorte que o Francisco fique de uma parte, e o Xavier da outra, e logo se verá como a ignorancia das virtudes de Xavier podia facilitar e fundar a crença dos peccados de Francisco.

Só resta o argumento da verdade, porque poderá inferir alguem com menos reverencia: Se Xavier, como santo, negava o que era; e como peccador affirmava o que não era, logo faltava á verdade, por não dizer em termos mais grosseiros e claros, que mentia? Respondo que tudo podia ser, e foi, sem exceder os limites da verdade, antes subindo aos ultimos e mais altos a que póde chegar a perfeição da virtude. Mentir, como define Santo Agostinho, é dizer ou ir quem falla contra o que entende: *Mentiri est contra mentem ire.* De sorte que quem diz o que entende, tão fóra está de mentir, que antes mentiria se fizesse o contrario. Exemplo. Perguntado o Baptista se era propheta, respondeu que não: *Propheta es tu, et respondit, non.* [1] Pois se Christo disse que o Baptista não só era propheta, senão mais que propheta: *Prophetam, et plusquam prophetam,* [2] como póde dizer o Baptista que não é propheta? Porque Christo dizia delle o que sabia delle; e Baptista dizia de si o que sentia e entendia de si.

Maior e estupendo caso. O Psalmo XXI, como consta de muitos testemunhos da Escriptura, é de fé, que falla litteralmente de Christo; e diz nelle o mesmo Christo: *Ego sum vermis, et non homo:* [3] Eu não sou homem, sou um bichinho da terra. E' possivel que tal dissesse o mesmo Christo! Se Christo é a summa verdade, como póde affirmar de si que é um bichinho, e negar de si que é homem, artigo de fé, por que todos daremos mil vidas? Porque assim como Christo é a summa verdade, assim é tambem a summa humildade; e a verdade junta com a humildade, póde affirmar ou negar sem implicancia o que a verdade por si só não póde. E qual é a razão em todo o rigor da

---

[1] *Joan.*, I, 21.
[2] *Luc.*, VII, 26.
[3] *Psalm.* XXI, 7.

philosophia e theologia? A razão é, porque a verdade por si só, tem obrigação de se conformar com o seu objecto, assim como elle é; porém junta com a humildade, basta que se conforme com a estimação que ella tem, ou se tem do mesmo objecto. Esta foi a razão de Christo, que elle não callou: *Ego sum vermis, et non homo, opprobrium hominum, et abjectio plebis.* [1] Porque aquelles homens indignos de tal homem, e aquella plebe má, ingrata e blasphema, faziam tão pouco caso e estimação de Christo, como se não fôra homem, senão um bichinho vil da terra; por isso o mesmo Senhor, conformando-se a sua verdade e a sua humildade com esta estimação vulgar, não duvidou de affirmar que era um bichinho, e negar que era homem, como elles diziam: *Ego sum vermis, et non homo.* E se á verdade e humildade de Christo para negar de si o que era, e affirmar o que não era, bastou se conformasse com a estimação alheia; porque lhe não bastaria a Xavier conformar-se com a estimação propria? Por isso podia affirmar, e affirmava, que era grande peccador; e por isso podia negar e negava, que não havia nelle coisa alguma de santo.

E como o grande zelador da honra de Deus tão profundamente aniquilava a gloria de suas obras, para nellas exaltar a gloria de Deus: *Ut glorificent Patrem vestrum, qui in cœlis est:* não podia faltar a Providencia e Justiça do mesmo Deus não só em o exaltar a elle com a gloria da canonisação, mas em declarar publicamente a todo o mundo pela voz do Summo Pontifice (que é a sua na terra) não ser outra a causa de assim o glorificar depois da morte, senão porque elle tanto o tinha glorificado na vida, pronunciando o supremo oraculo da Igreja, e cantando a Deus neste dia, em prova e correspondencia de uma e outra gloria: *Deus qui glorificantes te glorificas.*

VIII

Assim foi canonisado S. Francisco Xavier; e se teve alguma coisa de admiravel ou milagrosa esta canonisação, eu lhe não acho similhança entre os milagres de Christo, senão a do banquete no deserto, de

[1] *Psalm.* XXI, 7.

cujos sobejos recolheram todos os Apostolos, quanto cada um podia levar. O mesmo digo, e não posso dizer menos, nem sei dizer mais, senão, que foi canonisado S. Francisco Xavier com tanta superabundancia de merecimentos, que dos sobejos da sua canonisação se poderam canonisar outros muitos santos.

Muitos Santos nem um só milagre fizeram; e Xavier não só foi milagroso, mas, como muitos auctores lhe chamam, foi o milagre dos milagres. Muitos Santos não sararam umas maleitas, e Xavier além dos que se não sabem, resuscitou sessenta e oito mortos. Muitos Santos não disseram uma prophecia; e Xavier assim via as coisas futuras ou ausentes, e fallava nellas como se as tivera diante dos olhos. Muitos Santos não converteram um homem á fé; e Xavier de todas as seitas converteu tantos, quantos ellas em mil e quinhentos annos não poderam perverter. Muitos Santos, contentes com a salvação da sua alma, não salvaram outra; e Xavier de innocentes e adultos, seguindo os que menos dizem, salvou ou poz em estado de salvação um milhão e duzentos mil. Muitos Santos guardando perpetuo silencio, nem a sua lingua fallaram; e Xavier prégando a innumeraveis nações barbaras, a todas fallava na sua propria lingua. Muitos Santos servindo a Deus a secco, não tiveram illustrações nem consolações do céu; e em Xavier foram tão continuas e tão excessivas, que não lhe cabendo no peito, apartando de sobre elle as roupas, quasi desmaiado dizia: Basta, Senhor, basta, basta. Muitos Santos se queixavam amorosamente a Deus dos trabalhos, entrando neste numero o mesmo Job; e Xavier sendo tantos e tão extraordinarios os seus, pedia a Deus que lh'os mostrava, mais, mais, mais. Muitos Santos nunca sahiram da patria; e Xavier tendo deixado a sua, e sendo tão estimado em toda a parte, que se podéra contentar com ser cidadão do mundo, sempre o teve por desterro. Muitos Santos nunca puzeram o pé no mar, nem o viram; e Xavier desde o ultimo do Occaso até o primeiro do Oriente, debaixo de todos os climas, não só experimentou a furia das suas tempestades, senão as dos seus naufragios. Muitos Santos fizeram grandes penitencias por seus peccados; e Xavier tomando sobre si os alheios para pagar por elles, não só os chorava com lagrimas, mas lavava-os com copioso sangue das proprias veias. Muitos Santos porque viviam

só com Deus, e comsigo, não padeceram perseguições dos homens; e Xavier não só as padeceu crueis de todos os que não tinham fé nem religião, mas até dos mesmos christãos foi crudelissimamente perseguido. Muitos Santos nunca se offereceram á morte, nem se puzeram a perigo della por amôr dos proximos; e Xavier com o peito aberto ás settas e azagayas, ferido e quasi morto os defendeu muitas vezes. Finalmente, muitos Santos (e todos), quanto trabalharam, quanto padeceram, foi por alcançar e segurar a gloria e bemaventurança do céu; e Xavier depois de a estar gosando, deixou o mesmo céu, do modo que é possivel, e anda neste mundo entre nós, para nos soccorrer e ajudar a ser bemaventurados.

Demos outra volta, e seja a ultima, á mesma canonisação, e acharemos que sendo S. Francisco Xavier canonisado com titulo de Confessor, o podéra ser por todos os outros graus de dignidade e laureolas, com que os mais Santos se distinguem, e reinam coroados na Gloria; como Patriarcha com os Patriarchas, como Propheta com os Prophetas, como Apostolo com os Apostolos, como Martyr com os Martyres, como Doutor com os Doutores, como Virgem com os Virgens. E sendo que de um só homem sabemos que fosse canonisado por anjo, como foi o maior dos nascidos, quando delle disse o mesmo Christo: *Ecce ego mitto Angelum meum:* [1] em todas as gerarchias, e em todos os côros dos Anjos, dão logar a Xavier, os que mais exactamente escreveram sua vida; como Anjo, em guardar os homens, como Archanjo, em presidir ás cidades, como Principado, em procurar a conservação dos reinos, como Potestade, em sujeitar os demonios, como Virtude, em obrar os milagres, como Dominação, em ter imperio sobre as creaturas, como Throno, em descançar nelle a Magestade divina, como Cherubim, na altissima sabedoria, e como Serafim, no ardentissimo amôr de Deus, e dos homens, em que sempre viveu e morreu abrazado. Elle nos alcance a imitação de tal vida, para que por ella mereçamos na morte a participação da mesma graça, e o premio daquella gloria só concedida aos que glorificam a Deus: *Deus, qui glorificantes te glorificas.*

---

[1] *Math.*, III, 1.

INDICE

SERMÕES DO ROSARIO

PAG.

Sermão trigesimo 5

Sermões consagrados á glorificação de S. Francisco Xavier

Xavier dormindo 35
Sonho primeiro 45
Sonho segundo 73
Sonho terceiro 109
Conclusão aos sonhos de Xavier dormindo 145
Prefação aos desvelos de Xavier acordado 147
Sermão primeiro — ANJO 151
Sermão segundo — NADA 175
Sermão terceiro — CONFIANÇA 199
Sermão quarto — PERTENDENTES 223
Sermão quinto — JOGO 243
Sermão sexto — ASSEGURADOR 261
Sermão setimo — DOIDICES 277
Sermão oitavo — FINEZAS 299
Sermão nono — BRAÇO 325
Sermão decimo da sua canonisação 355

St. Ignatius' Church,
3220-43rd St. S.E.
Portland, Oregon